

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Renata de Paula dos Santos

**O humor como possibilidade de mediação para o conteúdo
jornalístico: o *Sensacionalista*, a crise política, a pandemia de Covid-19 e
a representação de Jair Bolsonaro**

Bauru
2023

Renata de Paula dos Santos

**O humor como possibilidade de mediação para o conteúdo
jornalístico: o *Sensacionalista*, a crise política, a pandemia de Covid-19 e
a representação de Jair Bolsonaro**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Doutora em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

Bauru

2023

S237h

Santos, Renata de Paula dos

O humor como possibilidade de mediação para o conteúdo jornalístico: : o Sensacionalista, a crise política, a pandemia de Covid-19 e a representação de Jair Bolsonaro / Renata de Paula dos Santos. -- Bauru, 2023
297 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Mauro de Souza Ventura

1. Comunicação. 2. Site Sensacionalista. 3. Manchetes satírico-ficcionais e humor. 4. Pandemia de Covid-19. 5. Jair Messias Bolsonaro. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Impacto esperado na sociedade

O presente trabalho pode ser compreendido como uma interessante reflexão quanto à pandemia da Covid-19 no Brasil. Por propor uma análise que aproxima o humor ao jornalismo, apresenta uma retomada das principais decisões políticas no âmbito federal. Neste sentido, pode auxiliar no debate quanto à desinformação. No que diz respeito aos ODS 2030, destaca-se no quarto ponto, que contempla a educação de qualidade.

Expected impact in the society:

The present work can be understood as an interesting reflection on the COVID-19 pandemic in Brazil. By proposing an analysis that connects humor to journalism, it provides a review of the main political decisions at the federal level. In this sense, it can contribute to the debate on misinformation. Regarding the 2030 Sustainable Development Goals (SDGs), it stands out in the fourth point, which addresses quality education.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE RENATA DE PAULA DOS SANTOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 13 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 14:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de RENATA DE PAULA DOS SANTOS, intitulada **O humor como possibilidade de mediação para o conteúdo jornalístico: o 'Sensacionalista', a crise política e a pandemia de COVID-19.** A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Professora Associada MARIA CRISTINA GOBBI (Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professor Doutor OSVANDO JOSÉ DE MORAIS (Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professora Titular MONICA REBECCA FERRARI NUNES (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação / Escola Superior de Propaganda e Marketing, Professor Doutor ROZINALDO ANTONIO MIANI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação / UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA

Renata de Paula dos Santos

**O humor como possibilidade de mediação para o conteúdo
jornalístico: o *Sensacionalista*, a crise política, a pandemia de
Covid-19 e a representação de Jair Bolsonaro**

Banca examinadora

Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura (PPGCom - FAAC/Unesp)
Presidente e orientador

Prof.a. Dr.a. Maria Cristina Gobbi (PPGCom - FAAC/Unesp)
2º examinador

Prof. Dr. Osvando José de Moraes (PPGMiT - FAAC/Unesp)
3º examinador

Prof.a. Dr.a. Monica Rebecca Ferrari Nunes (PPGCom - ESPM)
4º examinador

Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani (PPGCom - UEL)
5º examinador

Resultado: _____

Bauru, 13 de setembro de 2023.

Ao meu filho, Vicente, a quem carinhosamente chamo de Vico.

Ao meu avô, Antonio, que me disse que chegar até aqui era possível!

Às mais de 700 mil famílias brasileiras que perderam entes queridos, vítimas da Covid-19.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem agradeço pela vida e pela superação de todas as dificuldades.

À minha mãe, Ana, pelo cuidado diário; à memória de meu pai, Vicente, por todo incentivo ao estudo ainda na infância; ao meu irmão, Rafael, pela parceria de sempre.

Ao meu companheiro de vida, Lucas, pelo apoio no desafio de ser mãe e pesquisadora em meio a uma pandemia.

Ao Vicente, meu filho, meu Vico, a minha fonte de esperança em meio à pandemia.

Ao meu orientador, Mauro de Souza Ventura, pelo trabalho conjunto ao longo destes anos. Ao cumprimentá-lo, reitero os meus agradecimentos a todos os docentes do Programa de Pós-Graduação da Faac-Unesp.

Ao Sílvio, por todo o apoio ao longo destes quatro anos.

Aos professores que compuseram a banca de avaliação desta pesquisa: Maria Cristina Gobbi, Osvando José de Moraes e Monica Rebecca Ferrari Nunes. Ao professor Rozinaldo Antonio Miani, pela parceria que começou ainda em 2011, durante a especialização em Comunicação Popular e Comunitária na Universidade Estadual de Londrina.

Ao jornalista Marcelo Zorzanelli, redator do Sensacionalista, por todo o apoio para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

À Monique Sant'Anna que tornou o desafio da pós-graduação mais divertido!

Aos meus alunos e companheiros da Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera, meus sinceros agradecimentos por todas as experiências dos últimos anos.

E enquanto mulher negra, fruto da educação pública em todos os seus estágios, agradeço a todos os pesquisadores negros e negras que lutam para tornar a academia um espaço mais representativo e democrático. Vamos juntos!

“Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”, Renato Russo¹

“Como o país vive aos soluços, a memória é curta, um espasmo apaga o anterior”, Eliane Brum²

¹ Trecho da Canção “Índios”, composta em 1986.

² BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas**: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

DOS SANTOS, Renata de Paula. O humor como possibilidade de mediação para o conteúdo jornalístico: o Sensacionalista, a crise política, a pandemia de Covid-19 e a representação de Jair Bolsonaro. [tese de doutorado]. Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP; 2023.

RESUMO: A pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), reconfigurou a forma como as pessoas viviam em todo mundo. Os primeiros casos foram identificados na China no final de 2019, já em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou status de pandemia. Aqui no Brasil, a gestão da crise sanitária foi impactada pelo negacionismo do então presidente Jair Messias Bolsonaro. Justamente em virtude da excepcionalidade, o coronavírus tornou-se pauta prioritária no jornalismo tradicional. Às críticas à conduta do então presidente também passaram a reverberar em outros gêneros, como no humor. Diante desta postura do político e da forma como ela influenciou o enfrentamento à doença, o objetivo geral desta pesquisa é estabelecer as características do humor do Sensacionalista como mediador sociocultural do conteúdo jornalístico sobre a pandemia da Covid-19. O Sensacionalista pode ser reconhecido como um formato de destaque em seu segmento. No ar desde 2009, a página passou a abordar o tema político mais intensamente em 2014. Neste sentido, a pesquisa se estabeleceu a partir de um caráter interdisciplinar, mesclando elementos da análise do discurso (Charaudeau (2006; 2011; 2017; 2018; 2019; 2022)), à análise culturológica, a partir de Mikhail Bakhtin (2010; 2018), e à pesquisa bibliográfica. O corpus é composto por 123 postagens relacionadas à pandemia de Covid-19 com referência a Jair Bolsonaro entre 2020 e 2021, período que configura os dois primeiros anos da pandemia. Destacam-se como resultados da pesquisa, a percepção de que as manchetes satírico-ficcionais são construídas a partir de uma estética carnavalizante, na qual Jair Bolsonaro é o alvo principal. O político é representado a partir da matriz da zombaria e do rebaixamento, descrito como alguém incapaz de exercer a função para a qual foi eleito. Entre os referenciais de pesquisa, quanto à questão política contemporânea brasileira, estão: Eliane Brum (2019), Leonardo Avritzer (2020;2021), Thaís Oyama (2020), Marcos Nobre (2022). No que diz respeito ao humor, Henri Bergson (2018), Vladimir Propp (1992), Terry Eagleton (2020) e George Minois (2003).

Palavras – chave: 1. Comunicação; 2. Site Sensacionalista; 3. Manchetes satírico-ficcionais e humor; 4. Pandemia de Covid-19; 5. Jair Messias Bolsonaro.

DOS SANTOS, Renata de Paula. Humor as a Mediating Possibility for Journalistic Content: The Sensacionalista, the Political Crisis, the Covid-19 Pandemic and the representation of Jair Bolsonaro. [tese de doutorado]. Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP; 2023.

ABSTRACT: The Covid-19 pandemic, caused by the novel coronavirus (SARS-CoV-2), has reconfigured the way people lived worldwide. The first cases were identified in China in late 2019, and by March 2020, the World Health Organization (WHO) declared it a pandemic. In Brazil, the management of the health crisis was impacted by the denialism of former President Jair Messias Bolsonaro. Due to its exceptional nature, the coronavirus became a top priority in traditional journalism. Criticisms of the president's conduct also began to reverberate in other genres, such as humor. Given this political stance and its influence on the disease response, the overarching goal of this research is to establish the characteristics of humor in "Sensacionalista" as a sociocultural mediator of journalistic content about the Covid-19 pandemic. "Sensacionalista" can be recognized as a prominent format in its field. On the air since 2009, the platform started addressing political themes more intensively in 2014. In this sense, the research is based on an interdisciplinary approach, combining elements of discourse analysis (Charaudeau (2006; 2011; 2017; 2018; 2019; 2022)), culturological analysis based on Mikhail Bakhtin (2010; 2018), and bibliographic research. The corpus consists of 123 posts related to the Covid-19 pandemic referencing Jair Bolsonaro between 2020 and 2021, encompassing the first two years of the pandemic. Key research findings highlight the perception that satirical-fictional headlines are constructed with a carnivalesque aesthetic, where Jair Bolsonaro is the primary target. The politician is represented through a lens of mockery and debasement, portrayed as incapable of fulfilling the role for which he was elected. Among the research references concerning contemporary Brazilian politics are Eliane Brum (2019), Leonardo Avritzer (2020; 2021), Thaís Oyama (2020), and Marcos Nobre (2022). Regarding humor, Henri Bergson (2018), Vladimir Propp (1992), Terry Eagleton (2020), and George Minois (2003) are also consulted.

Keywords: 1. Communication; 2. Sensacionalista website; 3. Satirical-fictional headlines and humor; 4. Covid-19 pandemic; 5. Jair Messias Bolsonaro.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. NO TOCANTE A ESTA "QÜESTÃO", EM QUE BRASIL JAIR BOLSONARO FOI ELEITO?.....	20
2.1. De bobo da Corte a Rei do Carnaval?.....	23
2.2. 2018 e 2022: o candidato solitário, o político impopular e o presidente não-reeleito..	26
2.3. Lava Jato e a condenação de Lula.....	29
2.4. O que Bolsonaro representa: a antipolítica.....	30
2.5. Bolsonaro e a violência discursiva.....	34
2.6. Bolsonaro e a saudade da ditadura.....	37
2.7. “Vocês querem que eu abandone o Centrão?”.....	38
2.8. Bolsonaro e a gestão da pandemia.....	41
2.9. Jair Bolsonaro, a midiaticização da política e os erros da imprensa.....	47
2.10. CPI da Covid-19.....	52
3. HUMOR: ASPECTOS COLETIVOS, PRÁTICAS SOCIAIS E CRÍTICA POLÍTICA.....	54
3.1. <i>Sensacionalista</i> : “o jornal isento de verdade”.....	63
3.2. Sátira política: as caricaturas presidenciais.....	64
3.3. Nós gostamos de piada, mas não quando somos o motivo do riso.....	69
4. AS MANCHETES SATÍRICO-FICCIONAIS E O HUMOR CARNAVALIZANTE: A LINGUAGEM DO SENSACIONALISTA.....	72
4.1. O <i>Sensacionalista</i> e a satirização do formato jornalístico.....	86
4.2. E se o leitor não reconhecer que é uma sátira?.....	91
4.3. A estrutura do <i>Sensacionalista</i> e os elementos do jornalismo.....	93
4.4. As contribuições de Bakhtin para o campo humorístico: a linguagem do <i>Sensacionalista</i>	97
4.5. O <i>Sensacionalista</i> é intertextual e interdiscursivo.....	108
4.6. O <i>Sensacionalista</i> é dialógico. O <i>Sensacionalista</i> é carnavalesco.....	118
5. SENSACIONALISTA E A ANÁLISE DO DISCURSO: O ATO HUMORÍSTICO EM PATRICK CHARAUDEAU.....	130
5.1. Categorias do discurso humorístico: ironia e sarcasmo.....	144
5.2. <i>Sensacionalista</i> : o jornal isento de verdade, mas repleto de escárnio.....	153
5.3. Informação + humor: o jornalismo como mediação, a ironia como resultado.....	156
5.4. Decodificando a ironia.....	160
5.5. Condições de Produção e Formação Discursiva do <i>Sensacionalista</i>	163
6. O DISCURSO DO SENSACIONALISTA SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19.....	166
6.1. Fevereiro de 2020: a confirmação do primeiro caso.....	168
6.2. Março de 2020: visita a Trump e o estado de pandemia.....	170
6.3. Abril de 2020: a demissão do primeiro ministro.....	181
6.4. Maio de 2020: a letalidade da Covid-19.....	191
6.5. Junho e julho de 2020: a defesa da cloroquina.....	196

6.6.	Agosto de 2020: a vacina russa e a cloroquina brasileira.....	199
6.7.	Setembro de 2020: a negação das vacinas.....	201
6.8.	Outubro e novembro de 2020: a negação às vacinas continua.....	201
6.9.	Dezembro de 2020: 365 dias de pandemia.....	203
6.10.	Janeiro de 2021: o início da vacinação.....	205
6.11.	Fevereiro de 2021: o Capitão Cloroquina.....	211
6.12.	Março 2021: a escalada no número de mortes.....	213
6.13.	Abril de 2021: CPI da Covid-19 e o aumento da pressão política.....	219
6.14.	Maio de 2021: Bolsonaro e a ema do Alvorada.....	222
6.15.	Junho de 2021: Meio milhão de vidas perdidas no Brasil.....	225
6.16.	Julho de 2021: Suspeitas de prevaricação.....	231
6.17.	Agosto de 2021: O indiciamento de Bolsonaro.....	233
6.18.	Setembro de 2021: Sem vacina, Bolsonaro viaja para compromisso na ONU.....	235
6.19.	Outubro de 2021: sem vacina e espalhando fake news.....	237
6.20.	Novembro de 2021 - Bolsonaro de olho nas eleições.....	240
6.21.	Dezembro de 2021.....	241
6.22.	Afinal, qual o discurso do <i>Sensacionalista</i> quanto à pandemia?.....	243
6.23.	Bolsonaro: de bufão a Capitão Cloroquina.....	247
6.24.	A construção de imagens no discurso.....	249
7.	CONCLUSÕES.....	252
	REFERÊNCIAS.....	256
	APÊNDICE A – SELEÇÃO DE POSTAGENS <i>SENSACIONALISTA</i> 2020-2021.....	277
	APÊNDICE B – SELEÇÃO MENSAL DE POSTAGENS <i>SENSACIONALISTA</i> 2020-2021.....	290

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imbrochável, incomível, imorrível e inelegível	57
Figura 2 - Quem é Jair Messias Bolsonaro na definição do Sensacionalista	75
Figura 3 - O Sensacionalista como parâmetro para análise do conteúdo jornalístico	78
Figura 4 - Crítica à escolha da deputada Bia Kicis para o comando da CCJ	79
Figura 5 - Crítica à linguagem usada pelo portal G1	79
Figura 6 - A conduta de Bolsonaro	81
Figura 7 - Instagram oficial do Sensacionalista	90
Figura 8 - Sensacionalista: Bolsonaro e a vacina contra a Covid-19	95
Figura 9 - Bolsonaro e os primeiros dias da pandemia de Covid-19	95
Figura 10 - A imagem e a ancoragem de sentido no Sensacionalista	96
Figura 11 - Rebaixamento da figura de Jair Messias Bolsonaro	100
Figura 12 - Desdobramento do pronunciamento de Jair Bolsonaro no Sensacionalista	101
Figura 13 - Desdobramento do pronunciamento de Jair Bolsonaro em portais de notícias	102
Figura 14 - Capa de O Globo de 16 de abril de 2023	105
Figura 15 - Home do blog do Sensacionalista em O Globo de 16 de abril de 2023	106
Figura 16 - Feed do Sensacionalista em 16 de abril de 2023	107
Figura 17 - Postagens realizadas durante o depoimento de Fabio Wajngarten à CPI da Covid-19	110
Figura 18 - Postagens realizadas durante primeiro dia de depoimento de Eduardo Pazuello à CPI da Covid-19	110
Figura 19 - Citação a lideranças políticas de distintos partidos	117
Figura 20 - Parcerias comerciais do Sensacionalista	117
Figura 21 - Bolsonaro e os ministros da saúde	123
Figura 22 - Bolsonaro e a cloroquina	124
Figura 23 - Aspectos da representação de Bolsonaro no Sensacionalista	126
Figura 24 - Bolsonaro associado a mortes por Covid-19	132
Figura 25 - Comentários de leitores favoráveis à postagem	140
Figura 26 - Comentários de leitores contrários à postagem	140
Figura 27 - Bolsonaro como alvo	143
Figura 28 - Bolsonaristas como alvo	143
Figura 29 - Bolsonarismo como alvo	143
Figura 30 - A ironia no discurso do Sensacionalista	153
Figura 31 - Postagens de Dino e Do Val: polêmica Vingadores	161
Figura 32 - Postagens de Flávio Dino	161
Figura 33 - Dino e Do Val no Sensacionalista	162
Figura 34 - Dino e o Sonic	163
Figura 35 - Primeiras postagens do Sensacionalista relacionadas à Covid-19	169
Figura 36 - Jair Bolsonaro e o início da pandemia	171
Figura 37 - Jair Bolsonaro e o discurso negacionista	175
Figura 38 - Jair Bolsonaro e a gripezinha	177
Figura 39 - Bolsonaro e a crise pública com Mandetta	181

Figura 40 - A guerra discursiva com Mandetta	185
Figura 41 - O isolamento de Bolsonaro	186
Figura 42 - O discurso, a conduta e a interpretação de Bolsonaro	192
Figura 43 - Família Bolsonaro, cloroquina e Queiróz	194
Figura 44 - O diagnóstico de Bolsonaro	197
Figura 45 - Bolsonaro e o incentivo à cloroquina	200
Figura 46 - Bolsonaro e o negacionismo da vacina	202
Figura 47 - O primeiro ano da pandemia no Brasil	203
Figura 48 - Bolsonaro e a pandemia no início de 2021	205
Figura 49 - O humor e a recorrência aos conhecimentos enciclopédicos	207
Figura 50 - Bolsonaro e a vacinação contra a Covid-19	209
Figura 51 - Bolsonaro, leite condensado e a pandemia	210
Figura 52 - O Capitão Cloroquina	213
Figura 53 - Bolsonaro e o efeito Lula	214
Figura 54 - Bolsonaro e as trocas no comando do Ministério da Saúde	216
Figura 55 - Bolsonaro e um novo pronunciamento	218
Figura 56 - Bolsonaro e a mudança de discurso	218
Figura 57 - Bolsonaro e a vacina	221
Figura 58 - A CPI da Covid-19	221
Figura 59 - Bolsonaro, aglomerações, vacinas e Centrão	223
Figura 60 - Bolsonaro e a CPI da Covid-19	224
Figura 61 - Bolsonaro e o uso de máscaras	226
Figura 62 - Brasil chega a 500 mil mortes por Covid-19	227
Figura 63 - Bolsonaro e o escândalo Covaxin	228
Figura 64 - Tweet do ex-ministro Fábio Faria	229
Figura 65 - Os sommeliers de vacina e a CPI	232
Figura 66 - O indiciamento de Bolsonaro	234
Figura 67 - Bolsonaro viaja aos EUA	237
Figura 68 - Bolsonaro, vacinação e o fim da CPI	238
Figura 69 - Bolsonaro e as eleições de 2022	241
Figura 70 - Passaporte vacinal, relação com Queiroga e atrito com a Anvisa	242
Figura 71 - Nelson Teich e a falta de representação	245
Figura 72 - Recontextualização argumentativa	250
Figura 73 - “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”	250

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), foi responsável por uma mudança significativa em todo o mundo. As medidas de restrição social, o uso de máscara e a transferência de muitas atividades do dia a dia para o ambiente digital resultaram, inclusive, em uma atualização na forma como as pessoas descreviam as suas próprias atividades, citando a existência de *um novo normal*. Essas alterações tinham o objetivo de frear a disseminação da doença, marcada pela alta transmissibilidade, bem como evitar uma sobrecarga nos hospitais e reduzir o número de mortos.

De acordo com informações divulgadas pelo governo chinês, o primeiro caso positivo da doença foi registrado em 17 de novembro de 2019: um paciente de 55 anos, residente na província de Hubei, próxima a Wuhan, que se tornou o primeiro epicentro da doença no mundo. Em 31 de dezembro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi informada da situação no território chinês, com o alerta de que se tratava de um vírus que ainda não havia sido diagnosticado em humanos. Logo no início de janeiro do ano seguinte, cientistas chineses informaram que um novo vírus havia sido identificado. Naquele mesmo mês, a OMS reconheceu a gravidade do caso. Em 30 de janeiro de 2020, foi declarado o estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII).

Rapidamente, o novo vírus se espalhou pelo mundo. Os primeiros casos de infecção por coronavírus na Europa foram confirmados em 24 de janeiro, na França. Aqui no Brasil, o primeiro paciente foi diagnosticado pouco mais de um mês depois, em 26 de fevereiro. A chegada da Covid-19 em território nacional foi o pontapé inicial para uma política desestruturada de enfrentamento à doença. Neste sentido, o negacionismo do então presidente Jair Messias Bolsonaro (PL) foi responsável por uma piora no contexto. Logo no início, o político classificou a conduta indicada pelas entidades de saúde como exagerada. Ao longo do período mais crítico, chamou a Covid-19 de *gripezinha*, promoveu aglomerações, foi contrário ao uso de máscaras e atacou a eficácia das vacinas. Não demorou muito para que a questão sanitária evoluísse para uma crise marcada por aspectos políticos e o agravamento dos indicadores econômicos.

Foi justamente o posicionamento na contramão da Ciência e de enfrentamento aos demais poderes mantido pelo ex-presidente ao longo de todo o período mais crítico da pandemia - haja vista que essa classificação foi mantida de 11 de março de 2020 até maio de 2023 - que motivou a realização dessa pesquisa. A crise do novo coronavírus rapidamente tornou-se o assunto que dominou o noticiário. No entanto, o tema também avançou para

outros gêneros, entre eles o humor. Desde que alcançou protagonismo na política nacional, Bolsonaro passou a ser alvo de inúmeras caricaturas e imitações, o que aconteceria com qualquer político. Os humoristas destacavam, principalmente, os vícios de linguagem do ex-presidente, como o *tá ok*, em um uso equivalente a *né*, ou o próprio sotaque como em *qüestão*. Entretanto, a partir de 2020, o discurso negacionista do então presidente foi acrescido nessa lista passou a dominar a *pauta humorística*.

Sobre Bolsonaro, ele é descrito por Eliane Brum (2019, p. 225) como o “homem mediano [que] representa uma ampla camada de brasileiros”. A jornalista aponta que o político saiu da camada mais baixa do Congresso Nacional e chegou à Presidência da República sem grandes feitos ou sem fazer parte da elite intelectual ou política brasileira. Além disso, o ex-presidente também é reconhecido por um tom excessivo, por rompantes de raiva e atitudes ofensivas. Ele também não se furta de recorrer ao humor para justificar, incorretamente, o seu discurso preconceituoso e excludente.

A escolha por um formato humorístico deve ser entendida como um desdobramento de reflexões anteriores realizadas neste campo, relacionadas ainda aos campos do jornalismo e da política. Dessa forma, como objeto de estudo foi escolhido o *Sensacionalista*, uma página humorística que está no ar desde 2009 e que produz sátiras a partir de paródias do jornalismo. Até agosto de 2023, o formato contava com 1,2 milhão de seguidores no *Instagram*; 2,3 milhões no *Twitter (X)* e 3 milhões no *Facebook*, além de um *blog* no portal *O Globo* e de integrar a edição de domingo do jornal com conteúdo exclusivo. O humorístico, que é assinado pelos jornalistas Nelito Fernandes, Martha Mendonça e Marcelo Zorzanelli e pelo roteirista Leonardo Lanna, surgiu como o objetivo de satirizar o jornalismo impresso brasileiro, com uma linguagem bem semelhante à adotada pelo norte-americano *The Onion*.

A partir das eleições presidenciais de 2014, a política passou a ser o tema principal da página. Isso não significa que outros assuntos não sejam abordados pelos redatores que produzem todo o conteúdo a partir de um grupo no *WhatsApp*, mas o dia a dia em Brasília rende muitas sátiras! Apenas para uma breve contextualização, é importante pontuar que entre a popularização do *Sensacionalista*, ocorrida em 2014, e a eleição de Jair Bolsonaro, o Brasil vivenciou a reeleição e o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT); a criação da Operação Lava Jato e o seu avanço sobre a classe política; o Governo Michel Temer (MDB), bem como o julgamento, a condenação e a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O *Sensacionalista* é um formato reconhecido por críticas ácidas e projetadas contra lideranças políticas, estruturado, muitas vezes, em um humor incongruente.

Dessa forma, o problema que motivou a presente investigação científica foi o seguinte: *O humor político, praticado pelo site Sensacionalista, pode ser compreendido como mediador sociocultural do conteúdo jornalístico no que diz respeito à pandemia de Covid-19? Como Jair Bolsonaro foi representado neste contexto?* Ainda neste aspecto, para responder completamente essa pergunta, parecia essencial entender qual foi a representação do então presidente Jair Bolsonaro neste contexto. Ainda que a pandemia tenha se configurado como um evento global, no Brasil ela foi diretamente marcada pela conduta de Jair Bolsonaro. Adianta-se que o formato, por ser uma paródia, exige um leitor minimamente informado. Além disso, o posicionamento político é um ponto importante a se considerar quanto ao conteúdo produzido pela página.

O objetivo geral foi estabelecer as características do humor do *Sensacionalista* como mediador sociocultural do conteúdo jornalístico sobre a pandemia da Covid-19. Avalia-se que o humorístico, geralmente, estabelece a sua crítica a partir da relação de ancoragem entre texto e imagem. As manchetes do humorístico são acompanhadas por fotografias que facilmente poderiam ser encontradas em jornais tradicionais. Esse recurso alcança uma dupla função na página: ao passo que permite uma aproximação com os noticiários, também é uma das principais estratégias para a efetivação do ato humorístico. A recorrência à imagem fotográfica é um elemento definidor da página, que se apresenta como *o jornal isento de verdade*.

Como etapas para alcançar o objetivo principal foi necessário estabelecer as características do humor presente no *Sensacionalista* por meio de revisão bibliográfica e teórico-conceitual; verificar, a partir do conceito de carnavalização de Mikhail Bakhtin, como se estrutura o formato, considerando qual a relação que o conteúdo do humorístico estabelece com o jornalismo; dimensionar, a partir da relação entre o humor e a análise do discurso, proposta por Patrick Charaudeau, eventuais efeitos de discurso resultantes das paródias noticiosas, bem como a analisar a crise sanitária da Covid-19 e os seus impactos na política e na economia e a representação do então presidente Jair Bolsonaro neste contexto.

A presente pesquisa é dividida em cinco capítulos, estruturados a partir da reflexão teórica e análise do objeto. O estudo assume ainda um caráter interdisciplinar, mesclando elementos da análise do discurso, à análise culturológica a partir de Bakhtin, à pesquisa bibliográfica. O corpus é composto por 123 postagens relacionadas à pandemia de Covid-19 com referência a Jair Bolsonaro entre 2020 e 2021, período que configura os dois primeiros anos da pandemia. Este recorte temporal diz respeito, resumidamente, ao intervalo em que os primeiros casos da doença foram confirmados no país; a primeira, segunda e início da terceira

onda da Covid-19 em território brasileiro; início das pesquisas e desenvolvimento das vacinas e a imunização. Considerando que a análise passa pela representação do então presidente, as sátiras que configuram o *corpus* de pesquisa foram publicadas entre março de 2020 e dezembro de 2021. No entanto, com o objetivo de explicar o funcionamento do formato e a estruturação do ato humorístico do *Sensacionalista*, outras postagens, relacionadas ou não à pandemia, foram utilizadas na construção deste texto.

O capítulo 02, *No tocante a esta "questão", em que Brasil Jair Bolsonaro foi eleito?* aborda o contexto histórico recente do país, partindo da ascensão do capitão da reserva de um deputado federal inexpressivo a líder da extrema direita. Ao final desta seção há uma breve análise quanto ao impacto da pandemia em território nacional, no entanto mais informações serão apresentadas ao longo da tese, principalmente nos momentos de análise. Na construção deste texto, foram utilizados autores como Eliane Brum (2019), Leonardo Avritzer (2020;2021), Thaís Oyama (2020), Marcos Nobre (2022), Yascha Mounk (2019) e Michiko Kakutani (2018).

Na sequência, o capítulo 03, *Humor: aspectos coletivos, práticas sociais e crítica política*, o objetivo foi entender as características do gênero e suas implicações, considerando principalmente o uso do humor em contextos políticos. Para construir essa reflexão, foram tomados por base autores como: Henri Bergson (2018), Vladimir Propp (1992), Elias Thomé Saliba (2021), Elias Thomé Saliba (2002; 2017); (Possenti, 1998; 2001; 2014; 2018), Terry Eagleton (2020) e George Minois (2003).

O capítulo 04, *As manchetes satírico-ficcionais e o humor carnavalizante: a linguagem do Sensacionalista*, foi construído com a finalidade de entender o funcionamento do conteúdo produzido pelo humorístico. O principal aporte teórico para essa seção é Mikhail Bakhtin (2010; 2018). Na sequência, os capítulos 05, *O Sensacionalista* e a análise do discurso: o ato humorístico em Patrick Charaudeau, e o 06, *O discurso do Sensacionalista sobre a pandemia de Covid-19*, estão diretamente relacionados. Inicialmente é apresentada a perspectiva teórica do linguista francês, considerando a aplicação de elementos da análise do discurso a formatos humorísticos. Já a seção posteriormente é destinada propriamente à análise do *corpus* desta pesquisa.

2. NO TOCANTE A ESTA "*QÜESTÃO*", EM QUE BRASIL JAIR BOLSONARO FOI ELEITO?³

Não é exagero afirmar que Jair Bolsonaro surpreendeu a uma parcela representativa da população ao ser eleito em 2018. Esta avaliação não considera apenas o resultado do primeiro e do segundo turno, mas todo o processo eleitoral daquele ano. Haja vista que a candidatura do ex-presidente foi levada em tom de brincadeira por muito tempo. Em certa medida, o próprio modo como Bolsonaro era tratado por seus pares reforça tal percepção. Thaís Oyama (2020, p.09) descreve que o ex-militar, ainda que tenha permanecido na Câmara dos Deputados por 28 anos, não se apresentava como um político influente na Casa. A jornalista, assim como muitos de seus colegas, definiu o presidente como um representante do “baixo clero, a periferia do Congresso, formada por deputados de partidos nanicos, sem influência ou projetos relevantes no currículo e desprezados pelas lideranças parlamentares, que só lembram deles se precisam de quórum numa votação.”

Com a finalidade de dimensionar o desprestígio do capitão da reserva, Oyama avalia que em 2015, nenhum analista político colocaria Bolsonaro como um candidato com chances de ser eleito para a Presidência da República. Ainda neste contexto, em 2017, ano anterior às eleições gerais, Jair Bolsonaro concorreu à Presidência da Câmara, pela terceira vez. Dos 513 votos disponíveis na disputa, incluindo o próprio, ele obteve apenas quatro. Oyama (2020) pondera que, entre os profissionais de imprensa, a imagem do presidente também não era exatamente positiva.

Mais do que um deputado do baixo clero, ele era um representante daquilo que os jornalistas de Brasília apelidaram de cota folclórica do Congresso – parlamentares que costumam despertar a atenção pelo histrionismo, pelos arroubos verbais no plenário e pelas confusões em que se metem.” (OYAMA, 2020, p. 10-11).

Sem espaço na televisão para a campanha e com menos recursos que os concorrentes, partidos tradicionais, como o PT ou o PSDB, e sem um passado com grandes feitos ou uma imagem positiva na Grande Mídia, o representante do PSL, apesar de sofrer uma alta rejeição, que levou milhares de brasileiros às ruas nas principais cidades do país e do exterior, em um movimento organizado essencialmente por mulheres, intitulado *Ele não*, conseguiu quebrar um ciclo iniciado pelo Partido dos Trabalhadores em 2002. De acordo com números do

³ Esta reflexão não segue necessariamente o encadeamento cronológico dos fatos. Em alguns momentos, pode-se fazer alguns retornos temporais com o objetivo de atribuir lógica aos argumentos.

Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Bolsonaro alcançou, no segundo turno de 2018, 57.797.847 votos, o que representou 55,1% dos votos válidos na disputa contra Fernando Haddad (PT).

Em linhas gerais, Miguel Lago (2022, p. 20-21) diz que “Bolsonaro emergiu com a autoproclamada ‘nova política’, e os arautos da ‘velha política’ não têm os óculos adequados para enxergá-lo. E aquilo que não é visto nem nomeado não pode ser devidamente enfrentado.” Naquela eleição, o capitão da reserva derrotou os ex-ministros Ciro Gomes (PDT), Fernando Haddad, Henrique Meirelles (MDB) e Marina Silva (REDE); o ex-governador e ex-prefeito de São Paulo, Geraldo Alckmin (então no PSDB) e o então senador e ex-governador do Paraná, Alvaro Dias.

Em virtude das coligações firmadas naquela disputa e a partir de um acordo com o Centrão, grupo composto por pequenos partidos no Congresso Nacional que atuam frequentemente para garantir a sua proximidade com o Executivo, independente do partido que vença as eleições, o tucano Alckmin ficou com mais tempo no rádio e na TV; quase metade do total disponível a todos os candidatos. A aliança com os partidos nanicos rendeu uma série de críticas ao candidato paulista, inclusive do próprio Bolsonaro que, após a vitória no pleito e ao longo da gestão, garantiu um protagonismo inédito ao Centrão no Governo Federal. No entanto, voltando ao pleito de 2018, dos 12min30seg disponíveis para os treze postulantes à Presidência naquela ocasião, o candidato do PSDB alcançou 5min32seg, além de 434 inserções de 30 segundos ao longo da campanha. Já Bolsonaro, tinha apenas 08 segundos em cada bloco eleitoral e 11 inserções de 30 segundos ao longo dos 35 dias. A campanha de Bolsonaro se consolidou na *internet*, condição que se manteve durante os quatro anos de gestão.

Outro ponto que também deve ser levado em consideração, e que interferiu significativamente na disputa daquele ano, foi a ausência do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na disputa, com base na Lei da Ficha Limpa. O petista estava preso na sede da Polícia Federal em Curitiba, no âmbito da Operação Lava Jato. Após o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, as eleições de 2018 foram marcadas por uma intensificação do antipetismo e por um isolamento do partido. Aquele processo eleitoral também foi impactado por uma contestação da política e dos partidos tradicionais. Não que Bolsonaro fosse uma novidade entre os políticos, mas ele soube se valer de um discurso de pretenso distanciamento.

O cientista político Leonardo Avritzer (2021) descreve Bolsonaro, Jânio Quadros e Fernando Collor como os três *outsiders*, representantes da direita brasileira, que assumiram o Palácio do Planalto. Assim como os antecessores, o ex-militar foi eleito com promessas de

combater a corrupção e de implantar uma agenda liberal na economia. Nenhuma das duas questões avançaram ao longo dos quatros anos. No entanto, o autor enumera outras características de Jair Bolsonaro que foram determinantes em sua gestão:

a preocupação zero com a governabilidade, expressa na nomeação de cargos para o seu ministério e na forma como ele enfrentou a pandemia do novo coronavírus; a relação de oposição e cooptação com o sistema político, fazendo com que a oposição a ele no Legislativo não se manifeste como forma de instabilidade política; e a ampla base ratificadora de suas posições nas redes sociais, que lhe permite relativizar a oposição midiática por ele enfrentada. (AVRITZER, 2021, p. 13).

Marcos Nobre (2020, p.21) descreveu Jair Bolsonaro como o “candidato do colapso”. O cientista político parte dessa classificação ao mencionar, que a partir das manifestações de Junho de 2013, as instituições sociais passaram a enfrentar um cenário disfuncional, em um clima de constante desconfiança e rejeição. A eleição de Bolsonaro, em 2018, para o autor, não se estabelece como uma superação desse quadro de instabilidade, mas a “normalização do estado de crise, a transformação do colapso em forma de governar.”

Nobre salienta, ainda, que o ex-presidente deve ser concebido como um “parasita político”. (NOBRE, 2020, p.20) Nesse sentido, o parasitismo e o caos são aspectos intencionais e complementares. Para que Bolsonaro tivesse condições de implementar uma forma de governo antissistema entre 2019 e 2022, era necessária a permanência em um cenário de conflito e instabilidade. Dessa forma, a gestão do ex-presidente mantinha “uma situação de colapso institucional não apenas duradouro, mas conscientemente buscado e fomentado.” (NOBRE, 2020, p.21)

Ainda de acordo com Nobre (2022, p.18), as manifestações de Junho de 2013 devem ser entendidas como “o momento em que o sistema político perdeu o controle da política.” O autor descreve que apenas uma parcela da esquerda democrática reconheceu naquele período de mobilização de multidões nas ruas, a possibilidade de reorganizar o sistema político nacional, superando o que é definido por ele como pemedebismo, em referência a uma divisão de poder entre o Governo e os partidos aliados, em uma conceituação próxima a presidencialismo de coalização, conceituado por Sérgio Abranches, em 1988. Quanto aos movimentos conservadores, chamados de novas direitas, o filósofo cita um processo de organização que não teve início em 2013, mas cerca de dez anos antes. A partir de uma estruturação estabelecida, esses grupos já tinham “adquirido massa crítica considerável, notaram ali uma oportunidade para confrontar diretamente o sistema político.”

Enquanto isso, a grande maioria daqueles que estavam no poder, independente dos partidos aos quais estavam filiados, na perspectiva de Nobre (2022), nada fizeram, achando que poderiam gerir a crise de cima, sem a necessidade de grandes mudanças. Ainda que à época, a presidenta Dilma Rousseff tenha convocado uma reunião com os governadores e os prefeitos das capitais, não houve uma mudança efetiva no modo brasileiro de fazer política. A petista apresentou a criação de cinco pactos, voltados às áreas de educação, transporte, saúde, reforma política e responsabilidade social. Na ocasião, Dilma anunciou que iria propor a realização de um plebiscito para a convocação de uma constituinte com foco na reforma política. Entre as ações concretas do campo político após Junho de 2013, estão o arquivamento da proposta que retirava o poder de investigação do Ministério Público, a destinação de 75% dos royalties do petróleo para educação e 25% para a saúde, além da criação do programa Mais Médicos e da Lei Anticorrupção. Segundo o autor:

[...] Junho não se institucionalizou em termos de um poder paralelo ao sistema político, não adquiriu o caráter de mobilização permanente a desafiar a política oficial, não se organizou em termos de criação de novos partidos com densidade ideológica para mudar os rumos da política. Sob crescente hegemonia da direita, a partir de 2018, da extrema direita, a energia social de Junho foi canalizada para uma organização extrainstitucional. (NOBRE, 2022, p. 18-19).

Entre as mobilizações de 2013 e a vitória de Bolsonaro nas urnas, o Brasil, que se preparava para dias de festa por ser a sede da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016), passou por uma série de conflitos no campo político, com o enfraquecimento de partidos tidos como tradicionais. Bolsonaro soube se projetar nesse contexto, deixando de ser apenas um político do Rio de Janeiro, passando a ser conhecido em todo o país.

2.1. De bobo da Corte a Rei do Carnaval?

Com um discurso marcado pelo conservadorismo e pela religião, Jair Messias Bolsonaro tornou-se, em outubro de 2018, o 38º presidente brasileiro e o 8º eleito desde o fim do regime militar (1964-1985). Eleito a partir de um partido pequeno, o PSL, Bolsonaro tornou-se o terceiro militar escolhido nas urnas⁴. Jair Bolsonaro é mais um representante do avanço da onda conservadora na política. O presidente brasileiro sempre que pode, gosta de associar sua imagem à do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Esta inspiração

⁴ Antes de Bolsonaro, os militares Hermes da Fonseca (1910-1914) e Eurico Dutra (1946-1950) também foram eleitos presidentes em momentos democráticos.

no modo de agir, governar, tratar com a imprensa e a tentativa de uma relação mais estreita com o polêmico presidente norte-americano se materializou na tentativa do militar da reserva de indicar o próprio filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (à época, PSL-SP; atualmente PL-SP) para a embaixada brasileira em Washington. A indicação exigia a aprovação do Senado e a renúncia do político ao cargo legislativo para o qual havia sido reeleito em 2018, como representante do Estado de São Paulo. De acordo com interlocutores, a própria conduta do 03, como é chamado pelo pai, foi a responsável por um certo desgaste na relação entre ele e os demais parlamentares, o que colocou em xeque a possibilidade de o deputado federal conseguir confirmar a sua indicação no Senado.

Além de todo o contexto político conturbado já retomado nesta reflexão, entende-se que a vitória do representante da extrema direita nas eleições de 2018 se efetivou a partir da *internet* e dos novos hábitos de consumo de informação. A este respeito, Miguel Lago (2022, p. 40) afirma que “Jair Bolsonaro, antes de se tornar uma importante liderança política, já figurava como um importantíssimo influenciador digital, seu primeiro passo rumo à rampa do Planalto.”

O modo de fazer política de Bolsonaro está alicerçado em uma estratégia que não se furta a recorrer, frequentemente, à disseminação de conteúdo inverídico e a minar as instituições sociais em um processo contínuo. Avritzer (2020, p. 10) avalia que esta conduta foi iniciada logo no início da gestão, atingindo pastas estratégicas para o desenvolvimento do país. Neste caso, o autor pondera que Bolsonaro não foi eleito por sua liderança política, “mas como alguém disposto a destruir políticas e políticos.” Entre os principais alvos do então presidente, já no início da gestão, o autor apontou os ministérios da Educação, Meio Ambiente e Direitos Humanos.

Avritzer (2020) reconhece que o bolsonarismo pode ser definido como a expressão de mudanças significativas no contexto político brasileiro, que devem seguir por muitas décadas. O capitão da reserva não é o único representante, mas até 2022 estava como protagonista. Talvez, os encaminhamentos eleitorais, já a partir de 2024, com Bolsonaro inelegível, sejam o ponto de partida para realmente dimensionar o peso do ex-presidente quando ele estiver fora da disputa. Mas, desde 2018, muitos candidatos chegaram ao poder alicerçados no discurso bolsonarista. Naquele ano, o PSL conseguiu eleger 52 deputados e quatro senadores. Quatro anos mais tarde, o PSL tornou-se o União Brasil a partir de uma aliança com o Democratas.

Seguindo nesta lógica de influência de Jair Bolsonaro, em 2022, com o presidente no PL, a sigla tornou-se a maior bancada, com 99 deputados. No que diz respeito ao Senado, o partido de Bolsonaro conta, atualmente, com 14 representantes. Em 2019, quando o PL ainda

era PR, a sigla contava com dois senadores. Vale ressaltar que estes números consideram apenas candidatos que estejam na mesma sigla de Bolsonaro, o que indica que esta realidade, na prática, é bem maior. Por exemplo, Damares Alves (Republicanos-DF), Tereza Cristina (MS-PP), Sergio Moro (União-PR) e Hamilton Mourão (Republicanos-RS) foram eleitos para o Senado em 2022. Todos devem estabelecer oposição a Lula ao longo dessa gestão.. Mourão foi o vice-presidente na chapa presidencial eleita em 2018 e os demais foram ministros de Bolsonaro.

Assim como outros representantes de extrema direita, o ex-presidente brasileiro constrói o seu dizer e também o seu fazer político tomando como base “o descaso pelos fatos, a substituição da razão pela emoção, e a corrosão da linguagem” (KAKUTANI, 2018, p. 10). Este processo convertido em alicerce culmina em uma conduta que, na prática, está “diminuindo o valor da verdade”. Ainda nas primeiras páginas de *A morte da verdade: notas sobre a mentira na Era Trump*, é apresentada uma análise importante para entender o atual momento político do país, Michiko Kakutani descreve como a estratégia negacionista alcança vários pontos da vida cotidiana. Haja vista que

não só as notícias são falsas: também existe a ciência falsa (produzida por negacionistas de mudanças climáticas e *anti-vaxxers*, os ativistas do movimento antivacina), a história falsa (promovida por revisionistas do Holocausto e supremacistas brancos), os perfis falsos de norte-americanos no Facebook (criados por *trolls* russos) e os seguidores e ‘likes’ falsos nas redes sociais (gerados por *bots*).

Nessa mesma linha, ao descrever a estratégia digital bolsonarista, Patrícia Campos Mello (2020, p. 32) ressalta que a equipe do então candidato de extrema direita, liderada por Carlos Bolsonaro, filho de Jair e vereador no Rio de Janeiro, tomou como base a conduta de políticos estrangeiros que adotam um tom semelhante ao do capitão da reserva. Como já mencionado, a família tirou os jornalistas da função de mediadores, eles conversam diretamente com a própria base. Esse contato direto só foi possível porque “Jair Bolsonaro e os três filhos políticos se transformaram em influenciadores digitais, documentando pelo YouTube e pelas mídias sociais suas vidas e se comunicando diretamente com seus apoiadores.”

A partir deste processo que, inicialmente, até poderia ser visto como despretenso, como uma reação diante da popularização das redes sociais, a família Bolsonaro impactou o modo de fazer política no país. Por mais que, antes da campanha, Bolsonaro não ocupasse muito espaço nas mídias tradicionais e ainda carregasse uma imagem de um agente político caricato, ele já contava com uma rede de apoio digital bem consolidada. Este processo se

intensificou a partir do momento em que o ele passou a ser conhecido em todo o país. Em um universo no qual as “redes sociais eliminaram o intermediário, ou *gatekeeper*, da mídia tradicional, e permitiram a confraternização do eleitorado que se sentia desprezado pelas elites intelectuais” (MELLO, 2020, p. 138-139), Bolsonaro crescia em popularidade. Ao mesmo tempo que se comunicava com a sua base pelas redes sociais, ele passou a fazer isso em eventos públicos. Todo o lugar que o político passava resultava em multidões. Esse processo foi importante para apresentar um candidato mais conhecido do povo na primeira disputa pelo Planalto.

2.2. 2018 e 2022: o candidato solitário, o político impopular e o presidente não-reeleito

Em 2018, ainda que a jornalista Patrícia Campos Mello e outros profissionais de imprensa tenham denunciado o disparo massivo de conteúdo desinformativo via *WhatsApp* contra Haddad, Bolsonaro provou, principalmente no primeiro turno, que um político sem fortes alianças ou padrinhos políticos relevantes, poderia ser competitivo na disputa pelo Palácio do Planalto. Tal condição parecia impossível antes daquela disputa. O grupo do ex-presidente foi o primeiro a conferir à *internet*, sobretudo às redes sociais, o protagonismo da campanha eleitoral. Segundo a própria jornalista:

A grande semelhança entre as bem-sucedidas campanhas eleitorais do americano Donald Trump, em 2016, e de Jair Bolsonaro, em 2018, é que ambos conseguiram ‘matar’ o mensageiro da famosa máxima. Trump e Bolsonaro contornaram a mídia tradicional e se comunicam diretamente com o eleitor de modo eficaz e como melhor lhes convém. (MELLO, 2020, p. 183-184)

Por mais que o então representante do PSL se apresentasse como o favorito em uma disputa sem o ex-presidente Lula, a dúvida, naquele momento, parecia ser se Bolsonaro conseguiria expandir a sua preferência para um eleitorado menos adepto do radicalismo discursivo defendido por ele. Ou, se de repente, o político conseguiria avançar entre mulheres e pobres, grupos que apresentam uma maior rejeição ao líder do bolsonarismo. Já em 2022, apesar de um evidente abuso da máquina pública que, aparentemente, foi o responsável por tornar Bolsonaro novamente um candidato competitivo na disputa, ele não conseguiu se reeleger. Desde a promulgação da emenda constitucional nº 16, de 1997, aprovada ainda no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Jair Bolsonaro tornou-se o único presidente da República a disputar a reeleição e a ser derrotado nas urnas.

Em 1998, FHC foi reeleito ainda em primeiro turno com 53,06% dos votos válidos, a partir do discurso da estabilidade econômica. Em 2002, o líder tucano não conseguiu transferir o seu capital político para o seu sucessor, José Serra (PSDB). O ex-ministro da Saúde foi derrotado por Lula, em sua quarta eleição presidencial. No segundo turno, o petista recebeu 61,27% dos votos válidos. Em 2006, Lula derrotou Geraldo Alckmin, no segundo turno, ao receber 60,83% dos votos. Quatro anos mais tarde, em 2010, Lula indicou Dilma Rousseff. A petista, em sua primeira disputa eleitoral, venceu Serra (PSDB) com 56,05% dos votos válidos no segundo turno.

As eleições de 2014 representavam, até 2022, a disputa mais acirrada desde a redemocratização. Apesar da crise econômica e da pressão sobre a classe política, Dilma derrotou Aécio Neves (PSDB) no segundo turno. O mineiro passou boa parte da apuração na liderança, mas o desempenho não foi suficiente para evitar a recondução ao cargo de sua conterrânea. Com uma diferença de pouco mais de três milhões de votos, a petista somou 51,64% dos votos válidos. A reação de Aécio, ao não aceitar a derrota, marca o início da contestação pública da lisura do processo eleitoral no Brasil por parte dos candidatos.

Em outubro de 2014, o deputado federal Carlos Sampaio (PSDB-SP), que era o coordenador de campanha de Aécio Neves, apresentou um pedido de auditoria ao Tribunal Superior Eleitoral. De acordo com informações divulgadas pelo portal *GI*, o parlamentar indicou que o pedido não era pela recontagem dos votos, mas que havia sido motivado pelo sentimento de desconfiança alimentado por eleitores nas redes sociais. Em outubro de 2015, a auditoria realizada por empresas contratadas pelo próprio partido verificou a inexistência de fraudes na disputa que garantiu a reeleição à Dilma Rousseff.

Em 2018, Bolsonaro conseguiu abrir uma vantagem expressiva sobre os demais candidatos ainda no primeiro turno. Enquanto o representante da extrema direita chegou aos 46,03%, o segundo colocado, Fernando Haddad, que assumiu a chapa que era liderada por Lula, conseguiu o apoio de 29,28% dos eleitores. No segundo turno, Bolsonaro conquistou 55,13% dos votos válidos. O petista conseguiu uma ampliação expressiva em sua quantidade de votos, mas não o suficiente para se impor contra a eleição do então deputado federal. O professor universitário atingiu 44,87% dos votos válidos.

As eleições de 2022 foram realizadas em um clima de enfrentamento ainda mais intenso que os pleitos anteriores. Antes mesmo do início oficial da campanha, em julho, o tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná, Marcelo Arruda, foi assassinado a tiros em sua própria festa de aniversário. A comemoração, que foi realizada em um clube da cidade, tinha como tema o ex-presidente Lula e o Partido dos Trabalhadores. O crime foi

cometido pelo policial bolsonarista Jorge Guaranho, que invadiu o local. O atirador é réu por homicídio duplamente qualificado. O Ministério Público considera que o crime foi cometido por motivo fútil, em virtude de discordâncias político-partidárias. Além disso, ao atirar em um local destinado à realização de eventos, Guaranho colocou em risco a vida de mais pessoas.

O professor Marcos Nobre (2022, p. 09) avalia que o termo polarização como era conhecido pelos eleitores na disputa entre PT e PSDB não é preciso para definir o atual momento político. Haja vista que, na análise do autor, o Brasil esteja diante de uma “mudança do sentido e do significado de ‘polarização’ [que] é [o] emblema de transformações estruturais na vida social, na relação entre sociedade e instituições, do funcionamento mesmo das instituições.” Com base nisso, Nobre (2022, p. 12) refuta que haja uma pretensa equivalência entre Lula e Bolsonaro, como se cada um ocupasse um pólo do espectro político. O autor indica que as disputas anteriores entre o PT e o PSDB, em nenhuma hipótese, colocaram a democracia sob ameaça, aos moldes do processo que teve início em janeiro de 2019, com o início da gestão do capitão da reserva.

A eleição de Bolsonaro levou o país a uma situação de emergência democrática duradoura. Com Bolsonaro, formou-se, pela primeira vez, desde a redemocratização, um movimento cuja existência é o desafio permanente das instituições democráticas em sentido destrutivo. Um movimento que usa a institucionalidade como instrumento, e não como fim, que faz uso da institucionalidade para destruir as instituições democráticas.

Em 2022, o ex-presidente Lula figurou como o favorito na opinião popular desde as primeiras pesquisas. Ao longo da disputa, impactado por uma alta rejeição e dos problemas na condução da economia, Bolsonaro passou a se valer de estratégias que ampliaram a viabilidade de sua candidatura. Talvez a mais representativa, e que tenha se apresentado no prisma da legalidade, foi a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) dos Benefícios que ampliou o valor destinado pelo Governo Federal para o pagamento de medidas assistencialistas para reverter os impactos da pandemia de Covid-19. No entanto, no caso específico de Bolsonaro, a finalidade era garantir votos, até porque a duração indicada para os pagamentos terminou em dezembro de 2022, com o fim do mandato. Os recursos, da ordem de R\$41,25 bilhões, foram destinados à ampliação do Auxílio Brasil e do Auxílio Gás, além do pagamento de um subsídio para os caminhoneiros e os taxistas com a finalidade de reverter a alta dos combustíveis.

Ao término do primeiro turno, Lula recebeu 48,43% dos votos válidos. Bolsonaro foi ao segundo turno com uma desvantagem de 5%, cerca de 6 milhões de votos. Enquanto o

pernambucano foi o escolhido por 57.259.504 eleitores; o então candidato à reeleição teve 51.072.345 de votos, 43,20% da soma de votos válidos. No segundo turno, que garantiu o terceiro mandato ao petista, a diferença entre os dois foi de pouco mais de dois milhões de votos. Esta foi a menor diferença entre candidatos, na disputa presidencial, desde a redemocratização. Lula teve 60.345.999 de votos (50,90%). Já Bolsonaro, apesar de liderar durante boa parte da apuração, ficou com 58.206.354 de votos, o que representou 49,10% dos votos válidos.

A gestão de Bolsonaro foi marcada por uma série de tensões. O presidente de extrema direita manteve um discurso e uma conduta de rivalidade com a comunidade internacional, criando enfrentamentos diplomáticos com países como a China e a França. Em aspectos nacionais, Bolsonaro foi responsável por uma política de desmonte de instituições de pesquisa, além de travar uma rotina de enfrentamento com a comunidade universitária⁵. O episódio da pandemia, que será tratado posteriormente, foi a confirmação da defesa ostensiva de uma conduta anticientífica.

A manifestação *#EleNão*, que teve início na internet e que levou pessoas às ruas em todo o país, tornou visível a impopularidade de Bolsonaro em determinados grupos sociais. Às vésperas da disputa em primeiro turno, em 29 de setembro de 2018, de acordo com informações do *Portal G1*, 114 cidades, em 26 estados, reuniram manifestantes contrários a Jair Bolsonaro. A mobilização não estava abertamente identificada com nenhum candidato ou partido político: mais do que favorável a alguém, o ato era contrário a Bolsonaro. Os protestos não ficaram restritos ao Brasil. Pessoas também saíram de casa contrárias à candidatura do então deputado federal em Nova York, Londres, Lisboa, Paris, Barcelona e Cidade do México.

2.3. Lava Jato e a condenação de Lula

Lula, que aparecia como líder nas pesquisas de intenção de voto, foi condenado a nove anos e seis meses, em primeira instância, no caso do triplex do Guarujá, no litoral paulista. A condenação foi pelos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro. Em abril de 2018, a condenação de Lula foi confirmada pela 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região

⁵ Um exemplo marcante de uma mentalidade de criminaliza a pesquisa está na exoneração do presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Ricardo Galvão, em 2019. O pesquisador deixou o cargo na gestão federal após embates com o presidente Bolsonaro quanto à autenticidade de dados referentes ao desmatamento na Amazônia. Dois anos mais tarde, o físico, que é pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), recebeu o prêmio internacional de Liberdade e Responsabilidade Científica da Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS).

(TRF-4). Mas o colegiado determinou o aumento da pena para 12 anos e 1 mês de prisão, com início em regime fechado.

Em abril de 2018, cerca de seis meses antes da realização das eleições presidenciais, Lula teve a prisão decretada por Moro. No período em que permaneceu detido na sede da Polícia Federal em Curitiba, o petista viu a condenação neste processo ser confirmada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Apesar de ter mantido a condenação, o colegiado reduziu a pena para 8 anos, 10 meses e 20 dias de reclusão. O ex-presidente também recebeu a sua segunda condenação no âmbito da Lava Jato. Em fevereiro de 2019, quando Moro já havia renunciado à magistratura, a juíza substituta, Gabriela Hardt, condenou o ex-presidente a 12 anos e 11 meses de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro em ação da Lava Jato sobre o sítio de Atibaia.

Já em novembro de 2019, o STF alterou um entendimento de 2016 e determinou a ilegalidade da prisão após condenação em segunda instância. Diante deste quadro, a defesa de Lula ingressou com um pedido para que o político fosse posto em liberdade, o que foi aceito. O ex-líder sindical permaneceu 580 dias preso. A condição de Lula começa a se reverter a partir de duas decisões do STF. A primeira, de caráter monocrático, foi tomada por Fachin, relator da Lava Jato na Suprema Corte. Em decisão a respeito de um *habeas corpus* apresentado pela defesa do petista, em 08 de março de 2021, o ministro considerou que Moro não tinha competência para julgar acusações envolvendo Lula no âmbito da Lava Jato. O ministro apontou que o paranaense não era o juiz natural dos casos. Tal decisão foi responsável por declarar a perda do objeto nas sentenças envolvendo o Instituto Lula, o triplex e o sítio em Atibaia. Esta decisão foi avaliada com uma tentativa de Fachin de manter, em certa medida, a credibilidade de Moro. Com a decisão do relator, Lula recuperou os seus direitos políticos.

Ainda em março do mesmo ano, a 2ª Turma decidiu, por 3 a 2, que Sergio Moro agiu com parcialidade na condenação do ex-presidente Lula no caso do triplex. Por mais que juridicamente tal condenação já estivesse anulada, os ministros decidiram que as provas colhidas no processo deveriam ser desconsideradas, já que não houve imparcialidade do magistrado. O entendimento é que a ação e a condução de Moro neste processo tinham o objetivo deliberado de prejudicar o ex-presidente. Neste caso, a determinação foi para que o processo fosse iniciado integralmente. Os processos contra o ex-presidente foram encaminhados à Justiça Federal no Distrito Federal. No entanto, em dezembro de 2021, o Ministério Público Federal (MPF) pediu o arquivamento do caso, diante da prescrição em

razão da idade do acusado, o que impossibilitou a apresentação de uma nova denúncia contra Lula.

2.4. O que Bolsonaro representa: a antipolítica

Leonardo Avritzer (2020) ressalta que a antipolítica no Brasil, da qual Bolsonaro destaca-se como um dos seus principais representantes, está alicerçada em dois principais movimentos. O primeiro, na avaliação do cientista político, é o punitivismo jurídico. Nesta esfera, ele ressalta a atuação do ex-juiz Sergio Moro e do ex-procurador Deltan Dallagnol, ambos eleitos em 2022 como representantes legislativos do Paraná⁶. O ex-procurador da Lava Jato teve o mandato para a Câmara dos Deputados cassado por unanimidade pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em maio de 2023. A argumentação, aceita pela Corte, é de que o paranaense teria pedido exoneração do Ministério Público com o objetivo de evitar eventuais condenações em procedimentos administrativos, que resultariam em inelegibilidade.

O autor pondera que os excessos praticados na condução da Operação Lava Jato foram responsáveis por um tensionamento nas relações com o Supremo Tribunal Federal (STF). Esta é uma das características estruturantes do bolsonarismo. Ao longo do mandato como presidente, Bolsonaro se envolveu em inúmeras disputas com o Judiciário, especificamente nas figuras dos ministros Luís Roberto Barroso, Luiz Edson Fachin e Alexandre de Moraes, que também foram responsáveis pela condução do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), entre 2020 e 2022, ano em que Bolsonaro tornou-se o primeiro presidente, após a redemocratização, que não garantiu a recondução ao cargo nas urnas.

Como segundo elemento neste processo, Avritzer (2020, p.27) cita "a substituição do governo por uma concepção moral de política judicialmente sancionada". Este processo de criminalização da política também pode ser entendido, na visão do autor, como um ponto estruturante da Lava Jato, que é o impedimento de "atos do governo por meio jurídico." Neste ponto, um exemplo que se aplica, a partir de uma reflexão desenvolvida pelo autor, é a decisão do ministro do STF, Gilmar Mendes, que suspendeu a nomeação de Lula como ministro da Casa Civil, em março de 2016. O retorno do ex-líder sindical ao cenário político era tida como uma tentativa de reaproximação do Governo com o Congresso, com o objetivo

⁶ O ex-procurador Deltan Dallagnol (Podemos) foi o candidato a deputado federal mais votado do Paraná em 2022. Ele recebeu quase 345 mil votos. Após idas e vindas, Moro foi eleito senador também pelo Paraná. O candidato do União Brasil, que chegou a lançar o próprio nome como pré-candidato à Presidência da República e que tentou concorrer ao Senado por São Paulo, derrotou Álvaro Dias, seu padrinho político. O ex-governador do Paraná chegou a Brasília em 1998 e tentava a quarta recondução ao cargo.

de evitar o afastamento de Dilma, que não mantinha uma boa relação com os parlamentares. A impopularidade da petista foi um ponto fundamental para a perda de seu mandato.

Toda a movimentação jurídica que culminou na decisão de Mendes foi iniciada com a divulgação de um grampo telefônico colhido pela força-tarefa da Lava Jato. A medida foi autorizada por Moro, mas o diálogo em si foi obtido após o horário determinado pelo magistrado. Além disso, o trecho não poderia ser divulgado, já que envolvia a presidenta. O diálogo sugeriria que a nomeação do petista à Casa Civil, por parte de sua sucessora e afilhada política, teria o objetivo de impedir a prisão de Lula, que era investigado na Lava Jato. Diante de toda a repercussão negativa, o ex-presidente chegou a desconsiderar o foro por prerrogativa de função, o chamado foro privilegiado, para permanecer no cargo. Na avaliação de Avritzer (2020, p-27-28), neste aspecto específico, a ação judicial foi responsável por vetar a possibilidade de negociação, que é um atributo essencial do fazer político. Ou seja: foi assim que “uma atribuição exclusiva da presidente, foi barrada por uma liminar de juiz federal.”

Em um contexto que questionava a legitimidade da política, o então representante do Rio de Janeiro tomou para si os símbolos nacionais e se apresentou como um defensor da pátria e um representante da luta anticorrupção, justamente um ponto com sérias implicações à imagem do PT e ao seu capital político. Durante toda a campanha, aliados e o próprio Bolsonaro destacavam a ausência de suspeitas de corrupção envolvendo o candidato à presidência. Em entrevista concedida ao *Jornal da Record*, principal formato jornalístico da *Rede Record*, em 05 de outubro de 2018, dois dias antes do primeiro turno, o político citou as críticas que recebia quanto à sua conduta, com o objetivo de classificá-las como equivocadas.

Estes rótulos jogam 'pra' cima de mim [machista, racista, misógino, homofóbico] porque não podem me chamar de corrupto, que é o que eles são. Um dos grandes problemas do Brasil é a corrupção e não tem como me atacar! Até por ocasião da leitura da ação 470, do Mensalão, o senhor ministro, Joaquim Barbosa, me cita como o único deputado da base aliada que não foi comprado pelo PT. (sic) (BOLSONARO, 2018).⁷

Leonardo Avritzer (2020) pontua que a viabilidade política de Bolsonaro enquanto um postulante à Presidência da República foi o resultado do desmonte dos partidos que se apresentavam como representantes do centro democrático. O cientista político avalia que este processo, definido por ele como esfacelamento, ocorreu entre 2016 e 2018. Entre os fatos que motivaram a descredibilidade de siglas como o PSDB, o PP e o DEM, está o envolvimento de

⁷ A entrevista na íntegra está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kk2quhx3Rqo>>. Acesso em outubro de 2022.

membros destes partidos em escândalos de corrupção, sobretudo a partir de investigações da Operação Lava Jato, bem como o mau desempenho da gestão de Michel Temer.

Com o *impeachment* de Dilma Rousseff, o representante do MDB chegou ao poder amparado pelas siglas do centro e da direita e em confronto com o PT e os partidos de esquerda. No entanto, o próprio Temer tornou-se o protagonista de escândalos. Talvez o fato mais emblemático tenha sido a gravação de uma conversa entre o político e Joesley Batista, o empresário que é um dos donos *JBS*, uma das maiores companhias do mundo do setor de alimentos. Em 2017, a gravação, que fazia parte do processo de delação premiada de Batista, e que foi autorizada pela justiça, tornou-se pública e foi responsável por uma intensa crise na gestão do emedebista.

A crescente pressão, a impopularidade e o clima de instabilidade política foram responsáveis pela manutenção da crise. Contra Temer, pesaram duas denúncias apresentadas pelo então procurador-geral da República, Rodrigo Janot. As representações não avançaram no Congresso devido ao bom trânsito entre o então presidente e os parlamentares. Temer foi acusado de corrupção passiva, organização criminosa e obstrução da Justiça. De acordo com investigações da Polícia Federal, o ex-presidente liderava um grupo composto por membros do MDB acusados de recebimento de propina. Neste cenário instável, que atingiu diretamente a credibilidade de partidos e políticos conhecidos, Avritzer (2020) indica que uma parcela representativa do eleitorado se aproximou de Bolsonaro.

Sabemos que o centro se esfacelou entre 2016 e 2018. Com o fracasso do governo Temer e a comprovação do envolvimento de partidos como o PSDB, o PP e o DEM em escândalos de corrupção, a população se voltou a um candidato da direita radical. Foi a partir daí que Jair Bolsonaro começou a se viabilizar politicamente, canalizando uma imagem, naturalmente falsa, de honestidade. Bolsonaro nunca foi procurado pela Odebrecht pelo simples motivo de não ter qualquer centralidade no Congresso Nacional: foi sua irrelevância política até 2016 que fez com que ficasse de fora do esquema. Ele tinha os seus esquemas de desvios de recursos públicos, hoje amplamente conhecidos, como as “rachadinhas” de gabinete e o superfaturamento de despesas. Ainda assim, foi beneficiado eleitoralmente pela desintegração do centro, cuja recomposição foi lenta até o advento da pandemia. (AVRITZER, 2020, p. 14)

Ainda que tenha passado muitos anos no Congresso, o representante do Rio de Janeiro era frequentemente apresentado como um candidato extremista, invariavelmente um *outsider*. Mesmo assim, a partir de um olhar praticamente caricato, e de uma representação na grande imprensa que reforçava este enquadramento, Bolsonaro não apenas acumulou mandatos eletivos desde 1988, como conseguiu construir carreiras políticas para três de seus filhos. A

derrota para o ex-presidente Lula, no segundo turno de 2022, representa a primeira vez que o capitão da reserva fica sem mandato em 34 anos. E com a decisão do TSE, em junho de 2023, o ex-presidente permanece impedido de disputar eleições pelo período de oito anos. Em agosto, a defesa do político entrou com recurso à decisão, que ainda não havia sido julgado até a entrega dessa pesquisa.

Mesmo que preterido entre os pares, é possível inferir que, apesar de frequentemente descredibilizado, o discurso bolsonarista já alcançava alguma ressonância. No entanto, como membro do Legislativo, seja na esfera municipal, como vereador no Rio de Janeiro, ou como representante fluminense no âmbito federal, o político é lembrado por uma trajetória pouco atuante. Nas palavras de Thaís Oyama (2020, p. 35-36):

Foi eleito vereador em novembro de 1988, com 11 mil votos, e passou dois anos na Câmara Municipal do Rio de Janeiro lambendo selos – lá, sua atividade mais frequente era o envio de correspondências aos eleitores. Como aconteceria nos anos seguintes na Câmara Federal, mostrou-se um legislador anódino. Não participava da vida política da Casa, não se empenhou em aprovar nenhum projeto importante nem integrou comissões relevantes.

Bolsonaro chegou à Câmara dos Deputados em 1990, aos 35 anos. Mesmo apresentando propostas, em sua maioria voltadas aos interesses dos militares, continuou na Casa até o final de 2018, com 63 anos. Conforme informações publicadas no site *Congresso em Foco*⁸, durante os 28 anos em que permaneceu na Câmara dos Deputados, o atual presidente foi o autor de 147 propostas legislativas, mas teve apenas um projeto aprovado e convertido em lei, em 1996. A proposta teve o objetivo de estender a isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para bens de automação e informática.

Outros dois projetos assinados por ele foram aprovados pelos demais deputados, mas vetados pela Presidência da República. Nestas propostas, Bolsonaro tinha o objetivo de incentivar o estágio de estudantes de Medicina nas Forças Armadas e permitir o porte de arma para integrantes de escoltas de presos e para guardas portuárias. Além disso, Jair Bolsonaro foi um dos autores do projeto que autorizava o uso da fosfoetanolamina sintética para tratamento de pacientes diagnosticados com tumores malignos, conhecida como a "pílula do câncer", mas a normativa foi suspensa por decisão do Supremo Tribunal Federal.

⁸ Todas as informações deste parágrafo foram retiradas da notícia *Em 27 anos de Câmara, Bolsonaro prioriza militares e ignora saúde e educação*, assinada por Luisa Marini e publicada em 07 de agosto de 2018. O texto está disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/na-camara-bolsonaro-prioriza-militares-e-ignora-saude-e-educacao/>. Acesso em 10 de outubro de 2019.

2.5. Bolsonaro e a violência discursiva

Leonardo Avritzer (2020) avalia que a passagem do então parlamentar da periferia ao centro do processo político foi um processo estruturado em dois momentos: inicialmente, em seu discurso durante a admissibilidade do *impeachment* de Dilma Rousseff em 17 de abril de 2016, em sessão no Congresso Nacional, e em setembro de 2018, quando foi vítima de uma facada durante um ato de campanha em Minas Gerais, no mês anterior à eleição.

E foi, justamente, o discurso extremista, contaminado por um olhar misógino e machista, o que o político definiu anos mais tarde como *rótulos*, que levou Bolsonaro à projeção nacional. Não há dúvidas de que a votação que determinou a continuidade da tramitação da denúncia que poderia cassar o mandato da primeira mulher presidenta do país tornou-se um evento midiático. A votação, que durou quase 10 horas, foi transmitida ao vivo por emissoras de rádio e televisão. Para dar continuidade ao processo, era necessário o apoio de dois terços da Casa, ou seja, 342 deputados. Entre os 513 parlamentares, 367 foram favoráveis à cassação de Dilma Rousseff; 137 foram contrários; sete se abstiveram e dois não compareceram à sessão.

O ato tornou-se uma oportunidade de promoção para os deputados. Entre as principais respostas à pergunta *como vota, deputado (a)?*, estavam inúmeras justificativas que não passavam pelo campo político. De acordo com as notas taquigráficas do Legislativo, divulgadas em uma matéria do *Portal 360*, a palavra *Deus* foi citada, ao longo da sessão, 76 vezes. Já os termos *golpe* e *família* apareceram, respectivamente, 141 e 156 vezes. Entre os votos, o que mais repercutiu, justamente pela sua gravidade, foi o de Jair Messias Bolsonaro. Na ocasião, o político, ao apoiar o afastamento de Dilma Rousseff, fez menção a um condenado, em segunda instância, por sequestro e tortura durante o Regime Militar brasileiro, que teve início em 1964 e seguiu até 1985. Dilma foi militante contrária à ditadura, foi submetida à tortura e chegou a ser presa. No momento em que deveria dizer se era favorável ou contrário ao parecer elaborado pelo relator, deputado Jovair Arantes (PTB-GO), Bolsonaro, em momento algum, recorreu à denúncia apresentada por Hélio Pereira Bicudo, Miguel Reale Junior e Janaina Conceição Paschoal que acusavam a presidenta de crime de responsabilidade. Avritzer (2020) relembra que:

[...] o então deputado declarou voto da seguinte forma: ‘Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, meu voto é sim’. Com esse voto, Bolsonaro se habilitou a líder da direita brasileira, especialmente dos seus setores militares, que vinham se reorganizando desde 2015.

Justamente, o final da menção proferida por Bolsonaro tornou-se, dois anos mais tarde, o seu lema de campanha. Ainda no que diz respeito a abril de 2016, Eliane Brum (2019) afirma que este ato já se configurava como o lançamento da campanha do capitão da reserva ao Palácio do Planalto. A jornalista ressaltou que não foi possível realizar esta constatação de maneira imediata, mas posteriormente. Brum (2019) cita que, ao menos, 50 pessoas foram mortas a partir do comando de Ustra. Outras centenas de opositores ao regime militar foram torturados por ele. Quanto à saudação ao torturador, a jornalista avalia:

Jair Bolsonaro foi aclamado por muitos por homenagear um assassino em série, sem contar a perversão explícita do aposto: ‘o pavor de Dilma Rousseff’. A presidenta que estava sendo arrancada do poder, esvaziada dos direitos conferidos a ela pelo voto, foi uma das torturadas pela ditadura. [...] Quando Bolsonaro invoca um torturador para dedicar seu voto pela destituição da presidenta e, sadicamente, evoca a tortura da mulher que está sendo arrancada do poder, quando Bolsonaro claramente goza com a evocação, ele consome uma perversão: converte o impeachment de Dilma Rousseff em um novo ato de tortura contra ela. Aquele voto foi o ato público mais violento das últimas duas décadas do país e aponta a dimensão abissal da crise da palavra vivida pelo Brasil. (BRUM, 2019, p. 130).

Em *O povo contra a democracia*, Yascha Mounk (2019) relembra ao leitor que o presidente brasileiro, durante a campanha eleitoral buscou uma aproximação com líderes da extrema direita como Donald Trump, dos Estados Unidos, e Viktor Orbán, da Hungria. Para Mounk (2019, p.16), a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos, em 2016, é mais uma evidência de que o regime democrático enfrenta uma crise. O autor reforça que a estratégia trumpista passa pelo questionamento aparente das regras democráticas, modelo ao qual Bolsonaro sempre tentou uma aproximação, a partir de uma conduta “que despreza abertamente normas constitucionais básicas”.

O tom apresentado por Bolsonaro durante a admissibilidade do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff pôde ser percebido em vários momentos ao longo da gestão e apontam para a crise do sistema democrático. Desde 2018, logo após o resultado das eleições e quando ainda falava como presidente eleito, Bolsonaro já dava forma a um processo de ataque sistemático às instituições. O líder populista de extrema direita colocou, frequentemente em xeque, mesmo sem a apresentação de provas, a lisura do processo eleitoral. Bolsonaro mencionou, por várias vezes, que havia vencido o pleito no primeiro turno. Tais argumentações permearam toda a administração e voltaram a ganhar força nos últimos dois anos de mandato, principalmente ao final de 2021 e em 2022, quando as pesquisas de intenção de voto começaram a identificar a liderança do ex-presidente Lula na

disputa pelo Palácio do Planalto. Avritzer (2020, p. 21) chega a avaliar esta condição a partir de certa ironia, mencionando que:

O bolsonarismo é tanto uma forma eleitoral quanto uma forma de intimidação. É indiscutível a vitória eleitoral do presidente nas eleições de 2018. Aliás, o único que questiona parece ser ele mesmo. Porém, a hegemonia política do bolsonarismo não emana unicamente da vitória eleitoral. Ainda antes dela instalou-se no Brasil o péssimo hábito de agressão em público e nas redes sociais, que o bolsonarismo amplificou.

Todo esse contexto assume uma gravidade ainda maior diante das investigações da Polícia Federal que apontam para uma tentativa de golpe em 2022, passando pelas ações para reduzir a vantagem de Lula na região nordeste, o ataque à lisura do processo eleitoral e mesmo as ações de vandalismo registradas em Brasília em 08 de janeiro de 2023.

2.6. Bolsonaro e a saudade da ditadura

O *Brasil de Fato*, em matéria publicada em 31 de março de 2021, listou situações em que o discurso e a conduta do presidente foram inspiradas no regime ditatorial brasileiro. Ao longo do mandato - mesmo após a recomendação de órgãos internacionais de saúde e do próprio Ministério da Saúde contrárias às aglomerações, em virtude da pandemia de Covid-19, o presidente esteve presente em atos antidemocráticos, como em 15 de março de 2020⁹. Seguindo nos arroubos antidemocráticos do bolsonarismo, a publicação lista que, entre 2019 e 31 de março de 2021, o presidente havia aberto 76 procedimentos, tomando como base a *Lei de Segurança Nacional*. Este dispositivo, promulgado em 1983, tinha o objetivo de perseguir críticos e opositores do Regime Militar. O *Brasil de Fato* destaca que, em 15 de março de 2021, o *youtuber* Felipe Neto foi denunciado por Carlos Bolsonaro, com base nesta medida, por ter chamado o presidente de genocida, no que diz respeito à condução do país durante o ápice da pandemia de Covid-19.

Em março, também de 2021, após o ex-presidente Lula se manifestar publicamente quanto à decisão do ex-ministro Luiz Edson Fachin, do STF, que determinou a anulação das condenações que pesavam contra ele no âmbito da Operação Lava Jato, Bolsonaro reagiu com

⁹ Conforme já mencionado nesta análise, em 15 de março de 2020, apesar do avanço da Covid-19, o presidente Jair Bolsonaro participou, em Brasília, de uma manifestação contrária ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal. Em 07 de setembro de 2021, o político realizou, em atos públicos em Brasília e em São Paulo, afirmou que as eleições eram uma farsa e declarou, abertamente, que não respeitaria as ordens da Justiça. Em críticas diretas ao ministro Alexandre de Moraes, que havia determinado, dias antes, a prisão de apoiadores do presidente, Bolsonaro chamou-o de canalha. Após inúmeras manifestações contrárias, o capitão da reserva recuou a partir de uma carta escrita pelo ex-presidente Michel Temer.

uma tentativa de reafirmação de poder. O então presidente afirmou que era o chefe supremo das forças armadas. Em outro contexto, também em um movimento de enfrentamento à ordem democrática, o presidente, a partir da Advocacia-Geral da União (AGU), garantiu por meio de uma decisão do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5), o direito de comemorar o aniversário do golpe militar no Brasil. Em vários outros momentos, o político ainda fez comentários saudosistas quanto à ação da ditadura. Bolsonaro já admitiu, claramente, que, na visão dele, a ditadura matou pouco no país.

Ainda dando sequência às informações compiladas pelo *Brasil de Fato*, Bolsonaro travou uma postura de enfrentamento com o jornalismo profissional. De acordo com um relatório publicado julho de 2022 pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), o presidente e os seus filhos com cargos políticos atacaram a imprensa, via *Twitter*, pelo menos 801 vezes, entre 1º de janeiro de 2021 e 5 de maio de 2022¹⁰. O presidente, além de atingir a credibilidade dos veículos de imprensa, atacou profissionais, principalmente mulheres. O processo de enfrentamento do bolsonarismo aos meios de comunicação está estruturado em diversas frentes: no uso das redes sociais, no disparo de informações falsas e na desacreditização dos jornalistas e dos veículos de imprensa. Bolsonaro tornou-se um influenciador digital. Ele construiu, ao longo dos últimos anos, o hábito de fazer transmissões ao vivo nas redes sociais semanalmente. Ao se apresentar diretamente à sua base de apoio, ele elimina a figura do jornalista, do intermediário. Como ele também se vale da internet para anunciar decisões de Governo, são os meios tradicionais que recorrem aos perfis do político como fonte de informação em algumas circunstâncias. O que, para a bolha bolsonarista, pode ser interpretada como um reconhecimento da credibilidade do conteúdo ali veiculado.

2.7. “Vocês querem que eu abandone o Centrão?”

A escolha do intertítulo não é aleatória, trata-se de uma declaração do próprio Bolsonaro em agosto de 2022, quando questionado quanto às indicações políticas para os ministérios. O atual presidente, ao longo de sua campanha em 2018, afirmou que faria uma gestão técnica, afastando-se do presidencialismo de coalizão, como mencionado rapidamente no início deste capítulo. Explicando mais detalhadamente, esta definição, proposta em 1988 pelo cientista político Sérgio Abranches, tem a finalidade de explicar o que popularmente tem

¹⁰ O relatório completo está disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/com-rede-de-atores-politicos-e-influenciadores-cla-bolsonaro-atacou-imprensa-801-vezes-no-twitter>. Acesso em agosto de 2022.

sido descrito como a política do *toma lá dá cá*. Na prática, tal ação representa a busca do governo federal por governabilidade. Em Marcos Nobre (2022, p.10), tal prática é apresentada como peemedebismo, “em homenagem ao partido que, durante pelo menos três décadas, foi o líder do cartel de empresas de venda de apoio parlamentar, o PMDB - o qual, a partir de 2018, mudou seu nome para MDB.” Na prática, independente da definição, esta ação representa a busca do Executivo Federal por governabilidade e não é uma novidade trazida pelo bolsonarismo, mas uma prática presente desde o processo de redemocratização.

Ainda que este não seja o foco desta tese, é interessante ressaltar que Bolsonaro também foi destaque por não conseguir cumprir as promessas que foram apresentadas durante a campanha eleitoral. O presidente se afastou diametralmente da pauta de combate à corrupção, carro-chefe nas eleições de 2018. O ex-presidente foi o responsável por uma operação de aparelhamento do Estado, com o objetivo de garantir a sua proteção, a de seus filhos e a de aliados.

Suspeitas quanto ao uso de candidaturas de fachada para desviar fundos da campanha de 2018, episódio que ficou conhecido como o Laranjal do PSL; esquemas ilegais de entrega de parte do salário de funcionários no gabinete de Flávio Bolsonaro, quando ele era deputado estadual pelo Rio de Janeiro, as populares “rachadinhas; tentativa de interferência na Polícia Federal; depósito de R\$ 89 mil na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, realizados pela família de Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio, acusado de participação no esquema das rachadinhas; e suspeita de corrupção na compra de vacinas contra a Covid-19, o caso *Covaxin*, foram alguns dos escândalos de corrupção denunciados a partir de 2018, enquanto Bolsonaro ainda estava no poder. Em dezembro de 2020, o presidente brasileiro foi eleito, por um consórcio internacional de mídia independente e jornalistas investigativos, o *Organized Crime and Corruption Reporting Project (OCCRP)*, a personalidade do ano - o que, claramente, não assume um viés positivo.

A antipolítica no Brasil também se desenvolve a partir de uma retórica de candidatos, que se lançam na vida pública, ingressam em partidos, concorrem em eleições, vencem o pleito assumindo o discurso de que não são políticos, mas quadros técnicos. Bolsonaro chegou ao Planalto dizendo que faria isso. Reafirmou que não faria indicações políticas e agradou uma parcela representativa da sociedade ao anunciar Sérgio Moro como membro do primeiro escalão de sua equipe. O lavajatista deixou a magistratura, chegou ao Governo Federal com o *status* de superministro, assumindo a fusão de duas pastas, Justiça e Segurança Pública. Mas o ministro apresentado como o representante da luta anticorrupção permaneceu na Esplanada dos Ministérios apenas até abril de 2020. Ele pediu demissão do cargo e foi

responsável por deflagrar uma crise na administração federal: Moro acusou o presidente de interferir politicamente na Polícia Federal.

Ao final do mandato, o Centrão, grupo composto por pequenos partidos, com caráter fisiológico, tornou-se o responsável por garantir sustentação à administração Bolsonaro. Estas siglas sempre configuraram a base de apoio do Executivo, já que os seus membros agem em busca de atender somente aos próprios interesses, gerando mecanismos que auxiliem na ampliação da influência do partido e na construção de condições que favoreçam à reeleição dos seus membros. Prova disso é que o Centrão esteve ao lado de todos os presidentes, desde a gestão de José Sarney (MDB).

As alianças entre o Governo e os partidos políticos tem o objetivo de garantir apoio no Congresso e de fortalecer o poder dos partidos, com a distribuição de cargos. Uma reportagem publicada pelo site *Brasil de Fato*, em maio de 2020, já indicava uma aproximação de Jair Bolsonaro com o Centrão¹¹. A retribuição ocorreu a partir da concessão de cargos no segundo escalão da administração federal. Por mais que um acordo com o Centrão tenha rendido um desgaste político ao Chefe do Executivo, juntos, os integrantes desses partidos foram os fiéis da balança na garantia de aprovação de projetos.

É importante ressaltar que, ao longo de sua trajetória política, Bolsonaro sempre fez parte do Centrão. Ou seja, o capitão da reserva sempre esteve filiado principalmente a partidos de pequena expressão, os chamados nanicos. Bolsonaro já integrou os quadros do PDC (Partido Democrata Cristão); do PPR (Partido Progressista Reformador); do PPB (Partido Progressista Brasileiro); do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro); do PFL (Partido da Frente Liberal); do PP (Partido Progressista) e do PSC (Partido Social Cristão).

Em maio de 2018, ele se filiou ao PSL (Partido Social Liberal) com o objetivo de concorrer à Presidência da República. O discurso bolsonarista foi responsável por um crescimento na representatividade do partido. Logo no início da gestão, ainda em 2019, Bolsonaro rompeu com o presidente do partido, Luciano Bivar. Durante boa parte do mandato, o capitão da reserva levantou a bandeira de criar o seu próprio partido e até articulou a concretização desta ideia, mas que não avançou. Em novembro de 2021, menos de um ano antes da disputa da reeleição, o presidente se filiou ao PL (Partido Liberal), de Valdemar Costa Neto.

¹¹ A informação completa está disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/29/por-que-bolsonaro-busca-alianca-com-centrao-grupo-que-considera-va-o-que-ha-de-pior>. Acesso em 29 de maio de 2020.

Em outubro de 2022, durante a análise da reta final do segundo turno da eleição presidencial, o cientista político Luís Felipe Miguel, professor titular da Universidade de Brasília (UnB), em entrevista ao *Brasil de Fato*, classificou aquele pleito como o mais importante da história do país. Durante a entrevista a Pedro Rafael Vilela, o docente classificou que a decisão em segundo turno entre Lula e Bolsonaro iria representar, também, a escolha entre a reconstrução da democracia ou o aprofundamento do autoritarismo. Miguel ainda mencionou que ao chegarem ao poder, inicialmente, os representantes da extrema direita dão início a um processo de desmonte das garantias democráticas. Esse movimento autoritário, na visão do analista, é intensificado em uma segunda gestão. Além disso, o professor apontou que a reeleição de Bolsonaro poderia representar um movimento ostensivo de quebra de direitos. Já que:

Bolsonaro está dando todos os sinais que esse é o projeto dele, chegando a falar em intervenção no Supremo Tribunal Federal (STF), ou seja, um ataque direto à independência dos poderes, um elemento básico da ordem política liberal. Então, sem dúvida nenhuma, o que a gente tem pela frente, caso Bolsonaro consiga se manter no poder, é um deslizamento para um regime abertamente autoritário. Ele não vai fazer anunciando que está fazendo isso, mas solapando as instituições por dentro, como ele já faz agora, mas num ritmo muito mais acelerado. (MIGUEL apud VILELA, 2022).

2.8. Bolsonaro e a gestão da pandemia

A pandemia de Covid-19 será lembrada como um dos momentos mais tristes da história recente do país. Em agosto de 2023, quando esta tese foi entregue, o país se aproximava dos 38 milhões de casos confirmados da doença, que já haviam resultado, segundo dados oficiais do Ministério da Saúde, em mais de 700 mil mortes. Também em agosto de 2023, o Ministério da Saúde e as Secretarias Estaduais de Saúde davam início à notificação de uma nova subvariante do SARS-CoV-2 da cepa Ômicron, a EG.5, após a detecção de um caso em São Paulo. A indicação, naquele momento, era de que a cepa, que já era circulante no mundo, poderia resultar em um aumento significativo de casos.

Segundo registros oficiais da Organização Mundial da Saúde, divulgados em maio de 2023, até aquele momento, cerca de 7 milhões de pessoas haviam morrido em decorrência de complicações da Covid-19 em todo o mundo. Cerca de 10% desses óbitos foram confirmados apenas no Brasil. Naquele momento, o país ocupava a segunda posição entre os países que mais registraram mortes pela doença em números absolutos, com pouco mais de 700 mil. O primeiro lugar era ocupado pelos Estados Unidos com mais de 1,1 milhão de falecimentos.

Quanto às confirmações da doença, o planeta havia contabilizado, até o início de maio, mais de 765, 2 milhões de casos. Cerca de 5% destes foram registrados no Brasil, que já havia cruzado a barreira dos 37 milhões de casos. Naquele momento, o país era o sexto com mais infecções por Covid-19 confirmadas, atrás apenas dos Estados Unidos, China, Índia, França e Alemanha.

Por mais que os números da pandemia de Covid-19 sejam assustadores, analistas apontam um cenário de subnotificação em todo mundo. O jornalista Leon Ferrari, em matéria assinada no site do *Estadão*, indica que cientistas avaliam que o total de mortes em todo o mundo pelo coronavírus seja de 20 milhões de pessoas. Além de representar, em seu ponto mais alto, uma sobrecarga no sistema de saúde, em virtude da alta disseminação da doença e do agravamento de pacientes, a Covid-19 dificultou o diagnóstico e o atendimento adequado de outras enfermidades.

Apenas em um caráter ilustrativo dessa afirmação, em abril de 2023, um estudo realizado pela Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), que foi publicado no *International Journal Public Health (IJPH)*, apontou um crescimento de 26% nos diagnósticos de câncer de mama em estágios avançados durante o período mais severo da crise sanitária. O mapeamento realizado pelos cientistas considerou dados de 2013 a 2019 e 2020 a 2021 e diz respeito aos estágios III e IV da doença. Quando constatados nessas fases, os tumores, geralmente, já estão maiores e em quadro de metástase. Com o diagnóstico tardio, a chance de cura é reduzida significativamente.

Em entrevista concedida à *Revista Veja* para tratar do tema, o mastologista Ruffo Freitas-Junior, que é assessor especial da SBM e um dos autores do estudo, ressaltou que a comunidade científica esperava por uma aumento nos diagnósticos de câncer de mama em razão da pandemia, mas em um período médio de cinco anos. O especialista ressaltou que o aumento significativo na descoberta de quadros mais graves da doença está relacionado à redução no número de mamografias. A reportagem assinada por Fabiana Schiavon apresenta números: entre 2019 e 2020, houve uma queda de 40% na realização do exame diagnóstico por mulheres com idade entre 50 e 69 anos, que representa a faixa etária mais propensa ao desenvolvimento do carcinoma.

Ainda quanto aos impactos da pandemia de Covid-19 no Brasil, um estudo realizado por pesquisadores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), publicado em maio de 2020, na revista *PLOS Global Public Health*, mensura 18% de subnotificação no número de mortos por complicações da doença. O levantamento foi realizado a partir do cruzamento de dados, levando em consideração prontuários médicos,

dados sobre a mortalidade, resultados de exames e informações dos pacientes. Para o desenvolvimento do estudo, foram analisados 1.365 óbitos registrados entre fevereiro e junho de 2020 em Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e Natal (RN). Os resultados do levantamento indicaram que os laudos desses pacientes apresentaram, em sua maioria, causas da morte mal definidas, quadros de sepse ou outros problemas respiratórios. A indicação é que muitos desses brasileiros morreram antes mesmo dos exames diagnósticos ficarem prontos. Além disso, as patologias indicadas pelos médicos na certidão de óbito diziam respeito a quadros intermediários e não o determinante para o falecimento do paciente.

A gestão da pandemia no Brasil foi politizada a partir de uma guerra de versões impulsionada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, que apresentava o seu negacionismo como alternativa ao trabalho dos cientistas. Apesar disso, dados do final de dezembro de 2021 divulgados pelo Ministério da Saúde, indicavam que 80% da população brasileira, mais de 177 milhões de pessoas, estava imunizada com o esquema completo, composto por duas doses. No entanto, a adesão aos imunizantes foi caindo com o passar do tempo entre todas as faixas etárias. Apenas 13% dos adultos, de acordo com números do Ministério da Saúde, haviam recebido a vacina bivalente até julho de 2023. O imunizante que conta com cepas atualizadas contra o coronavírus, sendo eficiente também contra a variante Ômicron, foi disponibilizado em fevereiro de 2023, inicialmente para grupos prioritários.

Em uma tentativa de retomar a confiabilidade dos brasileiros nas vacinas e ampliar a cobertura vacinal, que está em queda desde 2015, o presidente Lula foi vacinado com a dose bivalente no lançamento do Movimento Nacional pela Vacinação. O petista estava acompanhado por Zé Gotinha, personagem criado ainda em meados dos anos 1980 para as campanhas de vacinação contra a poliomielite; pela esposa Rosângela Silva e pela ministra da Saúde, Nísia Trindade. A vacina foi aplicada em Lula pelo vice-presidente Geraldo Alckmin, que é médico.

Outros dados disponibilizados pela pasta ratificam o atual cenário de desinteresse dos brasileiros pelas vacinas: até agosto de 2023, apenas 11,4% das crianças de seis meses a cinco anos estavam vacinadas com duas doses contra a Covid-19; entre 2021 e 2023, o Governo Federal desperdiçou quase 39 milhões de doses de vacinas contra o coronavírus. Os imunizantes perderam a validade, o que representou um prejuízo financeiro de R\$2 bilhões.

Mas seria possível, de repente, que uma aderência ao discurso bolsonarista impactasse na adoção de medidas de controle ao novo coronavírus? O Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (Ieps), por meio de uma nota técnica publicada em março de 2021, indicou que o apoio ao presidente foi um fator relevante para explicar a aceleração no número de mortos

pela Covid-19¹². Uma resposta semelhante foi divulgada pelos pesquisadores do *Social Science Research Network*. A partir da análise de dados da pandemia nos municípios brasileiros, o levantamento apontou que em locais em que Bolsonaro foi o candidato mais votado em 2018, o risco de contrair a doença era 299% superior. Nestas mesmas localidades, os pacientes contaminados com Covid-19 tinham 415% mais risco de morrer em virtude de complicações da doença. Estes dados foram publicados em maio de 2021.

Seguindo nesta mesma linha, em março de 2022, o *Correio Braziliense* apontou que as cidades que mais votaram em Bolsonaro em 2018, tiveram um número maior de mortos pelo coronavírus em comparação a municípios que optaram por Fernando Haddad. De acordo com dados de um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fiocruz, publicado na revista internacional *Lancet para as Américas*, em cidades com um perfil mais bolsonarista, o risco de morte era 44% superior aos municípios que não se alinharam à política do militar da reserva. Os pesquisadores levaram em consideração dados de 5.570 cidades brasileiras, realizando as comparações em localidades com condições sanitárias semelhantes. O estudo constatou que um índice de mortos inferior na região Nordeste em comparação ao Sul e ao Sudeste, por exemplo¹³.

Neste aspecto, também é importante citar um levantamento realizado pela equipe de *O Globo*, apenas entre 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde declarou a pandemia de Covid-19, e junho de 2021, o ex-presidente Bolsonaro tinha participado de, pelo menos, 84 aglomerações. Segundo a publicação, apesar das orientações contrárias às concentrações em virtude dos riscos de disseminação do novo coronavírus, na prática, Bolsonaro participou de um agrupamento a cada 5,3 dias, quando a crise sanitária estava em seu período mais crítico. Em algumas ocasiões, o político participou de mais de um evento no mesmo dia. Ainda de acordo com as informações divulgadas pelo site, que não considerou eventos oficiais, como solenidades com autoridades, nas aglomerações registradas em atos na capital federal e durante 70 viagens, em apenas três ocasiões Bolsonaro fez uso de máscara de contenção.

Em abril de 2020, o tradicional jornal norte-americano *The Washington Post* elegeu o então presidente Jair Bolsonaro como o pior líder mundial na gestão da pandemia do novo

¹² O documento está integralmente disponível em: https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2021/03/IEPS_NT17.pdf. Acesso em junho de 2022.

¹³ A reportagem completa - Mortalidade por covid-19 dobrou em cidades bolsonaristas, mostra estudo, está disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/03/4993562-mortalidade-pela-covid-19-dobrou-em-cidades-bolsonaristas-mostra-estudo.html>. Acesso em junho de 2022.

coronavírus. Desde o registro dos primeiros casos no país, o presidente tem assumido uma postura negacionista e confrontado as recomendações sanitárias emitidas por órgãos internacionais e pelo próprio Ministério da Saúde. Além de classificar a pandemia como uma “gripezinha” (em 20 de março de 2020) e indicar que por possuir um “histórico de atleta” (24 de março de 2020) estaria livre de um possível agravamento em caso de contaminação pelo novo coronavírus, quando questionado sobre o aumento no número de vítimas fatais pela Covid-19, Bolsonaro deu respostas como: “eu não sou coveiro” (20 de abril de 2020) e “eu sou Messias, mas não faço milagre” (28 de abril de 2020)¹⁴.

Em janeiro de 2021, após o primeiro ano da pandemia de Covid-19, o centro de estudos australiano *Lowy Institute* classificou o Brasil como o pior país no enfrentamento da crise de saúde pública. As críticas também foram direcionadas a Jair Bolsonaro. Esta não foi a primeira avaliação negativa recebida pelo país desde a confirmação dos primeiros casos do novo coronavírus. Em abril de 2020, o jornal norte-americano *The Washington Post* apontou o presidente brasileiro como o pior líder mundial na gestão da pandemia.

O mau desempenho de Bolsonaro também pode ser percebido entre os países vizinhos. Segundo uma pesquisa realizada pelo *Instituto Ipsos*, em julho de 2021, com 380 formadores de opinião de 14 nações latino-americanas, o brasileiro ocupava a penúltima posição quanto à eficiência no combate ao novo coronavírus, superando apenas o presidente venezuelano Nicolás Maduro. A reprovação do brasileiro ficou em 85% contra 90% de Maduro. Ao opinarem sobre a situação no Brasil, os analistas levaram em consideração aspectos que estavam em destaque naquele momento, como problemas quanto à compra e aplicação de vacinas e outros que permaneceram, entre eles, a disseminação de informação falsa relacionada à pandemia.

Sandra Caponi (2020) relembra que o discurso negacionista é uma marca de Bolsonaro e já estava presente na campanha eleitoral de 2018. Em um cenário marcado pela disseminação do novo coronavírus, a postura do ex-presidente entrou em confronto frequente com as recomendações de médicos, cientistas e órgãos da área da saúde. Neste aspecto, a autora ressalta o incentivo público ao uso de medicações sem eficácia para o combate à Covid-19. Diante desta contestação, vale alguns demonstrativos: o repórter André Shalders, da *BBC Brasil*, em 21 de janeiro de 2021, informou que os gastos do Governo Federal com a compra de medicamentos ineficazes para o tratamento da Covid-19 (tais como a cloroquina, a

¹⁴ Até junho de 2021, o ex-presidente já havia sido multado pelo menos duas vezes pelo Governo de São Paulo por descumprimento da determinação estadual que obriga o uso de proteção facial em espaços públicos. Um pouco antes disso, o presidente foi intimado pela Superintendência de Vigilância Sanitária do Maranhão (Suvisa), por provocar aglomerações durante passagem pelo estado e por não usar máscara de contenção.

hidroxicloroquina, o Tamiflu, a ivermectina, a azitromicina e a nitazoxanida), se aproximavam dos R\$ 90 milhões.

Especialistas consideram que a postura de Bolsonaro teve influência sobre a conduta de uma parcela da população. Dados do Conselho Federal de Farmácia (CEF) indicam que a ivermectina, ineficaz para o tratamento contra a Covid-19, registrou alta de 557% nas unidades vendidas entre 2019 e 2020. A comercialização da hidroxicloroquina registrou alta de 113% no mesmo período. Já a revista científica *Science* publicou, em abril de 2021, um estudo que indicava que o governo brasileiro cometeu graves erros na gestão da pandemia. Entre os pontos classificados como equivocados, foram listados a falta de coordenação nacional no enfrentamento à doença, bem como a promoção da cloroquina como uma possibilidade de tratamento.

A partir de uma postura negacionista de Jair Bolsonaro, medidas como o uso de máscaras e o distanciamento social, bem como a eficácia das vacinas tornaram-se alvo de politização. Em várias ocasiões, o ex-presidente questionou o uso de máscaras. Bolsonaro chegou a tirar a proteção de crianças em eventos públicos, mesmo diante da recomendação do uso para a faixa etária em questão. A partir de um levantamento realizado a partir de imagens oficiais do Palácio do Planalto disponibilizadas na plataforma *Flickr*, o jornal *O Estado de S. Paulo* destacou que Bolsonaro não usou máscara em 7 de cada 10 eventos oficiais aos quais compareceu. O levantamento considerou 459 situações públicas às quais o então presidente esteve presente, entre 10 de março de 2020 e 31 de maio de 2021. Além disso, neste mesmo intervalo, Bolsonaro provocou 99 aglomerações em 76 cidades.

Por mais que o Brasil seja mundialmente reconhecido como referência em vacinação, a imunização contra o novo coronavírus avançou em uma velocidade inferior à capacidade do Sistema Único de Saúde (SUS). Em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), o infectologista Pedro Hallal, destacou que o atraso do Governo Federal nas negociações com a farmacêutica *Pfizer*, para a compra de imunizantes, e com o Instituto Butantan para a aquisição de doses da *Coronavac*, vacina desenvolvida em parceria com a biofarmacêutica chinesa *Sinovac*, resultou em 95,5 mil óbitos. Entretanto, outras pesquisas destacam que o cenário pode ser ainda pior, com cerca de 145 mil mortes especificamente pela falta de aquisição de vacinas.

A primeira dose da vacina contra o novo coronavírus foi aplicada em São Paulo, em 17 de janeiro de 2021; nesta data, pelo menos 50 países já haviam iniciado a imunização. Em agosto do mesmo ano, um estudo divulgado pela Fiocruz apontou que o número de mortes no primeiro ano da pandemia no Brasil foi 18,2% superior ao que havia sido divulgado

anteriormente. O estudo destaca que o número de óbitos chegou a 230.452 em 2020. O coordenador da pesquisa, Cristiano Boccolini, ressaltou que a diferença entre os dados foi motivada por dois fatores: demora no registro de óbitos e também em virtude da reclassificação das causas de morte de alguns pacientes.

Não é exagero inferir que a política de vacinação inicialmente lenta e desorganizada do Governo Federal esteja entre as causas para a permanência dos indicadores negativos da Covid-19 também em 2021, quando foram registradas 412.880 mortes em virtude da síndrome respiratória. Especialistas destacam que apenas no segundo semestre foi possível perceber os efeitos das vacinas nos indicadores epidemiológicos, quando mais brasileiros foram imunizados.

Seguindo esta argumentação, vale destacar uma pesquisa desenvolvida em Londrina, cidade com população de 555.937 habitantes (Censo, 2020). localizada na região norte do Paraná, que apontou que 75% dos óbitos por Covid-19 entre janeiro e outubro de 2021 foram registrados em pacientes não imunizados. O artigo *The impact of COVID-19 vaccination on case fatality rates in a city in Southern Brazil* foi publicado no *American Journal of Infection Control* em fevereiro de 2022. O estudo também demonstrou que a vacinação foi eficaz em todas as faixas etárias, inclusive em idosos com mais de 80 anos. A pesquisa ainda indicou que entre os indivíduos com menos de 60 anos não vacinados, os riscos de morte em decorrência de Covid-19 foram 83 vezes maiores em comparação aos vacinados.

A condução do Ministério da Saúde, após trocas no comando e a conduta pessoal do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) se distanciou das orientações apresentadas pelos cientistas e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Além de dificultar a assinatura de contratos com farmacêuticas para a compra dos medicamentos, como foi apontado pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) realizada no Senado, o ex-presidente fez várias declarações públicas com a finalidade de desqualificar o imunizante. Desde o início da pandemia, Bolsonaro auxiliou na propagação de conteúdo desinformativo. Entre as ações negacionistas praticadas pelo presidente, pode-se listar: veiculação de notícias falsas quanto à eficácia das vacinas; tentativas de interferir nas decisões da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa); afirmações públicas frequentes de que não seria vacinado; descumprimento às medidas de enfrentamento ao coronavírus e presença frequentes em aglomerações.

2.9. Jair Bolsonaro, a midiaticização da política e os erros da imprensa

O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o seu aliado brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, se valeram, ao longo dos respectivos mandatos, de uma prática sistêmica: estabelecer uma comunicação direta com os eleitores pelas redes sociais. Avalia-se que este processo possa ser compreendido ao menos de duas formas: como um meio para garantir a manutenção da base aliada e como uma alternativa ao jornalismo profissional. Essa segunda questão pode resultar em um movimento que confunde um público mais amplo e que, não necessariamente, integra o grupo de apoiadores destes agentes, mas que não tem o hábito de se informar a partir do jornalismo. Ao destacar a estratégia trumpista, que foi replicada no Brasil por Bolsonaro, Kakutani (2018) cita os esforços do político republicano para desacreditar a imprensa tradicional. Os dois movimentos ocorrem de forma simultânea. A citação a seguir faz referência a Donald Trump, mas pode, facilmente, ser atribuída a Jair Bolsonaro:

Ao mesmo tempo, compreendeu instintivamente que esse novo cenário governado pela internet e a crescente ignorância de alguns eleitores tornavam mais fácil do que nunca influenciar seus medos e ressentimentos ao promover narrativas virais e convincentes que servem de base para realidades alternativas. Trump [ou Bolsonaro] também aumentou os seus esforços para desacreditar o jornalismo, taxar matérias como fake news e atacar os repórteres, classificando-os de ‘inimigos do povo’ – um termo arrepiante usado outrora por Lênin e Stálin.” (KAKUTANI, 2018, p. 98)

Canais que anteriormente eram destinados a uma comunicação informal, tornaram-se, em certa medida, meios oficiais do Governo. Pelas redes sociais, políticos criticam adversários, deixam claras as suas preferências e preconceitos quanto a assuntos variados, tomam posição em temas que alcançaram relevância, fazem as dancinhas do momento, mas também utilizam deste espaço, até, pouco tempo antes, mais vinculado ao entretenimento, para anunciar a sua conduta política. Gestores públicos, em linhas gerais, anunciam em suas contas pessoais no *Twitter* (X) investimentos estatais, distribuições de recursos, posicionamento quanto a projetos em tramitação no Congresso e decisões de Estado.

Nos casos específicos de Trump e Bolsonaro, os mesmos canais que fazem parte de estruturas hierarquizadas para a distribuição de desinformação, pautam os principais veículos de comunicação nacionais. Na prática, tal movimento reduz a efetividade de uma equipe de assessoria de comunicação e, por extensão, pode confundir uma parcela do público quanto à diferença entre informações verdadeiras e falsas. Este foi um recurso utilizado por Bolsonaro ao longo de todo o mandato. No ambiente virtual, ele se valeu de publicações no *Twitter* e de *lives* realizadas às quintas-feiras para inflamar os seus apoiadores, ao passo que, também anunciava decretos presidenciais e decisões da equipe econômica. E no mundo real -

entenda-se, neste caso, como sinônimo de concreto ou palpável - ele segue com a política de descredibilizar o jornalismo profissional. Para além de declarações difamatórias, disseminação de informações falsas e posicionamentos machistas contra jornalistas, Bolsonaro optou pelo cercadinho no Palácio do Alvorada.

Diante deste contexto, é possível considerar que tanto Donald Trump quanto Jair Bolsonaro sejam o resultado - ou de repente, estejam estabelecidos - em um contexto de mediatização da política. Não que a política, enquanto assunto, já não tivesse protagonismo nos meios de comunicação, mas estes líderes populistas de extrema direita inauguraram uma nova forma de fazer política. Eles buscam, e têm alcançado um processo de comunicação efetivo que não passa pelos veículos tradicionais, algo que pode ser classificado como a emancipação da lógica da comunicação de massa. Seguindo nesta reflexão, Pedro Gilberto Gomes (2020, p. 60) considera que, no momento atual não estamos mais diante do uso das mídias digitais para a transmissão da mensagem, mas

[...] o que o desenvolvimento das mídias digitais está criando é uma nova ambiência, que, por sua vez, dá lugar a um novo modo de ser no mundo. A consequência disso é que, em lugar de estarmos assistindo ao fim da mediatização, estamos apenas no limiar do seu pleno desenvolvimento. Que sociedade nascerá? Que modo de viver se estabelecerá? Isso somente o tempo e sua evolução dirão.

Ao fazer das redes sociais digitais um espaço para o contato direto com os eleitores, Trump e Bolsonaro deram mais um passo em uma tentativa de personalização de atos e decisões de Estado. Pensar a inserção destes políticos no contexto da mediatização alude à busca pela visibilidade estabelecida pelo próprio agente, estimulando somente assuntos que sejam de seu interesse. Mais do que, simplesmente, a constatação de que “[...] os campos sociais se relacionam entre si e são afetados e afetam os meios de comunicação, nos seus diversos dispositivos” (GOMES, 2020, p. 57), mas passa pelo deslocamento do discurso político para o espaço digital.

Este cenário de ataque à credibilidade da imprensa tradicional e de descrença na Ciência está inserido em um contexto no qual “a verdade cada vez mais parece estar nos olhos de quem vê, os fatos são intercambiáveis e socialmente construídos e, com frequência, nos sentimos transportados para um mundo invertido, onde as premissas e posições em vigor há décadas foram substituídas de repente pelo seu contrário.”. (KAKUTANI, 2018, p. 51-52). Além disso, analisar materiais relativos à pandemia de Covid-19 indiretamente também aponta para a ação do próprio Jair Bolsonaro no que diz respeito aos ataques aos jornalistas e

aos meios de comunicação. O presidente, a partir da pandemia, construiu uma guerra de versões com a imprensa. lago

Miguel Lago (2022, p. 41) indica que a internet é, a partir das redes sociais, um espaço que lança todos os usuários como um perfil, “com uma identidade própria, capaz de angariar seguidores, e com a possibilidade de ter à sua disposição uma coluna de opinião.” Tal interpretação é interessante para entender uma leitura que está tornando-se cada vez mais efetiva no ambiente virtual: a concepção que iguala todas as leituras no campo da opinião. Esta pressuposição coloca, em tese, no mesmo patamar a visão de um leigo e de um especialista sobre determinado assunto. O movimento é duplo: ao passo que considera qualquer versão apresentada na rede como válida, ainda que seja absurda, retira a autenticidade e a veracidade de estudos científicos, por exemplo. Ao ser questionado quanto à autenticidade do que acabou de mencionar, a resposta genérica passa a ser algo semelhante a “esta é a minha opinião.”

Lago (2022, p. 42) pondera que o ex-presidente “é ao mesmo tempo o grande beneficiário e o grande incentivador do império da opinião.” O autor reforça que Bolsonaro, enquanto agente político, se valeu desta lógica e conseguiu estabelecer esta interpretação no Brasil, no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Diante de um confronto direto com a Ciência, o ex-militar deu início a uma queda de braço com Estados, Municípios, instituições de pesquisa, o Congresso e, por fim, com o Judiciário. A ação do ex-presidente influenciou o debate quanto à eficácia das vacinas. De tal modo que:

Entre julho de 2020 e março de 2021, pelo menos 26 revisões sistemáticas publicadas em revistas científicas 'padrão-ouro' mostraram que a cloroquina e a hidroxiclороquina são ineficazes contra a Covid-19. As evidências científicas abundantes levaram a OMS a emitir uma nota no dia 1º de maio de 2021 solicitando que países não usassem esses fármacos no tratamento da doença. O governo federal não apenas estimulou o uso como fez vultosas compras e distribuição deles. Contra as evidências, recorreu a relatos de médicos de consultório privado e a ensaios clínicos sem nenhuma relevância estatística, e usou a máquina do Ministério da Saúde. Nos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia, instalada em maio de 2021, ficou clara a intenção do governo de usar a CPI não para se defender, mas para tirar proveito dessa audiência de modo a desacreditar a ciência, tornando-a apenas mais uma opinião. Ao longo das primeiras oito semanas, as falas dos senadores governistas Luis Carlos Heinze (Progressistas-RS), Marcos Rogério (Democratas-RO) e Eduardo Girão (Podemos-CE) se utilizaram da comissão para promover um simulacro alternativo à ciência, para mostrar que a questão da cloroquina ainda estava em debate que 'existiam dois lados', que haveria 'especialistas que defendem, outros que rejeitam'. Chegaram ao cúmulo de conseguir que a CPI convidasse dois 'especialistas' para rebater o uso do medicamento e dois 'especialistas' para defendê-lo. Nada é mais sintomático de que algo é do registro da opinião que escutar os dois lados de maneira equânime, como se se tratasse de um julgamento subjetivo, e não de uma análise objetiva. Enquanto os senadores da oposição tentaram usar a CPI para incriminar o presidente, os governistas souberam escapar de uma defesa estéril do mandatário e se aproveitaram de maneira

inteligente do espaço para aprofundar o império da opinião e abolir de uma vez a figura de autoridade da 'ciência'. (LAGO, 2022, p. 44-45).

A jornalista Patrícia Campos Mello (2020), uma das profissionais mais atacadas por milícias digitais bolsonaristas e que obteve na Justiça uma vitória contra o presidente, problematiza o fato de a imprensa dar ampla visibilidade “a qualquer declaração vergonhosa e chocante que esses políticos populistas fazem” (CAMPOS MELLO, 2020, p. 164). Algumas ações são intencionalmente pensadas para despertar o interesse a partir de uma estética memética (que se aproxima do meme) e, assim, ganhar replicação e alcançar cliques. Hoje não é possível cravar qual tipo de conteúdo as pessoas procuram na internet. as respostas são as mais diversas. Se nos veículos tradicionais, como rádio, televisão e formatos impressos, há uma concentração midiática reconhecida no que diz respeito à propriedade empresarial e, por consequência, no discurso dos meios; *na internet*, a multiplicidade de emissores revela uma gama significativa de nichos comunicativos e uma diversidade maior de dizeres. Este aspecto é extremamente positivo no que diz respeito à pluralidade e à representatividade. No entanto, esta também é uma ferramenta essencial para a veiculação de conteúdo desinformativo.

Para Campos Mello (2020), o primeiro erro da imprensa no que diz respeito à cobertura da conduta dos políticos no ambiente virtual seria o de estabelecer uma relação de equivalência em casos em que esta condição não existe. A partir de uma interpretação própria do que foi proposto pela jornalista, segue uma exemplificação. Em um cenário no qual se contrapõe um cientista - que, a partir de dados e pesquisas, defende a eficácia de vacinas - a um negacionista - que insiste em tratamento precoce contra a Covid-19, apesar disso já ter sido apontado como ineficaz em estudos realizados por distintas instituições - a imprensa não deve tratar os dois lados da mesma forma.

Permitir um diálogo entre estes dois discursos, coloca a Ciência e a teoria da conspiração em equilíbrio, o que resulta em desinformação. Aqui não se confrontam duas versões da mesma história, mas uma relação entre um método de pesquisa e a demagogia política. Este pretenso equilíbrio de narrativas é falho e pode confundir quem recebe este conteúdo. A ação de ouvir os dois lados desconsidera a discrepância entre os polos. Enquanto o primeiro lado é direcionado a partir da aplicação de métodos e a elaboração de pesquisas, o segundo está estabelecido no dogmatismo. Uma conduta edificada em dogmas não permite contestação: se exerce a partir de aspectos valorativos, possivelmente inverificáveis e classificados como infalíveis e sistemáticos.

Constatada esta primeira falha, a segunda aponta que:

É frequente críticos apontarem que parte da culpa pela eleição de Trump foi da imprensa americana, que cobriu cada declaração mentirosa ou ofensiva do candidato e deu destaque a seus tuítes. No Brasil, estaríamos cometendo o mesmo erro ao repercutir todas as falas de Bolsonaro.

Muitos dizem que nós, jornalistas, deveríamos não mais noticiar os comentários inadmissíveis desses líderes no Twitter, ou as ofensas que nos fazem em suas entrevistas. Afinal, isso é tudo o que eles querem: que a mídia tradicional reverbere e dê um verniz de legitimidade a esses disparates, e assim o governante continue em evidência, para além de sua bolha de fanáticos. Mas aí temos um dilema. Como esses líderes governam pelo Twitter e suas declarações impulsivas podem se transformar em leis e decretos, não podemos deixar passar despercebido. (CAMPOS MELLO, 2020, p. 164).

A jornalista indica que acompanhar as redes sociais dos políticos tornou-se uma necessidade. Além dos anúncios que são publicados em meio a conteúdos aleatórios, Patrícia Campos Mello explica que o conteúdo intencionalmente falso é importante porque pode indicar qual é a estratégia daquele agente político. Mas para apresentar esses dados como um conteúdo confiável, é necessário pesquisa e checagem.

2.10. CPI da Covid-19

Avritzer (2020, p.11) avalia que Jair Bolsonaro tentou apostar todas as suas fichas na negação da pandemia, o que resultou em uma série de confrontos com as mais distintas instâncias e, por decorrência, uma crise política. No entanto, o cientista político ressalta que “Pela primeira vez desde 2018, porém, ele não conseguiu tornar hegemônica a sua concepção de antigovernabilidade e antipolítica. Diante do fracasso, resolveu dobrar a aposta: passou a radicalizá-la, tornando-a uma estratégia pública antivida.” Provavelmente, foi na Comissão Parlamentar de Inquérito, conduzida pelo Senado, com o objetivo de investigar as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da crise sanitária e o colapso da saúde no estado do Amazonas no início de 2021, que a política negacionista da gestão Bolsonaro mais foi debatida.

Pelo tom adotado por ambos os lados que compunham a CPI, os trabalhos assumiram contornos de enfrentamento ao presidente e aos seus aliados. Tal postura era perceptível, por exemplo, com a presença do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) em momentos julgados como desfavoráveis para o seu pai. Analistas de política destacavam que a participação do 01 se destinava a favorecer o depoente, como na ocasião em que o colegiado recebeu o ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello. Ou para desviar o foco dos trabalhos, a partir de discussões com Omar Aziz (PSD-AM), Randolfe Rodrigues (Rede-AP) e Renan Calheiros, que desempenhavam, respectivamente, as funções de presidente, vice-presidente e relator do

colegiado. Flávio Bolsonaro passou a integrar oficialmente a CPI, como suplente, apenas no final de julho de 2021, quando o senador Ciro Nogueira (PP-PI) assumiu o ministério da Casa Civil. Com a alteração na gestão federal, Flávio tornou-se suplente da comissão, assumindo a vaga de Luis Carlos Heinze (PP-RS) que passou a ser titular do colegiado.

Lago (2022) considera que o Governo Federal não avaliou a CPI como uma possibilidade de se defender contra as acusações de políticos da oposição e, até mesmo de antigos aliados, quanto à gestão da pandemia, mas para reforçar um tom de suspeição quanto às informações apresentadas por especialistas. Além de Flávio Bolsonaro, a tropa de choque do presidente na CPI da Covid-19 era composta pelos senadores Marcos Rogério (DEM-RO), Luis Carlos Heinze (PP-RS), Jorginho Mello (PL-SC), Eduardo Girão (Podemos-CE), Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), Ciro Nogueira (PP-PI) e Marcos do Val (Podemos-ES). O autor cita que o governo federal, durante a fase mais aguda da crise sanitária, incentivou o uso de medicações sem eficácia comprovada, a partir de gastos públicos para a compra destas composições. Além disso,

O governo federal não apenas estimulou o uso como fez vultuosas compras e distribuição deles. Contra as evidências, recorreu a relatos de médicos de consultório privado e a ensaios clínicos sem nenhuma relevância estatística, e usou a máquina do Ministério da Saúde. Nos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia, instalada em maio de 2021, ficou clara a intenção do governo de usar a CPI não para se defender, mas para tirar proveito dessa audiência de modo a desacreditar a ciência, tornando-a apenas mais uma opinião. (LAGO, 2022, p. 44-45)

A pandemia de Covid-19 voltará a ser abordada nos próximos capítulos dessa tese, quando o *Sensacionalista* será analisado. Este processo será organizado de duas formas: a partir de Bakhtin e do conceito de carnavalização para compreender o funcionamento do formato comunicativo e, posteriormente, com base em Charaudeau e em elementos da análise do discurso para verificar efeitos de sentidos quanto à pandemia de Covid-19, bem como a forma como o então presidente Jair Bolsonaro foi representado.

3. HUMOR: ASPECTOS COLETIVOS, PRÁTICAS SOCIAIS E CRÍTICA POLÍTICA

O humor e suas inúmeras manifestações¹⁵ têm se destacado, ao longo dos séculos, como um objeto de pesquisa importante para diferentes áreas do conhecimento. Verena Alberti (2011) pondera que a reflexão mais antiga sobre o riso a qual temos registro consta nos escritos de Platão, em um trecho do diálogo *Filebo*, protagonizado por Sócrates, Protarco e o próprio Filebo. Nesta interação, destinada a discutir os aspectos do prazer – e não necessariamente a comédia – o riso e o risível são classificados como expressões negativas. Os filósofos clássicos gregos consideravam que a arte tinha apenas uma função representativa. Desta forma, era vista como imitação ou mimese. A pintura representava a natureza e a tragédia a ação humana. Neste pressuposto, a comédia assumia um aspecto menor, já que não possuía um caráter catártico.

O risível, neste contexto, era apontado como um vício, ligado ao desconhecimento, o que seria uma afronta à recomendação do oráculo de Delfos¹⁶. Com base em *Filebo*, seriam alvos do riso alguém que, por não se conhecer profundamente, é descrito como “o *fraco* que se imagina mais sábio, mais belo, mais rico ou mais virtuoso do que efetivamente é.” (ALBERTI, 2011, p. 42). Por outro lado, Sócrates destaca, em um segundo argumento, que aquele que ri, age por inveja. Desta forma:

Este é o tom da principal passagem examinada: a condenação moral tanto do risível quanto daquele que ri. Ela ressalta da intersecção das duas espécies de pessoas de que se trata o texto: os fracos (o objeto do riso) e os amigos (o sujeito do riso, que

¹⁵ Entendemos como manifestações do humor: o riso, a ironia, a paródia e a sátira etc..

¹⁶ A recomendação do oráculo de Delfos é “conhece-te a ti mesmo”.

experimental, em relação ao objeto do riso, o ‘erro’ da inveja. (ALBERTI, 2011, p. 42-43).

Aristóteles, discípulo de Platão, também destaca o caráter inferior da comédia em comparação à tragédia. Em *Poética*, o filósofo fez uso de cinco adjetivos para se referir à comédia. Na tradução de Paulo Pinheiro¹⁷, os termos foram descritos como “homens inferiores”, “vício”, “feio”, “erro” e “vergonha”¹⁸. É importante ressaltar que o riso não é uma problemática predominante nos escritos de Aristóteles. Seguindo este pressuposto, “Poder-se-ia dizer que o cômico é um determinado erro e uma vergonha que não causam dor e destruição”. (ARISTÓTELES, 2017, p.67). A comédia é descrita, inicialmente, como a “mimese de homens inferiores” (ARISTÓTELES, 2017). Se o caráter mimético está ligado à imitação, a comédia pode ser entendida como a cópia de algo menor, o que, por definição, expressa uma classificação negativa. Por outro lado, cabe a Aristóteles “a definição do riso como uma especificidade humana. O homem é o único animal que ri”. (ALBERTI, 2011, p. 45). Esta proposição influenciou inúmeros trabalhos posteriores e ainda pode ser encontrada em escritos mais contemporâneos sobre o humor.

Henri Bergson (2018, p.38) reconhece a veracidade da proposição aristotélica, mas pondera que poderíamos ter sido definidos não apenas como a espécie que pode rir, mas como a única que é capaz de provocar o riso, ocupando as duas pontas desta relação. Para o autor, o riso sempre está relacionado à capacidade humana. Nesta exemplificação, Bergson sugere que é possível rir de um chapéu, mas a graça não será, necessariamente, resultante do pedaço de feltro utilizado, mas do formato escolhido, o que é uma decisão /ação humana. Considerando que “se algum outro animal ou qualquer objeto inanimado chegam a tanto [fazer o outro rir] é por semelhança com o homem, pela marca que o homem neles imprime ou pelo uso que deles o homem faz.” É neste sentido que o filósofo francês indica que não há cômico fora do que é essencialmente humano.

O riso como o resultado de um movimento crítico e contestatório também é uma interpretação presente nos estudos de Vladimir Propp (1992, p. 40). Para o autor russo, apenas o homem ou aquilo que a ele remete pode ser entendido como ridículo. E para rir é necessário identificar esta dimensão. O humano é a origem e a motivação do riso. Ou seja: “O animal pode alegrar-se, regozijar-se, até mesmo manifestar sua alegria com bastante impetuosidade, mas ele não pode rir. Para rir é preciso saber ver o ridículo; em outros casos é preciso atribuir às ações algum valor moral (a comicidade da avareza, da covardia etc.).” Propp explica ainda

¹⁷ Segunda edição, lançada em 2017, pela Editora 34.

¹⁸ Estas expressões foram retiradas de uma nota de rodapé presente na página 67 de edição supracitada.

que para a compreensão do argumento cômico e de outras expressões tidas como ligadas ao humor, como os trocadilhos e a ambiguidade, é necessário uma operação, prescinde racionalidade, ação da qual os animais não são capazes.

A partir desta discussão do riso enquanto uma ação racional, com implicações ideológicas, encontramos em Elias Thomé Saliba (2017, p. 15) uma problemática central para o desenvolvimento desta análise: a relação entre humor e política. O teórico se propõe a entender, a partir da história cultural do humor, o que classifica como *pacto humorístico*. Para o pesquisador, este seria “o momento no qual o humor se descola um pouco da realidade e passa a ser produzido com a intenção explícita de gerar riso ou divertimento.” Neste pressuposto, o historiador recorre a estudos etnográficos desenvolvidos por Mary Douglas (1976) que indicaram que “o ato de contar piadas é, ele próprio, fundado em ritos, ou seja, a piada é, por natureza, um antirrito, pois proporciona um alívio das classificações e hierarquias sociais, relaxamento de fronteiras e, no limite, uma suspensão temporária da estrutura social: ‘Se você não pode mais golpeá-los com um enorme facão, acerte-os com uma piada!’ (DOUGLAS, 1975, p. 82-84).

A construção teórica de Saliba (2017) almeja entender qual relação o humor estabelece com a esfera pública. Em suma, ele reconhece que cada época conta com uma definição própria quanto ao cômico e à sua relação com a cultura. Em linhas gerais, o historiador indica que a relação entre a cultura cômica e a cultura política resultam em dois movimentos contraditórios:

No primeiro, a cultura cômica, sendo cúmplice do divertimento coletivo, incrementou o papel subversivo do riso e da sátira na crítica aos privilégios e ao poder estabelecido. No segundo - mais difícil de sondar, mas não menos importante - a cultura cômica foi rejeitada por atentar contra os princípios de uma cultura civilizada: neste caso, são visíveis, já nos escritos dos moralistas do século XVII, a condenação do riso por atentar contra os padrões de decoro e autocontrole, inibindo assim o processo civilizador. (SALIBA, 2017, p. 28).

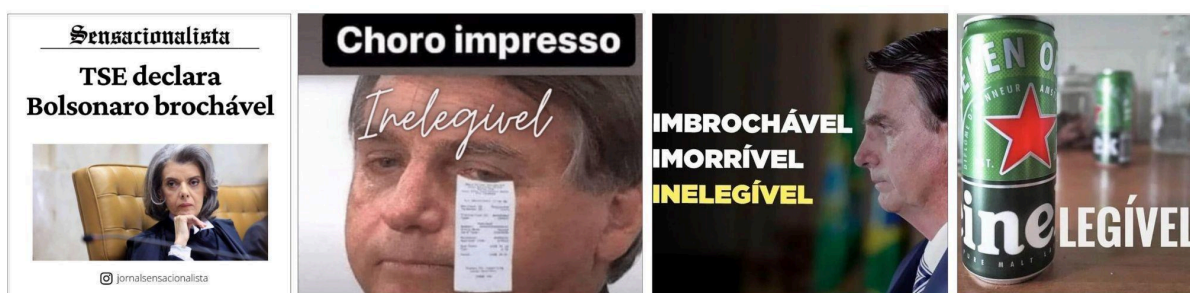
O papel subversivo do riso e da sátira conforme apontado por Saliba (2017) também é influenciado pelo contexto histórico e da cultura. O humor não é um campo acabado, ele segue aberto a novos sentidos. Como o próprio autor descreve, o humor pode se apresentar de distintas formas, entre elas, avalia-se que a partir da própria ressignificação do conteúdo, que é uma característica comum no cenário político brasileiro. Por exemplo, em maio de 2022, a partir de uma entrevista concedida pela então primeira-dama, Michelle Bolsonaro, ao ser

questionada sobre a vida sexual com o marido, o então presidente Jair Messias Bolsonaro, ela declarou que o capitão da reserva era “imbrochável, incomível e imorrível”.

O discurso tóxico e machista já havia sido enunciado em outros momentos, inclusive pelo próprio político, e assim seguiu sendo replicado. O termo *imbrochável* tornou-se uma referência frequente de apoiadores a Bolsonaro. Tanto é, que o Desfile de Sete de Setembro de 2022, quando foi comemorado o bicentenário da Independência do Brasil, o então presidente foi assim chamado pelos apoiadores. A cerimônia que comumente já é marcada por um caráter oficial, nesta ocasião, em virtude do marco histórico, contou com a presença do presidente português Marcelo Rebelo de Sousa, o que não evitou tal episódio.

O uso dessa conotação seguiu, sem grandes alterações, até 30 de junho de 2023, quando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), por cinco votos a dois, tornou o ex-presidente inelegível por oito anos. A decisão foi obtida após o julgamento da conduta de Bolsonaro em uma reunião realizada no Palácio da Alvorada, em julho de 2022, na qual ele recebeu embaixadores e atacou o sistema eleitoral brasileiro. Dessa forma, eleitores críticos a Bolsonaro adicionaram à expressão imbrochável, incomível e imorrível, o adjetivo inelegível. Algumas variações estão reunidas na imagem abaixo (FIGURA 01). Além da postagem do humorístico, a seleção conta com memes extraídos do antigo *Twitter*, redefinido como *X*. A ressignificação traz ainda uma sátira do voto impresso, defendido por Bolsonaro.

Figura 1 - Imbrochável, incomível, imorrível e inelegível



Reprodução da postagem do perfil oficial do Sensacionalista em 30 de junho de 2023 e de conteúdos disponibilizados via Twitter.

O caso apresentado acima aponta para uma relação direta entre o discurso político e o discurso humorístico. A partir de uma decisão do campo jurídico, que impede o ex-presidente de disputar eleições, a expressão foi ressignificada. Não que ela não possa mais ser utilizada em apoio ao capitão da r

eserva, mas o fato é que *inelegível*, até mesmo pela similaridade na escrita com as demais palavras, o prefixo *i* - *imbrochável*, *incomível*, *imorrível* e *inelegível*-, descrevendo ações às quais o ex-presidente não pratica, será uma resposta bem provável. A historicidade alterou o discurso e ressignificou as piadas.

Seguindo na relação entre o humor e o discurso, é importante recorrer ao linguista Sírio Possenti (2001) para quem o riso é um processo influenciado por uma série de motivações, entre elas a época, os valores sociais e os aspectos culturais. É sabido que o humor opera fortemente sobre estereótipos. O *imbrochável* parte dessa linha, em uma tentativa do próprio presidente em imprimir sua virilidade sexual. A expressão passou a ser utilizada em espaços formais, em uma referência não apenas a Jair, no âmbito privado, mas em uma menção a Bolsonaro, o presidente da República. O *inelegível* diz respeito à figura pública - reforçado pelo meme do choro impresso -, representando uma quebra dos anseios políticos mais imediatos do capitão da reserva, como um retorno em 2026. No entanto, o *Sensacionalista*, na figura 01, ao definir Bolsonaro como *brochável*, não como *inelegível*, retoma a ligação entre os dois pontos. Ele traz a imagem pré-construída, o sentido de falha, para o campo político. Assim, as piadas podem ser percebidas como retratos confiáveis de uma sociedade, destacando os seus valores e os seus problemas. Este aspecto possibilita, novamente, o diálogo com Bergson (2018), para quem o humor deve ser visto como uma prática social.

Bergson (2018) aponta que o riso só pode ser analisado em seu ambiente natural, que é a sociedade. O riso precisa de espaço, precisa ser reverberado, precisa fazer eco entre os indivíduos. Esta condição reforça a exigência de um critério anterior ao ato de render-se ao júbilo, que é conhecer previamente o assunto abordado. O riso, para o teórico, sempre será “o riso de um grupo”. (BERGSON, 2018, p. 39). Deste modo, vale ressaltar que a reflexão que será desenvolvida ao longo desta tese segue esta linha: um formato humorístico foi escolhido como recurso comunicativo para analisar a pandemia de Covid-19. As postagens do *Sensacionalista* são uma paródia do jornalismo, produzindo sátiras a partir de fatos de grande relevância, que já são de conhecimento público. Mais do que espelhar as características do jornalismo enquanto formato, o humorístico tem o desafio de produzir um argumento transgressor em textos curtos, semelhantes às manchetes de um noticiário. Dessa forma, a página propõe uma nova leitura, marcadamente satírica, de um fato que já é de conhecimento coletivo.

Pontua-se que, em um contexto marcado por forte enfrentamento político, o humor praticado pelo *Sensacionalista* não deve agradar a uma parcela significativa da população

brasileira. Entre as muitas variáveis que podem influenciar neste cenário, Bergson (2018) indica que a emoção é inimiga do riso. Assim, para os partidários do ex-presidente Jair Bolsonaro, e que acreditam no discurso negacionista frequentemente emitido por ele quanto à pandemia de Covid-19, as publicações podem ser percebidas como ofensivas, já que “o cômico exige, para produzir seu efeito, algo como uma anestesia momentânea do coração. Ele se dirige à inteligência pura.” (BERGSON, 2018, p. 39).

Luiz Guilherme Sodré Teixeira (2005, p. 35) aponta que o humor pode ser compreendido como um movimento de revelação, estruturado em aspectos de contestação e enfrentamento. O gênero, entre as suas inúmeras possibilidades “[...] desvende o que a razão encobre, sendo assim, para ela, [ ] duplamente negativo: primeiro porque desarruma a sensatez dos costumes, segundo porque torna frágil o que se supõe seguro, e visível o que se quer oculto.” O humor, sobretudo quando assume aspectos políticos, pode ser compreendido como uma interessante ferramenta para questionar a estrutura social e para desvelar as inconsistências dos governantes e de suas administrações. Entre os humoristas brasileiros, são frequentes as representações de políticos, dos mais distintos partidos, como agentes corruptos, inaptos e movidos pelos próprios interesses. Na verdade, a dificuldade se projeta no caminho contrário, em encontrar uma representação que, ao opinar quanto aos fatos do dia a dia, rompa com estas características. Muito provavelmente, este cenário não aponta apenas para uma parcialidade dos comunicadores, mas para uma característica da classe política brasileira e que, em certa medida, reflete a avaliação de uma parcela significativa da população.

A pesquisa *A cara da democracia*, realizada pelo Instituto da Democracia (IDDC-INCT), destacou que, entre 2018 e 2022, os partidos políticos conseguiram recuperar a própria credibilidade junto a uma parcela da população. Neste intervalo de quatro anos, o  ndice de desconfiança caiu de 77% para 53%¹⁹. Ainda que menos expressiva, têm houve uma melhora na avaliação do Congresso. Em 2018, 56% dos entrevistados disseram não confiar no parlamento. Quatro anos depois, o  ndice de desconfiança ficou em 46%. Por mais que os números tenham melhorado significativamente, não   possível considerar que estas instituições tenham uma imagem positiva junto aos brasileiros.

Possenti (1998, p. 109) explica que ao contrário do que paira no senso comum, o humor nem sempre está disposto   crítica, à defesa de valores tidos como progressistas. Ao justificar essa afirmação, o linguista lembra que “os chistes são formas de veicular discursos

¹⁹ Este levantamento foi realizado em 2022, com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI) e da Fundação de Amparo   Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

conservadores, ou mesmo reacionários. Os campos da sexualidade e do racismo fornecem os exemplos mais óbvios.” O próprio Jair Bolsonaro já utilizou desse expediente. Se valeu de argumentos preconceituosos e, ao ser questionado, justificou como piada, como será apresentado no decorrer deste capítulo. No entanto, para Possenti, se é possível estabelecer uma relação entre criticidade e humor, ele projeta que isso se dê, mais expressivamente, quando o assunto é política.

Algumas piadas, segundo Possenti (1998), se projetam contra políticos determinados, como é o caso do *Sensacionalista*, o que estabelece uma relação entre discurso e pragmática. Embora o humorístico permaneça no ar, ele toma como referência os políticos que estão em destaque, que também estão nos jornais. Dessa forma, é a dinâmica social e a própria conduta do agente público que vai determinar, ou não, a sua presença no *feed* do humorístico. O humor também pode se destinar a avaliar a política, enquanto prática social, voltando-se à classe política como um todo, sem eleger um alvo específico. No entanto, a própria forma como a cultura política se apresenta na sociedade deve ser entendida para que o argumento faça sentido. Acredita-se que, que haja até mesmo um desconhecimento da função do político, enquanto representante público. O linguista menciona a existência de uma concepção que projeta os eleitos enquanto responsáveis pela solução dos problemas, não como representantes. A deturpação desse processo, “é a razão pela qual os políticos brasileiros que mais frequentemente vencem eleições são aqueles que se apresentam como soluções milagrosas.” (POSSENTI, 1998, p. 111).

Reconhecer os políticos como alvos recorrentes do discurso humorístico no Brasil, aponta para o gênero uma função social. Esse contexto retoma a compreensão de que o país é marcado por uma sucessão de escândalos de corrupção, envolvendo representantes de distintos partidos. Nesse sentido, Possenti (2001) destaca que as piadas fornecem retratos bastante confiáveis dos valores e dos problemas de uma sociedade. Não são raros os textos humorísticos que representam políticos como corruptos.

Para Terry Eagleton (2020), o humor deve ser analisado como uma prática cultural. O autor considera que o discurso humorístico pode ser empregado de várias formas, resultando em manifestações distintas. O autor apresenta o humor como um fenômeno universal, que alcança distintas manifestações como resposta, entre elas, inclusive um fim utilitário. Eagleton projeta que o humor pode ser usado com o objetivo de manipular ou convencer, bem como de zombar e provocar. Mais uma vez, a historicidade e a intencionalidade de quem profere tal discurso será fundamental para aproximar a compreensão do público de suas possíveis motivações. Ao mesmo tempo em que o humor pode ser o recurso empregado para

quebrar o gelo em uma determinada situação, em um movimento empático, que tende a aproximação, o inglês cita o sarcasmo, enquanto uma abordagem mais voraz e agressiva. Até mesmo como uma forma de mensurar tal diferenciação, o autor recorre a aspectos etimológicos e explica que a palavra sarcasmo vem do grego, “que significa destroçar a carne.” (EAGLETON, 2020, p. 43).

Enquanto manifestações ligadas ao humor, estão, segundo Eagleton (2020, p.43), “defesa ou afirmação, subversão ou celebração, solidariedade ou crítica.” Se o humor permite diferentes usos, o riso, enquanto resposta, também pode se materializar de diversas maneiras. Até mesmo para permitir que o leitor compreenda tal variedade, o autor usa a metáfora da linguagem. Se o riso é um idioma, ele pode ser expresso a partir de vários dialetos. Da mesma forma que a língua é viva e composta por diferentes manifestações, o riso encontra os seus diferentes sotaques, tais como

[...] cacarejar, cachinar, grunhir, berrar, rugir, gritar, arquejar, trovejar, zurrar, ganir, bramir, piar, gargalhar, bufar, uivar, guinchar. É possível dar risadinhas, rir entredentes, em silêncio, sarcasticamente, nervosamente e assim por diante. O riso pode surgir em explosões, picos, tempestades, rajadas, ondulações ou torrentes, pode ser ensurdecedor, ressonante, fluido, serpeante ou lancinante. Há também diferentes maneiras de sorrir, de modo radiante, malicioso, desdenhoso, aberto, lascivo ou simplório. (EAGLETON, 2020, p.13).

Ao refletir sobre os estudos de Bergson acerca do humor, Eagleton salienta que as proposições do filósofo descrevem um movimento com o objetivo de humilhar o alvo, aproximando-se de uma perspectiva que entende o humor sob o prisma da teoria da superioridade. Neste sentido, o humor tornaria as fragilidades do alvo públicas a partir da recorrência ao ridículo. O riso teria o sentido de um corretivo social, sendo a resposta de um movimento de contestação. Essa concepção contestatória do humor também está presente em outros autores. Para Umberto Eco (1989), por exemplo, o humor não deve ser compreendido apenas como um elemento crítico, mas também, e principalmente, transgressivo. Em outras palavras, tal conduta representa o reconhecimento das regras, apontando para a livre decisão de não respeitá-las. O semioticista entende a prática humorística como um recurso que se apresenta com a finalidade de contestar a ordem social. Acredita-se que este seja o uso praticado pelo *Sensacionalista*, objeto de estudo desta análise. Neste aspecto,

O humor não nos promete libertação: pelo contrário, avisa-nos da impossibilidade de uma libertação global, lembrando-nos da presença de uma lei que não há porque

obedecer. Ao fazer isso, você prejudica a lei. Faz-nos sentir a inconveniência de viver sob uma lei, qualquer lei (Eco, 1989, p.19, tradução nossa²⁰).

O *Sensacionalista*, ao tomar o presidente da República como alvo, questiona a hierarquia política nacional. É justamente esse movimento de reconhecer a existência de uma posição de destaque do alvo que torna a crítica mais efetiva. Neste aspecto, Peter L. Berger (2017) indica que a sátira se configura como o uso do cômico enquanto arma. Esta atitude, na visão do autor, resulta em dois pontos básicos: inicialmente, o ataque satírico exige que o público compreenda as referências utilizadas pelo humorista; além disso, a sátira, na avaliação de Berger, pode ser educativa, o resultado de um esforço empenhado pelo autor para que o público compreenda o contexto que está sendo criticado.

Em outras palavras, na sátira, a intenção agressiva se torna o motor fundamental da expressão cômica. Então, todos os elementos do cômico são, por assim dizer, fundidos na forma de uma arma. Mais frequentemente, o ataque é dirigido contra as instituições e os representantes, especialmente as políticas e as religiosas. Ele pode também ser dirigido contra grupos sociais inteiros e suas culturas - digamos, contra a burguesia e seus valores. (Berger, 2017, p. 269).

A percepção de humor aqui defendida não reconhece a prática que resulta em um movimento de crítica sem fundamentação, algo semelhante à crítica pela crítica, mas se apresenta com a finalidade de propor uma reflexão a respeito da sociedade e, principalmente, do cenário político. Esta argumentação se aproxima daquilo que foi proposto por Vladímir Propp (1992) e Mikhail Bakhtin (2010; 2018). Propp (1992), partindo das reflexões de Bergson e de Aristóteles, retoma a ideia de que o riso está diretamente ligado à vida do homem, já que esta é uma habilidade eminentemente humana. A pesquisa do estruturalista russo estabelece uma classificação composta por seis tipos de riso: de zombaria, bom, mau/cínico, alegre, ritual e imoderado. Por questões de especificidades metodológicas, a reflexão se concentra no primeiro tipo, que se refere à matriz da zombaria e do deboche. Partindo deste pressuposto, a comicidade é percebida como uma correlação entre a natureza física e espiritual, “onde a natureza física põe a nu os defeitos da natureza espiritual” (PROPP, 1992, P. 46). De uma maneira bem sintética, o riso de zombaria é provocado pelos defeitos da situação ou da personalidade da qual se ri.

A noção de zombaria defendida nesta reflexão se aproxima do conceito de carnaval presente em Bakhtin, que será abordada posteriormente, com o objetivo de entender a

²⁰ O texto original é: “El humor no nos promete liberación: al contrario, nos advierte la imposibilidad de una liberación global, recordándonos la presencia de una ley que ya no hay razón para obedecer. Al hacerlo, mina la ley. Nos hace sentir la molestia de vivir bajo una ley, cualquier ley”.

estrutura do formato humorístico utilizado pelo *Sensacionalista*. O carnaval, na perspectiva do autor russo, é uma festa para ser vivida e se efetiva a partir de uma quebra das hierarquias cotidianas, com a inversão dos papéis sociais. A Idade Média era marcada por grupos sociais com características altamente distintas e comportamentos paradoxais. Ainda que autores como George Minois (2003), Eagleton e Aaron Gurevich (2000) apontem questões quanto aos estudos do autor russo, elas se aplicam mais diretamente à delimitação do carnaval, enquanto fato social.

Eagleton (2020) avalia *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais como uma crítica codificada ao *stalinismo*, o que resultou no exílio de Bakhtin. O autor cita ainda um processo de idealização, definido por ele como ingênuo das manifestações populares durante os dias de carnaval, não abordando a política do pão e circo. Gurevich referencia, por exemplo, a ausência de menções aos conflitos resultantes deste período, abordando que o riso dividia espaço com ódio e confrontos, relembrando toda a rigidez que marcavam as relações sociais naquele período. Ao longo dessa pesquisa, o carnaval de Bakhtin será abordado com o objetivo de caracterizar o fenômeno da carnavalização, que é a transposição dessas características de enfrentamento para a cultura. Dessa forma, o riso carnavalesco deve ser entendido como um movimento crítico contra a autoridade.

Ao contrário do que se apresenta no senso comum, Sodré (2005) lembra que o humor e o riso estão relacionados, mas que, não necessariamente estabelecem uma relação de contiguidade. O humor pode gerar uma “desordem na ordem da razão” (SODRÉ, 2005, p. 40), uma subversão. Por vezes, o anseio do humorista não está em alcançar o riso do público, mas em garantir que a crítica produzida será compreendida. Por mais que esta condição possa, inicialmente, soar contraditória, não é possível esquecer que em determinados cenários, a linguagem humorística deve ser interpretada como um espaço de denúncia. O humorista se vale das características próprias do gênero com o objetivo de apresentar as controvérsias de quem ocupa espaços de poder. Não é preciso ir muito longe, no tempo e no espaço, para exemplificar o quê está sendo considerado neste momento: a própria representação de Jair Bolsonaro no contexto da pandemia.

Eagleton (2020, p. 15) define o riso, a priori, como a emissão de um som aparentemente sem sentido. Mas esse processo é o resultado da codificação social. Dessa forma, o riso se estabelece na fronteira entre a natureza e a cultura. O autor concebe o riso a ruptura temporária da significação, resultando em puro som. Ou seja, “Em certo sentido, o

riso representa o colapso ou a interrupção momentânea do domínio simbólico - da esfera do significado ordenado e articulado - mas, em outro, jamais, deixa de se apoiar nele.”

3.1. *Sensacionalista*: “o jornal isento de verdade”

A página humorística *Sensacionalista*, assinada pelos jornalistas Nelito Fernandes, Martha Mendonça e Marcelo Zorzanelli e pelo roteirista Leonardo Lanna, é reconhecida por mimetizar as manchetes jornalísticas e se orienta a partir dos fatos diários mais importantes. A publicação segue a agenda política nacional e repercute, a partir do humor, as principais informações que estão presentes nos meios de comunicação tradicionais. O *jornal isento de verdade*, como é apresentado nas redes sociais, possuía números expressivos: até agosto de 2023 eram 1,2 milhão de seguidores no *Instagram*; 2,3 milhões no *Twitter* (X) e 3 milhões no *Facebook*, além de um *blog* no portal *O Globo* e de integrar a edição de domingo do jornal com conteúdo exclusivo.

No ar desde 2009, o site tem feito piadas nos mais distintos cenários brasileiros, passando por eleições, crise políticas, *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT-MG), avanço da Operação Lava Jato sobre a classe política, gestão do presidente Jair Bolsonaro e, mais recentemente, a pandemia de Covid-19, causada pelo coronavírus (Sars-Cov-2). Em trecho de entrevista concedida ao *O Globo*, Lanna (apud GOBBI, 2021), em junho de 2021, explicou que a postura da equipe do humorístico, diante da crise sanitária, almejava debater a situação geral, apontando os seus principais problemas. “Ainda que as piadas e críticas sejam sobre os responsáveis por esta situação, temos cuidado com alguns termos ou imagens que possam ser de mau gosto. Aí preferimos não fazer.”

Justamente as piadas relacionadas ao avanço do novo coronavírus postadas no *Instagram* do *Sensacionalista* constituem o *corpus* da presente análise. O humor ágil da página tornou-se uma espécie de termômetro para analisar a realidade política brasileira, marcada por fatos, às vezes, surpreendentes. Mendonça (apud GOBBI, 2021) destaca que o cenário cada vez mais atípico é um estímulo para a elaboração das manchetes fictícias. Para a jornalista, “quanto mais louco é o noticiário, quanto mais besteiras as autoridades falam, maior é o potencial para a gente. Não vejo como concorrência, e sim como matéria-prima.”

A eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, e a intensificação da polaridade política resultante deste processo fez com que o grupo começasse a ser definido como de oposição ao Governo Federal. Mas os humoristas destacam que as piadas atingem representantes dos mais diversos espectros políticos. Diante de um cenário de enfrentamento constante entre o

ex-presidente e representantes das mais distintas instituições sociais, Zorzanelli (apud GOBBI, 2021) avalia que "neste momento, acho que a gente é identificado com o campo progressista por defender coisas óbvias, como a ciência e o direito de as pessoas existirem como elas são."

3.2. Sátira política: as caricaturas presidenciais

Os quatro anos de mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro foram marcados por uma guerra simbólica com os mais distintos grupos sociais, como visto no capítulo anterior. Rapidamente, esse tom agressivo e gritado - haja vista que tornaram-se comuns as imagens do político em momentos de destempero contra aqueles que, genericamente, foram definidos como oposição ou esquerda, ganhou espaço no jornalismo, mas também nos humorísticos, posto que "o humor às vezes é a única forma de lidar com o turbilhão da vida". (SALIBA, 2017, p. 09) Mas Bolsonaro não foi o único chefe de Estado a ter a sua conduta ironizada por humoristas. Sem o objetivo de demarcar todas as sátiras produzidas contra os ocupantes do Palácio do Planalto, a seguir serão apresentados alguns exemplos, considerando os presidentes eleitos desde a redemocratização até Bolsonaro.

Não é exagero apontar que, no Brasil, o humor é uma via frequentemente utilizada para analisar o cenário político. A chegada de um presidente ao Palácio do Planalto, indiretamente, aponta para a escolha do humorista que dará vida a uma caricatura do chefe do Executivo. Este movimento era muito frequente, por exemplo, no *Casseta & Planeta, Urgente!*, programa exibido pela *Rede Globo*.

O jornalista Hécio Magalhães era reconhecido por sua semelhança física com Fernando Collor de Mello (1990-1992). De acordo com uma reportagem publicada na versão on-line da revista *Aventuras na História*, o comunicador começou a imitar o político do PRN em brincadeiras entre amigos. Magalhães participou de campanhas publicitárias nas quais representava Collor. O humorista esteve no elenco da novela *O Marajá*, de 1993, na extinta *Rede Manchete*. Na produção, que era uma sátira dos bastidores do processo de *impeachment*, Hécio Magalhães representava Collor, identificado na trama como Elle. No entanto, o ex-presidente conseguiu uma liminar na Justiça impedindo a estreia da novela²¹.

Com o fim da gestão de Collor, Reinaldo Figueiredo tornou-se o intérprete de Itamar Franco (PMDB, 1992-1994). O político mineiro era representado no *Casseta & Planeta*,

²¹ No início de 2022, as gravações da novela foram disponibilizadas no YouTube, no Canal Memória. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ouZ4TqYiM_g. Acesso em Abril/2022.

Urgente! como Devagar Franco. No projeto *Memória Globo*, o personagem é apresentado como *exagerado*. O sotaque se aproximava ao estereótipo caipira. O topete de Itamar Franco também era uma característica de destaque na representação cômica.

Entre 1995 e 2002, Hubert Aranha deu vida à versão satírica de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Enquanto nos programas jornalísticos, o presidente era referenciado como FHC, no humorístico, os apelidos eram diversos: o nome Fernando era substituído por Viajando Henrique Cardoso, Voando Henrique Cardoso ou, como uma reação às críticas sofridas em sua administração, Ficando Henrique Nervoso.

Com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT, 2003-2010) no segundo turno das eleições de 2002, Cláudio Besserman Viana, o Bussunda, tornou-se o protagonista dos esquetes de política. O ator seguiu com a interpretação do petista até 2006, quando faleceu em decorrência de um infarto. Na ocasião, o então presidente divulgou uma nota de pesar e afirmou que Bussunda era símbolo da irreverência brasileira. A sátira televisiva destacava um tom mais carismático e informal de Lula em contraposição a outros presidentes. O personagem, que também era identificado como *Lula-lá*, cometia erros frequentes de concordância e tinha dificuldade em pronunciar algumas palavras.

A primeira mulher eleita para a Presidência da República, após a vitória no segundo turno de 2010, foi interpretada pelo humorista Gustavo Mendes. A versão de Dilma Rousseff (PT, 2011-2016) apresentada por Mendes assumiu um tom mais exagerado em comparação à ex-presidenta. A paródia alcançou sucesso na internet e foi responsável por levar Mendes à televisão, com participação no *Casseta & Planeta, Vai Fundo*, também na *Rede Globo*. Mesmo com o fim da gestão de Dilma Rousseff em 2016, após o processo de *impeachment*, Gustavo Mendes seguiu com o personagem, inclusive comentando as crises políticas dos sucessores da mineira.

Ainda no que diz respeito à petista, o publicitário Jeferson Monteiro foi responsável pela criação do personagem Dilma Bolada, que se tornou muito popular nas redes sociais. As publicações de apoio à então presidenta foram responsáveis pela popularização de expressões – *hashtags* – como *Dilmãe*, *Diva do Povo* e *Soberana das Américas*. Em 2015, Jeferson Monteiro foi ouvido pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos crimes cibernéticos na Câmara dos Deputados. O criador do perfil prestou esclarecimentos quanto ao contrato que mantinha à época com a agência de publicidade *Pepper*, prestadora de serviços ao PT, e que era investigada pela Polícia Federal no âmbito da operação Acrônimo. Os parlamentares também questionaram o publicitário quanto ao financiamento do perfil Dilma Bolada. Monteiro indicou que não havia uma relação entre os dois casos. Quanto ao personagem,

afirmou nunca ter sido pautado por lideranças políticas e que não recebeu recursos do Governo ou do PT para a produção do conteúdo. Ainda em setembro de 2015, o publicitário tornou público o seu descontentamento com a gestão Dilma Rousseff e anunciou o seu rompimento com a administração federal.

Dois anos mais tarde, em 2017, durante um depoimento no âmbito da Operação Lava Jato, a marqueteira Mônica Moura afirmou ter repassado R\$ 200 mil a Monteiro, em 2014, para que as postagens realizadas nas contas vinculadas ao personagem nas redes sociais fossem retomadas. Na ocasião, o publicitário ironizou a suspeita. Moura disse que os repasses foram em dinheiro, retirados de parte da propina recebida por ela e pelo marido, João Mendonça, em serviços publicitários ao PT. O suposto recebimento foi negado pelo publicitário.

Com o término da gestão de Dilma Rousseff, o PMDB assumiu o comando do país. Já nos programas humorísticos, Fernando Caruso era um dos atores responsáveis pela interpretação de Michel Temer (2016-2018). Os esquetes destacavam o uso frequente das mãos ao falar, umas das marcas do político, além do uso de um linguajar rebuscado e um ar sombrio na interpretação, já que são comuns as comparações de Temer a vampiros.

Jair Bolsonaro (PL, 2019-2022), assim como os seus antecessores, também conta com versões satíricas. O capitão da reserva foi interpretado por vários humoristas, entre eles Marcelo Adnet e Fernando Caruso. Frequentemente, as sátiras políticas assumem um tom crítico, apontando possíveis falhas da gestão representada. É uma constante que as interpretações de grande parte dos humoristas assumiram um tom crítico ao atual Governo. É perceptível que, desde 2018, quando foi eleito presidente da República, o humor tem se apresentado como um campo de forte oposição a Bolsonaro, à forma como ele conduzia a campanha eleitoral e, posteriormente, ao modo como ele governava o país e, mais recentemente, em virtude das suspeitas de irregularidades envolvendo o ex-presidente e pessoas de seu entorno.

É esperado que os humoristas apresentem um olhar crítico quanto à administração pública e, até mesmo, quanto às características pessoais do agente político em questão. Mas com Bolsonaro, as críticas avançaram em patamares distintos em comparação aos demais políticos. Este assunto foi debatido no artigo *Crítica e transgressão: a representação de Jair Bolsonaro em formatos humorísticos da Rede Globo*²², que integra a coletânea Comunicação,

²² O artigo está disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/comunicacao-midias-e-liberdade-de-expressa-no-seculo-xxi051021.pdf>. Acesso em abril de 2022.

Mídias e Liberdade de Expressão no século XXI, publicada em 2021 pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) em parceria com a Gênio Editorial. A reflexão foi produzida pela autora deste trabalho, em parceria com o seu orientador, ao longo do período em que permaneceu vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Presidentes como Lula, Dilma e Temer foram alvos de críticas satíricas ao longo de suas respectivas gestões. No caso da petista, ainda podemos considerar que este processo, em algumas instâncias, foi estruturado em uma conduta machista e desrespeitosa, o que se distancia da definição de humor defendida nesta pesquisa. No artigo, foi apontado que as imitações de Lula destacavam, frequentemente, os seus problemas de dicção e indicavam uma suposta dependência de álcool. Dilma Rousseff teve a sua gestão marcada por uma crítica à sua oratória, discursos confusos e sem clareza. Michel Temer, em contrapartida, era definido pelo uso da norma culta da língua e por sua aparência julgada como sombria. Em maior ou menor grau, os três também tiveram as suas condutas pessoais colocadas sob suspeita por humoristas em piadas que denunciavam a falta de honestidade destes administradores e de possíveis envolvimento em esquemas de corrupção. No entanto:

[...] as críticas a Bolsonaro mantêm esses pontos [supostos casos de corrupção] e tendem para outros mais preocupantes. O atual presidente construiu uma imagem, ao longo de sua trajetória política, de ser um indivíduo machista, racista, homofóbico e misógino, por exemplo. As críticas ao atual presidente transitam, todo o tempo, entre o campo político e o pessoal. Por mais que Bolsonaro tenha tentado refutar essa imagem durante a campanha política de 2018, ela está presente na forma como ele é visto no próprio ambiente político, pela oposição, no plano comunicativo e por parte do eleitorado. (DOS SANTOS; VENTURA, 2021, p. 179).

O objetivo aqui não é o de afirmar que políticos anteriores ao atual presidente não tiveram problemas com a imprensa ou com as sátiras que receberam, mas que na gestão do capitão da reserva, esta discussão se estabeleceu em outro patamar²³. Bolsonaro travou uma intensa rotina de enfrentamento aos jornalistas, sobretudo às mulheres, e aos veículos de comunicação. Segundo um levantamento realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas

²³ O ex-presidente Jair Bolsonaro se destacou por uma postura de enfrentamento sistemático a veículos de imprensa, jornalistas e trabalhadores da cultura. A jornalista Patrícia Campos Mello (2020) ressalta que, em linhas gerais, os políticos adotam uma postura de disputa com a imprensa, mas que esta situação tem assumido contornos mais críticos na gestão Bolsonaro. Segundo ela: “De forma geral, políticos encaram a mídia como inimiga. Não entendem por que a imprensa precisa investigar, criticar e fiscalizar os governos. O presidente [Jair Bolsonaro] vai além. Ele quer convencer as pessoas de que quem lê jornais fica ‘desinformado’, e de que elas deveriam consumir informação diretamente das redes sociais dele e de seus apoiadores, sem filtros”. (MELLO, 2020, p. 167).

(FENAJ), em 2019²⁴, primeiro ano da gestão Bolsonaro, o presidente desferiu 116 declarações contrárias à imprensa, considerando 11 ataques a jornalistas somados a 105 tentativas de desacreditar a imprensa. Na média, o presidente foi responsável por um ataque à imprensa a cada três dias.

O monitoramento da FENAJ aponta que Bolsonaro seguiu na tentativa de minar a credibilidade dos veículos de comunicação. No *Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil – 2020*²⁵, a entidade apontou um crescimento de 105,77% nos ataques a jornalistas. O presidente foi classificado como o principal agressor da categoria. Sozinho, Jair Bolsonaro foi apontado como responsável por 175 atos de violência contra a imprensa. Ao todo, foram 428 casos registrados ao longo do ano. Em 2020, apenas o presidente foi o responsável por quase 41% das ofensas aos comunicadores. No ano seguinte, 2021, Bolsonaro seguiu como o principal algoz dos jornalistas²⁶: ele foi responsabilizado por 147 casos, sendo 18 agressões verbais e 129 atos para atacar a credibilidade dos veículos jornalísticos.

Como o tema desta tese é o humor, é importante pontuar que Bolsonaro se vale de uma tentativa (errônea) de aproximação com este campo para justificar tudo o que ele diz. Não é raro que o presidente se valha de expressões machistas e racistas em declarações à imprensa ou em comentários com os seus apoiadores, mas justifica este conteúdo como uma brincadeira ou como uma afirmação de menor importância. O tom jocoso não é suficiente para apagar os efeitos nocivos de tais comentários, ainda que o emissor tenha terminado a sua declaração com uma gargalhada.

3.3. Nós gostamos de piada, mas não quando somos o motivo do riso

Por mais que mantenha uma relação crítica com a classe artística, Bolsonaro conta, em sua base de apoio, com o que optou-se por chamar como *humoristas a favor*. Esta condição não é propriamente uma novidade, já que anteriormente foi citada a personagem Dilma Bolada, mas consiste no uso do tom satírico para a manutenção da ordem política, sem o anúncio de enfrentamentos significativos. Esta perspectiva se afasta diametralmente daquilo

²⁴ Dados da FENAJ quanto ao monitoramento da violência contra os jornalistas - 2019: <https://fenaj.org.br/ano-se-encerra-com-116-ataques-de-bolsonaro-a-imprensa/>. Acesso em abril de 2022.

²⁵ Dados da FENAJ quanto ao monitoramento da violência contra os jornalistas - 2020: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>. Acesso em abril de 2022.

²⁶ Dados da FENAJ quanto ao monitoramento da violência contra os jornalistas - 2021: <https://fenaj.org.br/ataques-a-jornalistas-e-ao-jornalismo-mantem-patamar-elevado-e-somam-430-casos-em-2021/>. Acesso em abril de 2022.

que Umberto Eco (1989) classificou como humor de transgressão, responsável por corroer a lei e subverter integralmente a norma.

Em 2018, o humorista e apresentador Danilo Gentili integrava a rede de apoio ao presidente Jair Bolsonaro. A boa relação com o capitão da reserva resultou em uma entrevista do chefe de Estado ao programa *The Noite*, comandado pelo ex-CQC no *SBT*, emissora aliada ao presidente. No entanto, de acordo com matéria publicada na *Revista Veja*²⁷, Gentili tornou-se alvo do bolsonarismo ao criticar, ainda no primeiro ano da gestão, a indicação do filho do presidente, deputado federal Eduardo Bolsonaro, à embaixada brasileira em Washington. O processo não se concretizou, mas a afirmação do humorista de que a indicação seria positiva porque iria representar um “Bolsonaro a menos para atrapalhar o governo” (GENTILI apud ZYLBERKAN, 2019) não agradou o 03. O deputado federal discutiu com o ex-apoiador pelo *Twitter*. Durante a crítica em rede nacional, o humorista ainda exibiu uma montagem na qual Eduardo Bolsonaro usava um boné, com a seguinte mensagem: “make mamata great again”(GENTILI apud ZYLBERKAN, 2019). Em tradução literal, *tornar a mamata grande de novo* é um trocadilho com o *slogan* do então presidente dos EUA, Donald Trump, mas também remete a uma das principais bandeiras defendidas por Bolsonaro durante a campanha eleitoral, que seria colocar fim às negociatas e aos privilégios.²⁸

Talvez, o episódio que será indicado a seguir reflita mais diretamente a discussão proposta: em março de 2020, quando a pandemia de Covid-19 ainda não estava entre os temas principais do jornalismo brasileiro, o humorista Márvio Lúcio, popularmente conhecido como Ceará, esteve no Palácio da Alvorada, caracterizado como Jair Bolsonaro. O presidente participou deste ato e se valia da presença do imitador para se furtar a responder aos questionamentos dos jornalistas. No *Portal UOL*, o fato foi descrito de duas formas: *Bolsonaro faz piada com PIB usando humorista Carioca em entrevista*, na manchete escrita

²⁷ Informação retirada de *As celebridades arrependidas pelo apoio a Bolsonaro*. O texto na íntegra está disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/artistas-arrependidos-bolsonaro-gentili-lobao/>. Acesso em abril de 2022.

²⁸ Em 2022, o humorista esteve no centro de outra polêmica com o Governo Federal, agora em virtude da classificação indicativa do filme *Como se Tornar o Pior Aluno da Escola*, lançado em 2017. Gentili recebeu críticas pelas redes sociais, sobretudo de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, que indicaram que a produção cinematográfica faria apologia à pedofilia. Por decisão do Ministério da Justiça e Segurança Pública, a classificação indicativa foi revista de 14 para 18 anos. O filme também foi retirado de plataformas de streaming. Na avaliação de Danilo Gentili a questão foi oportunista e teve motivações políticas. O humorista classificou o episódio como uma cortina de fumaça. As críticas seriam uma tentativa de tirar a atenção de assuntos mais relevantes. Ainda de acordo com Gentili, pessoas que elogiaram a produção anteriormente, passaram a criticar em 2022.

por Eduardo Militão, e *Bolsonaro usa Carioca para não comentar o PIB*, inserida na capa do vídeo com um registro da cena no Alvorada²⁹.

Naquela ocasião, o assunto específico era o baixo crescimento econômico: 1,1% em 2019, desempenho inferior a 2017 e 2018. Em virtude disso, Ceará distribuiu bananas aos profissionais da imprensa quando estes tentavam dirigir perguntas a Bolsonaro. O episódio foi amplamente criticado, inclusive por humoristas. A ação reforça a tentativa do presidente de se comunicar diretamente com a sua base, sem intermediários, mas também pode ser percebida como um desrespeito com a população. Ainda de acordo com analistas ouvidos pelo *UOL*, atitudes como esta configuravam uma estratégia do Governo para desviar a atenção de pontos fracos da administração, mas, na prática, interferem em um cenário mais amplo, comprometendo a política de retomada econômica e a estabilidade política³⁰.

Considera-se que nesta reflexão ainda cabe um exemplo: em setembro de 2020, o humorista Marcelo Adnet foi alvo de críticas do Governo Federal pelas redes sociais. As mensagens foram postadas pelo então secretário especial da Cultura, Mário Frias, e depois reforçadas pela Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom). Em um episódio da série autoral *Sinta-se em Casa*³¹, disponível no *Globoplay*, Adnet simulou a participação do presidente Jair Bolsonaro no quadro *Arquivo Confidencial*, à época apresentado por Fausto Silva. Entre os participantes da pretensa homenagem ao político, o destaque era para Fabrício Queiroz, ex-assessor do filho do presidente, Flávio Bolsonaro, quando este era deputado estadual no Rio de Janeiro. Queiroz, que é policial militar aposentado, é apontado como operador do esquema de rachadinha na Assembleia Legislativa Fluminense. O suspeito ficou foragido por cerca de um ano e foi detido em uma operação da Polícia Civil e do Ministério Público de São Paulo em junho de 2020, em um sítio em Atibaia, pertencente a Frederick Wassef, advogado da família Bolsonaro³². Queiroz voltou à liberdade, beneficiado por uma decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), em março do ano seguinte. O ex-assessor é um personagem que tem constantemente questionado o discurso do grupo de presidente de combate à corrupção. Mário Frias também participou da paródia de Adnet. Na ocasião, o

²⁹ O texto na íntegra está disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/04/apos-pib-desacelerar-bolsonaro-usa-humorista-para-evitar-assunto.htm>. Acesso em abril de 2022.

³⁰ A análise na íntegra está disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/04/para-analistas-deboches-de-bolsonaro-atrapalha-m-negocios-e-democracia.htm>. Acesso em abril de 2022.

³¹ A sátira de Marcelo Adnet foi disponibilizada em <https://globoplay.globo.com/v/8832625/>. Acesso em abril de 2022.

³² Wassef também está entre os personagens caricaturados por Marcelo Adnet no quadro *Sinta-se em Casa*.

humorista ironizou o projeto produzido pelo Governo Federal, *Um Povo Heróico*³³, com a finalidade de destacar os símbolos nacionais. Na sátira, o foco estava no desconhecimento de Frias quanto à história nacional.

No próximo capítulo, o objeto de estudo dessa pesquisa, o *Sensacionalista*, será analisado a partir do conceito de carnavalização de Bakhtin.

³³ O vídeo de divulgação do projeto pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=TcUGbXnc--A>. Acesso em abril de 2022.

4. AS MANCHETES SATÍRICO-FICCIONAIS E O HUMOR CARNAVALIZANTE: A LINGUAGEM DO *SENSACIONALISTA*³⁴

A popularização do *Sensacionalista* está diretamente ligada à intensificação da crise política brasileira. A reeleição e o *impeachment* de Dilma Rousseff são considerados fatos marcantes na história nacional recente e que estimularam a popularização do formato. Por meio de paródias noticiosas, o humorístico satirizou os principais fatos que marcaram a realidade brasileira a partir da segunda década dos anos 2000. Desta forma, a partir das postagens do *Sensacionalista*, o leitor pôde acompanhar sátiras da eleição de Dilma Rousseff em 2010, que marcou a chegada da primeira mulher ao Palácio do Planalto; as manifestações de 2013; a reeleição de Dilma e a rejeição do tucano Aécio Neves (PSDB) ao resultado das urnas nas eleições majoritárias em 2014; a criação e o avanço da Operação Lava Jato sobre a classe política; o *impeachment* de Dilma Rousseff e a ascensão de Michel Temer à Presidência da República em 2016; a cassação do mandato de Eduardo Cunha (MDB-RJ), então presidente da Câmara dos Deputados e responsável pelo aceite do pedido de *impeachment* da petista; acusações de corrupção contra Temer e demais lideranças do MDB; em 2018, a prisão do ex-presidente Lula no âmbito da Lava Jato, que, à época liderava as pesquisas na disputa presidencial; o então candidato Bolsonaro foi vítima de uma facada às vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais em 2018; grandes manifestações nacionais contrárias a Bolsonaro, com o mote *Ele não*, a vitória do representante do PSL em outubro do mesmo ano; a administração Bolsonaro e as sucessivas crises com instituições nacionais e lideranças internacionais e, mais recentemente, e que constitui o tema desta reflexão, a pandemia de Covid-19. Como o humorístico segue no ar, esta lista pode ser amplamente atualizada.

Em linhas gerais, o *Sensacionalista* produz paródias noticiosas. No entanto, é importante entender como se dá o funcionamento deste formato. Em entrevista concedida ao jornalista Pedro Bial, em julho de 2017, a equipe responsável pelo projeto foi questionada quanto à diferença entre o formato e as notícias falsas, popularmente chamadas de *fake news*, e que tem assumido protagonismo no ambiente digital. Eles definiram o conteúdo produzido como *jornal de humor* ou *textos de humor em linguagem jornalística*. A segunda opção se assemelha à compreensão apresentada neste trabalho, já que este processo de criação, que toma por base uma obra já existente, alcança um efeito cômico ao satirizar a realidade

³⁴ Ao longo deste capítulo, como o objetivo é fazer um apanhado geral das características do humorístico, alguns exemplos citados podem não integrar o *corpus* desta pesquisa. Esta opção foi adotada para ampliar a discussão quanto ao funcionamento do formato. O *corpus* é composto por 123 postagens entre março de 2020 e dezembro de 2021.

retratada. O leitor, ao se deparar com a releitura, tece comparações com o formato original. A paródia, por definição, é um texto polifônico, estruturado na intertextualidade e na interdiscursividade, construído a partir de um processo dialógico. Em seus escritos sobre o carnaval e a carnavalização, Mikhail Bakhtin trata da paródia. Para pensar em um *jornal de humor*, talvez fosse necessária uma estrutura mais complexa, pensando nos diferentes tipos de textos que compõem um noticiário. Em sua grande maioria, as abordagens do humorístico estão restritas às manchetes.

O *Sensacionalista*, enquanto um formato humorístico, com características opinativas, não faz referência apenas aos textos jornalísticos informativos ou interpretativos, mas tece comentários que perpassam a compreensão do jornalismo como atividade profissional. O humorístico também alcança a conduta dos meios de comunicação e os interesses políticos que estruturam a linha editorial de veículos, bem como o posicionamento de alguns comunicadores diante de temas relevantes³⁵. Vale ressaltar que o formato está inserido na chamada Grande Imprensa, por ter o seu conteúdo publicado no jornal e em um *blog* hospedado em *O Globo*.

Ao fazer piadas com base em fatos que ganharam destaque no cenário jornalístico, o *Sensacionalista* desafia o público a fazer correlações com informações anteriores para que a mensagem seja compreendida. A quebra de expectativa e a recorrência à ambiguidade podem ser percebidas, assim como em outras modalidades do campo humorístico, mas é importante que o leitor acompanhe o noticiário para compreender a construção satírica. Em linhas gerais, o humorístico toma o jornalismo como ponto de chegada, mas também como ponto de partida.

³⁵ O jornalista Alexandre Garcia, que foi porta-voz do general João Batista Figueiredo, o último presidente da ditadura cívico-militar de 1964, é um exemplo disso que apontamos acima. Em ao menos dois momentos, o comunicador tornou-se alvo das postagens do *Sensacionalista*. Defensor público de Jair Bolsonaro, Garcia foi demitido em setembro de 2021 da emissora de TV por assinatura CNN. Comentarista do quadro *Liberdade de Opinião*, o profissional foi desligado da empresa após defender o uso de medicações sem comprovação científica no combate à Covid-19, o chamado tratamento precoce. Este fato repercutiu na imprensa e no humorístico, que publicou, em 24 de setembro de 2021: Defensor de tratamento precoce é vítima de demissão tardia. Já em maio de 2022, Garcia foi satirizado por alguns humoristas após ser visto vestido com uma farda. No *Sensacionalista*, o fato foi comentado a partir de um pedido de explicações realizado pelo deputado federal Elias Vaz (PSB-GO) ao Ministério da Defesa. Cerca de um mês antes da postagem na qual Alexandre Garcia era o protagonista, tornou-se público um processo licitatório aprovado pelas Forças Armadas que autorizou a compra de 35 mil comprimidos de Viagra. A justificativa é de que a composição seria usada no tratamento à hipertensão arterial pulmonar, mas o uso mais popular do medicamento está relacionado à disfunção erétil. A partir da manchete satírica, Alexandre Garcia se alista nas Forças Armadas para conseguir Viagra de graça, a equipe do humorístico também relembra o público quanto ao posicionamento político de Garcia. No texto, ele é descrito como ex-jornalista em atividade. Esta definição aponta para uma avaliação do *Sensacionalista* quanto ao posicionamento político e a conduta profissional do ex-comentarista da CNN. Na prática, o humorístico sugere ao público que Alexandre Garcia não teria mais condições de trabalhar, mas ainda continuaria na profissão.

As paródias noticiosas se aproximam dos textos jornalísticos quanto à estrutura. Idealmente descritas como um elemento que prima por uma linguagem objetiva e que propõe uma compreensão clara e rápida, as manchetes jornalísticas transmitem, em um texto relativamente curto, o assunto principal da matéria em questão. Seja nas faculdades de jornalismo ou nas redações, é comum a compreensão de que as manchetes devem ser produzidas de forma que ofereçam ao público uma síntese do fato abordado. Se no humorístico a estrutura é semelhante, o conteúdo é divergente. Enquanto a manchete jornalística busca ser compreendida na lógica do dizer verdadeiro, este processo não é o mesmo em formatos satíricos. O *Sensacionalista*, na maior parte das vezes, se vale de um desdobramento ficcional, para produzir um efeito humorístico. O fato em si, usado como elemento para a contextualização da piada, em um aspecto geral, se assemelha à informação presente no jornalismo. Esta ligação possibilita o reconhecimento do público, mas é a enunciação que materializa o humor.

As postagens do *Sensacionalista* apresentam ao público episódios relacionados, em sua grande maioria, a figuras públicas e de conhecimento social. Com uma frequência bem menor, o humorístico faz uso de personagens anônimos, mas em contextos reais, o que também permite a identificação da crítica. Assim como nas caricaturas, modalidade ligada ao humor gráfico, o reconhecimento do público é um elemento fundamental para a compreensão do argumento. Se na representação gráfica, o cartunista não pode distorcer excessivamente o representado sob o risco de ele não ser reconhecido pelo público, a equipe do humorístico também não pode dissociar drasticamente o político representado daquilo que já é de conhecimento do público. Se na caricatura, por exemplo, uma deformação excessiva impede que o leitor reconheça a personagem ali representada, no *Sensacionalista* a situação é semelhante. O conteúdo das postagens é ficcional, mas o enquadramento utilizado nesta representação, parte de informações que já são de conhecimento público. O formato, ao construir a sua sátira, precisa acionar, na memória do leitor, informações que ele já tenha quanto àquela personagem.

Na imagem abaixo (FIGURA 02), o humorístico faz uso de características que foram atribuídas pela opinião pública a Jair Bolsonaro, a partir de declarações proferidas por ele em distintos momentos. Na maior parte das vezes, esta definição, em um sentido próximo a um estereótipo, que já é de conhecimento social, não está relacionada ao fato de referência da publicação, mas o uso é fundamental para a construção do argumento e também para mensurar a agressividade da crítica que será publicada. O objetivo também passa por reavivar, na memória do público, a conduta do político. É desta forma que a inversão da ordem social é

construída e o ex-presidente tem a sua autoridade rebaixada. Em outras palavras, o humorístico recorre a este contexto anterior para lembrar ao leitor quem é aquele personagem. É uma decisão discursiva que possibilita a continuidade histórica daquela representação de Bolsonaro.

O *Sensacionalista* ao comentar os principais fatos do dia, recorrendo a dados históricos marcantes faz, simbolicamente, uma retrospectiva ao leitor, não permitindo que determinados sentidos sociais se percam; no humorístico eles são novamente enunciados. São atualizados. Do ponto de vista discursivo, é possível indicar que o humorístico ingressa em uma disputa simbólica, recorrendo ao interdiscurso: *àquilo que já foi dito, mas que é retomado, trazendo à tona um sentido de evidência*. O tema central das postagens abaixo é a gestão da pandemia de Covid-19, mas em um complemento à significação, o humorístico retoma aspectos que apontam para a incompetência política do presidente, a sua postura negacionista e a sua aproximação com a ditadura, a partir do apoio à tortura.

Figura 2 - Quem é Jair Messias Bolsonaro na definição do Sensacionalista



Reprodução de postagens realizadas entre março de 2020 e maio de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Em um contexto marcado pelo excesso de conteúdo nas redes, os redatores do humorístico seguem atentos a temas que reverberam no universo político, mas analisando a crise em Brasília pela ótica da sátira. Além disso, o grupo se pauta também pelo que alcança destaque no *Twitter* e no dia a dia dos famosos. Como já mencionado, o humorístico assume dois pontos de partida bem claros: a realidade brasileira e o jornalismo. Pela estrutura semelhante às notícias, publicações como as realizadas na página aqui analisada têm sido definidas de formas distintas. Em língua inglesa, este conteúdo é classificado como *satirical*

news. Assunção Cristovão (2020) fala em *paródia jornalística*, tomando os conceitos de paródia e de carnavalização, de Mikhail Bakhtin, como referência para a análise. Para a pesquisadora, tais publicações desestabilizam os sentidos encontrados no jornalismo, a partir de uma ação dialógica.

Nessa relação que ora fazemos entre o carnaval e a paródia encontrada no site Sensacionalista, vemos que se quebram valores de seriedade relacionados à moral e à religião, e principalmente aqueles relacionados à política. Para Bakhtin, a paródia é um fenômeno bivocal e bilíngue, com duplo sentido. Nela há o cruzamento de duas linguagens, aquela que é parodiada e a que parodia, num evidente processo dialógico. O autor que parodia usa a linguagem parodiada, mas num sentido oposto, diferente e hostil ao significado original. Na análise do site Sensacionalista, essa característica aparece desde o slogan do jornal: ‘Sensacionalista – um jornal isento de verdade’. (CRISTÓVÃO, 2020, p. 100)

Já Filipo Pires Figueira (2019) define este conteúdo como *desnotícias*. O pesquisador considera que o texto, apresentado inicialmente como humorístico, mantém uma relação de intertextualidade com a notícia, enquanto gênero, mas com o jornalismo, como formato, destinado à função informativa. Não se trata, apenas, de produzir manchetes fictícias com uma estrutura textual que se aproxime do modo como é realizado pela imprensa tradicional. Mas, na maioria das vezes, de escolher assuntos submetidos a critérios de classificação e que foram julgados relevantes. Ou seja, os fatos encontrados no *feed* do *Sensacionalista* também estão disponíveis em veículos jornalísticos profissionais e de grande circulação. “A relação entre ambas se estabelece, no entanto, porque a desnotícia empresta da notícia algumas características, como a remissão a acontecimentos e a personagens públicas, além de sua construção formal de texto.”. (FIGUEIRA, 2019, p.18-19). Por mais que produza uma argumentação ficcional, o humorístico parte de personagens e de situações reais, o que permite o reconhecimento do público. Este também é o ponto de partida para a construção crítica. Seja a partir do paradoxo ou da hipérbole, o *Sensacionalista* ironiza a realidade.

O próprio contexto político brasileiro marcado por uma sucessão de crises, que acabam se sobrepondo, é um cenário interessante para a atuação de um formato comunicativo com as características do objeto de estudo aqui analisado. Fazendo novamente referência à entrevista concedida pelo grupo ao jornalista Pedro Bial em 2017, Marcelo Zorzanelli aponta que o anseio inicial do projeto era o de produzir manchetes tão surreais que, em nenhum aspecto, poderiam confundir o público.

Em maio de 2016, período em que estava em curso o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, uma reportagem do portal *Meio & Mensagem*, intitulada *Sensacionalista transforma piada em coisa séria*, destacou que o humorístico se notabiliza "pela capacidade

de inserir piadas em um contexto tão delicado como o que o País vive atualmente. Neste momento, de notícias surpreendentes, o *Sensacionalista* tem de se superar para concorrer com a realidade." (PACETE, 2016). No mesmo ano, em uma publicação de março, o site da *BBC Brasil* apontou que o *Sensacionalista* concorria com a realidade, considerando, principalmente, a imprevisibilidade da dinâmica política nacional. O texto recebeu o seguinte título, '*Sensacionalista* concorre com a realidade e ri à toa em tempos de crise'³⁶. Vale ressaltar que o uso do verbo *concorrer* permite a interpretação a partir de múltiplas chaves de leitura, entre as possíveis, como um elogio ao trabalho realizado pela equipe de redatores, considerando a criatividade empregada na elaboração das sátiras, mas também, e principalmente, como uma crítica à qualidade da política nacional.

As duas manchetes, tanto do *Meio & Mensagem*, quanto da *BBC Brasil*, se aproximam de uma expressão que tornou-se lugar comum na *internet* para definir os desdobramentos improváveis do contexto político nacional: *é coisa do Sensacionalista!* Com esta proposição, o leitor sugere que o conteúdo analisado é tão absurdo que não pode ser verdadeiro - considerando aqui o conceito de verdade como a possibilidade de comprovação. Ou seja, trata-se de apenas uma postagem do humorístico, portanto, uma sátira (uma brincadeira!). Acredita-se que esta ressalva não esteja relacionada a um questionamento quanto à conduta da imprensa, sugerindo a disseminação de notícias falsas. Mas que ela seja parte de outra ponderação: a qualidade da representação política brasileira. Tal sátira reconhece o *Sensacionalista* como um formato ficcional, ao passo que assume um caráter avaliativo frente ao que é apresentado diariamente pelos membros do Executivo e do Legislativo, em suas mais distintas esferas.

Em uma tentativa de dimensionar, mais propriamente, em qual contexto esta avaliação se estabelece, as figuras 03, 04 e 05 podem ser tomadas como referência. A expressão já foi utilizada por leitores, por veículos de imprensa e pelos membros do próprio humorístico. A figura 02 faz referência a uma declaração do ex-deputado federal Paulo Maluf (PP-SP), proferida em 2017, em defesa do então presidente Michel Temer. Durante um debate na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados, com a finalidade de decidir se a denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República contra o emedebista, pelo crime de corrupção passiva, deveria ou não ser aceita, o ex-prefeito de São Paulo, alvo de inúmeras denúncias pela mesma prática, defendeu a honestidade de Temer.

36

Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160329_sensacionalista_sucesso_historia_fd. Acesso em abril de 2023.

Figura 3 - O *Sensacionalista* como parâmetro para análise do conteúdo jornalístico



Reprodução de manchete do Portal UOL e de uma postagem no Twitter. Fontes: UOL e conta de Márlon Reis no Twitter, 2017

Acima, na figura 03, ao lado da postagem realizada no *Twitter*, está o *print* de uma publicação, de caráter jornalístico, realizada pelo UOL, com este tema. Ou seja, o público, ao lançar o padrão discursivo de referência à página como um elemento para balizar a veracidade do conteúdo apresentado pelo portal de notícias, não está questionando a qualidade da reportagem, mas, neste caso, coloca em xeque a autoridade de Paulo Maluf para analisar a conduta de outros personagens políticos. Não seria exagero intuir que o referido *tweet* (FIGURA 03) tenha por trás o seguinte questionamento: *quem é o ex-prefeito de São Paulo para falar de honestidade?*³⁷ A defesa de Maluf não assumiu a instância de um argumento de autoridade para balizar a conduta de Temer. O leitor, ao indicar: “Maluf afirma: ‘Temer é honesto’. E não é matéria do Sensacionalista”, demonstra que conhece a linguagem utilizada pelo humorístico e a conduta de Maluf durante a sua trajetória política.

O próprio *Sensacionalista* faz uso desse expediente, mas apontando para a conduta dos agentes políticos, como uma espécie de crítica de valores. Em março de 2021, o humorístico usou as redes sociais para analisar a eleição da deputada bolsonarista Bia Kicis (PSL-DF) para o comando da Comissão de Constituição e Justiça, a CCJ, que é o mais importante colegiado da Câmara dos Deputados, responsável por decidir quanto à constitucionalidade das matérias discutidas pelos parlamentares (FIGURA 04). A crítica à escolha da parlamentar não se deu apenas pela proximidade entre ela e o então presidente, o que poderia comprometer a autonomia da casa legislativa no biênio, mas, principalmente pela conduta de Bia Kicis enquanto parlamentar. A deputada que assumiu o comando da CCJ em 2021 também é investigada pelo Supremo Tribunal Federal, em um inquérito conduzido pelo

³⁷ Embora este exemplo e os que serão apresentados a seguir se distanciem do *corpus* deste trabalho, o objetivo é apresentar como este dispositivo tornou-se popular entre os leitores do formato.

ministro Alexandre de Moraes, por suspeita de estar envolvida com a organização de atos antidemocráticos em julho de 2020.

Figura 4 - Crítica à escolha da deputada Bia Kicis para o comando da CCJ



Reprodução de uma manchete do Portal G1 e de postagem realizada pela equipe do Sensacionalista. Fontes: G1 e conta do Sensacionalista no Twitter, 2021

Já na figura 05, o destaque é para um comentário publicado pelo grupo, em novembro de 2021, quando a Prefeitura de São Paulo, a partir da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, determinou que a estátua do Touro de Ouro, instalada em frente à Bolsa de Valores de São Paulo (B3), deveria ser retirada do local. A instalação foi realizada sem a autorização do órgão competente, o que apontava para a necessidade da multa. No entanto, a notícia, à forma como foi apresentada pelo G1, a partir da decisão do órgão público, se assemelha ao uso de prosopopeias, um recurso comum do humorístico, com a atribuição de características humanas a seres inanimados. Apenas pessoas físicas ou jurídicas podem ser multadas. É claro que a punição, neste caso, foi direcionada à mantenedora da estátua, mas acredita-se que, a forma como a questão foi verbalmente apresentada, justificou a postagem.

Figura 5 - Crítica à linguagem usada pelo portal G1



Reprodução de uma manchete do Portal G1 e de postagem realizada pela equipe do Sensacionalista. Fontes: G1 e conta do Sensacionalista no Twitter, 2021

Retomando a referência à teoria, Figueira (2019) avalia que a principal diferença entre uma notícia e uma desnotícia está na finalidade de cada uma. “Enquanto a notícia informa, tratando do fato e, de certa forma, da verdade (objetiva), a desnotícia busca o riso, ao construir piadas a partir dos fatos.”. (FIGUEIRA, 2019, p.18). Sob este aspecto, o próprio nome escolhido para o projeto, *Sensacionalista*, aliado ao slogan, *O jornal isento de verdade*, pode ser avaliado como uma sátira à imprensa tradicional. Enquanto os veículos de comunicação pensam em marcas que reforcem a própria credibilidade, o humorístico brinca com essa condição, como será problematizado mais adiante.

Deborah Cattani Gerson (2014, p. 15), analisa a sátira praticada pelo humorístico a partir do conceito de pseudonotícias, que “são compostas de alguns elementos provenientes do jornalismo; no entanto, não poderiam ser classificadas como jornalismo, porque este tem como princípio a verdade (SODRÉ, 2009).” Por mais que as informações apresentadas pelo *Sensacionalista* não digam respeito a fatos absolutamente concretos, assim como faz o jornalismo, elas partem de elementos reais. Frequentemente, a hipérbole é uma chave do humorístico para opinar sobre a realidade. O humor, como pontua Bergson (2018), pode parecer espontâneo, mas exige conhecimento prévio. Não é possível rir daquilo que não se entende. É justamente a exigência deste repertório que configura o riso como uma prática coletiva e com significado social. O desconhecimento do fato que motiva a sátira pode

dificultar a compreensão da narrativa ali construída. O humor é uma prática dialógica, permitindo o contato entre diferentes leituras de um mesmo fato.

Avalia-se que as abordagens humorísticas do *Sensacionalista* têm a mesma matéria prima que o jornalismo, a busca pela informação mais recente, pelo último desdobramento. E, mais recentemente, a procura pela novidade tem uma exigência adicional: resultar em engajamento. O desafio parece ainda maior quando o foco passa por encontrar um gatilho ao humor. Neste aspecto, o termo paródias noticiosas parece ser suficiente para indicar a quem recebe este conteúdo que ele estabelece uma relação mimética com o jornalismo. Mas em um cenário em que a desinformação concorre com o jornalismo a todo tempo, pode ser que uma leitura mais desatenta desta nomenclatura a aproxime, erroneamente, da noção de notícia falsa.

Diante deste contexto, parece mais apropriado definir o conteúdo pensado pelo *Sensacionalista* como manchetes satírico-ficcionais, termo que passará a ser usado neste texto. Em linhas gerais, o efeito de sentido destas peças humorísticas é alcançado por uma construção que mescla realidade, ficção, sátira e opinião, estruturada em uma linguagem conativa. A página precisa garantir que o fato e a personagem representados serão identificados e que a piada será compreendida. Ou seja, o humorístico parte da presença de um elemento referencial na construção da postagem. Pode ser o personagem ou o contexto, o leitor habitual do formato reconhece o fato de referência, mas percebe que o conteúdo é humorístico, não informativo. Principalmente nas sátiras que analisam o cenário político nacional, a reunião de personagens e contextos ficcionais, muito provavelmente, resultaria em uma quebra na relação intertextual estabelecida com o jornalismo. A figura 06 reúne duas postagens realizadas em março de 2020, no início da pandemia. Para avaliar a conduta de Bolsonaro na crise sanitária, o humorístico lançou mão de outras referências:

Figura 6 - A conduta de Bolsonaro



Reprodução de postagens realizadas em março de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

As duas postagens acima apresentadas foram publicadas em virtude da pandemia de Covid-19. Além disso, ambas partem do uso de fotografias reais e que ganharam repercussão em canais tradicionais de comunicação. Em *Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja*, a sátira está, inclusive, alicerçada em uma contradição: a manchete é construída a partir do conhecimento científico (medicina) e do senso comum (estar imune a vírus respiratórios por consumir laranja). A citação a especialistas é uma prática recorrente no jornalismo, resultando em um argumento de autoridade. Entretanto, o efeito humorístico não foi construído apenas pela articulação das palavras, mas reforçada pela imagem. É a presença de Fabrício Queiroz, amigo pessoal de Jair e ex-assessor de Flávio na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, que permite esta interpretação.

O policial militar reformado foi apontado como o elemento central de esquemas de corrupção envolvendo o filho mais velho do presidente, isso ainda em 2018, pouco depois das eleições. Para entender o recurso utilizado para justificar o resultado negativo obtido pelo então presidente no teste clínico para o diagnóstico da Covid-19, o humorístico recorreu a informações do cenário político. A fotografia é responsável por uma parcela relevante da significação, já que apresenta Jair e Fabrício em um momento particular, de descontração. No qual, o elemento apontado como *laranja* faz um gesto que tornou-se sinônimo do grupo político liderado por Bolsonaro, o sinal de *arminha* com as mãos.

O humor se aproxima, a todo tempo, do uso conotativo da linguagem. É justamente nesta relação ambígua que se apresenta o gatilho para o riso. No Brasil, em virtude da sucessão de escândalos de corrupção, envolvendo políticos de variados partidos e das distintas instâncias de poder, termos relacionados a este assunto passaram a ser utilizados no jornalismo sem a necessidade de grandes explicações, já que tornaram-se coloquiais. O sentido para *laranja* ansiado pela equipe do *Sensacionalista* se aproxima de outra expressão de cunho metafórico, que é *testa de ferro*. O humorístico, tomando por base informações repassadas por órgãos de investigação nacional, apresentou ao público, assim como o jornalismo tradicional, Fabrício Queiroz como o intermediário de operações financeiras fraudulentas em benefício à família Bolsonaro. Não há, diretamente, o uso do adjetivo corrupto, entretanto, esta é uma compreensão decorrente da piada.

Já em *Bolsonaro tira e põe uma máscara desde a eleição, diz infectologista*, o humorístico faz uso de uma imagem, também oficial, que comprova a falta de familiaridade do então presidente com o item que tornou-se sinônimo do enfrentamento à pandemia. Neste

caso, a crítica se estabelece em duas etapas: é anterior à Covid-19, já que remonta ao início da gestão, mas relembra ao interlocutor as inúmeras vezes em que o então presidente desrespeitou as orientações para o enfrentamento à pandemia. O uso da máscara, recomendado por especialistas e entidades das áreas de saúde, passou a ser obrigatório no país apenas em 03 de julho de 2020, muito pela resistência do próprio presidente. Vale lembrar que a OMS elevou a Covid-19 a uma condição de emergência global em março do mesmo ano, quatro meses antes da assinatura do decreto federal, o que motivou que Estados e Municípios optarem pela obrigatoriedade antes que a União.

Como já demonstrado ao longo desta pesquisa, o político, em diversas ocasiões, relativizou a importância do equipamento de proteção. No entanto, o uso do substantivo máscara também assume um caráter figurativo na figura 06. O efeito alcançado na postagem tende a *mascarado*. Em uma linguagem coloquial, o ex-presidente foi descrito como alguém que age com hipocrisia, que dissimula. Novamente o humorístico simula a realização de uma entrevista, a partir de um argumento de autoridade, sugerindo a consulta a um infectologista, tipo de fonte que ganhou notoriedade nos canais de comunicação em virtude da pandemia. Neste caso, a recorrência a um profissional da saúde é necessária para manter a coerência da piada, porém a sátira é moral, diz respeito à conduta de Bolsonaro como político. Ao indicar que o *presidente é mascarado*, o humorístico age com dualidade, assume um tom carnavalizado. O adjetivo retira toda a autoridade do sinônimo apresentado anteriormente.

Seja a partir de um caráter predominante fictício, quando a piada mescla elementos reais e ficcionais, ou sob um prisma mais satírico - quando o fato é apresentado a partir de características próprias do humor, com o uso de uma linguagem figurativa, sem que, necessariamente, um elemento externo tenha sido adicionado - o *Sensacionalista* constrói um humor político estruturado na crítica. Quando o humorístico aponta que é isento de verdade, indica que está desobrigado a retratar com fidelidade os desdobramentos da vida pública.

Para assumir o conceito de manchete satírico-ficcional, é preciso compreender como se dá o funcionamento discursivo das paródias, elemento fundamental para a estruturação deste formato. Robert Stam (1992, p.53) destaca que, na visão de Bakhtin, o “discurso duplamente orientado da paródia representa o modo de ‘carnavalização’ artística por excelência”. Esta definição diz respeito à transposição das características do carnaval para o formato textual. O carnaval tomado como referência por Bakhtin descreve um período de exceção na rotina diária, quando a ordem social era, temporariamente, suspensa. Em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2010), o linguista explica que o carnaval não era uma festa para ser assistida, mas para ser vivida. Tal

comemoração era responsável por uma abolição total das relações hierárquicas, reunindo indivíduos que, por uma série de fatores, estavam separados por barreiras intransponíveis em uma sociedade com organização estamental. Tal realidade “caracteriza-se, principalmente, pela lógica original das coisas ‘ao avesso’, ‘ao contrário’, das permutações constantes do alto e baixo (‘a roda’), da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródia, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões.” (BAKHTIN, 2010, p. 10).

José Luiz Fiorin (2020, p.105) ao afirmar que a paródia é composta por uma natureza carnavalesca, indica que o formato, ao passo que é “inseparável da sátira menipeia” e de outros gêneros com características cômicas, é estranho “aos gêneros elevados, como a epopeia e a tragédia”. O autor russo tem sido, com o passar dos anos, cada vez mais utilizado em pesquisas como essa, que analisam aspectos mais conotativos, o que poderia ser definido, de repente, como uso *não-sério*, ou menos formal, da linguagem. A abordagem carnavalesca presente em Bakhtin aponta para um mundo contraditório e ambivalente. Esta contradição deve ser entendida como uma superação temporária da divisão social, posto que este era o momento em que o bobo assumia o trono.

Fiorin (2020, p.105) classifica, portanto, que as obras carnavalescas, dentre os quais está o *Sensacionalista*, argumentação que será desenvolvida ao longo deste capítulo, assumem uma posição de enfrentamento à ordem vigente. A paródia é estruturada na dualidade, pois é “marcada pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias, as verdades estabelecidas, e que dirigido aos poderosos, ao que é considerado superior. Nela aliam-se a negação (a zombaria, o motejo, a gozação) e a afirmação (a alegria).” Bakhtin ao analisar a obra de François Rabelais identificou que o escritor, a partir de uma linguagem marcada pelo humor, projetava a sua produção contra a ordem estabelecida, mirando a estrutura da sociedade francesa da primeira metade do século XVI. Os textos de Rabelais, construídos a partir de paródias e sátiras, criticavam, sobretudo, os abusos dos governantes e a estrutura estamental na qual a sociedade estava estruturada. Embora fizesse parte de ordens religiosas, o autor denunciava abusos do clero. O francês, em virtude disso, era alvo de frequentes críticas da comunidade cristã.

Voltando ao presente objeto de estudo, o *Sensacionalista*, entre os anos de 2020 e 2021, tomou a pandemia de Covid-19 como um dos temas prioritários em suas publicações. O humorístico abordou todas as etapas da crise sanitária durante a gestão de Jair Bolsonaro, passando pela confirmação dos primeiros casos, a negação do então presidente quanto à gravidade da pandemia, a disseminação do vírus e o aumento no número de mortos, o embate entre a União, os Estados e os Municípios para o enfrentamento dos impactos da

disseminação do vírus, as pesquisas para o desenvolvimento de vacinas, as investigações no Senado em torno da conduta de Bolsonaro na gestão da crise, os impactos da Covid-19 na economia e a distribuição dos imunizantes à população.

Ao descrever as paródias sob a ótica bakhtiniana, Fiorin (2020, p.106) apresenta: “A paródia é ambivalente. Nela, há uma bivocalidade: a voz do parodiado e a do parodiante. Zomba-se da voz séria e, ao mesmo tempo, afirma-se uma alegria com a outra voz. Com isso, nega-se o discurso de autoridade e afirma-se a relatividade das coisas.” Ao reforçar, ao longo de uma variedade de postagens, que o político que, naquele momento, ocupava o cargo público mais relevante adotava uma conduta irresponsável para superar os efeitos da crise, que se manifestou em várias frentes, o humorístico subvertia o discurso oficial e dava visibilidade a uma postura de enfrentamento a Bolsonaro. Isso se apresenta em um formato essencialmente dual, que almeja o riso tendo como tema prioritário um cenário de constante tensão. Com um constante *brincar com coisa séria*, o *Sensacionalista* assume, em relação à pandemia, um tom carnalizante. Durante a crise sanitária, a página, no que diz respeito ao discurso oficial de Jair Bolsonaro “representava uma cosmovisão alternativa caracterizada pelo questionamento lúdico de todas as normas. O princípio carnavalesco abole as hierarquias, nivela as classes sociais e cria outra vida, livre das regras e restrições convencionais.” (STAM, 1992, p. 43).

Outro ponto interessante que vale a pena destacar: o humorístico, por mais que se ocupe, prioritariamente, do cenário político nacional, também se projeta como uma crítica ao próprio jornalismo. Ao longo das últimas décadas, a área tem passado por uma série de alterações, entre elas uma crise no próprio modelo de negócios, além de uma redução no tamanho das redações, com equipes cada vez mais enxutas e publicações cada vez mais menores. Por mais que se apresente como uma paródia do jornal impresso, o humorístico está situado no ambiente digital, no qual a velocidade, por vezes, resulta na publicação de materiais jornalísticos sem aprofundamento e com temáticas pouco relevantes. Em matéria assinada por Breno Pessoa, em 2016, o site *O Diário de Pernambuco* indica que páginas como o *Sensacionalista*, a partir de suas postagens, podem suscitar nos leitores reflexões mais aprofundadas quanto aquilo que é noticiado, o que no jargão profissional é classificado como critérios de noticiabilidade, além de abordar aspectos não contemplados pelas pautas tradicionais em temas como política e economia. Em resumo, a discussão proposta por ele é que a página, por meio de suas sátiras, pode tensionar o conteúdo produzido pelo jornalismo tradicional. O humor, como o praticado neste site, atua como uma espécie de dissertação ou um comentário do fato narrado. Para que o leitor reconheça esta relação e compreenda o

argumento criado, é preciso estar informado quanto àquele acontecimento. O *Sensacionalista* estabelece uma relação intertextual com o jornalismo.

Por mais que não faça parte do *corpus* desta pesquisa, alguns exemplos publicados pelo *Sensacionalista* são interessantes para considerar a crítica realizada aos conteúdos postados pela imprensa atualmente e também para entender a própria linguagem do humorístico. Infelizmente, a imagem e o texto publicado sobre estes dois assuntos não foram encontrados, já que o site com o domínio do humorístico, no momento em que esta análise era redigida, estava fora do ar. Em 10 de março de 2011, o portal *Terra* realizou a seguinte postagem *Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira*. A banalidade da publicação fez com o que o humorístico, por mais de uma vez, fizesse recorrência a esta postagem. Em 22 de dezembro de 2015, o *Sensacionalista* postou *Chico Buarque defende PT no Leblon enquanto Caetano estaciona o carro*. Além da manchete que ganhou destaque na *internet* relatando uma atitude usual do artista baiano, a página abordou, conjuntamente, um episódio em que Chico Buarque foi hostilizado por um grupo de jovens em virtude de sua aproximação com o partido político.

Já em 29 de maio de 2018, após a suspensão da greve dos caminhoneiros, o humorístico publicou *Volta da gasolina faz Caetano Veloso finalmente tirar seu carro estacionado no Leblon*. Nestes dois casos, os fatos que seriam tema das sátiras eram outros, mas, novamente, eles relembaram os leitores da publicação de 2011. Talvez, a crítica mais expressiva conste em uma postagem de 2016, que simula uma reportagem para a televisão, intitulada *Preta Gil almoça no Leblon*. Na paródia, Martha Mendonça descreve todos os passos da cantora, quando ela é interrompida por um homem que teria sido assaltado e que pede para que o fato seja transmitido, por ser mais relevante. Ao ser interrompida, a jornalista menciona que o trabalho da imprensa não é respeitado³⁸, sugerindo a frivolidade dos noticiários.

4.1. O *Sensacionalista* e a satirização do formato jornalístico

Como o objetivo final do *Sensacionalista* é o humor, exercido em uma estrutura que mimetiza as técnicas de produção jornalística, o próprio nome do projeto pode ser interpretado como uma ironia ao jornalismo. Ao se apresentar a partir de um adjetivo que é refutado pelos jornalistas profissionais e pelas empresas de comunicação, a página reforça o

³⁸ O esquete pode ser assistido em <https://www.youtube.com/watch?v=WlCNmhGEgx4>. Acesso em abril de 2023.

seu caráter carnavalesco, que prima pela sátira. Considerando que um texto paródico é o resultado de um duplo movimento, ao reunir, em uma mesma estrutura, a voz do parodiado e a voz do parodiante, a página brinca, inclusive, com valores que são caros à imprensa. Enquanto os veículos de comunicação pensam em marcas que reforcem a própria credibilidade, o humorístico ironiza esta condição. As empresas jornalísticas, sempre que possível, tentam imprimir às suas marcas signos que remetam à transparência, à credibilidade, à neutralidade e à isenção. Na contramão disso, o termo sensacionalismo é utilizado para descrever práticas jornalísticas tendenciosas, que os meios hegemônicos definem como alheias à sua conduta profissional, e alicerçadas em aspectos emocionais, com o objetivo de aumentar a audiência, o número de acessos, a assinatura ou a venda das edições em bancas.

Ao longo das décadas, as empresas tradicionais de comunicação, que dominam o mercado nacional, definidas como a grande mídia, construíram uma narrativa na qual se apresentam como responsáveis por uma cobertura dos fatos marcada pela isenção e pela neutralidade, enquanto uma parte da imprensa, rotulada por uma pretensa ausência de escrúpulos para garantir a fidelidade do público, tem sido, pejorativamente, chamada de imprensa marrom. Não há dúvidas de que, em muitos momentos a cobertura de fatos, principalmente aqueles compostos por aspectos trágicos, assumiu contornos excessivos na mídia brasileira³⁹. No entanto, Muniz Sodré (2009, p.22) aponta que a adoção de um caráter mais emocional na construção jornalística “não explica um fenômeno de todo estranho a um jornalismo presumidamente ‘não-sensacionalista’”.

Ainda segundo Sodré (1996), esta característica, que se projeta para a adoção de um tom mais emocional, remonta ao princípio da imprensa moderna. O teórico explica que o romance policial passou a ser um fator de influência para o jornalismo. A veiculação dos *faits-divers*, genericamente compreendidos como fatos diversos, não se encaixavam nas editoriais já existentes. Com um tom mais ágil e dinâmico, a nova seção abordava do cômico ao dramático, passando por casos insólitos. Seguindo nesta mesma linha de problematização, Marlyse Meyer (1996), recorrendo à classificação do francês Michel Gillet, cita um

³⁹ Como destacado por nós, no livro *Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Inquietações Diante do Caos*: “É perceptível o destaque que o jornalismo brasileiro dá à violência. Grande parte das emissoras de televisão contam com formatos específicos de jornalismo policial, os populares programas *pinga-sangue*, estruturados na dramatização e no excesso. Em uma reflexão rápida é possível lembrar o protagonismo que casos marcados pela violência ganharam nos meios de comunicação brasileiros, inclusive, como uma linguagem, por vezes, condicionada a inflamar uma adesão popular. Entre eles, sem a pretensão de elencar todos, estão a cobertura dos casos Escola Base (1994), Suzane von Richthofen (2008), Isabella Nardoni (2008), Eloá Pimentel (2008) e Elize Matsunaga (2012), por exemplo. O primeiro sendo marcado, inclusive, por uma série de erros de apuração e também na condução das suspeitas, que levaram a abordagem para uma narrativa bem diferente do que foi comprovado a partir de investigações, sendo considerado um erro jornalístico emblemático, com prejuízos incalculáveis aos envolvidos.”

estreitamento nas fronteiras entre a imprensa marrom e aquela que é tida como séria. Ela aborda a folhetinização da informação, prática que consiste na fragmentação e na dramatização da narrativa jornalística. Meyer explica que tais recursos têm o objetivo de manter o receptor ansioso pela continuidade da notícia. Assim como nos folhetins, ou nas novelas, formato mais popular no Brasil, a narrativa é dividida em capítulos⁴⁰.

Em suas publicações, o *Sensacionalista* também avalia a cobertura realizada pela mídia ou o posicionamento de empresas ou de comunicadores, seja por suas relações com o ambiente político ou, simplesmente, pela publicação de frivolidades, como já mencionado neste texto. Em 04 de abril de 2023, o humorístico publicou: *Ciro só não fechou ainda com a Jovem Pan porque emissora o considera radical demais*⁴¹. Para além das considerações quanto ao posicionamento do ex-governador do Ceará nas duas últimas eleições presidenciais, pela ausência de um apoio efetivo contra Jair Bolsonaro nas disputas diante do PT no segundo turno ou uma escalada no tom contra a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva em 2022, a sátira se projeta também contra a *Jovem Pan* e a imagem que a emissora tem consolidado junto ao público brasileiro. Esta crítica se dá no plano político, mas também no comunicativo. Ao longo da gestão do ex-militar, a emissora radiofônica intensificou o seu posicionamento à direita, abrigando, entre os seus contratados, personagens reconhecidos pela defesa pública do governo Bolsonaro. Em 2022, o Tribunal Superior Eleitoral concedeu, durante a disputa da eleição presidencial, três direitos de resposta à coligação de Lula, diante de ofensas desferidas por comentaristas da *Jovem Pan*. Na ocasião, os comunicadores foram proibidos de definir o candidato do PT como *descondenado* ou *chefe de organização criminosa*⁴².

No início de 2022, diante dos casos em que o jornalista Adrilles Jorge, também da *Jovem Pan*, fez um gesto nazista e o *youtuber* e *podcaster* Monark defendeu a criação de um partido nazista no país, a página se manifestou com pelo menos três postagens: *Nazismo faz aumentar o número de desempregados no país*⁴³, de 09 fevereiro de 2022, em alusão ao fato que ambos foram demitidos após os episódios, e *Bebida alcoólica não causa nazismo, alertam fabricantes*⁴⁴, uma das justificativas do comunicador para as suas declarações, e

⁴⁰ Em autores como Perseu Abramo, esta técnica de fragmentar o assunto narrado é classificada como um padrão manipulativo, já que dificulta o processo de contextualização, sendo interpretada como um padrão de manipulação.

⁴¹ A publicação está disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CqnhPsULbSa/>>. Acesso em abril de 2023. O texto completo pode ser lido em: <https://oglobo.globo.com/blogs/humor/sensacionalista/post/2023/04/ciro-so-nao-fechou-ainda-com-jovem-pan-porque-emissora-o-considera-radical-demais.ghtml>>. Acesso em abril de 2023.

⁴² As postagens citadas neste tópico não integram o *corpus* deste trabalho. Foram apresentadas apenas como um reforço argumentativo.

⁴³ A publicação está disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZwjLorrxyj/>. Acesso em abril de 2023.

⁴⁴ A publicação está disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZubOcepRr6/>. Acesso em abril de 2023.

Defensor de nazista é nazista, afirma especialista, ambas publicadas em 08 de fevereiro. Tais exemplos apontam como a equipe do *Sensacionalista* segue uma rotina de produção semelhante ao jornalismo tradicional, no que diz respeito a contemplar os fatos do dia. No entanto, uma característica frequente no humorístico é pensar na própria manchete como uma síntese da opinião do grupo quanto ao acontecimento. Como o *Sensacionalista*, se posiciona a partir de assuntos já divulgados pela mídia, e considerando prioritariamente, que a função do humorístico não é informar, as sátiras sempre ironizam a realidade que já é conhecida do público. Ao retomar aquilo que já foi divulgado em diferentes portais de notícias, recurso possível a partir da intertextualidade estabelecida com o jornalismo, a página permite que o leitor reconheça o fato (discurso parodiado). Já o humor é a novidade apresentada ao público (discurso parodiante)⁴⁵.

Associado ao nome, o *slogan*, *O jornal isento de verdade*, pode ser interpretado como mais um elemento para a diferenciação do humorístico frente ao jornalismo. Construída na ambiguidade, a expressão pode resultar em distintas interpretações. Diante de um contexto em que o conceito de isenção jornalística é tomado como parâmetro para avaliar a conduta dos meios de comunicação, o *Sensacionalista* brinca com isso! Quando o humorístico aponta que é isento de verdade, indica, em uma primeira leitura, que está desobrigado a retratar o que realmente aconteceu. Esta condição pode ser percebida como a apresentação de um *noticiário* que não tem compromisso com a verdade, ou seja, pode, ou não, trabalhar com fatos comprováveis. Ressaltando que o mínimo que se exige de um jornalismo profissional e responsável é a comprovação daquilo que foi veiculado. Algo diferente disso, que não seja humor, culmina em um processo de desinformação. Por mais que os personagens e os fatos tomados como ponto de partida sejam verídicos, a construção apresentada pelo *Sensacionalista* culmina em um argumento transgressivo (ECO, 1989), carnavalesco (BAKHTIN, 2010) ou alicerçado na matriz da zombaria (PROPP, 1992).

Ainda a partir do *slogan*, existe a possibilidade de uma interpretação próxima ao sentido de *livre da verdade*, como algo semelhante à estruturada na ficção. Perceber o funcionamento do *Sensacionalista* desta forma é se deparar com a definição da própria paródia: o leitor percebe uma aproximação com aquilo que está em circulação em outro lugar - o jornalismo em suas mais distintas plataformas -, mas o desfecho que o humorístico sugere

⁴⁵ Como já mencionado no decorrer deste trabalho, o *Sensacionalista* não deve ser analisado como um formato que opera fora da grande mídia. Os exemplos relatados quanto à análise de conteúdos postados por outros meios de comunicação não tem o objetivo de apontar para uma pretensa superioridade do humorístico quanto a outros meios. A escolha foi por fatos recentes ou de conhecimento público.

é diferenciado, é absurdo, não é verdadeiro, é ficcional. É justamente esta quebra de expectativa, ou na significação, que resulta no humor.

Seguindo neste campo das possibilidades, como o humor trabalha com lacunas, com a ambiguidade, com as brechas da linguagem e da interpretação, o *slogan* ainda pode ser lido como uma expressão de transparência e bom jornalismo, o que é justamente o inverso do conteúdo apresentado pelo *Sensacionalista*. Entretanto, esta interpretação, que está carregada de ironia, não é clara, pode ser obtida a partir de um trocadilho, que se apresenta como uma provocação coerente para um formato estruturado na carnavalização e que se constrói na ficção, satirizando a realidade. Ortograficamente, seria algo próximo a: *O jornal isento, de verdade!*, destacando o uso da vírgula como um recurso para intensificar a afirmação anterior. Esta leitura, resultante da interpretação de um formato humorístico, parece ser uma provocação coerente em um cenário de constante questionamento da qualidade da imprensa nacional.

Por mais que o *Sensacionalista* traga todas estas marcações que apontam para o caráter fictício das postagens, não é possível garantir que esta condição seja assimilada por todos os leitores. O site não se vale em seu conteúdo de ações deliberadas que possam confundir o público, como o uso de perfis que possibilitem trocadilhos com outras empresas de comunicação ou a veiculação de postagens com o intuito deliberado de beneficiar determinado candidato ou político, características recorrentes em formatos desinformativos. A marca *Sensacionalista* está presente em todas as postagens. Em entrevista ao *O Globo*, às vésperas da estreia do humorístico no jornal, em junho de 2021, Martha Medeiros afirmou que o conteúdo produzido pelo grupo não tem a finalidade de produzir informação deliberadamente falsa. "Às vezes isso gera confusão, nos convidam para participar de palestras ou de podcasts sobre fake news. Aí explicamos que fazemos humor, não notícias falsas." (MEDEIROS *apud* GOBBI, 2021).

Em linhas gerais, o humorístico traz, em seus canais de comunicação, vários indicadores de que o conteúdo ali postado é fictício, como uma referência à sua formação discursiva. Logo na biografia do *Instagram*, canal do qual foram extraídos os materiais que serão analisados na presente pesquisa, representada na figura 07, há a indicação de que o perfil em questão é destinado ao humor.

Figura 7 - Instagram oficial do Sensacionalista



Reprodução em abril de 2023. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

No *Instagram*, quando um perfil é usado para finalidades profissionais e o usuário se apresenta como criador de conteúdo, ele tem a possibilidade de indicar em qual área atua, se valendo da opção categorias. Este item, na conta do *Sensacionalista*, consta com a definição *humorista*. Para as empresas jornalísticas, por exemplo, existe a possibilidade de optar pelas categorias *empresa de mídia/notícias* ou *criador de conteúdo digital*, por exemplo. A biografia é a parte em que o perfil se apresenta para os demais usuários da rede social, tanto que além do nome, da definição e do *slogan*, elementos que servem para que os seguidores compreendam as características daquela conta, seguem informações de cunho profissional, como contatos para parcerias e contratos e o *link* para a coluna no jornal *O Globo*.

4.2. E se o leitor não reconhecer que é uma sátira?

Diante deste contexto, é importante recorrer a Claire Wardle (2020). A pesquisadora americana fala em uma desordem informacional, considerando a disseminação de conteúdos falsos, a partir das categorias *misinformation* e *disinformation*. Em uma tradução livre, os dois termos assumem uma significação semelhante à desinformação. No entanto, a autora coloca a intencionalidade como um ponto de distinção entre as duas práticas. Ao passo que a palavra *disinformation* deva ser compreendida como uma ação deliberada, marcada pelo objetivo em veicular um conteúdo intencionalmente falso, almejando o ganho de dinheiro, a influência política, ou de repente, o estopim de uma crise, a *misinformation* também se encaixa na chave do conteúdo falso, mas não há, por parte do parte do leitor, esta compreensão. Ou seja, uma informação inverídica pode ser difundida por desconhecimento do receptor.

Ao tratar especificamente da sátira e da paródia, Wardle (2020) aponta que formatos como o *Sensacionalista*, por exemplo, não têm a intenção de causar danos, mas que, por suas características, assumem o potencial de enganar, principalmente quando extraídas de seu

contexto original de produção, algo que, a princípio, não é uma ação controlável. Na versão em português do guia produzido pelo projeto *First Draft News*, uma iniciativa internacional fundada em 2015 com a finalidade de combater a desinformação no ambiente *on-line*, a pesquisadora explica que a questão não está na estrutura da sátira em si, mas na forma como este conteúdo é transmitido, principalmente nas redes sociais. Ao comentar sobre as sátiras, Claire Wardle, inclusive, cita o *The Onion*, fonte de inspiração para a criação do *Sensacionalista*:

A razão pela qual a sátira usada dessa maneira é uma ferramenta tão poderosa é que, muitas vezes, as primeiras pessoas a ver a sátira frequentemente a entendem como tal. Porém, à medida que é compartilhada, mais pessoas perdem a conexão com o mensageiro original e não conseguem entender a mensagem como sátira. Nas redes sociais, as heurísticas (os atalhos mentais que usamos para entender o mundo) desapareceram. Ao contrário do que ocorre em um jornal impresso, em que você entende qual seção do jornal está vendo e tem pistas visuais de que você está na seção de opinião ou na seção de tirinhas, esse não é o caso quando se está *on-line*. (WARDLE, 2020, p. 16).

Em um movimento para explicar como a desinformação se apresenta como um problema global, a autora cita uma reportagem publicada pela *Agência Pública*, em fevereiro de 2019, a respeito do contexto brasileiro. Na contramão de projetos como o *Sensacionalista* ou o *Piauí Herald*, por exemplo, conteúdos de grupos políticos, marcados por discursos de ódio, têm se apresentado como perfis satíricos. Nestes casos, agentes de natureza política têm usado as sátiras para confundir leitores em um cenário marcado por uma intensa divisão política. Neste caso é percebida a intenção deliberada em confundir o leitor.

A partir da veiculação de conteúdo informativo intencionalmente falso, em meio a paródias e sátiras, a matéria trata que grupos de direita se apresentam como perfis de paródia com a finalidade de prestar apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro e criticar a conduta da imprensa. De acordo com a matéria assinada por Ethel Rudnitzki, as contas atuavam, à época, a partir de um perfil central, responsável por distribuir o conteúdo, a *Central da Imprensa Satírica Brasileira*. A própria identificação dos perfis é propensa a confundir o leitor. Entre os exemplos, estão: *Gobo News* (em alusão à emissora *Globo News*, pertencente ao grupo *Globo*), *Gerson Camarada* (sátira do jornalista Gerson Camarotti, comentarista do grupo *Globo*) ou *Vilma Russeffi* (em referência à ex-presidenta Dilma Rousseff).

Como apontado no tópico anterior, o *Sensacionalista* atua com uma identidade própria, não assumindo, ao menos neste princípio, o risco de confundir o leitor. No que diz respeito ao conteúdo produzido pelo humorístico ou às *fake news*, a discussão que aqui se apresenta não passa pela lógica da veracidade. A rigor, os dois conteúdos são falsos. O ponto

é o objetivo de cada um dos formatos. Enquanto o fim de uma *fake news* é confundir, uma manchete satírico-ficcional, como às produzidas pelo *Sensacionalista*, pode assumir vários, como divertir, transgredir, criticar... Mas enquanto a página se define como uma expressão humorística, que toma como referência uma leitura própria da realidade, dizendo que é *isenta de verdade*, as notícias falsas se apresentam como verdadeiras. O humorístico assume que falta com a verdade.

4.3. A estrutura do *Sensacionalista* e os elementos do jornalismo

Ao definir a rotina em uma redação jornalística, Ciro Marcondes Filho (2009, p.78) menciona uma reprodução *parcial* ⁴⁶ da realidade. O autor cita uma posição ideológica entre decidir o que será ou não será publicado. Nesta relação, a notícia é definida como “a informação transformada em mercadoria, com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais”. Para que isso seja possível, o conteúdo, a partir de critérios de seleção, deve ser apresentado segundo as técnicas de produção jornalística. Desse modo, a notícia é um texto jornalístico, marcado pela narração em terceira pessoa, destinado ao relato de fatos. É justamente na sátira deste formato que o *Sensacionalista* constrói o humor. Por várias vezes, a crítica do formato nem é desdobrada em um texto, mas se limita ao título, o que no jargão jornalístico é chamado de manchete. Seja no jornalismo impresso ou mesmo nos portais de notícias, o assunto mais importante assume o topo da página, acompanhado por uma imagem.

A *Folha de S.Paulo*, em seu Manual da Redação, destaca que os “títulos devem ser, ao mesmo tempo, capazes de tornar claro, em poucas palavras e em ordem lógica, o objeto da notícia e de atrair o leitor, incitando seu interesse.” (FOLHA, 2006). Nas postagens do *Sensacionalista*, a busca pelo elemento cômico está no título da paródia. Como é possível observar na imagem abaixo, figura 08, o humorístico se vale de manchetes curtas e atrativas. Vale ressaltar que nem todas as manchetes produzidas pelo grupo são desdobradas em texto, grande parte é restrita ao título.

⁴⁶ Grifo do autor.

Figura 8 - Sensacionalista: Bolsonaro e a vacina contra a Covid-19



Reprodução de postagens realizadas entre setembro e dezembro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Ao acessar o *feed* do *Instagram* do *Sensacionalista*, o leitor vai se deparar com conteúdos que também estão em destaque nos portais de notícias, nos telejornais e em outras redes sociais, como o *Twitter*. O humor é construído levando em consideração os principais desdobramentos políticos do dia. A página também veicula conteúdos publicitários e aborda ainda as populares efemérides, que também integram as pautas jornalísticas, como as comemorações do Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia dos Pais ou Dia das Crianças. Com o objetivo de estabelecer uma proximidade maior com o formato parodiado, a página se vale de um recurso típico do jornalismo, que é a citação a especialistas ou estudos científicos. Em linhas gerais, o uso de argumentos de autoridade no conteúdo informativo têm a finalidade de aumentar o nível de confiabilidade daquele material que está sendo oferecido ao público. Muitas vezes, no jornalismo tradicional esta indicação ocorre já na manchete. Este recurso já foi apresentado no início deste capítulo. Duas das paródias noticiosas presentes na figura 08 são construídas a partir deste recurso: *Estudo britânico diz que não tomar vacina provoca escrotidão* e *Solução para o Brasil é exigir passaporte vacinal para ocupar o Planalto, diz infectologista*. Na prática, em um texto informativo, ao lançar mão desta técnica, o jornalista adianta ao público que aquela é a orientação de um especialista no assunto, um profissional que foi consultado para a redação daquele conteúdo.

Outro ponto interessante no humorístico é que a construção ficcional é uma prerrogativa da linguagem escrita. Já os elementos imagéticos contrapõem a lógica satírica; haja vista que, na maioria das postagens, são utilizadas imagens reais extraídas de transmissões on-line ou distribuídas por assessorias de imprensa. As fotografias presentes no *jornal isento de verdade* poderiam ser encontradas em formatos jornalísticos convencionais. Como, via de regra, não faz uso de ilustrações ou de caricaturas, este recurso possibilita uma

aproximação ainda mais consistente com o jornalismo tradicional, como pode ser observado na imagem abaixo (Figura 09):

Figura 9 - Bolsonaro e os primeiros dias da pandemia de Covid-19



Reprodução de posts de março de 2020; início da pandemia de Covid-19 no Brasil. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

No *Sensacionalista*, a fotografia é indispensável para que o leitor compreenda a finalidade cômica; a imagem assume uma posição de ancoragem do sentido. Na manchete acima *Bolsonaro testa negativo para presidente* (Figura 09), a fotografia utilizada é a mesma que foi veiculada em vários jornais tradicionais⁴⁷. A imagem documenta a participação do então presidente em uma manifestação em apoio ao Governo Federal, em 15 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde já havia decretado a pandemia de Covid-19 e recomendado que as pessoas evitassem aglomerações. A imagem ilustra que Bolsonaro adotava, naquele momento, uma posição contraditória à esperada para um chefe de Estado.

Em outros momentos, o humorístico divide a construção do argumento satírico entre a imagem e o texto. Neste tipo de relação, não é possível que o leitor entenda o sentido pleno da postagem ao considerar apenas uma das linguagens. Como já mencionado, a publicação *Estudo britânico diz que não tomar vacina provoca escrotidão*, apresentada novamente na

⁴⁷ No que diz respeito ao uso de imagens comuns ao jornalismo, a fotografia escolhida para a postagem do dia 15 de março é a mesma disponibilizada no *Poder 360* (<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-teve-contato-direto-com-ao-menos-272-pessoas-em-ato-diz-jornal/>). Além disso, outros veículos, como a *Gazeta do Povo* (<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/atos-pro-bolsonaro-apoio-15-marco/>), o *El País* (<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-15/bolsonaro-rompe-isolamento-e-endossa-atos-contrario-congresso-em-medio-a-crise-do-coronavirus.html>), o *Estado de S. Paulo* (<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-bolsonaro-participar-de-ato-ministerio-da-saude-volta-a-se-opor-a-aglomeracoes,70003234175>) e o *Brasil de Fato* (<https://www.brasildefato.com.br/2020/03/17/artigo-o-bolsonarismo-e-seu-novo-ato-na-cena-politica>), publicações como padrões editoriais bem distintos, se valem de imagens semelhante.

figura 10, para facilitar a leitura, só pode ser plenamente compreendida a partir da junção entre a fotografia e a manchete. A sátira, publicada em 25 de outubro de 2021, faz referência a uma *live* realizada pelo ex-presidente quatro dias antes, em 21 de outubro, na qual ele afirmou que a vacina contra a Covid-19 causava a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS). A manchete satírico-fictícia é uma referência à decisão do *Facebook* e do *Instagram* que retiraram a gravação do ar. O conteúdo não foi removido do *Twitter*, mas indicado como enganoso pelo microblog. Durante a *live*, o então presidente divulgou a *fake news* que sugeria que um relatório oficial do Reino Unido - por isso o gancho usado pelo humorístico - teria indicado que pessoas que completaram o esquema vacinal contra a Covid-19, estariam desenvolvendo a síndrome. A postagem conta com uma imagem extraída da própria transmissão realizada por Bolsonaro, só a partir dela, é possível compreender quem é o personagem descrito pelo humorístico, já que o nome do então presidente não foi descrito. Esta condição também pode ser percebida na figura 10:

Figura 10 - A imagem e a ancoragem de sentido no *Sensacionalista*



Reprodução de postagens realizadas entre março e outubro de 2021 no perfil oficial do Sensacionalista no Instagram

A postagem *EDITORIAL: uma escolha muito difícil*, de 10 de março de 2021, além de ser uma paródia noticiosa - ou como apresentado nesta pesquisa, uma manchete satírico-fictícia - tece uma crítica específica a um texto, de opinião, postado pelo grupo *O Estado de S. Paulo*, em 08 de outubro de 2018. O editorial foi publicado um dia após o primeiro turno das eleições majoritárias daquele ano, quando ficou definido que Jair Messias Bolsonaro, à época no PSL, enfrentaria Fernando Haddad (PT) na disputa do segundo turno. A paródia toma como tema os gastos do Governo Federal com picanha e cerveja para os militares e o investimento na produção de cloroquina, em contrapartida ao desinteresse na compra de vacinas. Só é possível compreender de qual escolha o humorístico fala, a partir da imagem. A segunda postagem, semelhante a um texto veiculado em uma página policial,

Homem em moto causa quase 500 mil mortes, de 12 de junho de 2021, não faz uma referência direta a Bolsonaro. A identificação de que a sátira avalia a conduta do então presidente é possível a partir do repertório do leitor: a participação frequente do político em motocicletas e o número de mortos pela pandemia naquele momento. A imagem em questão é semelhante a um print realizado de uma transmissão televisiva, com registros aéreos, com a finalidade de indicar a quantidade de participantes.

Já em *Bolsonaro quis torturar bula da Cloroquina até ela dizer o que ele queria*, o humorístico faz referência a práticas típicas de regimes ditatoriais, as quais o ex-presidente já defendeu. No entanto, a postagem ganha um viés transgressivo porque a imagem utilizada neste destaque é uma fotografia do diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Antonio Barra Torres. Na data da postagem, 11 de maio de 2021, o médico, que é almirante da Marinha, esteve no Congresso Nacional e foi ouvido na CPI da Covid-19, em meio à investigação quanto à ação do Governo Federal na pandemia do novo coronavírus. Ao longo do depoimento, Barra Torres afirmou que o ex-presidente tinha o objetivo de alterar a bula da cloroquina para atestar que o remédio era eficaz contra o coronavírus. Neste exemplo, a manchete é apresentada como uma declaração do especialista. De fato, ao longo do depoimento, o especialista afirma que Bolsonaro tinha a intenção de alterar a bula da cloroquina para incluir que a medicação era eficaz no combate ao novo coronavírus.

4.4. As contribuições de Bakhtin para o campo humorístico: a linguagem do *Sensacionalista*

De acordo com Leonor Lopes Fávero (2003), a partir das reflexões de Bakhtin, a sátira menipeia pode ser compreendida como um dos principais gêneros estruturados em uma percepção carnavalesca do mundo. Salientando que a carnavalização diz respeito à transposição do caráter contestador da festa popular para a linguagem artística; neste caso, para o universo do humor. O carnaval narrado pelo autor russo, vivenciado durante a Idade Média e o Renascimento, deve ser compreendido a partir de uma dimensão antropológica e social bem mais ampla do que a assumida pela festividade atualmente. Para Bakhtin (2010, p. 06), “o carnaval não tem nenhuma fronteira *espacial*. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da *liberdade*. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo.”

A sátira menipeia, conforme explica Bakhtin (2018, p. 129), integra o gênero literário definido como sério-cômico e exerceu forte influência sobre a produção literária cristã no período antigo e bizantino, no entanto, o gênero continuou “a desenvolver-se também nas épocas posteriores: na Idade Média, nas épocas do Renascimento e da Reforma e na Idade Moderna.” Historicamente, a origem da sátira menipeia é atribuída ao modelo das críticas produzidas pelo filósofo grego Menipo de Gadara, que viveu de 349-250 a.C. Estes escritos eram marcados por uma linguagem sarcástica. No século I a.C, em Roma, Varrão, influenciado por Menipo, escreveu textos em prosa, marcados por uma abordagem satírica e humorada.

Ao listar as características estruturantes das sátiras menipeias e dos demais formatos que compõem o gênero sério-cômico, Bakhtin (2018) cita a atualidade como um elemento essencial destes textos. No caso do *Sensacionalista*, esta condição é essencial para determinar a seleção dos assuntos escolhidos. Ao se deparar com o *feed* do humorístico, o leitor estará diante das mesmas temáticas que encontraria em um portal de notícias, por exemplo. Ainda que o grupo se dedique à produção de sátiras, os recursos utilizados passam por uma seleção factual, a partir dos critérios de noticiabilidade que permeiam a prática jornalística.

Pela primeira vez, na literatura antiga, o objeto da representação *séria* (e simultaneamente cômica) é dado sem qualquer distância épica ou trágica, no nível da atualidade, na zona de contato imediato e até profundamente familiar com os contemporâneos vivos, e não no passado absoluto dos mitos e lendas. (BAKHTIN, 2018, p. 123).

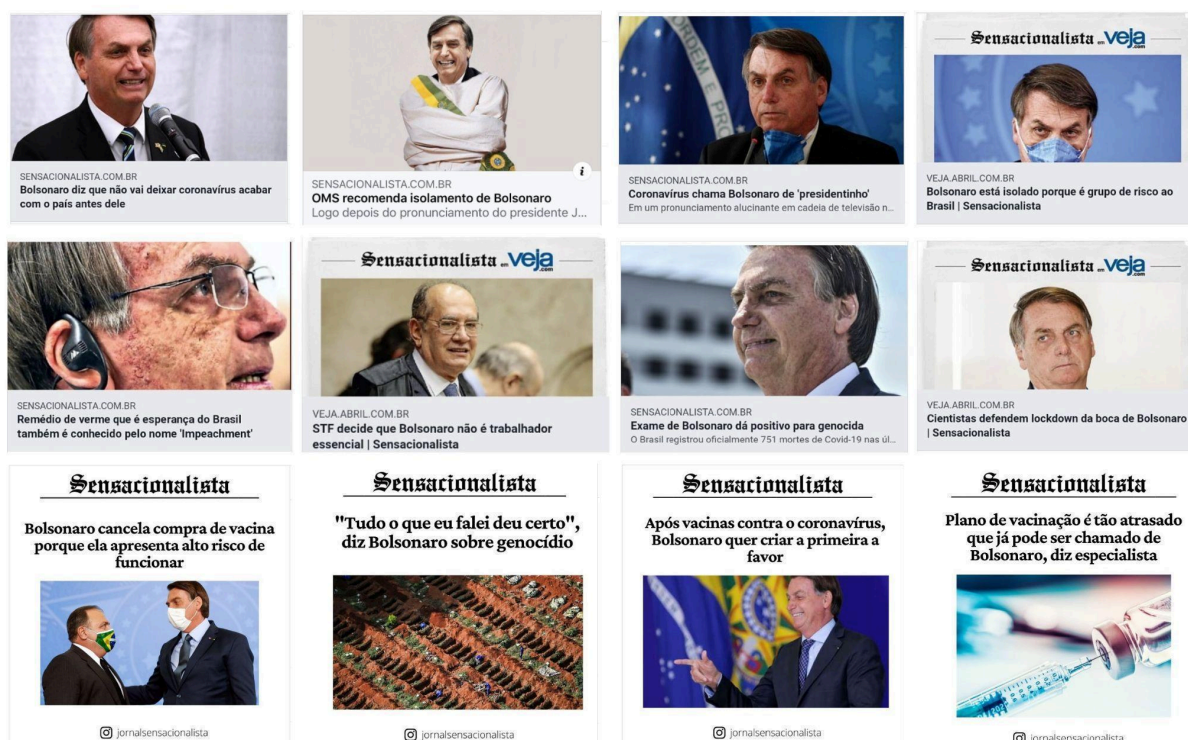
Ainda como elementos definidores deste formato satírico, estão o uso da experiência e da fantasia livre como pontos de partida para a temática textual. Segundo Bakhtin (2018), a maior parte dos autores satíricos antigos buscavam um distanciamento em relação às lendas. Ao citá-las, a abordagem era crítica; o autor russo fala em um tom cínico-desmascarador. A sátira menipeia é concebida a partir de uma pluralidade, a partir da “politonalidade da narração, pela fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico”. (BAKHTIN, 2018, p. 123). A estruturação destas sátiras exige, também, uma valorização mais efetiva do elemento cômico em sua composição textual.

Retomando a teoria, entre os aspectos apresentados por Bakhtin (2018) para classificar a sátira menipeia como uma representante da carnavalização por excelência está o questionamento da ordem vigente. Sob este aspecto, o autor cita que o formato “gosta de jogar com passagens e mudanças bruscas, o alto e o baixo, ascensões e decadências, aproximações inesperadas do distante e separado, com toda a sorte de casamentos desiguais.”

(BAKHTIN, 2018, p. 134). Ao longo do período analisado para esta tese foram várias as críticas apresentadas pelo humorístico à condução da pandemia de Covid-19, o que será apresentado em vários momentos ao longo deste capítulo, nos próximos e no apêndice. Entre as diversas representações possíveis para a conduta do então presidente, o humorístico enfatizou a postura negacionista de Bolsonaro quanto ao avanço da pandemia; também demonstrou uma reação de desinteresse quanto à situação dos brasileiros; um certo deslocamento da realidade quanto às reais necessidades da população, principalmente a mais pobre, nos momentos mais efetivos das políticas de restrição, além de uma visão focada nas eleições de 2022, em detrimento aos desdobramentos da crise sanitária.

Em 11 de março de 2020, mesmo dia em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) elevou o grau de classificação da crise sanitária internacional a uma pandemia, o humorístico postou *Bolsonaro diz que não vai deixar coronavírus acabar com o país antes dele* (Figura 11). A sátira em questão não se aplica à situação global, foi um reconhecimento da gravidade daquele momento, alicerçada a uma crítica à capacidade política do então presidente de comandar o país naquele contexto. Inicialmente, a manchete se assemelha à declaração tradicional de um político em momentos de crise, *Bolsonaro diz que não vai deixar coronavírus acabar com o país*. A quebra significativa que aponta a paródia como transgressiva é o complemento *antes dele*. Em linhas gerais, a página traça uma crítica a toda a gestão bolsonarista, mesmo em 2019, antes do contexto pandêmico. A forma como o ex-presidente pessoalmente enxergava a pandemia foi determinante para a maneira como as instituições de Estado, entre elas o Ministério da Saúde, agiram. Com o objetivo de demonstrar que o humorístico reforçava a exemplificação de Jair Bolsonaro como uma figura que atrapalhava o enfrentamento à doença, outras manchetes também foram apresentadas e estão inclusas na figura 11.

Figura 11 - Rebaixamento da figura de Jair Messias Bolsonaro



Reprodução de postagens realizadas entre março e dezembro de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Para além das características presentes na sátira menipeia, o *Sensacionalista* assume, em sua estruturação, a forma jornalística. Se a estrutura possibilita a aproximação com o jornalismo, o conteúdo dissocia. Sob este aspecto, Affonso Romano de Sant'anna (2003) explica a paródia como uma reapresentação. Temas que os leitores encontram veiculados a partir das técnicas do *lead* e da pirâmide invertida, estruturadas nos diferentes tipos textuais que permeiam o gênero jornalístico, são reapresentadas no humorístico com características semelhantes, mas com um linguagem que subverte a objetividade jornalística - não pensada aqui como a busca por uma pretensa isenção, mas como um princípio de clareza, estruturado em um uso da linguagem marcado pela referencialidade e por aspectos denotativos. É um princípio básico do jornalismo garantir que o público compreenda a mensagem veiculada. O

Sensacionalista brinca com a linguagem e com as suas potencialidades. Ainda que as manchetes satírico-ficcionais necessitem de pontos referenciais para que a mensagem seja compreendida, a interpretação do formato como um texto humorístico só é alcançada se o leitor, minimamente, tiver conhecimento do contexto em que aquela piada se insere, o que pode ser obtido por meio do jornalismo.

Por exemplo, em 24 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro fez um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão sobre a Covid-19. A manifestação pública gerou muitas críticas, já que revelou o tom negacionista que foi sustentado por ele, enquanto chefe de Estado, na condução da crise sanitária. Em cerca de cinco minutos de fala, o ex-presidente criticou os governadores pela adoção de medidas para frear a disseminação do coronavírus; chamou, novamente, a Covid-19 de gripezinha; indicou que o país deveria voltar à normalidade, suspendendo as medidas de restrição e afirmou que, se contaminado, manifestaria apenas a forma leve da doença, já que possuía um histórico de atleta. O pronunciamento tornou-se o principal assunto nos portais de notícia, já que as medidas de restrição começavam a ser implementadas em todo o país com o objetivo de frear a disseminação do vírus. Seguindo a mesma linha, este ato de fala foi o responsável por cinco postagens do humorístico: Bolsonaro faz 65 anos e entra em grupo de risco de impeachment; Histórico de atleta de Bolsonaro inclui salto em distância da realidade; OMS recomenda isolamento de Bolsonaro; Coronavírus chama Bolsonaro de 'presidentinho' e Recomendação da OMS é ficar mais escondido que o exame de Bolsonaro (FIGURA 12):

Figura 12 - Desdobramento do pronunciamento de Jair Bolsonaro no Sensacionalista



Reprodução de postagens realizadas em 24 de março de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

O *GI*, portal de notícias do grupo *Globo*, o mesmo ao qual o humorístico está vinculado, o *UOL*, pertencente à *Folha de S. Paulo*, e a *BBC*, assim como vários outros veículos de comunicação deram visibilidade ao pronunciamento de Bolsonaro. Nos exemplos apresentados a seguir, os portais de notícia destacaram a abordagem do político e a repercussão obtida pela manifestação. No entanto, é sabido que a maioria dos veículos de

comunicação assumiram uma postura crítica à gestão da pandemia. As postagens do *Sensacionalista* seriam um segundo passo nesta relação. Apenas para efeito de mensuração da diferença entre a linguagem assumida pelo humorístico em comparação ao jornalismo tradicional, a figura 13 aponta como o pronunciamento do ex-presidente foi representado em portais de notícias.

Figura 13 - Desdobramento do pronunciamento de Jair Bolsonaro em portais de notícias



Reprodução de manchetes postadas em 24 de maio de 2020. Fontes: G1, UOL e BBC News Brasil

Sant'anna (2003) explica que a paródia, pensada na origem grega como um contracanto, assumia uma função catártica. Ao traçar uma perspectiva histórica do conceito, o pesquisador cita Aristóteles e aponta que a epopeia se apresentava como o gênero destinado à valorização dos heróis nacionais, mas a paródia, em contraposição, operava no outro extremo, a degradação. Nesta perspectiva, o autor cita a releitura a partir de três referências básicas: “a) verbal — com a alteração de uma ou outra palavra do texto; b) formal — em que o estilo e os efeitos técnicos de um escritor são usados como forma de zombaria; c) temática — em que se faz a caricatura da forma e do espírito de um autor.” (SANT’ANNA, 2003, p. 12). Ao destacar as concepções modernas deste texto jocoso, ele cita dois conceitos principais e que serão abordados ao longo deste capítulo, a intertextualidade (referência a outros textos) e a intratextualidade (retomada da própria obra).

Bakhtin é apontado atualmente como um dos principais teóricos a se debruçar sobre a paródia. Ainda sobre as reflexões do autor russo, Fávero (2003, p.33) cita que a releitura jocosa, assim como demais gêneros carnavealizados, são fenômenos bivocais e bilíngues. Ou seja: eles “permitem reconhecer explicitamente uma semelhança com aquilo que negam, a palavra tem um duplo sentido, voltando-se para o discurso de um outro e para o objeto do discurso como palavra.” Por exemplo, em setembro de 2022, na reta final da campanha eleitoral que poderia conceder um novo mandato a Jair Bolsonaro, o humorista Marcelo Adnet, reconhecido por uma série de críticas contra a gestão do militar, realizou uma paródia da canção *Mulheres*, de Toninho Geraes, mas que alcançou o sucesso em 1995, na voz do

sambista Martinho da Vila. A versão satírica não se projeta diretamente contra o samba, mas sim como um enfrentamento ao então candidato ao Palácio do Planalto, reconhecido por uma conduta machista e misógina. Justamente as mulheres formam o grupo que apresenta maior resistência ao discurso de Bolsonaro.

Com a paródia, Adnet contestou as afirmações feitas pelo candidato durante a campanha. A sátira foi apresentada no *podcast Interrompemos nossa programação*, que, naquele episódio, abordava o voto útil, ao lado dos colunistas Bernardo Mello Franco e Malu Gaspar. Se o sambista aponta: “Já tive mulheres de todas as cores”, o humorista persuade: “Já xinguei mulheres de todas as coisas, de barbaridades, muitos desaforos”. Apenas nos versos iniciais, Adnet ainda aborda as suspeitas de enriquecimento ilícito apontadas em matérias assinadas por Juliana Dal Piva. “Com umas até, algum tempo casei, pra outras apenas imóveis comprei”. Ao ouvir a versão de Adnet, é possível lembrar da música e das declarações de Bolsonaro, tanto as ofensivas às mulheres, quanto às da campanha⁴⁸. Ao tomar as notícias como ponto de partida, o *Sensacionalista* adota o mesmo princípio.

Para Bella Jozef (1980), a paródia, a partir de sua estrutura, inverte o significado presente no texto original. Enquanto a canção interpretada por Martinho da Vila possa ser considerada como uma declaração de amor, a paródia reúne expressões ofensivas direcionadas às mulheres. Na prática, é o avesso. Ao se projetar como uma paródia do jornalismo, o *Sensacionalista* sugere ao público a possibilidade de olhar para o noticiário político brasileiro a partir da matriz do deboche. Esta zombaria também se projeta, e de maneira prioritária, à classe política, próximo ao que Propp (1992) definiu como riso de zombaria. Esta condição não é uma prerrogativa do *jornal isento de verdade*, mas uma característica intrínseca à

⁴⁸ A paródia na íntegra está disponível em www.youtube.com/watch?v=QmRByusbLd4, a partir dos 44 minutos. Acesso em maio de 2023. Quanto à letra da paródia,

*Já xinguei mulheres de todas as coisas
De barbaridades, muitos desaforos
Com umas até, algum tempo casei,
Pra outras apenas imóveis comprei
Mulheres com Lula, dizem sou genocida
Suas fraquejadas, estilo Anita
Laranja ou crente, empreiteira, raiz
Sou macho com elas, que cuidam de mim
Mulheres jornalistas da mídia comprada
Mulheres que fazem pergunta demais
Mas nenhuma delas deposita tão bem quanto a Michelle faz
Procurei em todas as mulheres a virilidade
Mas eu não encontrei e fiquei na saudade
Perdi as ereções, eu já cheguei ao fim
Você é o Psol da minha vida só me faz maldade
Ataca as hemorróidas, brocha a vontade
E o Interrompemos está chegando ao fim*

paródia. Mas, a partir do momento em que o objeto parodiado é o discurso jornalístico, a definição da autora parece fazer ainda mais sentido. Considerando que a paródia “se constrói como desmitificadora do discurso realista que criou a ilusão de referencialidade, a suposta ligação da narrativa com a realidade.” (JOZEF, 1980, p. 54).

Desta forma, o funcionamento da paródia se dá a partir de um choque entre o objeto de referência, o que pode ser compreendido como o texto original, e o resultado da sátira. Para que a sátira alcance o seu objetivo de produção inicial, é indispensável que esta condição seja compreendida pelos leitores. Jozef fala em uma distinção entre o plano de parodização e o plano parodiado. Ou seja: “É preciso, pois, que haja uma diferença de postura entre os dois planos para que a paródia se dê, sendo necessário que esta duplicidade e discordância de planos seja também percebida pelo leitor.” (JOZEF, 1980, p. 61). Para que o *Sensacionalista* funcione como um formato humorístico, é preciso que o público reconheça que a página não é um contraponto ao jornalismo tradicional, mas uma sátira deste.

Se em um jornal impresso, objeto parodiado pelo *Sensacionalista*, o espaço destinado à sátira é assumido pela charge, pela tirinha ou pelas caricaturas, o *jornal isento de verdade* também exerce este tensionamento, mas de duas maneiras distintas. Para os leitores do *O Globo*, esta crítica está presente em um ambiente familiar à publicação. Aos domingos, o conteúdo do humorístico está presente nas edições impressas do noticiário, com veiculação no caderno 02. Como pode ser observado na figura 14, um *print* da capa que foi às bancas no dia 16 de abril de 2023. O *Sensacionalista* ganhou um pequeno destaque, no canto inferior direito.

Figura 14 - Capa de O Globo de 16 de abril de 2023

'Vai na fé': O que explica o sucesso da novela que une evangélicos, funk e debates atuais SEGUNDO CADERNO

Batalhadora. Sheron Menezes é Sol, protagonista da trama das 18h

O GLOBO

Trineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 16 DE ABRIL DE 2023 JANGLOVE - Nº 32.759 - PREÇO DESTE EXEMPLAR: R\$ 1,00 2ª EDIÇÃO

PRESSÃO FINANCEIRA

Em crise, planos de saúde devem limitar redes e elevar reajustes

Empresas negociam com hospitais, e executivos preveem alta maior nos preços

Após amargar perdas bilionárias em 2022, planos de saúde seguem sob pressão da alta nos custos. Com maior demanda por consultas, exames e outros procedimentos represados na pandemia, as operadoras tentam negociar prazos maiores e descontos de até 30% nos pagamentos a hospitais e laboratórios. O resultado disso, apontam executivos do setor, deve ser a limitação de atendimentos nas redes credenciadas e reajustes mais altos nos planos coletivos, que concentram 80% dos usuários da saúde privada. **PÁGINA 17**

Ações contra Bolsonaro mexem com tabuleiro eleitoral da direita

O avanço da ação na Justiça Eleitoral que pode deixar o ex-presidente Jair Bolsonaro inelegível já reflete no xadrez político da oposição a Lula. Michelle Bolsonaro, Tarcísio de Freitas, Braga Netto e Romeu Zema são nomes cotados e que se movimentam para disputar a herança bolsonarista com vistas a 2026. **PÁGINA 4**

Leis homofóbicas se espalham na África

SPH/USAGM

Leis que criminalizam pessoas LGBTQIAP+ já estão presentes em 32 países do continente africano, em uma onda homofóbica que avança sob governos populistas, religiões conservadoras e histórico de preconceitos, relata Vinícius Assis. **PÁGINA 22**

No Rio, sou mais eu'

Clicado em Paris e em Santa Teresa, o francês Vincent Cassel declara seu amor pelo Brasil, critica o Oscar e defende o ócio: 'Não entendo ator escravo do trabalho', diz, em entrevista a MARINA CARUSO.

EDITORIAL

IMPOSTOS ABSURDOS TORNAM TUDO MAIS CARO NO BRASIL. **PÁGINA 2**

PAULO CELSO PEREIRA

Presidencialismo de varejo **PÁGINA 2**

DORRIT HARAZIM

Racismo, a grande perversidade nacional **PÁGINA 3**

BERNARDO MELLO FRANCO

Ação no TSE é só a 1ª de Bolsonaro **PÁGINA 3**

LAURO JARDIM

O que quer ser prefeito, mas espera aval do pai **PÁGINA 6**

ELIO GASPARI

Twitter quis dançar valsa ao som de tango **PÁGINA 10**

MÍRIAM LEITÃO

Na China, Brasil entregou tudo e recebeu pouco **PÁGINA 18**

EUA veem Lula seguindo 'propaganda chinesa' por crítica sobre a guerra

Declaração do presidente brasileiro de que os EUA "incentivam" o conflito foi mal recebida por Washington, segundo integrantes da diplomacia americana. **PÁGINA 24**

ENTREVISTA/DAWISSON BELÉM LOPES

'Não há alinhamento automático a Pequim ou Washington' **PÁGINA 24**

ENSINO MÉDIO

Estudo mostra que evasão escolar custa ao país R\$ 135 bi por ano **PÁGINA 16**

A MARCA DO MONARCA

Charles III revigora negócios reais com sua imagem

A caminho da coroação, no início de maio, o rei Charles III tem conquistado apoio dos britânicos e mostrado a força de sua imagem: ela já incrementa o comércio de suvenires que gera R\$ 12,5 bilhões por ano e é disputada por empresas que buscam a chancela dos selos reais. **PÁGINA 23**

Ainda na China

Na hora de ir, um aperto de (ir)mãos!

MELHORES DE 2022

O desafio de informar em meio à desinformação

A cobertura das eleições foi eleita pelos editores do GLOBO o melhor conteúdo produzido pelo jornal em 2022. A missão de informar em meio à guerra de fake news, mantendo agilidade e profundidade no impresso e no digital, simbolizou um ano em que o site do jornal bateu recordes de audiência. **PÁGINA 14**

Mapa da votação. Leitor acompanhou a contagem em detalhes e em tempo real

CAMPEONATO BRASILEIRO

Fluminense, Vasco e Botafogo vencem na estreia

Cariocas estrearam bem no Brasileiro. Embalado pelo título carioca, o Fluminense derrotou o América, em Belo Horizonte, por 3 a 0. Também na capital mineira, o Vasco venceu o Atlético por 2 a 1, mesmo placar da vitória do Botafogo sobre o São Paulo. O Flamengo enfrenta o Coritiba hoje no Maracanã. **PÁGINA 33**

A rota que explica as alianças criminosas no Rio

Exploração de trilha do tráfico na Amazônia selou no Rio parceria entre facções de vários estados. **PÁGINA 27**

PATRICIA KOGUT

'O agente noturno' não é original, mas diverte **SEGUNDO CADERNO**

SENSACIONALISTA

Lula é taxado por Haddad na volta da China **SEGUNDO CADERNO**

Reprodução da capa de O Globo, disponível no site oficial do noticiário

Para os leitores do site do *O Globo*, o conteúdo do *Sensacionalista* pode ser acessado a partir do menu *Blogs e Colunas*. Abaixo, a figura 15, diz respeito a um *print* da página, também realizado em 16 de abril de 2023.

Figura 15 - Home do blog do Sensacionalista em O Globo de 16 de abril de 2023

Menu **O GLOBO** | Sensacionalista **ASSINE** 🔍 Buscar 🧑 Entrar

93% OFF Comece a ler O GLOBO com esta superoferta. Clique e confira.

Sensacionalista
Humor. O que não tem de verdade.

Governo comprou sofá caro porque palácio da alvorada estava com problema de encosto

Lula quer indicar Campos Neto ao STF para se ver livre dele no BC

TSE julga a imbrochabilidade de Bolsonaro

Lula vem da China e é taxado por Haddad
há 10 horas — Em Sensacionalista

Lula posa ao lado de presidente chinês e criadores de fake news tiram dia de folga
há 2 dias — Em Sensacionalista

Dilma toma posse como presidente do banco dos Brics e temer embarca para a China
há 3 dias — Em Sensacionalista

Lula foi à China comprar roupas e eletrônicos antes da taxa da Shein, Shopee e Ali Express
há 4 dias — Em Sensacionalista

Prédio tem todas as unidades com vista para o mar
Empreendimento linear estende-se da Praia do Pequi aos imbuês. Construção exclusiva e cara tem vista para o mar de todas as unidades.

Mais lidos em Colunas

- 1 Recien-nascida, filha de Vili Tibe realiza cirurgia que é alvo de polêmica entre médicos
- 2 Filho de Rousei Witherspoon posa com a mãe e semelhança entre os dois impressiona todos
- 3 Marília Mendonça: o que se sabe sobre as imagens vazadas da autopsia da cantora
- 4 Morre Gileno Santoro, dublador do Mestre Kame em "Dragon Ball", aos 74 anos
- 5 Fotos vazadas de Marília Mendonça saíram de computador da polícia, esposa família

Redes Sociais

Seguir no Instagram

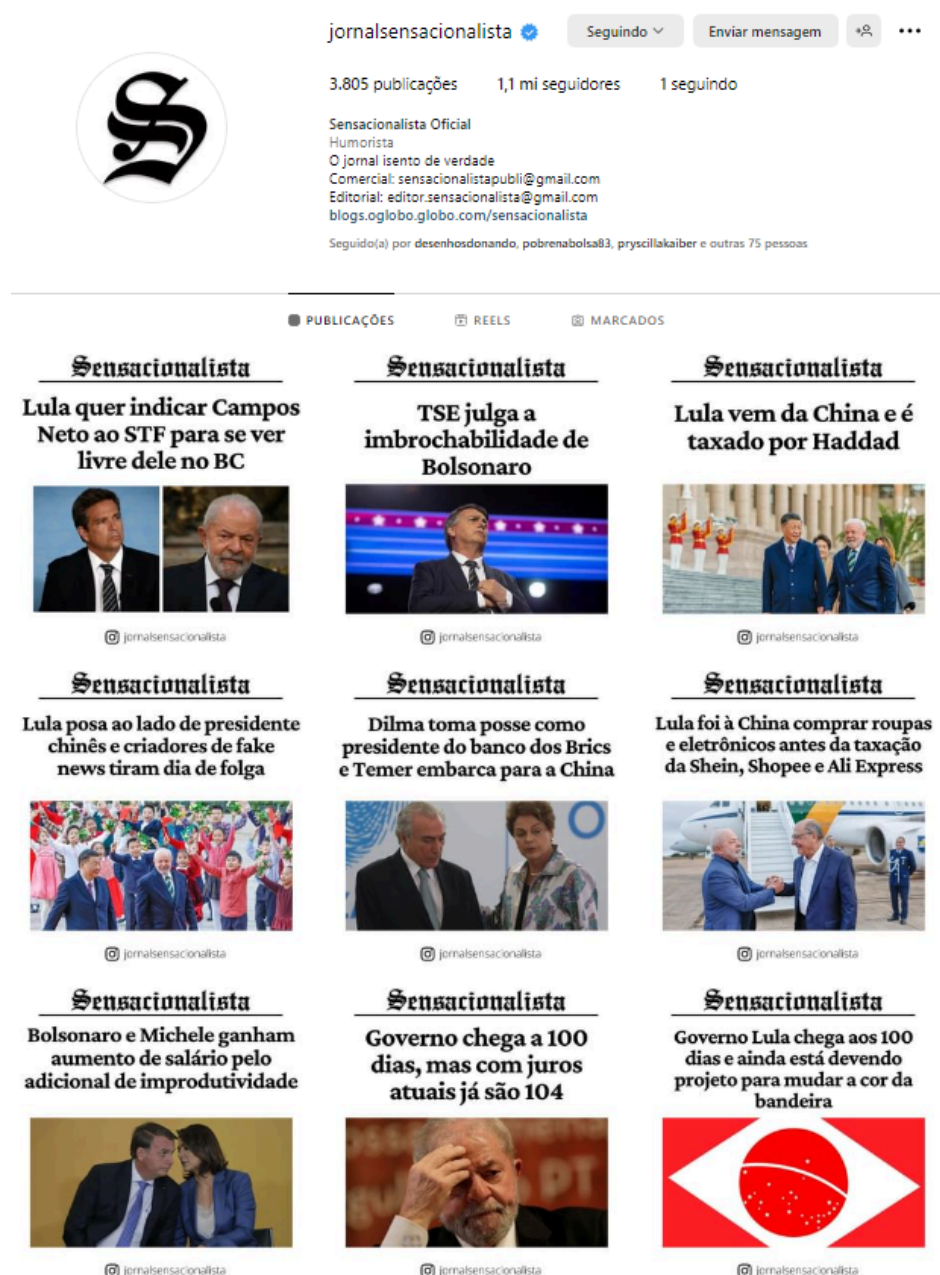
Conheça o Guia IF do Imposto de Renda rápido e descomplicado

O GLOBO com 93% de desconto. EU QUERO

Reprodução da home do blog do Sensacionalista, disponível no site de O Globo

Nas duas opções apresentadas acima (Figuras 14 e 15), a paródia pode ser acessada no mesmo espaço em que, via de regras, as notícias, tomadas como base para as sátiras, estão presentes. No entanto, para o restante do público, aquele que não é assinante ou leitor de *O Globo*, ter acesso às piadas é preciso se dirigir às redes sociais do humorístico, como por exemplo ao perfil oficial no *Instagram* (FIGURA 16).

Figura 16 - Feed do Sensacionalista em 16 de abril de 2023



Reprodução do perfil oficial do humorístico no Instagram

Ao pensar na esquematização do carnaval em Bakhtin, Stam (1992) elenca uma série de pressupostos. Entre aqueles que estão presentes no *Sensacionalista*, pode se destacar:

[...] 5) a idéia das inversões sociais e a subversão simbólica do poder estabelecido via 'o mundo às avessas'; 6) a imagem do mundo social e político como um perpétuo 'coroamento' e 'descoroamento' e a mudança perpétua como fonte da esperança popular; 7) o *topos* do carnaval como o 'reino da ambiguidade' e da 'relatividade alegre';
 [...] 9) uma perspectiva em relação à linguagem que valoriza o obsceno, o vulgar, o *non-sense* enquanto expressão linguística da criatividade popular; 10) a noção do carnaval como uma libertação das regrinhas de etiqueta social, da cortesia e das boas maneiras; (STAM, 1992, p. 46-47).

O conteúdo produzido pelo *Sensacionalista* principalmente no que diz respeito à pandemia de Covid-19, esteve alicerçado no humor. Conforme a situação sanitária se complicava, a página apresentava o ex-presidente Jair Bolsonaro como o principal responsável pela situação.

4.5. O *Sensacionalista* é intertextual e interdiscursivo

Sant'anna (2003), seguindo em uma perspectiva psicanalítica de que a paródia se configura como uma reapresentação, classifica o formato como uma nova forma de ler o que já é convencionalizado. Esta definição se aproxima de uma concepção usada para entender o sentido que os traços hiperbólicos assumem no humor gráfico, como o próprio autor indica. O texto parodiado precisa manter elementos de proximidade com o original para possibilitar o reconhecimento. No entanto, exige a apresentação de uma distinção clara, para que o leitor compreenda a crítica construída. Ou seja:

[...] a paródia é como a *lente*: exagera os detalhes de tal modo que pode converter uma parte do elemento focado num elemento dominante, invertendo, portanto, a parte pelo todo, como se faz na charge e na caricatura. E eu diria, usando ainda um raciocínio psicanalítico, que a paródia é um ato de insubordinação contra o simbólico, uma maneira de decifrar a Esfinge da Mãe Linguagem. Ela difere da paráfrase na medida em que a paráfrase se assemelha àquele que dorme edipianamente cego no leito da Mãe Ideologia. Sendo uma rebelião, a paródia é parricida. Ela mata o texto-pai em busca da diferença. E o gesto inaugural da autoria e da individualidade. (SANT'ANNA, 2003, p. 32).

O próprio autor aborda a proximidade entre a paródia e o jornalismo. Ainda que a avaliação de Sant'Anna seja de 2003, até mesmo anterior à criação do presente objeto de estudo, e que se estabeleça em uma temporalidade distante da atual no que diz respeito à

rotina de produção de conteúdo noticioso, que é marcada por uma diversidade maior de mídias jornalísticas, é interessante aproximá-la do contexto do *Sensacionalista*. Ao destacar a periodicidade das publicações dos chamados jornais parodísticos, ele cita que as edições iam às bancas após a publicação dos informativos tradicionais. Para o autor, os formatos construídos com base na sátira "carecem que o texto a ser parodiado tenha sido publicado anteriormente ou tenha se acumulado na memória do leitor durante uma semana ou mais. Ele vive da notícia já consumida. Ele não dá o 'furo', ele debocha do 'furo' ou valoriza um aspecto só do todo." (SANT'ANNA, 2003, p. 69). Resumidamente, a paródia para fazer sentido junto aos leitores, assume características intertextuais.

No contexto atual, o próprio modo de fazer e produzir conteúdo jornalístico é diferente daquele que foi tomado por Sant'Anna. Nos últimos anos, em virtude da agilidade da *internet*, que acabou se tornando um parâmetro também para o modo de produção dos outros meios, é possível que um mesmo fato receba inúmeras atualizações ao longo do dia. Da mesma forma, esta característica precisou ser transposta para os formatos satíricos como o *Sensacionalista*. Se o humorístico não seguir um cronograma de publicações que se aproxime da rotina jornalística, a relação intertextual com os portais de notícia ainda será mantida, mas poderá ter o seu sentido comprometido. No dia seguinte, ou quando o assunto for publicado em sua versão irônica, o ponto usado para a construção da sátira pode não ser o aspecto mais atual daquele fato, uma vez que os desdobramentos chegam cada vez mais rápido aos consumidores de mídia. Conforme o fato motivador perde destaque no noticiário nacional, nas redes sociais e na memória coletiva, a piada terá o seu efeito minimizado. A sátira perde ressonância enquanto um objeto comunicativo, mas pode ser compreendida como uma fonte de pesquisa histórica, por trazer características, traços e impressões de um determinado momento social.

Isso não significa que o *Sensacionalista* precisa assumir a intensidade ou a integralidade da cobertura jornalística, entretanto, aponta que determinados assuntos vão receber várias atualizações ao longo de um único dia, como foi o caso do pronunciamento realizado pelo presidente em 24 de maio de 2020, já apresentado neste texto como a figura 11. Ainda neste sentido, em 12 de maio de 2021, durante o depoimento do ex-secretário de Comunicação da Presidência, o empresário Fabio Wajngarten, à CPI da Covid-19, o humorístico realizou cinco postagens ao longo do dia apenas acompanhando os desdobramentos da reunião do colegiado (FIGURA 17). A atualização do *feed* acompanhou o desenrolar da fala do publicitário, que teve como ponto central a demora do Governo Federal para assinar o contrato com a farmacêutica *Pfizer*, para a compra de vacinas para o enfrentamento à pandemia.

Figura 17 - Postagens realizadas durante o depoimento de Fabio Wajngarten à CPI da Covid-19



Reprodução de postagens realizadas no dia 12 de maio de 2021 no perfil oficial do Sensacionalista no Instagram

Na semana seguinte, em 19 de maio, foram seis postagens apenas no primeiro dia do depoimento do ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello (FIGURA 18). Ainda que nem todas estas postagens façam parte do *corpus* desta tese, já que não envolvem diretamente a figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, elas estão listadas ao final deste arquivo, na seção destinada aos apêndices e foram aqui organizadas com o objetivo de demonstrar o funcionamento do humorístico. Por meio das piadas, o leitor poderia ter uma impressão do andamento dos trabalhos na comissão.

Figura 18 - Postagens realizadas durante primeiro dia de depoimento de Eduardo Pazuello à CPI da Covid-19



Reprodução de postagens realizadas no dia 19 de maio de 2021 no perfil oficial do Sensacionalista no Instagram

Para Jozef (1980) esta relação entre a paródia e o texto original se dá por meio da subversão. O segundo texto é elaborado com a finalidade de refutar o original. Portanto:

A paródia compreendida como significação e como processo é objeto privilegiado para esclarecer o funcionamento intertextual e como subversão de toda temática (em que os temas estão englobados e anulados). Duas passagens indicam leituras divergentes, função do contexto em que se inserem: o mesmo e o outro e desta ambivalência decorre o caráter subversivo. Como um texto se elabora a partir dos que o precederam, fazendo das relações um processo essencial, presente em toda produção escrita, parcela da intertextualidade, um dos múltiplos entrecruzamentos de textos. (JOZEF, 1980, p. 64-65).

Por outro lado, em formatos que não sejam satíricos, a intertextualidade pode ser compreendida, mais diretamente, como a relação que um texto estabelece com os outros que o precederam, sem a necessidade da refutação. Esta tese, por exemplo, para que pudesse ser apresentada a esta banca avaliadora, foi construída a partir de influências e aspectos presentes em reflexões que a antecederam, em distintos campos do conhecimento, como referência, como paráfrase, não como paródia. E, com certeza, tantos outros textos ainda poderiam ter sido consultados. Este procedimento de leitura, reflexão, análise e produção foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Ainda neste sentido, a intertextualidade pode ser explicitamente apresentada a partir de citações e marcações de referências - como exige a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para a produção de materiais científicos, por exemplo -, ou pode ser um processo não enunciado, algo implícito. No entanto, mesmo que não haja uma indicação concreta das referências presentes em um determinado texto, elas podem ser reconhecidas por um leitor que já possua aquele repertório. A intertextualidade, como a própria autora supracitada aponta, é uma condição essencial da produção escrita, além de ser um recurso que permite a apresentação de uma discussão mais completa do tema abordado, já que possibilita a reunião de diferentes autores analisando um mesmo tema.

O *Sensacionalista*, enquanto um elemento parodístico, além de fazer a retomada de outros textos, também se apresenta como um formato intratextual. Ao analisar as publicações realizadas pelo humorístico, é possível indicar a existência de elementos recorrentes, que aproximam as paródias, criando um estilo próprio do grupo. Por mais que o humorístico, em alguns assuntos, opte por desdobramentos das sátiras em textos mais longos, a piada, costumeiramente, se apresenta no título. No caso do *Instagram*, por exemplo, a maior parte das postagens está restrita à veiculação da manchete e da fotografia. Quando a sátira é ampliada para um texto, este assume técnicas presentes nas redações jornalísticas, como o uso

da pirâmide invertida e do lide. Além disso, o humorístico também se destaca pelo uso de fotografias oficiais, como já problematizado.

Fiorin (2006) avalia que a paródia é um formato que incorpora distintas vozes em seu discurso, sendo composta por enunciados que são internamente dialogizados. Neste sentido, a intertextualidade pressupõe a existência de uma interdiscursividade. Além de materializar elementos semânticos e/ou formais de outros textos, há a aderência a uma posição social (e política) exterior ao processo de composição textual. Esta condição, definida como intencionalidade, apresentada sob o conceito de discurso é compreendida como “uma abstração: uma posição social considerada fora das relações dialógicas, vista como identidade.” (FIORIN, 2006, p. 181) No caso do *Sensacionalista*, ao passo em que o formato se projeta a mimetizar as características formais do jornalismo, há uma demarcação política aparente, e não negada, que, em muitos momentos, se difere daquilo que as empresas de comunicação dizem a seu próprio respeito. O objetivo aqui, mais uma vez, não passa pela discussão da objetividade jornalística, mas a página, como faz humor, não precisa se preocupar em abrir um espaço ao contraditório, como é esperado no jornalismo profissional.

O *Sensacionalista* está no ar desde 2009. Desta forma, o humorístico satirizou os desdobramentos do final da segunda gestão de Lula, o governo Dilma, a administração Temer, o mandato de Bolsonaro e, agora, está diante da terceira administração do ex-sindicalista. O fato de ter criticado aspectos destas administrações compostas por distintos partidos políticos fez com que o *Sensacionalista* tenha sido definido, inclusive por representantes da imprensa como praticantes de um *humor sem partido*, expressão usada por Sérgio Garcia em matéria publicada na *Época* em 2016⁴⁹. O objetivo nesta pesquisa não é o de traçar toda a linha editorial do projeto, avaliando como o humorístico se comportou diante de cada crise ou em cada gestão. O anseio também, tampouco, é o de aceitar esta afirmação sem problematizá-la. Quanto à classificação apresentada por Garcia, a mesma não deve ser lida como sinônimo de neutralidade, mas, talvez, como independência para avaliar decisões e condutas destes períodos. Ainda que o humorístico alterne períodos independentes ou vinculado a empresas de comunicação, quando este conteúdo é replicado na grande imprensa, por exemplo, a marca *Sensacionalista* não se perde. O projeto é anunciado editorialmente em uma posição de articulista, o que já aponta para uma liberdade maior de posicionamento em comparação aos

⁴⁹ O texto completo está disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2016/04/com-humor-que-nao-toma-partido-sensacionalista-vira-fenomeno-nas-redes-sociais.html>. Acesso em maio de 2023.

repórteres do jornalismo tradicional, por exemplo. O humorístico é veiculado como uma coluna de opinião, em um espaço destinado à análise, não propriamente à informação.

Entre fevereiro de 2017 e maio de 2021, o humorístico contava com uma coluna no site da *Revista Veja*. Desde junho do mesmo ano, a página está entre os colunistas do jornal *O Globo*. Além disso, o grupo segue com postagens em seus canais próprios de comunicação. Até o momento em que esta tese estava sendo produzida, o site *sensacionalista.com.br* não reunia mais as publicações do formato. A página passou a ser utilizada como um guia para o redirecionamento a outros canais de comunicação do projeto. Desta forma, as redes sociais são, atualmente, a principal vitrine das manchetes satírico-ficcionais postadas pelo humorístico. Toda a produção diária é distribuída a partir destes canais. Em entrevista para esta pesquisa, Marcelo Zorzaneli afirmou que, por contrato, o grupo tem o compromisso de produzir ao menos um texto por dia para a publicação no site de *O Globo*. A maior parte das piadas fica restrita a manchete, não conta com um desdobramento.

Do ponto de vista editorial, desde o início da gestão Bolsonaro, o humorístico assumiu uma posição crítica ao ex-militar. Tal discurso também pode ser encontrado em outros formatos comunicativos, considerando que “essas formas de incorporação do discurso do outro são a própria maneira de tornar visível esse princípio de funcionamento das unidades reais de comunicação, os enunciados.” (FIORIN, 2006, p. 174) Antes mesmo de dar início ao mandato, o então representante do PSL já havia entrado em conflito com a imprensa, principalmente com veículos comerciais de abrangência nacional, como a *Rede Globo* ou a *Folha de S.Paulo*.

Em um tom semelhante ao de sua maior inspiração no meio político, o republicano Donald Trump, Bolsonaro tinha o objetivo de descredenciar qualquer assunto veiculado pelos meios de comunicação que pudesse colocar sob suspeita a sua conduta ou a de um dos seus filhos políticos, como já abordado nesta pesquisa. Em contrapartida, a administração foi acumulando, com o passar dos meses, a rejeição de diversos e distintos setores: como os profissionais de imprensa, sobretudo as mulheres; profissionais do setor cultural; professores universitários e cientistas, além de movimentos sociais, coletivos sociais e a população mais pobre.

O clã Bolsonaro que, em 2018 garantiu a eleição de Eduardo para a Câmara dos Deputados, representando São Paulo, Flávio para o Senado e Jair para o Palácio do Planalto assumindo o combate à corrupção como uma de suas principais bandeiras, foi alvo de um primeiro desgaste antes mesmo da cerimônia de posse. Um desdobramento da Operação Lava Jato no Rio de Janeiro deu início a uma investigação quanto a movimentações financeiras

atípicas de servidores e ex-servidores da Assembleia Legislativa do Estado. A suspeita chegou a Fabrício Queiroz, amigo pessoal de Jair e ex-assessor de Flávio. A força-tarefa identificou ainda o depósito de R\$ 98 mil na conta de Michelle, esposa do então presidente eleito. Conforme estes fatos ganhavam espaço na mídia, a relação da família com a imprensa ficava ainda mais tensa.

Esta postura de oposição à administração federal presente no *Sensacionalista* não dizia respeito a uma conduta exclusiva dos redatores do projeto humorístico. Em 2020, com a confirmação dos primeiros casos de Covid-19 e a adoção de uma postura negacionista por Bolsonaro, o clima de tensão ganhava ainda mais destaque. O discurso de oposição ao ex-militar passou a ser cada vez mais difundido no país, inclusive, no cenário político. Desta forma, ao produzir paródias noticiosas que criticavam o posicionamento de Jair Bolsonaro ou as decisões tomadas no âmbito da pandemia, o humorístico assumia um discurso que se aproximava de outros emitidos em distintos espaços. A página deu visibilidade a críticas que eram percebidas (e proferidas) por uma parcela representativa da sociedade. Não necessariamente semelhantes na forma, mas no conteúdo, na intencionalidade. Essa condição se aproxima do que Fiorin (2006, p. 177) indica que

[...] Bakhtin mostra que a maioria das opiniões dos indivíduos é social. Todo enunciado, além de um destinatário imediato, que é percebido com maior ou menor consciência, dirige-se a um superdestinatário, cuja compreensão responsiva, idealmente correta, é determinante em sua produção.

Além de Bolsonaro já ter sido eleito em um clima de divisão política, a reação dele ao minimizar a pandemia ampliou a circulação e a visibilidade das críticas ao então presidente. Ou seja, o *Sensacionalista* assumiu uma relação interdiscursiva com outros textos, sejam jornalísticos, científicos, de humor ou apenas de descontentamento da população, que passou a indicar a sua posição a partir da internet, mas também de manifestações no ambiente *offline*, como painéis e passeatas. Fiorin (2006, p. 173) trata deste respeito ao mencionar que “[...] não há nenhuma neutralidade na circulação de vozes. Ao contrário, ela tem uma dimensão política. As vozes não circulam fora do exercício do poder; não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer.” A dinâmica social é marcada por este enfrentamento entre as distintas leituras do mundo.

A pandemia deu visibilidade a uma oposição ao ex-presidente, não apenas no cenário político, que não tinha, em outro contexto, facilidade em propor um enfrentamento midiático a Jair Bolsonaro. Seja com o boicote a veículos de imprensa ou com o contato direto com a

base, pelas redes sociais ou pelo cercadinho do Alvorada, o ex-militar era criticado, mas parecia estabelecer um controle sobre a pauta. A crise sanitária evoluiu rapidamente para uma crise política, forjada também a partir de uma disputa discursiva. A pandemia foi a materialização daquilo que estudiosos propõem, a concepção de que a linguagem é uma arena na qual os sentidos das palavras estão em disputa. Ao passo em que o então presidente mentia quanto à gravidade da pandemia, o assunto era rebatido por especialistas. Inclusive, o político teve conteúdo retirado das redes sociais pelo potencial desinformativo.

Em entrevista concedida ao jornalista Pedro Bial, o grupo indicou um assunto que seria retomado em 2022, em reportagem que destacou o início da parceria com o grupo *Globo*: o posicionamento político do grupo diante do avanço de uma onda conservadora. Nelito Fernandes indicou, em um tom de ironia, que “essa 'acusação' de ser de esquerda é porque a gente defende [os] direitos humanos. Eu acho que isso independe de ser de direita ou de esquerda, né? Ou de centro. Infelizmente, defender direitos humanos virou uma coisa de esquerda.” (FERNANDES apud BIAL, 2017). A afirmação do humorista seguiu de uma contra-argumentação do jornalista, dizendo que o grupo, em suas postagens, somente ataca. Nelito Fernandes apontou que o objetivo do grupo é questionar o responsável pela situação abordada, no sentido de não ironizar quem já é vítima em um contexto de opressão. Martha Mendonça complementou afirmando que o humorístico não faz piadas de cunho racista ou homofóbico.

Quanto à questão do conservadorismo, no período em que o *corpus* desta pesquisa foi coletado, Bolsonaro e os seus aliados eram os alvos prioritários do *Sensacionalista*. Para além de qualquer posicionamento político nesta constatação, é importante mensurar a visibilidade que estes personagens tinham, em contraposição aos membros dos demais partidos, justamente por serem situação no âmbito político. Até 08 de novembro de 2019, Lula, figura que poderia exercer uma oposição mais efetiva ao Governo Federal, estava preso na sede da Polícia Federal em Curitiba, no âmbito da Operação Lava Jato. Entende-se, pela lógica criativa posta em prática pelo humorístico, que para um personagem tornar-se manchete no *Sensacionalista*, é necessário estar no cenário midiático, assumir uma posição de destaque, ocupar espaço no universo jornalístico, para que, então, possa ser satirizado.

O processo criativo do humorístico se dá como paródia, não necessariamente com a criação de conteúdo estritamente ficcional. O jornalismo é a matéria prima. Em 2021, na entrevista a Nelson Gobbi, Marcelo Zorzanelli avaliou: “Neste momento, acho que a gente é identificado com o campo progressista por defender coisas óbvias, como a ciência e o direito de as pessoas existirem como elas são. [...] Mas em 2014 um cara chegou a contar quantas

piadas seguidas fazíamos com a Dilma [Rousseff] e com o Aécio [Neves].” Com o término do mandato, Bolsonaro seguiu como personagem relevante no humorístico muito em virtude de sua conduta após a derrota nas urnas, com a viagem aos Estados Unidos para não entregar a faixa presidencial a Lula na cerimônia de posse; os atentados terroristas registrados em Brasília, em 08 de janeiro de 2023, com a invasão e a destruição dos prédios dos Três Poderes; bem como os desdobramentos de investigações conduzidas pelo STF quanto ao período em que o representante da extrema direita ocupou o Palácio do Planalto.

Ainda no que diz respeito ao fortalecimento da direita nos últimos anos no país, culminando na eleição de Bolsonaro em 2018 e em um Congresso majoritariamente conversador quatro anos mais tarde, Zorzanelli (apud DOS SANTOS, 2022) aponta que, em um contexto de enfrentamento político, o conteúdo do *Sensacionalista* circula, predominantemente, em grupos de leitores que já têm uma posição semelhante ao padrão editorial assumido pelo projeto. O jornalista destaca a questão dos algoritmos e das bolhas no ambiente digital e revela, inclusive, que, no dia a dia do projeto, é pequeno o percentual de apoiadores de Bolsonaro que comentam postagens críticas ao militar apenas com o objetivo de tumultuar. O redator avalia que o formato estabelece um questionamento do cenário político, mas com uma circulação restrita a não partidários do ex-militar. "O humor que a gente faz, a gente está pregando para convertidos, infelizmente. Mas essa é a realidade do momento", define.

Zorzanelli ainda mencionou que a característica da sátira produzida pelo grupo, "uma porrada simples [no sentido de um texto curto e direto], sem contexto" também dificulta a ampla circulação e a compreensão de leitores com uma visão política distinta. "Então, o que deve 'rolar' muito é as pessoas mandando para os amigos *bolsominions* para sacanear eles [sic]. Mas, obviamente, não vai ter efeito nenhum". (ZORZANELLI apud DOS SANTOS, 2022). Como este trabalho almeja compreender a representação de Bolsonaro, não é possível atestar cientificamente como se deu este processo crítico do humorístico em gestões anteriores. Considerando que a própria postura do ex-presidente, de constante enfrentamento a inúmeros setores, os anseios antidemocráticos e as decisões amplamente questionáveis na gestão da pandemia tornam mais difícil estabelecer um tipo de comparação. Mas, para efeito de apresentação, é possível citar que a cobertura humorística realizada pelo *Sensacionalista* sempre foi mais ampla do que apenas a adoção de uma postura crítica frente ao gestor em questão. O humor ácido da equipe também se projeta a representantes da oposição, considerando, necessariamente, a visibilidade alcançada pelos mesmos. Esta postura tem sido notada desde 2014, pelo menos, quando a página conseguiu protagonismo em seu gênero.

Desta forma, a figura 19, disposta abaixo, conta com sátiras publicadas entre 2016 e 2022, abordando a conduta de representantes políticos de destaque nacional de distintos partidos. Não se trata de rotular o humorístico como adepto de uma postura neutra, até porque o discurso é uma prática intencional, mas considera-se interessante demarcar esse posicionamento:

Figura 19 - Citação a lideranças políticas de distintos partidos



Reprodução de postagens realizadas nos canais digitais do humorístico entre 2016 e 2022

O *Sensacionalista* enquanto um projeto comercial também estabelece parceria com marcas, como uma forma de garantir a monetização do conteúdo publicado. Em 2015, o humorístico firmou uma parceria com a marca masculina *Reserva*. A grife colocou à venda camisetas estampadas com notícias produzidas pelo *Sensacionalista*. Além disso, a página também realiza parcerias e publeditoriais. (FIGURA 20). Este conteúdo é veiculado nos principais canais de comunicação do grupo, mantendo a linguagem característica do formato associada à promoção da marca ou serviço parceiro. Na postagem abaixo, o humorístico destacou a produção deste tipo de conteúdo:

Figura 20 - Parcerias comerciais do Sensacionalista

Sensacionalista

Nosso email para
publiteditoriais e parcerias
comerciais mudou para

sensacionalistapubli@gmail.com

Sua verba vai render tanto
em engajamento que você
vai achar que é coisa do
Sensacionalista.

📷 jornalsensacionalista

Reprodução de postagem realizada na conta oficial do Sensacionalista no Instagram em 07 de março de 2022

Ainda na entrevista concedida a Garcia (2016), os membros do humorístico destacaram que a manutenção de uma equipe pequena de profissionais envolvidos com o projeto passa pelo objetivo de manter a liberdade criativa, considerando a intensificação de um cenário de enfrentamento e tendo a política como tema principal do humorístico. De acordo com o jornalista:

[Eles] Contam somente com a ajuda de três redatores assistentes e de uma empresa para negociar anúncios. E não ultrapassam essa fronteira, pois temem que a intervenção de um estafe administrativo possa comprometer a liberdade criativa. Uma concessão são as notícias patrocinadas por empresas, desde que não lesem o mandamento número um: ser engraçado. (GARCIA, 2016).

4.6. O *Sensacionalista* é dialógico. O *Sensacionalista* é carnavalizante

Com base no que foi exposto até aqui, percebe-se que o discurso do *Sensacionalista* estabelece um confronto com o que é enunciado pela classe política. O humor brasileiro, em suas diferentes manifestações, tem se apresentado, historicamente, como um espaço para a crítica aos representantes eleitos e seus indicados, seja pela denúncia de escândalos de corrupção; pela discussão em torno dos privilégios desta classe; pela crítica da capacidade dos eleitos em exercerem as funções ou mesmo pela qualidade dos projetos apresentados, pelas alianças formadas objetivando a ampliação do poder ou pela discrepância entre o Brasil real e o país que é debatido nos espaços de poder. Este movimento contestatório diz respeito a um tensionamento característico de uma parcela de representantes do humor brasileiro, principalmente levando em conta um passado ditatorial recente e uma reabertura democrática que, rapidamente, chegou a um *impeachment*. Considera-se que o papel do humor político,

ainda mais numa sociedade marcada por sucessivos e frequentes escândalos de corrupção, seja contestar.

Por outro lado, é muito provável que esta postura contestatória do humor brasileiro respeite, em certa medida, os anseios que partem da própria sociedade. Por mais que as últimas disputas eleitorais brasileiras tenham sido realizadas em um clima de intensa rivalidade, superando a discordância política e culminando em um ponto altamente complexo, resultando em assassinatos, como do mestre de capoeira e ativista cultural Romualdo Rosário da Costa, conhecido como Moa do Katendê, morto a facadas em 2018, em Salvador, e quatro anos mais tarde, do tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná, Marcelo Arruda, assassinado por Jorge Guaranho, um policial bolsonarista, o Brasil mantém, em certa medida, um olhar de desconfiança para boa parte da classe política. Mas, por outro lado, o aumento deste nível de tensão não resultou, na prática, em uma discussão mais crítica quanto às propostas ou o modelo de gestão que o país pretende seguir.

Marcos Nobre (2022, p. 09) avalia que o termo polarização, usado desde o início dos anos 2000 para definir o cenário político nacional, passou a ganhar novos contornos a partir de 2018. Para o autor, o conceito não descreve mais uma realidade semelhante aos ciclos até 2013, posto que “A mudança do sentido e do significado de ‘polarização’ é emblema de transformações estruturais na vida social, na relação entre sociedade e instituições, do funcionamento mesmo das instituições.” Além dos aspectos institucionais, a própria discordância político-partidária entre os eleitores passou a ganhar uma conotação mais violenta.

Em setembro de 2018, ainda na campanha do primeiro turno da eleição que levou Bolsonaro ao Palácio do Planalto, em um ato público, o ex-militar falou em fuzilar os eleitores do PT no Acre. Ele estava no alto de um carro de som e foi aclamado pelas pessoas que presenciaram o discurso. O ato foi justificado pela equipe de campanha do então candidato como brincadeira. Poucos dias depois, o político foi vítima de uma facada em Minas Gerais. O agressor Adélio Bispo foi considerado, pela Justiça Federal, inimputável em virtude de transtornos mentais. As investigações apontaram que ele agiu sozinho, sem a ação de um mandante motivado por questões políticas como tem sido reafirmado desde então por bolsonaristas. O fato é que o episódio em Juiz de Fora, aliado aos demais citados, demonstram uma escalada da violência no universo político.

Avalia-se que, por mais que personagens políticos contemporâneos como Lula e Bolsonaro assumam uma posição de destaque no que diz respeito ao clamor popular, boa parte dos brasileiros ainda enxerga a política com desconfiança ou não têm interesse por essa

pauta. Talvez, até mesmo o número expressivo de abstenções e os votos em branco e nulo apontem para isso. Aparentemente, as discussões se aplicam mais intensamente na disputa pelo Governo Federal, aliada a um maior descaso na escolha dos representantes do Legislativo. Apenas nas eleições de 2022, 32,7 milhões de eleitores faltaram no primeiro turno. Já no segundo, 32,2 milhões de votantes se ausentaram, de acordo com números do Tribunal Superior Eleitoral. No que diz respeito à escolha para a Presidência da República, foram registrados, no primeiro turno, 1.964.779 de votos em branco e 3.487.874 de votos nulos. No segundo turno, 1.769.678 de votos em branco e 3.930.765 de votos nulos.

Ainda que a edição de 2023 do *Índice de Confiança Social (ICS)*, que consiste em uma série anual de pesquisas presenciais realizadas desde 2009, aponte o maior crescimento em 15 anos na confiança do brasileiro em relação ao Congresso e aos partidos políticos, mesmo assim não é possível considerar que os resultados sejam exatamente positivos.

A pesquisa, que era feita pelo Ibope e passou a ser realizada pelo IPEC, traz a média de escala de confiança em 20 instituições, em patamares que variam de zero a cem. Não por coincidência, das oito últimas instituições classificadas pelos brasileiros, seis estão diretamente ligadas ao mundo da política. A instância que recebeu a melhor nota, com 54 pontos foi *Governo da cidade onde mora*. Só em um movimento comparativo, o *Corpo de Bombeiros* alcançou 87 pontos, enquanto as *Forças Armadas* ficaram com 66 pontos.

Na sequência, em ordem decrescente, apareceram: *Eleições e Sistema Eleitoral* (53 pontos), *Governo Federal* (52 pontos), *Presidente da República* (50 pontos), *Congresso Nacional* (40 pontos) e *Partidos Políticos* (34 pontos). Como desdobramentos da pesquisa é interessante mencionar que, segundo o IPEC, o índice de confiança nos partidos políticos é maior entre os jovens. Levando em consideração aspectos econômicos, as classes D e E possuem índice de confiança no Congresso superior à média nacional, em 46 pontos. Além disso, o patamar de confiança para o presidente foi mais expressivo desde 2012.

Segundo uma avaliação do desempenho dos deputados federais realizada pelo *Legisla Brasil* - uma metodologia composta por 17 indicadores, considerando a atuação individual e partidária dos parlamentares; entre os critérios estão a apresentação de projetos e a relevância dos temas tratados no Congresso -, menos de um em cada quatro parlamentares tiveram um desempenho considerado satisfatório na legislatura passada, finalizada em 2022⁵⁰. A pesquisa

⁵⁰ Para saber mais, acessar: Legisla Brasil lança nova proposta para avaliação de parlamentares, disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/08/5025886-legisla-brasil-lanca-nova-proposta-para-avaliacao-de-parlamentares.html>; e Somente 1 em cada 4 deputados tem atuação boa ou ótima, diz pesquisa, disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/08/5025970-somente-1-em-cada-4-deputados-tem-atuacao-boa-ou-otima-diz-pesquisa.html>. Acesso em maio de 2023.

levou em conta todos os deputados, incluindo suplentes, que exerceram as funções legislativas entre 2019 e 2022, resultando em 574 representantes. De acordo com informações divulgadas pelo *Correio Braziliense*, apenas 23% dos eleitos alcançaram uma boa avaliação, representada pelos níveis mais altos de pontuação: 41 deputados com cinco estrelas e outros 91 parlamentares com quatro estrelas. Complementando a pesquisa, 202 somaram três estrelas, 205 obtiveram duas estrelas e 34 ficaram com apenas uma.

Para além deste cenário que passa por uma crise na representação política, Nobre (2022) avalia que a ascensão de Bolsonaro, de um deputado inexpressivo e ridicularizado pelos seus pares a um líder da ala conservadora, o que Yascha Mounk (2019) define como populistas de extrema direita, deu origem a um cenário mais complexo de disputa pela manutenção das instituições sociais. O professor brasileiro cita o processo de aparelhamento e também a dissolução de mecanismo de representação popular e responsáveis por garantias a grupos minoritários e minorizados. Neste aspecto,

A eleição de Bolsonaro levou o país a uma situação de emergência democrática duradoura. Com Bolsonaro, formou-se pela primeira vez desde a redemocratização, um movimento cuja existência é o desafio permanente das instituições democráticas em sentido destrutivo. Um movimento que usa a institucionalidade como instrumento, e não como fim, que faz uso da institucionalidade para destruir as instituições democráticas. (NOBRE, 2022, p. 11-12).

Este ponto possibilita, novamente, uma aproximação argumentativa entre Nobre (2022) e Mounk (2019). Este cenário que o país tem enfrentado nos últimos anos, que tornou-se mais concreto a partir de 2018, e apesar da derrota de Bolsonaro nas urnas quatro anos mais tarde, reafirmado em 2022, com um Congresso conversador, além da eleição de governadores que comungam dessa mesma visão política, diz respeito a um movimento constatado em várias partes do mundo. Em outubro de 2022, Bruno Carazza, em artigo assinado no site do *Valor Econômico*, avaliou que somados, os representantes do PL, PP, Republicanos e União Brasil chegaram a 246 deputados, 48% da Câmara, e 35 senadores, 43% do plenário do Senado. Esses números consideram o cenário logo após o resultado das urnas e desconsideram eventuais trocas de parlamentares.

Ainda que o União Brasil tenha se aproximado de Lula no segundo turno, inclusive indicando quadros que tornaram-se ministros, o partido é uma construção política recente. Teve a sua criação aprovada em fevereiro de 2022, a partir da fusão entre o PSL e o Democratas (DEM). A excentricidade do partido merece mais um comentário: além de ter, em sua gênese, o partido que levou Bolsonaro ao Planalto, em 2018, entre os seus filiados, está o

senador Sergio Moro, eleito pelo Paraná. Apesar de sua oposição aberta, em tese, o ex-juiz da Lava Jato, faz parte da base do governo. Em entrevista concedida ao *Poder 360*, em março de 2023, o ex-ministro de Bolsonaro disse que a cúpula do partido garante independência aos filiados, que ele está confortável na sigla e que é oposição a Lula. Em contrapartida, ainda quanto à composição do Congresso, os partidos que constituem uma base mais confiável de sustentação ao PT, que seriam àqueles com uma visão mais progressista do cenário político, conta com 125 deputados, 24,4% da Câmara, e 16% do Senado, com 13 parlamentares.

Para Mounk (2019), as democracias estão diante de uma realidade marcada por ações, tanto dos políticos, quanto dos eleitores, que culminam em um contexto menos representativo e inclusivo.

Nas democracias do mundo todo, dois acontecimentos aparentemente distintos estão ocorrendo. Por um lado, as preferências do povo são cada vez mais iliberais: os eleitores estão cada vez mais impacientes com as instituições independentes e cada vez menos dispostos a tolerar os direitos de minorias étnicas e religiosas. Por outro lado, as elites vêm assumindo o controle do sistema político e tornando-o cada vez mais insensível: os poderosos estão cada vez menos dispostos a ceder às opiniões do povo. Como resultado, liberalismo e democracia, os dois elementos centrais de nosso sistema político, começam a entrar em conflito. (MOUNK, 2019, p. 29).

Ao refutar o discurso amplamente organizado dos espaços de poder, defendido pelo Governo Federal, a partir de seus vários órgãos e representantes, o humorístico provoca o riso em uma parcela representativa da população. Bakhtin (2010, p. 18) defende que o riso carnavalesco “degrada e materializa”. Ao fazer isso, o *Sensacionalista*, simbolicamente, subverte toda a estrutura que é responsável por edificar a autoridade daquele que representa o país. A linguagem do *jornal isento de verdade* contrasta com aquela que é empregada em espaços formais. No humorístico, o então Excelentíssimo Senhor Presidente da República era tratado como alguém sem condições para exercer o cargo. Para Bakhtin, este processo de rebaixamento presente nos formatos carnavalescos diz respeito à referência topográfica de alto e baixo. Ao retirar a autoridade do representante político, que no Brasil também passa por estes aspectos específicos listados acima, a página coloca em prática uma espécie de “‘humor destrutivo’ [que] não se dirige contra fenômenos negativos isolados da realidade, mas contra toda a realidade, contra o mundo perfeito e acabado. O perfeito é aniquilado como tal pelo humor.” (BAKHTIN, 2010, p. 37).

Como o recorte definido para esta tese passa pela pandemia de Covid-19, o *corpus* da pesquisa não conta com uma expressiva variedade de postagens que reforcem a postura preconceituosa do ex-presidente. Mas ainda assim, as figuras 21 e 22 mostram como o

humorístico sempre apresentou Jair Bolsonaro como um agente político antidemocrático. No que diz respeito especificamente à crise sanitária desencadeada em razão do coronavírus, o humorístico apresenta como a opinião pessoal do então presidente determinou a política de Estado. Esta condição pode ser percebida em alguns momentos durante o ponto alto da pandemia, mas, talvez, tenha ficado ainda mais perceptível no incentivo frequente de Bolsonaro ao uso de medicações comprovadamente ineficazes contra a Covid-19 e na condução do Ministério da Saúde, sobretudo nas demissões de Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich e nas contratações de Eduardo Pazuello e Marcelo Queiroga.

Não parece exagero afirmar que o riso provocado pelas postagens do *Sensacionalista* se aproximam do que é descrito por Bakhtin como riso carnavalesco. Ao ironizar a conduta do presidente e as ações do Ministério da Saúde, a página dá voz a uma parcela representativa da população descontente com Bolsonaro e problematiza a situação nacional. Ao rir da conduta de Bolsonaro, o *Sensacionalista* não tece uma crítica exclusiva ao Chefe de Estado em caráter pessoal. Este é um movimento mais profundo: a sátira se projeta com o sistema político, contra o Brasil, contra a Nação. Ao passo que, “O autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo, e então risível (negativo) torna-se um fenômeno particular.” (BAKHTIN, 2010. p.11). No entanto, no humorístico não há este distanciamento, mas uma valorização das implicações sociais de tal conduta. Para o *Sensacionalista*, configura-se como um problema social, uma gestão em que o presidente contradiz as indicações de instituições de pesquisa em saúde durante uma pandemia (Figura 21).

Figura 21 - Bolsonaro e os ministros da saúde



Reprodução de postagens realizadas entre abril de 2020 e dezembro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

A terceira postagem disposta acima (FIGURA 21), *Remédio de verme que é a esperança do Brasil também é conhecido pelo nome 'impeachment'*, foi publicada em 16 de

abril de 2020, data em que Mandetta foi demitido do Ministério da Saúde. O tema foi tratado como uma caracterização direta da imagem de Bolsonaro. A abordagem não passou por uma representação do médico ortopedista, mas foi definida como uma decisão pessoal do ex-presidente, assim como noticiado pelos veículos de imprensa e afirmado pelo ex-ministro. Seguindo o raciocínio proposto, é igualmente problemático que este mesmo político tenha dado prosseguimento à indicação de medicamentos comprovadamente ineficazes em um momento de pandemia, em que o número de mortes era crescente e que as pessoas estavam expostas a um contexto sem precedentes. (FIGURA 22). Ao frisar esta condição, o humorístico abre a discussão para as implicações sociais da postura de Bolsonaro. Ou seja, as postagens do *jornal isento de verdade* “destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades.” (BAKHTIN, 2010, p. 43).

O *Sensacionalista* assume um distanciamento frente ao ex-presidente no que diz respeito a aspectos políticos, considerando as pautas por ele propostas e as ideias defendidas pelo grupo político do ex-militar, as próprias postagens e entrevistas dos integrantes do grupo possibilitam essa leitura. No entanto, ao enfatizar os desdobramentos da pandemia, o humorístico demonstra como os erros de Bolsonaro tiveram impactos sociais. Desta forma, por mais que as sátiras considerem aspectos da postura pessoal do ex-presidente, elas buscam uma problematização social. Em uma das entrevistas concedidas para o desenvolvimento desta pesquisa, Zorzanelli afirmou que Bolsonaro não é criticado pelo humorístico pelo o que ele é, considerando cor da pele ou aspecto físico, de repente, mas pelo que ele decidiu se tornar, revelando mais uma avaliação do caráter do político.

Figura 22 - Bolsonaro e a cloroquina



Reprodução de postagens realizadas em maio de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Em cenário marcado por uma onda crescente de críticas ao então presidente por sua forma de lidar com a pandemia, acredita-se que humorístico, assim como indicado por Stam (1992, p. 54), materializou uma relação de enfrentamento com os partidos políticos que sustentavam a gestão de Bolsonaro. O humor carnavalesco propõe a subversão do discurso dominante, daquele que é reverberado pelos canais oficiais e que pretende assumir uma posição de competência frente à população. A crítica se projeta, justamente, neste avesso:

Apropriando-se de um discurso existente e, ao mesmo tempo, introduzindo nesse discurso uma orientação oblíqua ou mesmo diametralmente oposta à do original, a paródia [ou o conteúdo do *Sensacionalista*] adapta-se particularmente bem às necessidades dos oprimidos e impotentes, precisamente porque *assume* a força do discurso dominante só para aplicar essa força, através de uma espécie de jiu-jítsu artístico, *contra a dominação*.

Stam (1992) partiu até mesmo de uma explicação carnavalizada para definir o funcionamento da paródia. No caso das manchetes satírico-ficcionais do *Sensacionalista*, há um rebaixamento do personagem político na forma como ele é apresentado. Há uma sátira ao discurso jornalístico, mas também ao discurso (dos) político (s). Em linhas gerais, considerando a representação de Jair Messias Bolsonaro, ao apresentar as inconsistências do ex-presidente enquanto representante do país, o humorístico afirmava, considerando que neste momento ele não exerce mais tal cargo, que o ex-militar era presidente de direito, mas, talvez, a sugestão implícita é de que ele não fosse de fato. Já que não tinha as prerrogativas que o cargo exigia. Bolsonaro foi descrito, ao longo de sua sugestão, mas com um destaque para o período mais intenso da pandemia, como um líder incompetente. Ao reafirmar que o político havia sido eleito, porém ao contestar esta escolha, não pela legitimidade, mas pelas características do político, a página estendia as críticas aos próprios eleitores, com uma projeção contra toda a sociedade. Há um constante rebaixamento da figura do ex-presidente. Este movimento é permanente e foi constatado em todas as postagens analisadas nesta tese. Não há uma dissociação entre o ex-presidente e a má gestão da pandemia de Covid-19.

Ainda que a figura 23 seja composta por postagens que já foram apresentadas ao longo desta análise, elas trazem pontos interessantes para entender como se constitui a representação do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Figura 23 - Aspectos da representação de Bolsonaro no *Sensacionalista*

Reprodução de postagens realizadas entre março e maio de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista



Nenhuma das postagens acima (Figura 23) nega que entre 2019 e 2022, Bolsonaro ocupou a Presidência da República. A ficção é um elemento importante na criação do *Sensacionalista*, mas ela é secundária, o processo criativo se origina da realidade, como um desdobramento. O humor praticado pelo grupo não é construído a partir de uma narrativa integralmente criada pelos redatores. O riso e a zombaria se projetam em personagens que são reconhecidos pela população. No caso do conteúdo político, que é o recorte de análise desta pesquisa, já que o ex-presidente Jair Bolsonaro é o personagem principal, o humorístico se pauta no dia a dia do capitão da reserva, bem como nas declarações dos agentes públicos. Já durante o ápice da pandemia, a página destacava o avanço da crise sanitária, as ações do Governo Federal, as declarações do então presidente e as reações políticas que todo este conteúdo motivava. No entanto, nenhuma das expressões utilizadas nas manchetes que integram a figura 23 são características usuais, do ponto de vista formal, para descrever um Chefe de Estado. Ainda em textos de opinião, que podem assumir uma linguagem mais crítica, o tom impresso contra os políticos pode ser duro, mas é menos ofensivo, assume um caráter mais institucional, projetado mais em direção ao contexto, e menos no sentido pessoal.

Ao longo de sua trajetória política, Bolsonaro tem recebido uma série de classificações que, em sua grande maioria, não são positivas, o que indica, mais uma vez, a relação dialógica que o *Sensacionalista* estabelece com outros formatos. Eliane Brum (2019) traz uma percepção do ex-presidente que está diretamente relacionada ao tema desta pesquisa. A jornalista, ao fazer referência ao período em que o político permaneceu na Câmara dos Deputados, usa a metáfora do bufão para descrever a conduta do parlamentar. O conceito de bufão é estrutural para entender a problemática da carnavalização em Bakhtin. Esta subversão da ordem social, a partir da suspensão da hierarquia social, é determinante para compreender qual crítica o *Sensacionalista* pretende alcançar ao colocar em suspeição a capacidade de Jair Bolsonaro de comandar o país. O riso carnavalesco desqualifica o seu alvo; quebra a credibilidade daquele que por, uma variedade de motivos, é criticado.

Os bufões, também chamados de bobos da Corte, eram artistas contratados com o objetivo de divertir o rei e os membros da monarquia. No entanto, em alguns momentos, este personagem assumia um tom considerado desagradável, já que as suas interpretações apontavam para comportamentos típicos da sociedade feudal: seus vícios e excessos. Bakhtin (2010) indica em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* que as cerimônias classificadas como ordinárias, pertencentes à vida cotidiana, também eram permeadas pelo riso, já que “os bufões e os ‘bobos’ assistiam sempre

às funções do cerimonial sério, parodiando seus atos”. (BAKHTIN, 2010, p. 04). O autor russo ressalta que nenhuma festividade, naquele contexto, era organizada, sem a realização de momentos cômicos. Este contexto era o início de um processo que reconhece a existência de leis, mas tal reconhecimento é oriundo da banalização:

Todos esses ritos e espetáculos organizados à maneira cômica apresentavam uma diferença notável, uma diferença de princípio, poderíamos dizer, em relação às formas do culto e às cerimônias oficiais sérias da Igreja ou do Estado feudal. Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado: pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais o homem da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles *viviam* em ocasiões determinadas. Isso criava uma espécie de *dualidade do mundo* e cremos que, sem levá-la em consideração, não se poderia compreender nem a consciência cultural da Idade Média nem a civilização renascentista. (BAKHTIN, 2010, p. 04-05)

Ao reduzir Bolsonaro à figura de um bufão, Brum (2019) retoma e atualiza as demais adjetivações utilizadas para definir este agente político. Em linhas gerais, podemos inferir, a partir da descrição realizada pela autora, que ele foi eleito como representante do Rio de Janeiro, mas, na prática, não atuava desta forma. A jornalista não dissociava a imagem de Bolsonaro do Centrão. Nas palavras de Eliane Brum, a partir da saudação a Ustra, Bolsonaro, de “personagem bufão do baixo clero do Congresso, ele foi promovido a representante das forças mais arcaicas: tanto as que queriam garantir a ampliação do seu poder no Planalto, como os ruralistas quanto as queriam alcançar o poder central, caso dos evangélicos.” (BRUM, 2019, p. 217). No humorístico, como aqui apresentado, é frequente este processo de desqualificação de Jair Messias Bolsonaro.

A partir dos escritos de Mikhail Bakhtin, José Luiz Fiorin (2020) destaca que o carnaval, descrito pelo autor russo no contexto da Idade Média e do Renascimento, é distinto da festa popular a qual estamos acostumados. O carnaval era um período para ser vivenciado, já que se definia como “o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus.” (BAKHTIN, 2010, p. 08).

O carnaval bakhtiniano deve ser interpretado como um processo de ruptura com a ordem estabelecida, culminando em um enfraquecimento dos discursos oficiais e uma quebra da hierarquia social. Neste pressuposto, a festa era uma manifestação pública, mas com implicações políticas, com a possibilidade de tensionar a realidade. É importante ressaltar que a celebração popular se estruturava em um movimento que “dessacraliza e relativiza os

discursos de poder, mostrando-os como um entre muitos e, assim, demole o unilinguismo fechado e impermeável dos discursos que erigem como valores a seriedade e a imutabilidade, os discursos oficiais, da ordem e da hierarquia” (FIORIN, 2020, p. 97).

Para Bakhtin (2010, p. 06), o carnaval não poderia ser percebido como um espetáculo teatral ou lido como uma encenação. Esta manifestação, embora provisória, consistia na vida concreta. “Enquanto dura o carnaval, não se reconhece outra vida senão a do carnaval”, a partir da superação de todas as regras e distinções hierárquicas presentes em uma sociedade marcada por um caráter estamental. O carnaval, compreendido como uma celebração festiva, subverte a desigualdade social em “uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar”. (BAKHTIN, 2010, p. 09).

Neste pressuposto, o riso, como resposta à prática carnavalesca, materializa a superação de qualquer dogma que pudesse organizar a vida feudal coletiva, caracterizando uma esfera de liberdade utópica. O carnaval representava uma celebração dos excessos, conduzida por uma linguagem estruturada no sarcasmo, resultando em um movimento dialógico que apontava para uma nova cosmovisão, alicerçada em práticas tidas como excêntricas, como a valorização do profano a partir de paródias de cerimônias oficiais, satirizando ora a Igreja, ora a organização feudal. É como se o *Sensacionalista* e os demais formatos humorísticos que tematizaram a pandemia, representassem um alívio em meio a uma situação desconhecida. Como o riso rebaixa o personagem ironizado, ele assume aspectos simbólicos.

Quanto ao dialogismo presente nesta manifestação, o carnaval celebrava a existência de duas realidades totalmente distintas: a vida oficial, marcada pela rigidez e pela hierarquia, e a vida carnavalesca, representada por aquilo que era vivido na praça pública. Fiorin (2022, p. 102) destaca que o carnaval propiciava uma vivência “livre, repleta de riso ambivalente, de sacrilégios, de profanações, de aviltamentos, de inconveniências, de contatos familiares com tudo e com todos.”

A transposição deste caráter contestador para a arte resulta no que Bakhtin definiu como carnavalização. Ao explicar este conceito, Fiorin (2020, p.104-105) aponta que para ser carnavalesca, uma obra deve “ser marcada pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias, as verdades estabelecidas, e que é dirigido aos poderosos, ao que é considerado superior.” Não nos parece exagero afirmar que o riso resultante das postagens do *Sensacionalista* se aproxima do que é descrito pelo teórico russo como riso carnavalesco. No caso específico do *corpus* selecionado para este capítulo, ao ironizar a conduta do presidente

Jair Bolsonaro, a página contesta o discurso oficial do governo quanto à condução da pandemia. Ainda que as ações federais tenham recebido críticas em diversas frentes, o humorístico tensiona, constantemente, a capacidade de Bolsonaro para conduzir o país.

Ainda no que diz respeito aos princípios bakhtinianos, o riso carnavalesco se lança como uma força corrosiva voltada contra o poder estabelecido. O processo de contestação se apresenta como um duplo-movimento: ao propor a superação da hierarquia, a manifestação popular retoma a existência de uma lei repleta de falhas.

No próximo capítulo, a pesquisa aborda a relação entre humor e análise do discurso, com o objetivo de se aproximar dos efeitos de sentido presentes no *Sensacionalista*.

5. **SENSACIONALISTA E A ANÁLISE DO DISCURSO: O ATO HUMORÍSTICO EM PATRICK CHARAUDEAU**

Patrick Charaudeau (2006) indica que quem pretende falar sobre o humor estará diante de uma série de dificuldades. O autor francês problematiza, inclusive, uma ideia bastante frequente, sobretudo pelo senso comum, de que o riso seria uma espécie de avalista do gênero. Ou seja, se não riu, não é humor. Por sua própria estrutura, os textos humorísticos podem apresentar características como a quebra de expectativas, a surpresa e a ambiguidade (que resulta, em alguns casos, em um ato tido como inconveniente - justamente o ponto de inflexão que pode ser interpretado como engraçado). No entanto, ao tratar sobre a zombaria, Propp (1992, p. 46) não se limita ao deboche, ele ultrapassa a necessidade do riso diante de um conteúdo humorístico e descreve um movimento crítico que objetiva a contestação. Ou seja, para além de impressões alegres e cômicas, "o riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio." Ao destacar tais características, o autor russo sinaliza para um movimento de enfrentamento.

Este ensejo contra a autoridade exige uma problematização quanto à realidade, afinal, só é possível rir daquilo que se conhece. Mais do que produzir graça, o humor e o riso, que pode ser uma das suas extensões, produzem crítica. Neste movimento de verificação, análise e produção de sentido, o argumento pode ser apenas engraçado, sem resultar em crítica, ou pode ser ácido, com uma construção transgressiva, que produz reflexão, mas que não leva o leitor a rir ou a sorrir. Em dados momentos, o humorista pode priorizar a mensagem, ainda que ela não seja composta por aspectos tidos como divertidos. O próprio Charaudeau faz referência a charges que abordam temas delicados, como as guerras. Estes quadros chárgicos tecem uma reflexão, analisam o contexto político e social de referência, mas, até mesmo pela complexidade do tema tratado, não resultam, necessariamente, em uma abordagem engraçada.

Portanto, não entraremos em uma problemática que afirmaria que o fato humorístico é um ato de enunciação 'para fazer rir', pois embora possa provocar risos ou sorrisos, muitas vezes esse não é o caso. Por exemplo, pode acompanhar uma descrição dramática de certos eventos, como nas charges de jornais sobre guerras, conflitos e dramas da vida cotidiana. (CHARAUDEAU, 2006, p. 01, tradução nossa)⁵¹.

⁵¹ Texto original: "Une problématique du rire entraînerait à nous interroger sur le mécanisme même de ce qu'est une attitude réactive et de ce qui la suscite psychologiquement. On n'entrera donc pas dans une telle problématique qui dirait que le fait humoristique est un acte d'énonciation « pour faire rire », car s'il peut faire rir ou sourire, bien souvent ce n'est pas le cas. Par exemple, il peut accompagner une description dramatique de certains événements comme dans les caricatures de presse sur les guerres, les conflits et les drames de la vie quotidienne"

Seguindo esta reflexão, analisa-se que o *Sensacionalista* é um formato pertencente ao gênero humorístico, mas não é possível garantir que as postagens serão tidas como engraçadas por todos os leitores, em todos os assuntos. Uma série de variáveis, que passa pelo próprio repertório do receptor, bem como pelo posicionamento político daquele que se depara com a sátira, interfere nesta problematização. Para os grupos que se aproximam do discurso defendido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, o *jornal isento de verdade* será classificado, possivelmente, como [de] *esquerda*. Porém, até mesmo para quem está habituado a acompanhar as postagens do formato, não é possível rir de tudo! Quando o humor toma a política como matéria prima, alguns conteúdos almejam mais a crítica, do que propriamente o riso. Esta ponderação segue na mesma linha daquela apresentada no início desta pesquisa, considerando o caráter transgressivo do humor demarcado por Umberto Eco (1989).

Para além disso, é importante salientar que o recorte escolhido para esta tese se insere em um contexto atípico no âmbito mundial, ocasionando impactos sanitários, hospitalares, políticos e econômicos por todo o globo. Por si só, produzir humor neste contexto exigiu uma cautela ainda maior para que as postagens não assumissem uma vertente de mau gosto ou desinformativa. Ao tratar sobre a abordagem de temas que são considerados *tabus* no humor, Charaudeau (2006, p. 03, tradução nossa) destaca que há uma incidência cultural quanto a esta delimitação, entretanto sugere que “morte, velhice, doença, declínio físico, deficiência, [e] pobreza” estariam nesta lista⁵². Para que uma proposta como a do humorístico em questão cumpra com os seus objetivos, que é produzir sátira tomando como base a lógica jornalística, sem tornar alvo das sátiras as pessoas que já estavam sofrendo em decorrência da pandemia, o foco deve ser a contestação da política nacional de enfrentamento à pandemia. O discurso assumido pela página tomou este ponto de partida, mas não se limitou a Jair Bolsonaro, no entanto, atribuiu ao ex-presidente a responsabilidade pelos equívocos na condução da pandemia.

Em entrevista concedida a Gobbi, em 2021, Lanna, roteirista do *Sensacionalista* indicou que especificamente a respeito da pandemia: “Ainda que as piadas e críticas sejam sobre os responsáveis por esta situação, temos cuidado com alguns termos ou imagens que possam ser de mau gosto. Aí preferimos não fazer”. (LANNA apud GOBBI, 2021). Vale mencionar que, entre 2020 e 2021, Bolsonaro, em diferentes ocasiões, minimizou o impacto da pandemia. Em alguns momentos, inclusive, debochou da gravidade da crise sanitária, seja com a adoção de um discurso agressivo ou mesmo ao imitar pessoas com falta de ar. Em maio

⁵² Texto original: “la mort, la vieillesse, la maladie, la déchéance physique, le handicap, la pauvreté, etc.”

de 2020, na defesa do uso da hidroxicloroquina no enfrentamento à pandemia, afirmou "Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína"⁵³. Em várias ocasiões, o ex-presidente foi criticado por suas declarações e justificou tais atos como piada ou brincadeira⁵⁴.

Por outro lado, ainda que o humor seja um processo marcado pela subjetividade, a postagem de 12 de junho de 2021, *Homem em moto causa quase 500 mil mortes*, já apresentada nesta reflexão, não conta, aparentemente, com elementos que, em um primeiro momento, fariam um leitor gargalhar. Pensando na estrutura das manchetes satírico-ficcionais, não há, considerando apenas a mensagem escrita, o uso da ironia ou da ambiguidade. Há recorrência à hipérbole, no que diz respeito ao número de vítimas, algo impossível em um acidente de trânsito. Esta postagem, apresentada novamente na figura 24, assume um tom transgressivo, a partir da relação estabelecida com o elemento fotográfico.

Figura 24 - Bolsonaro associado a mortes por Covid-19



Reprodução de postagens realizadas em junho e outubro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Desta forma, é a discordância com a conduta de Bolsonaro na gestão da crise sanitária que pode levar a postagem a ser compreendida como engraçada por uma parcela representativa da população. A transgressão está em dar identidade ao sujeito da frase, o que é possível pela relação estabelecida com a imagem; este movimento representa a quebra de autoridade do líder político. A priori, a manchete é semelhante àquelas apresentadas pelo

⁵³ Mais informações quanto a esta declaração podem ser obtidas em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/05/20/quem-e-de-direita-toma-cloroquina-que-m-e-de-esquerda-tubaina-diz-bolsonaro.htm>>.

⁵⁴ Esta reflexão está presente no artigo *Crítica e transgressão: a representação de Jair Bolsonaro em formatos humorísticos da Rede Globo*, disponível no livro *Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão no século XXI: modos censórios, resistências e debates emergentes*, publicado em 2021 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e em parceria com a Gênio Editorial. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/uploads/wysiwyg/comunicacao-midias-e-liberdade-de-expressa-no-seculo-xxi.pdf>. Acesso em julho de 2023.

jornalismo informativo em textos de cunho policial ou destinados especificamente à editoria de trânsito.

O *homem* é Jair Messias Bolsonaro. Esta informação não é apresentada, indicialmente, no registro fotográfico, mas exige repertório do leitor para a compreensão. Até porque a fotografia em questão não é um retrato, mas uma imagem aérea de uma *motociata*. E para relacionar este ato diretamente com a pandemia é necessário que o público tenha, de antemão, o conhecimento de, ao menos, dois dados preliminares: o número de pessoas que, até aquele momento, havia morrido por complicações da Covid-19, bem como a realização das manifestações em defesa do então presidente. Em 12 de junho de 2021, o Brasil se aproximava da marca de meio milhão de mortes na pandemia. Este número foi oficialmente batido uma semana mais tarde, em 19 de junho, quando foram registrados 2.247 óbitos pela doença em um intervalo de 24 horas, chegando a 500.868 vítimas fatais no acumulado até aquele momento.

Antes mesmo de ser eleito em 2018, os apoiadores do líder da extrema direita se notabilizaram pela realização de aglomerações para marcar a passagem ou a chegada de Bolsonaro em diversas cidades de todas as regiões do país, seja em aeroportos ou eventos públicos. Com a chegada ao Planalto, o bolsonarismo, em resposta às críticas recebidas pelo então presidente, passou a organizar manifestações em apoio à gestão do ex-militar, entre elas, as *motociatas*. Ao longo de todo o mandato e, justamente durante o ponto mais crítico da pandemia, o líder político participou e, até mesmo, convocou uma série de protestos que resultaram em aglomerações. Em julho de 2021, o *Estado de Minas*, em sua versão *on-line*, apresentou que, até aquele momento, o então presidente não havia feito nenhuma visita a hospitais ou unidades de saúde que ainda sofriam "com falta de leitos e medicamentos - e postos de vacinação desde o início da pandemia." No entanto, nos últimos meses, o político havia participado de "motociatas em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Chapecó e Porto Alegre." (BORGES, 2021)⁵⁵.

Ao colocar Bolsonaro como o agente desta ação (*Homem [Bolsonaro] em moto causa quase 500 mil mortes*), o político é classificado como o responsável pela morte de meio milhão de pessoas. Seja em meio a uma pandemia, ou em qualquer outro contexto, esta é uma afirmação muito grave. O humorístico sugere, ao longo da abordagem deste assunto, repercutido também em outras postagens, até mesmo, uma convivência do sistema político para

⁵⁵ A reportagem completa está disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/07/11/interna_politica.1285581/bolsonaro-na-pandemia-5-pass-eios-de-moto-e-nenhuma-visita-a-hospitais.shtml>. Acesso em julho de 2023.

com a conduta adotada pelo gestor diante da crise sanitária. Apesar das inúmeras denúncias apresentadas ao longo do mandato, o ex-presidente não teve o pedido de *impeachment* apreciado na Câmara dos Deputados, por exemplo.

A figura 24 inclui ainda uma terceira postagem, de outubro do mesmo ano, quando o país alcançou a marca de 600 mil óbitos registrados em decorrência da pandemia. Desta vez, o número de mortos está estampado no terno do então presidente, algo que lembra a identificação dos atletas a partir dos uniformes esportivos. Para além da representação que estes números adquirem ao levar em conta o posicionamento em campo/quadra - como o camisa 10 ser o craque de um time de futebol, ou um jogador ter o número da sua camisa aposentado, como ocorre na liga norte-americana de basquete, em virtude de sua trajetória de sucesso - este recurso também é usado para a celebração de feitos representativos, como o número de partidas de um atleta por uma determinada equipe, mas, neste caso, o acontecimento é negativo. Novamente, há a atribuição da responsabilidade da pandemia ao presidente; uma espécie de relação de causa e efeito⁵⁶.

Ainda no que diz respeito à subjetividade do humor, Charaudeau (2006) aborda também as diferentes significações que um mesmo conteúdo pode assumir, considerando categorias como gênero, idade, classe social, etnia ou, simplesmente, a relação que o sujeito assume naquela enunciação: como vítima ou cúmplice do argumento construído. A própria complexidade do humor pode ser constatada também pelas diferentes formas de apresentar as manifestações do gênero. O francês cita alguns tais como, “cômico, engraçado, agradável, divertido, ridículo; piada, zombaria, ironia, sarcasmo, deboche, grotesco” (CHARAUDEAU, 2006, p. 01, tradução nossa)⁵⁷. Este ponto se aproxima do que Bergson (2018, p.39) pondera quanto à oposição entre o riso e a emoção: aos partidários do presidente, e que acreditam no discurso frequentemente emitido por ele quanto à pandemia de Covid-19, as piadas podem ser percebidas como ofensivas ou mesmo como enganosas. Portanto, “o cômico exige, para produzir seu efeito, algo como uma anestesia momentânea do coração. Ele se dirige à inteligência pura.” O humor exige distanciamento.

Charaudeau (2006) propõe que o humor é um ato de fala, que resulta em uma espécie de jogo entre aqueles que integram a situação de fala e a situação de comunicação. Para entender a diferença entre estes dois conceitos é necessário recorrer a Maingueneau (2006).

⁵⁶ As postagens *500 mil mortos mas para o impeachment são outros 500* (sic) e a referente ao marco de 600 mil mortos pela pandemia não integram originalmente o *corpus* de análise desta pesquisa, mas foram inseridas para consolidação do argumento quanto à potencialidade transgressiva do humor.

⁵⁷ Texto original: “comique, drôle, plaisant, amusant, ridicule ; plaisanterie, moquerie, ironie, dérision, raillerie, grotesque, etc”.

Na perspectiva do linguista francês, a situação de fala diz respeito ao momento em que a interação verbal de fato ocorre, considerando os participantes que estão ali envolvidos. Por isso, este processo é influenciado por aspectos, como a identidade dos falantes, os papéis sociais por eles exercidos, as intenções comunicativas, bem como a relação de poder existente entre aqueles que integram este ato de fala. No que diz respeito especificamente à relação de poder, vale problematizar que o *Sensacionalista* é relevante em seu gênero, o que já pressupõe legitimidade entre os seus leitores, mas as suas críticas são direcionadas às autoridades, aos ocupantes do Governo Federal, no caso, agentes dos quais o discurso alcança uma expressiva reverberação social. Assumir uma posição crítica a alguém nestas características, aponta para uma relação de enfrentamento. Seria, em outras palavras, uma espécie de reação ao discurso competente. Em resumo, o ato humorístico tem como objetivo atrair o interlocutor, torná-lo cúmplice. Ou seja:

A prova disso é que ele [ato humorístico] pode surgir em diversas situações, cujo contrato é variável: publicitária, política, midiática, conversacional, entre outras. Ele é, antes de tudo, uma certa maneira de se expressar dentro dessas diferentes situações, um ato de enunciação com o objetivo estratégico de transformar o interlocutor em cúmplice. (CHARAUDEAU, 2006, p. 02, tradução nossa)⁵⁸

Durante o ponto alto da pandemia, Bolsonaro era criticado enquanto cidadão, mas, principalmente, como presidente. Todos estes aspectos moldam a forma como o discurso é enunciado e interpretado. Ao pensar a crítica ao cidadão Jair Messias, o humorístico analisava como o então presidente fazia uso do seu poder de influência diante de uma parcela representativa da população. Se o lugar de fala é um ponto de atenção na análise do discurso, considerando a projeção que esta enunciação pode atingir, o caminho (talvez) inverso também merece atenção: a quem este discurso faz referência é uma questão que precisa ser problematizada.

Já a situação de comunicação se apresenta em uma perspectiva mais ampla, considerando o contexto em que o discurso - no caso aqui analisado, o humorístico -, é proferido. Desta forma, a situação de comunicação leva em conta aspectos sociais, históricos, institucionais e discursivos que interferem na interação verbal. Há uma incidência direta de variáveis como a historicidade, condições de produção, formação discursiva e formação ideológica em sua constituição.

⁵⁸ Texto original: "À preuve qu'il peut apparaître dans diverses situations dont le contrat est variable : publicitaire, politique, médiatique, conversationnel, etc. Il est plutôt une certaine manière de dire à l'intérieur de ces diverses situations, un acte d'énonciation à des fins de stratégie pour faire de son interlocuteur un complice."

Por mais que Bolsonaro tenha concluído uma gestão passível de críticas em muitos aspectos, durante o ponto alto da pandemia houve uma elevação no tom, até mesmo pelo próprio gestor público. Em muitas ocasiões, o político respondeu, de um modo destemperado, às críticas e às perguntas de jornalistas. Obviamente, os erros de um presidente da República afetam o país, como um todo. Mas, no caso da crise da Covid-19, especialistas apontam que a conduta do político foi determinante para o número de mortos que o Brasil atingiu. Tanto é, que em 2022, a reestruturação do Ministério da Saúde tornou-se um compromisso de campanha de Lula, em busca de um fator de distinção do então presidente.

Em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), o infectologista Pedro Hallal, destacou que o atraso do Governo Federal nas negociações com a farmacêutica *Pfizer*, para a compra de imunizantes, e com o Instituto Butantan para a aquisição de doses da *Coronavac*, vacina desenvolvida em parceria com a biofarmacêutica chinesa *Sinovac*, resultou em 95,5 mil óbitos. Entretanto, outras pesquisas destacam que o cenário pode ser ainda pior, com cerca de 145 mil mortes especificamente pela falta de aquisição de vacinas. O depoimento do epidemiologista à CPI da Covid-19 foi realizado em 24 de junho de 2021. Também na ocasião, ele mencionou que cerca de 400 mil mortes por complicações resultantes da infecção pelo coronavírus poderiam ter sido evitadas. Naquele momento, o Brasil tinha cerca de 500 mil óbitos por complicações da doença.

Considerando que a produção de sentido do *Sensacionalista* é o resultado de todas estas variáveis, Charaudeau (2006, p. 02, tradução nossa) define que:

O ato humorístico também não se resume apenas a jogos de palavras, como muitos estudos parecem sugerir. Os jogos de palavras, embora sejam uma atividade lúdica em si, não necessariamente produzem um efeito humorístico. Portanto, ao estudar o ato humorístico, é necessário descrever a situação de enunciação na qual ele surge, a temática abordada, os recursos linguísticos utilizados e os efeitos que ele pode provocar na audiência⁵⁹

Para além do já mencionado, no caso do *Sensacionalista*, não é possível dissociar a sua interpretação do jornalismo. Se não do jornalismo tradicional, ao menos da circulação de conteúdo noticioso, ainda que a partir de outra mediação. Além das semelhanças estruturais, que validam a paródia, como apresentado no capítulo anterior, é necessário que o leitor esteja

⁵⁹ "Texto original: "L'acte humoristique ne se réduit pas non plus aux seuls jeux de mots comme bien des études semblent le suggérer. Les jeux de mots, s'ils relèvent en soi d'une activité ludique, ne produisent pas nécessairement un effet humoristique. Aussi est-on amené, pour étudier l'acte humoristique, à décrire la situation d'énonciation dans laquelle il apparaît, la thématique sur laquelle il porte, les procédés langagiers qui le mettent en œuvre et les effets qu'il est susceptible de produire sur l'auditoire, dont on donnera ici quelques aperçus."

informado do assunto em questão para compreender a sátira construída. A situação de enunciação de um ato humorístico é triádica, composta pelo locutor, o destinatário e o alvo. Quanto ao locutor, ele é apresentado como aquele que produz (ou reproduz) o ato humorístico. No caso desta pesquisa, ele será definido genericamente como *Sensacionalista*. Por outro lado, o analista do discurso não deve se preocupar apenas em identificar quem é o receptor, mas deve levar em conta outras variáveis que estruturam o processo enunciativo.

O ato humorístico é um ato de comunicação a três, em uma relação triangular entre um *Eu-humorista*, contador de histórias ou desenhista, o que exige que se questione sobre a identidade do humorista; um *alvo*, que pode ser uma pessoa ou uma ideia, o que leva a questionar a natureza desse alvo; um *Tu-receptor*, interlocutor, leitor, espectador do ato humorístico, o que leva em consideração a identidade desse receptor em sua atividade como sujeito interpretante e julgando o ato humorístico. Portanto, é importante considerar: *quem fala?* Qual é a natureza do alvo? *Quem julga?*, em vez do receptor. (CHARAUDEAU, 2017, p. 62, tradução nossa)⁶⁰.

Quando o *jornal isento de verdade* publica uma manchete satírico-ficcional seja em suas redes sociais ou em sua coluna semanal na versão imprensa de *O Globo*, há uma espécie de enfrentamento ao discurso político estabelecido. No que diz respeito a esta problemática, Charaudeau (2018) reforça que não há política sem discurso e que toda a ação é motivada pela linguagem. Ao apontar sobre os lugares de fabricação do discurso político, o francês avalia que este processo não é uma atribuição exclusiva daqueles que ‘fazem’ política, seja pela força de um mandato eletivo ou pela ação partidária. Nesta perspectiva, é possível falar de política, a partir de ideais e princípios - o que o autor classifica enquanto discurso político como *sistema de pensamento* - ou sobre política, considerando a representação político-partidária, a busca por filiação, apoio e representatividade (classificado em discurso político como *ato de comunicação*) e, por fim, o discurso político como *comentário*, que se estabelece, na análise de Charaudeau, fora do campo político, como pode ser observado na imprensa, por exemplo. “A produção de sentido é, mais uma vez, uma questão de interação e é, portanto, segundo os modos de interação e a identidade dos participantes implicados que se elabora o pensamento político.” (CHARAUDEAU, 2018, p. 40).

Ao pensar no discurso político como *comentário*, o autor não faz referência a uma comunidade específica. Haja vista que analisar o ambiente político não é uma prerrogativa

⁶⁰ Texto original: "L'acte humoristique est un acte de communication à trois, dans un rapport triangulaire entre un Je-humoriste, conteur ou dessinateur, ce qui exige que l'on s'interroge sur l'identité de l'humoriste ; une cible, qui peut être une personne ou une idée, ce qui oblige à s'interroger sur la nature de cette cible ; un Tu-récepteur, interlocuteur, lecteur, spectateur de l'acte humoristique, ce qui conduit à considérer l'identité de ce récepteur dans son activité de sujet interprétant et jugeant l'acte humoristique. Il s'agit donc de considérer : qui parle ? Quelle est la nature de la cible ? Qui juge ?, en lieu et place du récepteur."

exclusiva de um grupo. Ainda que tais análises possam variar em complexidade, assertividade e embasamento, tratar de política é uma prática corriqueira e se apresenta em um bar, em um grupo de amigos, no jornalismo ou no *Sensacionalista*. A página se vale da linguagem humorística para pensar o dia a dia político. Dessa forma, aquilo que é apresentado não se articula integralmente no campo da informalidade, como uma conversa de bar, por exemplo. O humorístico, até mesmo pelas características do próprio formato, assume uma pauta comum aos noticiários. Mas também não segue um norteamento tão formal, na busca pelas fontes, na apuração constante, como os noticiários normalmente seguem. Quanto à análise política presente no jornalismo, que se diferencia das manchetes satírico-ficcionais, considera-se que, em tese:

De fato, o contrato de informação midiática exige que eles o façam fora do campo da ação política (mas no campo da cidadania) e sem engajamento de sua própria opinião. É um discurso ‘como se’ o desafio fosse exprimir uma opinião política, embora ela não o seja realmente. O fato de dificilmente ser determinável, de ele não conduzir à constituição de uma comunidade específica, não significa que deva escapar à análise. Sondagens de terreno, delicadas, deveriam permitir recolher essas ponderações e analisá-las.

Em outras palavras, o discurso político manifesta-se tanto ‘*intragoverno*’, correspondendo a um desafio de ação no qual a palavra política se faz performativa para poder governar com parceiros diversos, quanto ‘*extragoverno*’, correspondendo a um desafio de deliberação no qual a circula entre esses mesmos parceiros sem que estes tenham o poder de decisão. (CHARAUDEAU, 2018, p. 41).

É justamente na contraposição ao discurso político oficial - seja na situação ou na oposição -, que o humorístico se projeta e que apresenta o seu formato comunicativo. Este processo se estabelece porque todo ato de linguagem, independente de sua possível relação com o humor, exige uma distinção entre o que o linguista cita como *pessoa-autora* e o *enunciador-narrador-contador-deseñista*, considerando as inúmeras possibilidades de manifestação do gênero. Embora haja uma relação de influência entre a identidade social e a realidade discursiva, Charaudeau (2017, p. 62, tradução nossa) aponta a necessidade de dissociar as categorias da pessoa-autora, pensando mais diretamente em sua identidade individual e aspectos de influência política e social, do enunciador. Esta separação não é uma exigência apenas diante do discurso humorístico, posto que o autor explica que em todo o ato de linguagem ocorre uma duplicação do sujeito, ele é “sobre-determinado por uma identidade social (seu status) e o outro é construído por uma identidade discursiva (o que ele diz).”⁶¹ Nos atos de linguagem marcados pelo teor humorístico, este processo também é perceptível. Nas

⁶¹ Texto original: " surdéterminé par une identité sociale (son statut) et l'autre est construit par une identité discursive (ce qu'il dit)."

palavras de Charaudeau: “O humorista obedece a esse mecanismo de duplicação, e é essa dissociação entre o humorista e o contador de histórias que permite o que chamamos de ironia ou segundo grau no humor.”⁶²

Para o bom funcionamento do ato humorístico, o locutor deve assumir uma posição de legitimidade perante o seu interlocutor. Na visão de Charaudeau, um cartunista, a partir do trabalho que desenvolve junto ao público, teria alcançado tal *status*. Esta posição é central no ato humorístico, já que determina o efeito de cumplicidade. No entanto, sobretudo em momentos de fala espontânea, cabe ao enunciador oferecer subsídios suficientes para que o receptor perceba os argumentos humorísticos, identifique que não se trata de um mau entendimento, mas perceba que está diante de uma piada. É importante que o interlocutor identifique os mecanismos humorísticos presentes na enunciação daquele discurso.

Como elementos que indiquem esta pretensa legitimidade, pode-se destacar a trajetória do *jornal isento de verdade* no gênero, já que, desde 2009, a página se dedica à cobertura satírica dos principais assuntos da política nacional. Em um momento em que conteúdos deliberadamente enganosos são publicados reiteradamente na internet, ser reconhecido como um site de humor perpassa esta condição. Também é possível mencionar o bom retorno recebido junto ao público, o qual, em um momento marcado pelo protagonismo dos meios digitais, pode ser mensurado pelos números de seguidores em canais como o *Twitter*, o *Facebook* e o *Instagram*.

Apesar desta pretensa legitimidade, ao produzir tal ato, o locutor deve levar em conta como será a reação de quem recebe a postagem, de adesão ou de crítica. Neste aspecto, como já mencionado ao longo deste texto, o redator Marcelo Zorzanelli avalia que em um momento no qual a rivalidade política está mais acirrada no cenário nacional, o humorístico estabelece diálogo com uma parcela específica da sociedade. Em outras palavras, este reconhecimento aponta para um movimento de adesão ou de crítica: o fato do leitor se divertir ou se ofender perante àquele conteúdo.

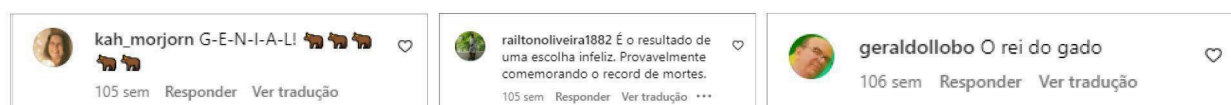
Às vezes, é o papel que ele desempenha na situação de comunicação que o legitima: nos desenhos caricatos, o cartunista é, por definição, um humorista; nos anúncios publicitários, o publicitário se autoriza a brincar com a linguagem para seduzir o consumidor; nas crônicas jornalísticas de humor, o colunista comenta os eventos atuais, salpicando seu texto com traços humorísticos. Em outros casos, especialmente na conversa espontânea, o locutor deve encontrar meios de justificar sua enunciação humorística, pois corre o risco de ser mal interpretado pelo

⁶² Texto original: "L'humoriste obéit à ce mécanisme de dédoublement, et c'est cette dissociation entre humoriste et conteur qui permet ce que l'on appelle le second degré dans l'humour."

interlocutor. (CHARAUDEAU, 2006, p. 03, tradução nossa)⁶³

Se, como sugere o autor, o cronista é aquele que recorre a falas humorísticas para comentar as notícias do dia, o *Sensacionalista* se apresenta em uma outra chave: ao pressupor que o jornalismo informativo cumpriu o seu trabalho, qual seja informar o leitor, a página ironiza. A ironia é fundamental para o funcionamento do *jornal isento de verdade*. Dessa forma, o público leitor do *Sensacionalista* pode tornar-se cúmplice do humorístico, validando a interpretação de que Jair Bolsonaro foi um líder irresponsável na gestão da pandemia, contestando até mesmo a autoridade dele à época, como presidente da República, como pode ser interpretado a partir de alguns comentários presentes na figura 25, retirados da postagem *Homem em moto causa quase 500 mil mortes*, disposta como figura 24 (colocar o número da página).

Figura 25 - Comentários de leitores favoráveis à postagem



Reprodução de comentários dispostos na publicação 12 de junho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Por outro lado, o segundo comportamento se dá em um eixo paradoxal ao primeiro, configurando-se como um posicionamento de vítima. Neste caso, como a crítica é direcionada ao ex-presidente, cabe ao aliado projetar-se em uma leitura de apoio ao político, ao também assumir a posição de alvo do argumento humorístico, como sugere a reação de alguns leitores apresentada na figura 26.

Figura 26 - Comentários de leitores contrários à postagem

⁶³ Texto original: "Parfois, c'est la place qu'il occupe dans la situation de communication qui le légitime : dans les caricatures, le dessinateur est par définition un humoriste ; dans les annonces publicitaires, le publicitaire s'autorise, pour séduire le consommateur, à jouer avec le langage ; dans les chroniques journalistiques d'humeur, le chroniqueur commente l'actualité en émaillant son texte de traits humoristiques. Dans d'autres cas, particulièrement ceux de la conversation spontanée, le locuteur doit se donner les moyens de justifier son énonciation humoristique car il risque d'être mal considéré par son interlocuteur."



Reprodução de comentários dispostos na publicação 12 de junho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Já a última instância desta relação triádica é justamente esta, o alvo; que diz respeito, conforme Charaudeau (2006) a uma pessoa específica ou a um grupo. As críticas do *Sensacionalista* no contexto pandêmico tomavam como alvo o ex-presidente, estendendo-se seus aliados diretos e também, em certa instância, os seus apoiadores, já que a escolha de Bolsonaro se deu pelo voto direto. Em uma visão mais abrangente, é possível considerar que tais sátiras se projetavam contra aqueles que integram o bolsonarismo, tanto na esfera de poder, quanto no aspecto militante. Ou, ainda, pensar em Bolsonaro como o alvo direto, mas em razão do apoio que ele recebe de uma parcela expressiva da população, esta piada reverbera entre os seus apoiadores, que podem sair em defesa do capitão. “É através do alvo que o ato humorístico questiona visões padronizadas do mundo, fazendo duplicações, disjunções, discrepâncias, dissociações na ordem das coisas.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 04, tradução nossa)⁶⁴.

Em 2020 e 2021, para quem se reconhecia como oposição ao capitão da reserva, o tom ácido adotado nas postagens relativas à pandemia poderia ser considerado como motivo de riso. Além disso, o ponto alto da crise sanitária converteu-se em um período em que as críticas à gestão de extrema direita tornaram-se ainda mais expressivas. O avanço da Covid-19 e a omissão do Governo Federal em vários momentos impactaram a forma como Bolsonaro era avaliado pela população. De acordo com o instituto de pesquisa *PoderData*, pertencente ao mesmo grupo do *Portal360*, as principais baixas na popularidade do ex-presidente coincidiram com os momentos mais críticos da crise sanitária.

Segundo matéria assinada por Rafael Barbosa, publicada em 19 de junho de 2021, "quando os números diários de mortes pela doença começam a subir, a rejeição ao presidente também escala. Quando as mortes começam a arrefecer, a aprovação dele sobe, e a desaprovação, desce." (BARBOSA, 2021). Rodolfo Costa Pinto, coordenador das pesquisas realizadas pelo instituto, em entrevista ao jornalista classificou que a situação epidemiológica

⁶⁴ Texto original: “C’est par l’intermédiaire de la cible que l’acte humoristique met en cause des visions normées du monde en procédant à des dédoublements, des disjonctions, des discordances, des dissociations dans l’ordre des choses.”

do coronavírus e a popularidade de Bolsonaro estabeleciam uma relação direta. Para chegar a esta conclusão, foram considerados momentos em que a pandemia atingiu marcos representativos no país. A tabela 01, disposta abaixo, foi produzida tomando por base as informações apresentadas pelo *PoderData* e considera a relação entre a média móvel de mortes por dia pela Covid-19 com a aprovação (+) e a rejeição (-) do então presidente.

TABELA 01 - Popularidade de Jair Bolsonaro e a pandemia de Covid-19

DATA DA PESQUISA	+ BOLSONARO	- BOLSONARO	MORTES COVID-19
22 a 24 JUN 2020	29%	48%	1.001 a 1.046
12 a 14 OUT 2020	40%	33%	503 a 573
12 a 14 ABR 2021	26%	55%	3.015 a 3.124

Fonte: DataPoder

O autor salienta que ao escolher um alvo para o ato humorístico, muitos podem ser os pontos abordados, como as características físicas ou psicológicas, aspectos identitários, políticos ou religiosos. A sátira pode se dirigir contra uma pessoa, contra um grupo de indivíduos ou contra uma ideia. Ao analisar como a crise do coronavírus foi representada pelo *Sensacionalista*, é possível verificar que a crítica abordou estes três aspectos. Neste pressuposto, avaliando toda a dinâmica social envolvendo a gestão Bolsonaro e o avanço (ou agravamento) da pandemia de Covid-19

[...] é evidente que tudo reside na maneira como esse alvo é representado, que pode ser mais ou menos direta, mais ou menos crítica, mais ou menos caricatural, mais ou menos exagerada, sem esquecer, contudo, que se trata de um ato de transgressão para criar uma cumplicidade de prazer e, se necessário, fazer refletir sobre as absurdidades do mundo e dos seres humanos. (CHARAUDEAU, 2017, p. 63, tradução nossa)⁶⁵.

As críticas a Bolsonaro na gestão da pandemia realizadas pela equipe do *Sensacionalista* foram diretas: o ex-presidente foi apresentado inúmeras vezes como o

⁶⁵ Texto original: "Mais évidemment, tout réside dans la manière de représenter cette cible, qui peut être plus ou moins directe, plus ou moins critique, plus ou moins caricaturale, plus ou moins outrancière, sans oublier pour autant qu'il s'agit d'un acte de transgression pour créer une connivence de plaisir et, au besoin, faire réfléchir sur les absurdités du monde et des hommes."

responsável pelo agravamento da crise sanitária, seja pela tomada de decisões contrárias ao indicado pelos cientistas ou mesmo pelas reiteradas demonstrações públicas de negacionismo. Bolsonaro foi descrito como um líder sem autoridade, representado a partir da lógica do deboche. Essa definição ácida não se limitou à figura do então Chefe de Estado (FIGURA 27), mas de seu grupo político e de seus apoiadores (FIGURA 28), bem como das ideias defendidas por ele (FIGURA 29). Em determinados momentos, todas estas representações parecem se cruzar.

Figura 27 - Bolsonaro como alvo



Reprodução de postagens realizadas em março e junho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Figura 28 - Bolsonaristas como alvo



Reprodução de postagens realizadas em junho e setembro de 2020 e em janeiro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Figura 29 - Bolsonarismo como alvo



Reprodução de postagens realizadas em julho de 2020 e maio e junho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Em suma, ao tratar sobre o tema de um ato humorístico, o francês aponta a potencialidade do gênero de questionar o contexto social. O *Sensacionalista*, ao produzir conteúdos sobre a pandemia de Covid-19, se debruçou sobre os impactos do avanço do vírus sobre a população brasileira, mas também abordou como o comportamento pessoal do ex-presidente refletiu na forma como as decisões foram tomadas durante o período. O negacionismo bolsonarista não se materializou apenas na contestação à eficácia da vacina, mas, sobretudo, no modo como ex-presidente negou a ciência ao reestruturar o Ministério da Saúde após as demissões de Mandetta e Teich, além do enfrentamento a Barra Torres, médico no comando da Anvisa, por exemplo. A abordagem do humorístico foi construída a partir de informações da vida pública de Bolsonaro, já que todo este posicionamento sempre foi explicitado por ele.

Quanto à estruturação do ato humorístico, o teórico destaca que a produção de sentido que leva à interpretação transgressiva não está materializada nos procedimentos linguísticos. Posto que eles “não têm em si nenhum valor humorístico, podem ser usados por vários gêneros discursivos, entre os mais sérios, como a poesia”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 03, tradução nossa)⁶⁶. Como a língua é a mesma, esta distinção se estabelece nos procedimentos discursivos que, “por sua vez, dependem de todo o mecanismo de enunciação já descrito e, portanto, da posição do sujeito falante e de seu interlocutor, do alvo pretendido, do contexto de emprego e do valor social do domínio temático em questão.” (CHARAUDEAU, 2006, p.

⁶⁶ Texto original: "Les procédés linguistiques ne sont pas porteurs en soi de valeur humoristique, ils peuvent être utilisés par différents genres discursifs parmi les plus sérieux comme la poésie."

03, tradução nossa)⁶⁷.

5.1. Categorias do discurso humorístico: ironia e sarcasmo

Ao propor categorias para o ato humorístico, Charaudeau aponta que elas não devem ser tomadas a partir de uma ótica limitante para a análise do tema, mas que apenas fazem sentido se compreendidas como uma proposta operacional. Até porque, ao perceber que a “questão do humor, do ponto de vista de seu funcionamento, é realmente uma questão de discurso e não apenas de língua”, o autor (2015, p.01, tradução nossa)⁶⁸ sugere que uma série de elementos precisa ser levada em conta neste processo de produção de sentido a partir do humor. Como a língua é a mesma, ela pode ser utilizada para inúmeras destinações. Entre as classes do humor, ele cita, em caráter principal, a ironia e o sarcasmo.

O linguista indica que elementos frequentemente encontrados em atos humorísticos, como os jogos com o significante, a partir dos trocadilhos, ou os jogos com o significante-significado, partindo da polissemia, são importantes para a compreensão do gênero, mas não são suficientes para defini-lo. A partir deste paradigma, a proposta de análise não se limita aos aspectos linguísticos, mas à adoção de uma perspectiva psico-sócio-discursiva, composta por três dimensões:

[...] uma dimensão linguística que se relaciona tanto com as regras de conformação das palavras (formas orais e gráficas) quanto com o sentido denotativo carregado pelas palavras; uma dimensão enunciativa, onde ocorre a encenação discursiva entre locutor, enunciador e destinatário, com seus procedimentos de organização descritiva, narrativa e argumentativa; uma dimensão comunicacional, o lugar das condições psicossociais de produção e interpretação, que obriga a levar em conta o aspecto externo do ato de linguagem e o sentido social das palavras de acordo com a situação de comunicação. É nessa combinação que se encontram a legitimidade, a credibilidade e o poder de influência do sujeito falante. É nela que ocorrem as diversas interpretações de um ato de linguagem, desde a compreensão até o mal-entendido, passando pela má-fé. (CHARAUDEAU, 2015, p. 01, tradução nossa)⁶⁹

É a partir da relação estabelecida entre as dimensões linguística, enunciativa e comunicativa que foi possível ao público do *Sensacionalista* identificar o argumento

⁶⁷ Texto original: Les procédés discursifs, eux, dépendent de l'ensemble du mécanisme d'énonciation déjà décrit, et donc de la position du sujet parlant et de son interlocuteur, de la cible visée, du contexte d'emploi et de la valeur sociale du domaine thématique concerné.

⁶⁸ Texto original: “La question de l'humour, du point de vue de son fonctionnement, est vraiment une affaire de discours et non point seulement de langue”

⁶⁹ Texto original: “une dimension communicationnelle, lieu des conditions psycho-sociales de production et d'interprétation, qui oblige à prendre en compte l'aspect externe de l'acte de langage et le sens social des mots en fonction de la situation de communication. C'est dans cette combinaison que se jouent la légitimité, la crédibilité et le pouvoir d'influence du sujet parlant. C'est en elle que se jouent les diverses interprétations d'un acte de langage, de la compréhension au malentendu en passant par la mauvaise foi.”

transgressivo em postagens como *Bolsonaro testa negativo para presidente* (de 17 de março de 2020⁷⁰), *Bolsonaro tira e põe uma máscara desde a eleição* (19 de março de 2020⁷¹) e *OMS recomenda isolamento de Bolsonaro* (de 24 de março de 2020⁷²), além de tantas outras que integram o *corpus* deste trabalho. Charaudeau (2015) explica que "o ato humorístico depende, em sua produção, [da] interpretação e análise, dessas três dimensões."

Somente o contexto de pandemia, enquanto um aspecto externo às postagens, trouxe ao dia a dia, a utilização frequente de termos como negativo, *apontado para atestar a ausência do coronavírus em um organismo*, mas, neste caso, para *sugerir a má gestão de Jair Bolsonaro*; máscara, nesta seleção, *não como um item para garantir a proteção do indivíduo*, porém para rotular o ex-presidente como *alguém dissimulado*, passando do sentido denotativo para o conotativo; e isolamento, no sentido original como uma medida não-profilática para evitar a disseminação do vírus, no entanto, pelo viés humorístico, apontando para a necessidade de abandonar o político, pela sua abordagem negacionista. Em um outro contexto, muito provavelmente, essas dimensões precisariam ser relacionadas de outra forma para alcançar a crítica. Por outro lado, fica evidente como a historicidade é determinante para a produção de sentidos.

Pensando na relação estabelecida entre as três dimensões que compõem o ato humorístico, destaca-se que no nível linguístico, *Bolsonaro testa negativo para presidente* configura uma afirmação. Já na esfera enunciativa é uma ironia, pois a manchete satírico-ficcional tomou como ponto de partida a necessidade frequente de testes para o diagnóstico da infecção pelo Sars-Cov-2 e transpôs para a análise da gestão federal (algo semelhante a: *Bolsonaro não tem competência para exercer o cargo para o qual foi eleito*).

Na esfera comunicativa, esta construção só faz sentido em um contexto impactado pela Covid-19, posto que na ausência de uma epidemia/pandemia não há uma realização massiva de testes e exames clínicos. O argumento também pode gerar distintas reações na audiência, como conformidade e adesão ao discurso (*Ele é um mau gestor!*), revolta (*O presidente ainda não comprou vacina!*), negação (*O presidente está certo!*) ou, até mesmo, arrependimento (*Eu acreditei no Mito!*⁷³). Pensando nas demais postagens - *Bolsonaro tira e põe uma máscara desde a eleição* e *OMS recomenda isolamento de Bolsonaro* -, a análise assume traços semelhantes, inclusive pela proximidade na qual foram publicadas, o que não

⁷⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9257cIJ3vW/>. Acesso em julho de 2023.

⁷¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B97flqvJUTw/>. Acesso em julho de 2023.

⁷² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-lyrVRJjeY/>. Acesso em julho de 2023.

⁷³ Considera-se que esta expressão é demasiadamente equivocada para a definição do ex-presidente. Esta referência, em nenhuma hipótese, aponta para adesão ou concordância com este uso do termo. A citação foi atribuída somente por ser recorrente entre os apoiadores do político ultraconservador.

indicou uma mudança de contexto tão significativa.

Charaudeau (2011) aponta a ironia e o sarcasmo como categorias emblemáticas do campo do humor. Mas propõe que este esteja em uma posição anterior, que o humor seja considerado como uma categoria genérica. Ao traçar uma retomada histórica quanto aos conceitos de humor, ironia e sarcasmo, o autor se depara com aproximações e distanciamentos. A apresentação dos conceitos, em dados momentos, se dá com definições muito próximas. Em oposição a este processo, o linguista sugere que o humor seja tomado a partir de traços comuns às categorias que o compõem. Antes de retomar o que o autor francês entende por ironia, é interessante compreender o que ele define, genericamente, como humor.

Ao usar o termo humor, Patrick Charaudeau (2011) faz referência a uma estratégia discursiva que concebe o enfrentamento da linguagem. Este procedimento é construído a partir de jogos de palavras e de pensamento, mas também pela transgressão às regras, por vezes, até gramaticais. O humor para Charaudeau se dá em oposição às normas sociais; se apresenta naquilo que ele define como “uma visão deslocada, transformada e metamorfoseada de um mundo que se impõe sempre ao ser vivo em sociedade de forma normatizada, resultado de um consenso social e cultural em relação às crenças às quais aderimos.” (CHARAUDEAU, 2011, tradução nossa)⁷⁴.

Ainda entre os elementos que justificariam a compreensão do humor como uma categoria genérica, o teórico define este ato como uma brincadeira aberta à participação do público. Na verdade, este seria o anseio norteador do humorista: ao conquistar a cumplicidade daquele que completa a tríade discursiva, ele convida o interlocutor para fazer parte da brincadeira. Embora haja uma busca pelo lúdico, o humor não é neutro. Este é um interessante ponto de aproximação com o conceito de carnavalização, problematizado no capítulo anterior. Ao descrever o jogo enunciativo que se efetiva nos atos humorísticos, o pesquisador francês aponta a necessidade de levar em consideração a intencionalidade daquele discurso. Posto que:

[...] o humor está sempre relacionado a uma busca lúdica, mas a essa busca podem ser adicionados outros objetivos, mais críticos ou até agressivos, que envolvem o sujeito humorista e seu interlocutor em um engajamento muito mais profundo. Em qualquer caso, trata-se sempre de um compartilhamento de liberdade, já que o ato humorístico se volta tanto para o mundo, no desejo de questioná-lo, quanto para o outro, no desejo de torná-lo cúmplice. (CHARAUDEAU, 2011, tradução nossa)⁷⁵

⁷⁴ Texto original: “construire une vision décalée, transformée, métamorphosée d’un monde qui s’impose toujours à l’être vivant en société de façon normée résultat d’un consensus social et culturel quant aux croyances auxquelles il adhère”

⁷⁵ Texto original: “ l’humour correspond toujours à une visée ludique, mais à celle-ci peuvent s’adjoindre d’autres visées plus critique, voire agressive, qui engage le sujet humoriste et son interlocuteur à partager un engagement bien plus profond. En tout cas, il s’agit toujours d’un partage de liberté, du fait que l’acte

Ao descrever as categorias para pensar o humor, o francês aponta para a necessidade de estabelecer um jogo enunciativo entre o locutor-enunciador e o destinatário-receptor. Este processo, conforme formula Charaudeau, consiste em uma dissociação entre o que é *dito* e o que é *pensado*. Nesta lógica, cabe ao interlocutor colocar em relação o que foi apresentado, de maneira explícita, com a intenção que não foi revelada, que está encoberta pelo que já foi dado. Entre as categorias que auxiliam neste processo está a ironia.

Camila da Silva Alavarce (2009) aponta para a existência de dois tipos de ironia: aquela que está presente no dia a dia, definida por ela como ironia popular, e a ironia literária. Quanto a este segundo conceito, que apresenta-se mais pertinente para os objetivos desta reflexão, percebe-se que ele já foi objeto de estudos de muitos pensadores. Ao citar D. C. Muecke (1995), Alavarce destaca uma compreensão do norte-americano que sugere que a noção de ironia tem sido, ao longo dos anos, adaptada pelos autores, conforme o local e o momento em que escrevem. Quanto à definição do próprio Muecke ao conceito de ironia, ele apresenta a existência de duas categorias: ironia situacional ou observável, que pode ser percebida pelo leitor⁷⁶, e a ironia verbal ou instrumental, que se apresenta como o ato de dizer algo, mas com outro objetivo, trata-se de uma questão semântica, determinada pelo contexto em que a expressão é enunciada. Em linhas gerais, tal figura de linguagem seria semelhante a dizer algo, enquanto almeja-se que o interlocutor compreenda justamente o contrário.

Ao tratar da ironia, George Minois (2003) descreve o filósofo Sócrates. O método criado por ele, séculos depois ainda confunde muitos. Ao tratar da ironia socrática, a referência aponta para uma forma de questionamento, baseada na refutação e que pode alcançar uma expressão do riso definida como pedagógica. Para Sócrates, um conhecimento, baseado na opinião e em pré-conceitos, é pior que o próprio desconhecimento. O processo socrático de construção do conhecimento passa por uma purificação do pensamento, caminho exigido para que, desfeito da mera influência da opinião alheia, o sujeito tivesse condições de refletir por si mesmo (maiêutica). A ironia era tomada por Sócrates como um método. A este ponto, Minois (2003, p. 65) sugere:

[...] o filósofo está acima das expectativas do riso bufão, do ‘riso dos insensatos’. Ele aceita expor-se ao riso para fazer que o conhecimento progrida e, sobretudo, utiliza ele mesmo a brincadeira, a zombaria indulgente. ‘Ele passa a vida toda a brincar e a

humoristique est tourné, à la fois, vers le monde, dans le désir de le mettre en cause, et vers l’autre, dans le désir de le rendre complice.”

⁷⁶ O exemplo transcrito pela autora para a exemplificação da ironia situacional ou observável é o seguinte: “A fim de elucidar o primeiro caso, ele cita um fragmento da Odisseia, em que Ulisses retorna a Ítaca e, sentando-se disfarçado de mendigo em seu próprio palácio, escuta um dos pretendentes dizendo que ele (Ulisses) jamais poderia regressar a seu lar.” (ALAVARCE, 2009, p. 25).

fazer ironia com as pessoas', diz dele Alcebiades.

A ironia também pode ser entendida como o método utilizado pelo *Sensacionalista* para dissimular a realidade, não com o objetivo de dizer o contrário do que foi posto, mas sim com a finalidade de se afastar do jornalismo informativo, ressaltar o absurdo e produzir a crítica. Desta forma, é necessário que o leitor do humorístico tenha este olhar refinado e consiga identificar os recursos empregados pela equipe para a produção de sentido. Caso não esteja atento a estas entrelinhas, a intencionalidade comunicativa do humorístico não será identificada. É sabido que em Análise do Discurso não é possível falar em um sentido absoluto, trata-se de uma outra instância, de compreender o discurso como efeito de sentido entre os locutores. (ORLANDI, 2003). Se a linguagem apresenta estas distintas possibilidades de significação, é fundamental que o interlocutor identifique, ao menos, as marcações realizadas pela página ao longo da enunciação para auxiliar neste processo. Por exemplo, o próprio *slogan* cumpre este efeito, já que revela o caráter humorístico e não noticioso do projeto. Ainda que uma série de aspectos vá implicar nesta interpretação, é fundamental que o leitor reconheça em qual chave de leitura o *Sensacionalista* se insere.

Pensando em outros termos ainda referentes aos estudos da linguagem, é possível pensar no conceito de isotopia de Greimas para a compreensão do efeito de sentido pretendido pelo humorístico. É a partir da ironia que o enunciado apresentado pelo *jornal isento de verdade* exige uma nova chave de leitura do destinatário. Em 09 de janeiro de 2021, a página publicou *Bolsonaro responsabiliza Pazuello por atraso na vacina e dá a ele título de funcionário do mês*. Inicialmente, - *Bolsonaro responsabiliza Pazuello por atraso na vacina* -, parece sugerir um tom de crítica à conduta do então ministro da Saúde, que foi alçado ao cargo com a justificativa de ser especialista em logística, competência relevante em um momento de crise e de escassez de recursos. Esta construção discursiva, em caso de confirmação desta postura pelo ex-presidente, muito provavelmente poderia ser encontrada, em uma redação bem semelhante, nos noticiários. No entanto, o complemento da frase se dá a partir do uso da conjunção aditiva *e*. Este termo assume a ideia de complementação, de adesão ao disposto anteriormente, e revela a mudança de chave de leitura: passagem de um tom sério para o humor. Ou seja, Bolsonaro não repreendeu o erro de Pazuello no enfrentamento à pandemia, mas, por concordar com tal ação, julgou que o general deveria ser condecorado - *e dá a ele título de funcionário do mês*. Se o início do enunciado diz respeito a uma aproximação com o jornalismo, o complemento dispõe quanto ao afastamento. Ou seja: “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela

constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está a sua comicidade.” (PROPP, 1992, p. 125).

Ao lado de Maingueneau, em *Dicionário de Análise do Discurso*, na edição publicada em 2020, Charaudeau explica que a ironia rompe com a objetividade, já que diz respeito a uma distinção entre o discurso e a realidade. No caso específico da pandemia, o humorístico não se distancia dos números da crise a partir da ironia, mas coloca-os em destaque. O humorístico não diz contra a gestão presidencial para elogiá-la, mas sim para subvertê-la. A ironia seria uma espécie de advérbio de intensidade no humorístico. No *Sensacionalista*, a figura de linguagem assume as características de um elemento quase descritivo, já que o humorístico se estrutura no campo conotativo da linguagem. Retomando a teoria, os autores falam em uma *fenda* intencional na enunciação e sugerem que “Decidir o que é ironia implica, na realidade, uma certa concepção de sentido, da atividade de fala ou da subjetividade.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2020, p. 292). Ainda que haja distinções conceituais, a ironia apresenta-se como um processo contextual.

Antes de apresentar a sua própria definição de ironia, Charaudeau (2011) passa por outros autores que também se ativeram a esta problemática. Ao fazer referência a Henri Morier, o humor é definido como capaz de provocar um sorriso. Já a ironia como algo que desencadeia um riso. O primeiro estaria ligado a uma atividade crítica, mas com características tolerantes. Desta forma, a segundo estaria ligado a um julgamento crítico, com um teor mais ácido. Já para o teórico francês, a ironia é responsável por envolver o interlocutor no ato humorístico, ainda que ele não queira. Neste sentido, “não há escapatória possível, não se pode ficar à margem de um ato irônico”. (CHARAUDEAU, 2011, tradução nossa)⁷⁷ Seja esta aceitação prazerosa ou não ao interlocutor. Na posição de cúmplice ou como alvo, ele é atravessado pelo argumento irônico. Caso não haja concordância, se essa reação for motivada pela hipocrisia, por uma contestação, a resposta pode resultar ainda em um segundo ato irônico.

A posição de Charaudeau (2011, tradução nossa) aponta para a definição de ironia que “[...] inserida no processo de enunciação que dissocia o Eu-locutor do Eu-enunciador, ela obriga o receptor a entrar nesse jogo de descoberta e, ao mesmo tempo, o implica.”⁷⁸ Ao separar o dito e o pensado, a ironia preserva a coexistência desses dois pólos. É justamente neste aspecto que o teórico diferencia ironia e mentira. Se o primeiro conceito deixa o efeito de sentido suspenso, já que as duas opções são existentes, ao mentir o locutor tem uma outra

⁷⁷ Texto original: "Pour le récepteur, il n'y a pas d'échappatoire possible, on ne peut rester en marge d'un acte ironique."

⁷⁸ Texto original: "[...] insérée dans le processus d'énonciation qui dissocie le Je-locuteur du Je-énonciateur elle oblige le récepteur à entrer dans ce jeu de découverte et du même coup l'implique."

intenção. Ele objetiva convencer o destinatário de que aquilo que ele disse é verdade. Ao mentir, o locutor deliberadamente engana o destinatário.

Por mais que assumam características e efeitos semelhantes, Charaudeau (2011) propõe uma diferenciação entre ironia e sarcasmo. Ao mencionar que até mesmo o senso comum estabelece uma distinção entre os dois procedimentos discursivos, a indicação primária é de que o sarcasmo seria "mais violento e agressivo" do que a ironia. Em linhas gerais, por estabelecer um caráter mais mordaz, torna-se mais aparente a intenção de ridicularizar, menosprezar ou provocar a outra pessoa.

O sarcasmo está em desacordo com a cortesia: ele diz o que não deveria ser dito, e com isso deixa o interlocutor desconfortável. Mas ao mesmo tempo, o locutor está à mercê de uma resposta do interlocutor que sinaliza sua inconveniência. A ironia, mesmo quando é dirigida ao interlocutor (pelo menos em algumas culturas), é sempre uma armadilha, pois age como um convite a reconhecer o belo jogo de dissimulação que valoriza o locutor e o interlocutor do lado da inteligência (todo jogo com a linguagem é um compartilhamento de inteligência) e, portanto, em algum nível, tem sempre um efeito de cumplicidade. (CHARAUDEAU, 2011, tradução nossa)⁷⁹.

Talvez, a diferença entre ironia e sarcasmo seja a mesma entre rir e zombar/escarnecer. Os dois movimentos resultantes do ato humorístico expressam crítica, mas o segundo consiste em uma elevação no tom, na adoção de uma postura simbolicamente mais violenta. O sarcasmo resulta, por conseguinte, em um movimento de humilhação e desvalorização, que pode provocar constrangimento ou, até mesmo, indignação, daquele que completa a tríade enunciativa. Elementos paralinguísticos, como o tom de voz ou gestos ajudam a demarcar a maior hostilidade desta crítica em comparação à ironia. Por vezes, o argumento irônico pode passar despercebido, o que não é possível no sarcasmo.

Avançando nesta discussão, Charaudeau caracteriza que o ato humorístico sempre vai se projetar em uma direção, sempre terá um alvo. Porém, o autor lança mão de outra categoria que interfere neste processo, a doxa. "No entanto, sempre há um alvo porque é necessário um suporte pretextual para o ato humorístico: o alvo é o objeto visado, e a doxa é aquilo em nome do qual se busca atingir o alvo. Essa dissociação entre alvo e doxa é particularmente visível na ironia." (CHARAUDEAU, 2011, tradução nossa)⁸⁰. Em linhas gerais, percebe-se que o alvo

⁷⁹ Texto original: "Le sarcasme est en décalage avec la bienséance : il dit ce qui ne devrait pas se dire, et par là il met l'interlocuteur mal à l'aise. Mais en même temps le locuteur est à la merci d'une réplique de l'interlocuteur qui lui signifie son inconvenance. L'ironie, même quand elle prend l'interlocuteur pour cible (du moins dans certaines cultures) [45], est toujours un piège, parce qu'elle agit comme un appel à reconnaître le beau jeu de masquage qui valorise locuteur et interlocuteur du côté de l'intelligence (tout jeu sur le langage est un partage d'intelligence), et qui donc, quelque part, a toujours un effet de connivence."

⁸⁰ Texto original: "Il n'empêche qu'il y a toujours une cible car il faut un support prétexte à l'acte humoristique : la cible est l'objet visé, la topique-doxa est ce au nom de quoi on cherche à toucher la cible. Ce jeu de dissociation entre cible et doxa est particulièrement visible dans l'ironie.."

das postagens realizadas pelo *Sensacionalista* no contexto da pandemia é Jair Bolsonaro. Até mesmo em publicações que tomavam outros personagens como ponto de referência, sempre que possível a relação com o ex-presidente era revelada. Acredita-se que as publicações levaram em consideração como a postura pessoal de Bolsonaro determinou a política de Governo, é nesta brecha que também é possível avaliar a relação entre alvo e doxa neste contexto específico.

Não há dúvidas que, ao longo de sua vida pública, Bolsonaro assumiu um discurso ultraconservador, aliado à política de armamento da população, alicerçado em pilares discriminatórios e excludentes. Estes elementos certamente interferem no conteúdo que é produzido e no sentido que é almejado pelo humorístico em suas publicações. Vale lembrar que, como mencionado por Eni Orlandi (2015, p. 32), "As palavras não são nossas", haja vista que "elas significam pela história e pela língua". Dessa forma, o sobrenome Bolsonaro deixou de ser utilizado apenas como um fator identificador de uma família, mas tornou-se, na visão de muitos, um substantivo, *bolsonarismo*, que é capaz de definir um fenômeno político que tomou contornos mais bem estabelecidos a partir das eleições de 2018. Tanto é que, em julho de 2023, próximo a completar sete meses do terceiro mandato, o presidente Lula afirmou: "[...] nós derrotamos o Bolsonaro, mas não derrotamos o bolsonarismo ainda. Os malucos estão na rua. Tem pessoas xingando pessoas, e nós queremos fazer com que este país volte a ser civilizado. (SILVA apud IORY, 2023).

Se, na formulação de Charaudeau (2011), a doxa é aquilo que justifica o fato de uma pessoa ou um grupo tornar-se alvo de um ato humorístico, não deve ser desconsiderado que aspectos históricos, políticos e sociais determinam o discurso. Neste sentido, aquilo que é dito pelo humorístico (intradiscurso) é influenciado pelo que já foi dito (interdiscurso) a respeito de Bolsonaro. Ao passo que, aquilo que é formulado pelo *jornal isento de verdade* abrange todo o complexo de dizeres já ditos, inclusive os esquecidos a respeito do ex-presidente. Considera-se a prevalência de um pré-construído. Estes aspectos estão presentes nas postagens aqui analisadas. Por exemplo, em "*Quem poderia imaginar que um fã de torturador não iria se importar com o sofrimento humano?*", diz eleitor de Bolsonaro, de 24 de março de 2021 ou em *Bolsonaro quis torturar bula da Cloroquina até ela dizer o que ele queria*, de 15 de maio do mesmo ano, a temática principal é a pandemia, mas o humorístico reforçou qual a leitura que o *Sensacionalista* faz de Bolsonaro.

O que as postagens da pandemia trouxeram de novo é o aspecto negacionista. Ainda que o ex-presidente já tivesse entrado em polêmicas com os reitores de universidades públicas ou ainda o episódio que resultou na demissão do físico Ricardo Galvão, do comando do

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), órgão responsável pelos dados de medição do desmatamento no Brasil, a rejeição à Ciência e um ativismo anticientífico tornaram-se mais evidentes com a disseminação do coronavírus. Na avaliação do ex-ministro Luiz Henrique Mandetta (2020, p. 129): “Nunca na cabeça dele houve a preocupação de propor a cloroquina como um caminho de saúde. A preocupação dele era sempre ‘vamos dar esse remédio porque com essa caixinha de cloroquina na mão os trabalhadores voltarão à ativa, voltarão a produzir.’” Ao menos no que diz respeito à pandemia, Bolsonaro foi alçado a um dos principais expoentes do discurso negacionista, como apontado em *Novas vacinas têm mais de 90% probabilidade de serem atrapalhadas por Bolsonaro*, publicada em 17 de novembro de 2020; *Bolsonaro negocia importação da nova cepa do coronavírus*, de 29 de dezembro de 2020 e *Bolsonaro quer matar as pessoas, afirmam especialistas*, de 11 de junho de 2021).

5.2. Sensacionalista: o jornal isento de verdade, mas repleto de escárnio

O *Sensacionalista* é um formato que se vale da relação mimética com o jornalismo para estruturar o ato humorístico. Grande parte das postagens se efetivam na ironia, a partir de um jogo entre aquilo que é dito e o que permanece implícito (CHARAUDEAU, 2006). Ou seja, o efeito humorístico é construído a partir dos processos de enunciação, estabelecidos em uma relação entre o que é apresentado (dito) em enfrentamento ao que é sugerido (implícito). A página joga com aquilo que o leitor já traz de informação prévia. Provavelmente, este formato não faz sentido para quem não tem o hábito de acompanhar, ao menos, minimamente, as principais notícias nacionais do dia. No entanto, o site está atento aos assuntos que ganham destaque também nas redes sociais e no universo das celebridades. Desta forma, a página reúne referências distintas em um única postagem.

O jogo, que envolve um leitor munido do noticiário do dia, alcança o efeito de sentido transgressivo a partir de uma construção que começa na escrita, mas que não se limita a ela. A complementação de sentido, ou a ancoragem, se dá a partir de distintas estratégias discursivas, como pode ser visto na figura 30. Este processo passa pelo uso da imagem fotográfica (I) ou pela recorrência à ambiguidade (II), reforçada pelo uso de figuras de linguagem, como a hipérbole (III) e a personificação (IV).

Figura 30 - A ironia no discurso do Sensacionalista



Reprodução de postagens realizadas em março e setembro de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Como o discurso é o efeito de sentido entre os locutores (ORLANDI, 2003), decodificar a ironia é essencial para se aproximar de um entendimento quanto à pretensa intencionalidade do grupo com determinada postagem. Mas em um contexto em que as sátiras são construídas a partir de informações de circulação nacional e que podem ser amplamente acessadas a qualquer momento - o *Sensacionalista* é uma paródia do jornalismo, como apresentado no capítulo anterior - conceituar a produção discursiva do humorístico simplesmente como irônica não parece descrever integralmente o fenômeno apresentado.

A ironia é uma figura de linguagem em que o significado implícito de uma palavra ou de uma frase é oposto ao seu significado literal, como em *'Quem poderia imaginar que um fã de torturador não iria se importar com o sofrimento humano?'*, diz eleitor de Bolsonaro (24 de março de 2021). Já o sarcasmo assume um tom semelhante, mas com uma sutileza menor. Entretanto, talvez o escárnio seja a categoria mais adequada para avaliar como o *Sensacionalista* se projeta enquanto formato humorístico. A crítica se apresenta com um caráter mais insultuoso, cáustico e mordaz: destinado ao menosprezo. Todo esse movimento de rebaixar o alvo do ato humorístico se aproxima da proposta de carnavalização de Bakhtin. Voltando ao autor russo, avalia-se que o escárnio está relacionado a uma suspensão das convenções sociais. Se os dias de carnaval representavam, segundo Bakhtin, a suspensão da hierarquia, o *Sensacionalista* reproduz esse contexto, simbolicamente, na internet. Alheio ao ordenamento social, a página avalia a política a partir do escárnio.

Ainda que o humorístico brinque com a ambiguidade e transite do denotativo para o conotativo, nem sempre a página pretende dizer o oposto do que foi sugerido: na maioria das vezes, provavelmente, a intenção tenha sido exatamente a apresentada. A crítica se dá de maneira direta, mas não menos ácida. É nesse momento, mais uma vez, o formato se distancia do jornalismo, visto que estabelece uma relação incongruente entre o que é dito e a quem o dizer se refere. "A linguagem está ao mesmo tempo no lugar e fora do lugar, e somos forçados

a manter o significado convencional em tensão com a torção semântica.” (EAGLETON, 2020, p. 69). Por exemplo, ao postar *Bolsonaro contrata quarto ministro da saúde e já gerou mais empregos que Paulo Guedes* (15 de março de 2021), o humorístico mira a sucessão de ministros diante de uma pandemia, condição que foi criticada por entidades científicas nacionais e internacionais, e acerta também na política econômica. A pandemia é o tema, mas, a crítica também se projetou contra a economia. A página critica o enfrentamento à Covid e menospreza a política econômica. Relacionar a contratação de quatro ministros ao longo de um mandato com o insucesso da política de geração de empregos foi uma opção dos humoristas, o primeiro fato poderia ser compreendido sem a relação com o segundo.

Já quatro dias mais tarde, em 19 de março de 2021, quando o *Sensacionalista* publicou *Bolsonaro passa a ser chamado de presidente em situação de genocídio*, não há uma proposta de inversão ao leitor. Ainda que não seja possível cravar a intencionalidade do locutor, tudo o que foi analisado até aqui sugere que a página atribuía ao presidente a responsabilidade quanto à gravidade da situação sanitária do país. Há um inegável movimento de contestação e de crítica neste enunciado, mas estes elementos não se limitam à forma como Bolsonaro conduzia a crise sanitária, ela assume um tom mais profundo. A crítica se projeta em contornos pessoais, de caráter, e se assemelha a uma atribuição de culpa. A sátira parte da pandemia para fazer uma avaliação do modo como Bolsonaro faz política e como se apresenta enquanto agente público. Nesse pressuposto, Charaudeau (2017) destaca que todo ato humorístico é composto por um alvo e por um tema, condições que, às vezes, parecem iguais para o leitor. Tudo é sustentado por uma questão mais ampla, partindo de uma visão de mundo, uma doxa. A abordagem do ex-presidente no *Sensacionalista* se dá dessa forma, alternando críticas pontuais, relacionadas ao tema, e questões estruturais, que ultrapassam o que foi dado na manchete satírico-ficcional. Da ironia ao escárnio, do pontual ao estrutural.

A linguagem do *Sensacionalista* se projeta como uma constante provocação ao alvo, o que resulta em um duplo movimento: ao passo que este mecanismo, intencionalmente, afasta o alvo, ele convida o destinatário a uma condição de cumplicidade. Ao longo do ponto mais alto da pandemia, as postagens do humorístico apresentaram aos leitores argumentos satíricos intertextuais, o que, na prática, resultou em um reforço do seu próprio discurso. O *Sensacionalista* seguiu a mesma linha argumentativa ao longo de todo o período analisado (fevereiro de 2020 a dezembro de 2021). Dessa forma, o leitor, ao longo dos meses obteve uma possível confirmação de sua crítica a gestão Bolsonaro. O conteúdo produzido pelo humorístico parte de aspectos denotativos, mas se efetiva na linguagem conotativa, em uma frequente busca pela adesão do leitor. Charaudeau (2011) a este respeito aponta que:

A fala humorística é caracterizada por uma dupla visão do mundo social, mas só faz sentido se essa visão for compartilhada com o outro, na comunhão de uma mesma crítica ao mundo ou às pessoas. Embora a fala humorística seja frequentemente apresentada - principalmente pela psicanálise - como um trabalho do sujeito para se libertar das inibições que o aprisionam, ela não pode ser concebida fora da relação entre o eu e o outro.

O *Sensacionalista* não é jornalismo. Ele faz referência a fatos, mas não segue a estrutura de um veículo informativo. O humorístico se apresenta como um conteúdo ficcional, por conseguinte, não almeja desinformar, mas objetiva subverter. Este processo, no caso específico deste recorte, toma o presidente Jair Bolsonaro como alvo, porém não é possível determinar contra quem mais a *acidez* da página vai se projetar. Como o formato segue uma rotina pautada pelo jornalismo, os alvos são os mais distintos, a própria imprensa, o Estado, a agenda de valores e, em caráter predominante, a política.

Ao explicar sobre o efeito alcançado pela ironia em um formato humorístico, Charaudeau (2006) destaca a mudança de isotopias: a troca de chave de leitura. A possibilidade de brincar com inúmeros efeitos de sentido, partindo do lógico para o ilógico, do comprovável para o absurdo, do factual para o fictício, se aproximando (intencionalmente) e se distanciando (novamente em um processo intencional e determinado) dos textos informativos. O *Sensacionalista* rompe com a lógica do dicionário e traz ao seu conteúdo uma significação ampla e politizada.

5.3. Informação + humor: o jornalismo como mediação, a ironia como resultado

Jesús Martín-Barbero é o autor de uma abordagem teórica que reconhece que a produção de sentido, a partir do conteúdo midiático, não é uma prerrogativa restrita dos meios, mas que passa pelos interesses e pela motivação dos receptores. Essa percepção permite algumas aproximações com a Análise do Discurso, considerando os atravessamentos que atingem o sujeito. Dessa forma, entende-se que o conteúdo do *Sensacionalista* exige a presença de um leitor qualificado. É necessário que ele tenha conhecimento do fato que é referenciado pelos humoristas, para que assim possa entender o argumento transgressivo.

Ainda que a perspectiva teórica de Martín-Barbero não tenha se projetado a este cenário específico: uma página de humor em uma rede social, avalia-se que, assim como os demais meios de comunicação, o *Sensacionalista*, por suas práticas produtoras de sentido, constitui e é constituído pela sociedade. Ao propor que a comunicação é linguagem, mas

também é ação social, pode-se avaliar, a partir do pensamento barberiano, o posicionamento do humorístico no contexto da pandemia. O discurso de enfrentamento ao coronavírus transpôs o cenário comunicativo, resultando em ações palpáveis. Além de abordar o assunto nas manchetes satírico-ficcionais e em outros conteúdos disponíveis em seu *feed*, o humorístico mobilizou os leitores em campanhas em auxílio a pessoas em situação de vulnerabilidade social, agravada pela crise sanitária. Ou seja, uma postura que envolve ação e reação, sugerindo um comportamento para os leitores.

Em entrevista concedida à Mariluce Moura para a revista *Pesquisa Fapesp*, em 2009, o autor indicou que, em uma relação comunicativa, o que deve ser considerado como o ponto mais importante, não é aquilo que o meio diz, mas o que as pessoas fazem com aquilo que foi dito. Nesse sentido, “O sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação.” (MARTÍN-BARBERO apud MOURA, 2009, p. 14) Depreende-se que o conteúdo publicado pelo *Sensacionalista*, até mesmo pela sua condição paródica, pode ser entendido como um desdobramento daquilo que é apresentado no noticiário. O mais interessante desse aspecto é que o humorístico não toma como referência um jornal específico, mas parte de uma referência ao gênero, partindo das técnicas de produção jornalísticas. É claro que em alguns momentos, algumas alusões são mais demarcadas, como nas citações ao *Estadão* ou a *Jovem Pan* já apresentadas nesse texto. Desta forma, o *Sensacionalista* pode ser entendido como aquilo que “fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem.” (MARTÍN-BARBERO apud MOURA, 2009, p. 14)

É claro que tal consideração se apresenta em um plano simbólico, haja vista que o humorístico se efetiva também como um canal comunicativo, mas que parte da ressignificação do que foi produzido em outros veículos. Para além disso, o argumento humorístico não é o resultado de uma construção coletiva de todos aqueles que estavam indignados com a gestão Bolsonaro, mas o discurso, enquanto uma manifestação social, encontra reverberação em muitos leitores, o que pode ser mensurado pela popularidade da página. Ainda que o *Sensacionalista* deva ser entendido como um meio de comunicação e que, atualmente, integra um conglomerado midiático, a página não é, por definição, produtora de conteúdo com uma temática nova. O argumento é original, mas o assunto já é conhecido. O humorístico produz paródias, que só fazem sentido a partir de um conteúdo de referência. Essa condição afeta o modo como as postagens significam, mas também como elas são produzidas. A partir do momento que o humorístico se estrutura em um caráter mimético ao jornalismo, ele assume uma liberdade menor para determinar o que vai ser abordado. Ou seja, ainda que discursivamente o *Sensacionalista* possa se distanciar da abordagem da imprensa,

os temas são os mesmos.

O *Sensacionalista* pode ser compreendido como um espaço para problematização do conteúdo político. Até porque, a política é um tema recorrente das piadas que são diariamente contadas nos mais distintos lugares. É recorrente pensar no humor até mesmo como uma tentativa de amenizar a indignação diante de tantos escândalos de corrupção, como é o caso do Brasil. Para Sírío Possenti (2008), as piadas funcionam como uma espécie de sintoma, partindo de domínios discursivos marcados pelo enfrentamento, dos quais a política está entre eles. Avançando ainda mais nesse aspecto, a própria discursividade do *Sensacionalista*, estruturada no escárnio, deve ser lembrada. Possenti (2008) ao tratar genericamente de piadas, o que aqui será direcionado também para as manchetes satírico-ficcionais, afirma que estes formatos

[...] são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, de outras formas de coletas de dados, como entrevistas. Outra face da mesma característica é que as piadas veiculam discursos não explicitados correntemente (ou, pelo menos, discursos pouco oficiais). Segundo as piadas, por exemplo, [...] os governantes são ridículos (e não competentes e dedicados) (POSSENTI, 2008, p. 26).

Em 2000, em entrevista concedida à Cláudia Barcellos, o pesquisador espanhol, radicado na Colômbia, destacou a importância do contexto cultural latino-americano para explicar a importância das mediações. Traçando um paralelo, avalia-se que levar em consideração a própria trajetória do humor político brasileiro, com as suas inúmeras referências em formatos impressos, no rádio, na televisão e, mais recentemente, na internet aponte para a possibilidade aqui defendida de que o *Sensacionalista* possa ser lido como um mediador sociocultural e não apenas para o jornalismo, mas para a política nacional. O humorístico não informa, mas ao passo que lança interpretações, considerações e avaliações sobre o cenário político, ele pode influenciar na forma como as pessoas significam determinados fatos e avaliam a gestão dos agentes públicos. É possível reconhecer um caráter formativo quando o assunto é opinião política. Destaca-se, portanto, que tal consideração é apenas o resultado de um exercício teórico de reflexão, reconhecendo, novamente, a impossibilidade de generalizar tal aspecto, sobretudo, em virtude do cenário de intensa divisão política.

Martín-Barbero apontou que, ao pensar nas mediações, tinha como referência "aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio." (MARTÍN-BARBERO apud BARCELLOS, 2000, p. 154). No contexto

atual, é possível transpor essa situação para a *internet*. O leitor encontra os principais fatos do dia nos noticiários, abordados, via de regra, com teor informativo. Todavia, os mesmos temas podem ser encontrados no *Sensacionalista*, mas a partir do humor. O humorístico pode ser um das mediações a ocupar esse espaço, bem como a família, os amigos, a escola, o partido político, entre outras. Este leitor pode receber tal sátira e interagir com ela, a partir daquilo que é disponibilizado pela própria rede social. Ele pode concordar ou pode discordar. Também é possível que a sátira motive, ainda que rapidamente, uma reflexão quanto ao que foi lido anteriormente.

A exigência da informação prévia é essencial para que o discurso do humorístico seja compreendido. Diante da ausência desse repertório, cabe ao leitor buscar pela referência a fim de compreender a mensagem ou permanecer na ignorância. É possível que o jornalismo dê aos leitores os subsídios necessários para compreender o *Sensacionalista*, bem como o argumento satírico pode levar o leitor ao jornalismo ou a realização de algumas buscas. Por vezes, é possível que essa questão apareça no próprio perfil do humorístico e que seja resolvida entre os próprios leitores, como um exemplo que será apresentado na sequência. Outras mediações são necessárias para o leitor do *Sensacionalista*: é necessário repertório para compreender a ironia e decodificar as referências apresentadas; ter um posicionamento político que se aproxime do adotado pela página, além de conhecimento prévio para chegar ao fato de referência, posto que as manchetes satírico-ficcionais não informam, elas ironizam.

A lógica das mediações deve ser pensada aqui a partir dos fluxos virtuais de informação, em um contexto em que os meios massivos continuam influentes, mas a prerrogativa de produzir conteúdo não está restrita aos grandes conglomerados, a internet é composta de nichos. O humorístico produz paródias, que só fazem sentido a partir de um conteúdo de referência. Essa condição afeta o modo como as postagens significam.

Outra proposta que parece interessante para entender o *Sensacionalista* é a teoria *two-step flow*, fluxo de comunicação em dois níveis, elaborada por Paul Lazarsfeld. Ainda que essa formulação seja originária de observações empíricas em uma comunidade do estado de Ohio, nas eleições americanas de 1940, o humorístico pode ser pensado como um líder de opinião. Novamente é necessária uma readequação, considerando a *internet* e todas as suas implicações. Mas, em linhas gerais, por possuir um caráter influente e de destaque no contexto comunicativo brasileiro, não é exagero considerar que a página pode influenciar a opinião e a decisão de votos de seus leitores.

A condição de líder de opinião deve ser aplicada aqui, mais uma vez, considerando o caráter mimético da página, em um processo de ressignificação do que foi apresentado pelo

jornalismo. Originalmente, Paul Lazarsfeld e seus companheiros identificaram que o contexto social em que o receptor vive interfere na forma como ele recebe os conteúdos dos meios de comunicação. Tal processo sofria a influência direta dos líderes de opinião. Em contexto anterior à *internet*, marcado por uma vivência mais comunitária, essa função era exercida por pessoas consideradas influentes. A partir dessa credibilidade, os líderes recebiam as mensagens anteriormente e depois repassavam aos seus pares. Essa foi a base da teoria da FolkComunicação, pensada por Luiz Beltrão no Brasil, na década de 1960.

Transpondo esse papel de líder de opinião ao *Sensacionalista*, em um exercício teórico, avalia-se os humoristas como socialmente reconhecidos enquanto conhecedores do cenário político brasileiro. Com base nessas informações, o grupo teria condições de ressignificar o conteúdo antes de repassá-lo ao público. Considera-se esse processo de ressignificação em uma dimensão mais ampla, até porque trata-se da transposição do humorístico para o comunitário. Até mesmo a questão do acesso prioritário às informações deve ser pensada com um pouco mais de cuidado. Os redatores do *Sensacionalista* não se encontram inseridos, fisicamente, em uma redação de jornal. Dessa forma, a relação que eles estabelecem com o conteúdo jornalístico tem início na posição de leitores.

5.4. Decodificando a ironia

A presença deste leitor, anteriormente denominado qualificado, diz respeito à compreensão do tipo de conteúdo que é postado na página. Ainda que o exemplo a seguir não faça parte do *corpus* original desta tese, ele é interessante para demonstrar o que isso significa na prática: como alguém que não domina o código utilizado pelo humorístico, não consegue ultrapassar a literalidade proposta. Este recorte específico foi escolhido em virtude da popularidade que alcançou nas redes sociais.

Em dezembro de 2022, o ex-governador do Maranhão, Flávio Dino teve o nome anunciado para assumir o cargo de ministro da Justiça e Segurança Pública na terceira gestão de Lula. Antes disso, o político do PSB foi o escolhido pelo petista como um dos coordenadores do grupo técnico que discutia a área no período de transição. Ainda nos últimos dias da gestão de Bolsonaro, Dino assumiu uma posição de protagonismo em virtude de atos criminosos registrados em Brasília no dia em que a chapa que venceu as eleições foi diplomada, no dia 12 de dezembro. Com passagens pela advocacia, magistratura e ensino superior, o político procurou se notabilizar no cenário nacional como um contraponto à conduta do ex-juiz Sergio Moro no campo jurídico, no comando da Lava Jato. Este foi o

momento em que Dino se aproximou de Lula.

Com o início da gestão e após os atos de 08 de janeiro, o ministro passou a ser convocado pelo Congresso Nacional para participar de reuniões de comissões temáticas da Câmara e do Senado. De acordo com informações divulgadas pelo site da *Carta Capital*, apenas até maio, o ex-governador do Maranhão já havia sido citado em 62 requerimentos de convocação. Durante estas reuniões públicas, Dino passou a ganhar destaque na internet pela forma como respondia aos políticos de oposição, sobretudo pelo tom irônico e debochado que assumia em determinados momentos.

No dia 09 de maio, durante uma audiência na Comissão de Segurança Pública no Senado, após acusações do senador bolsonarista Marcos do Val (Podemos-ES) de possível envolvimento do ministro nos atos golpistas de meses anteriores, Dino respondeu ao representante capixaba: "se o senhor é da Swat, eu sou dos Vingadores" (DINO apud AMATO; GARCIA 2023). Do Val se apresenta como instrutor do grupo tático da polícia norte-americana. Essa resposta, que também ganhou destaque no jornalismo, foi responsável por uma série de memes. Ainda como um desdobramento deste caso, em junho, o senador postou uma montagem na qual ele e Dino trajavam sungas. A partir da imagem e da legenda, o apoiador de Bolsonaro tentou sugerir uma comparação do tamanho dos pênis entre os dois. O conteúdo resultou em uma repercussão positiva entre os defensores do político, mas negativa a tal ponto entre os humoristas e outros usuários da internet, que Do Val apagou a postagem após virar meme. A figura 31 sintetiza a repercussão que essa situação alcançou na internet:

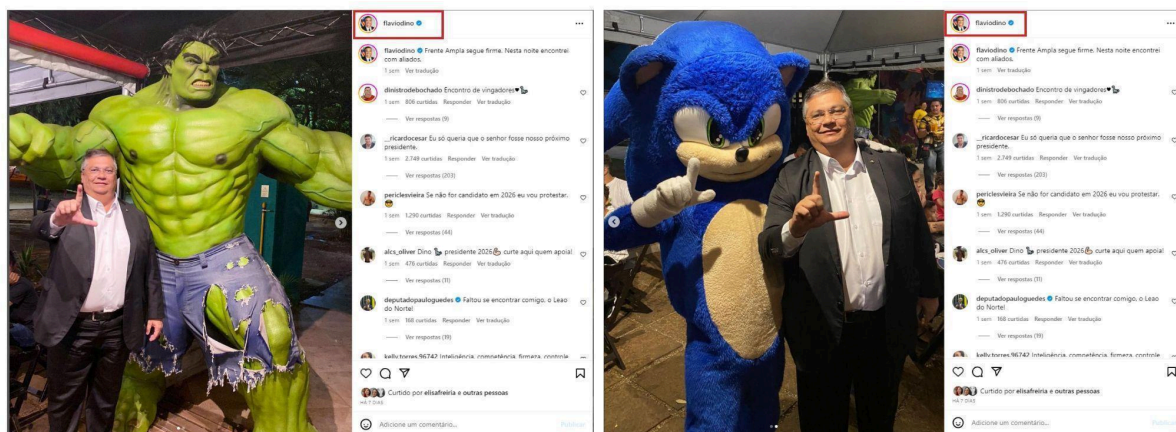
Figura 31 - Postagens de Dino e Do Val: polêmica Vingadores



Reprodução de postagens realizadas pelo ministro Flávio Dino e pelo senador Marcos do Val nas redes sociais entre os meses de maio e junho de 2023. Fonte: Instagram Oficial de Flávio Dino; Reprodução Revista Fórum

Toda essa contextualização é necessária para compreender a necessidade de um leitor qualificado. Em julho, Dino postou em suas redes sociais fotografias com personagens da cultura pop, como o *Sonic* e o *Incrível Hulk*, nas quais faziam o L com as mãos, símbolo que tornou-se popular na campanha em que Lula derrotou Bolsonaro, como pode ser visto na figura 32⁸¹.

Figura 32 - Postagens de Flávio Dino



Reprodução de postagens realizadas pelo ministro Flávio Dino em julho de 2023. Fonte: Instagram Oficial de Flávio Dino.

Tanto o destaque de Dino nas redes sociais, como a postagem de Marcos do Val tornaram-se argumentos satíricos no *Sensacionalista* (Figura 33).

Figura 33 - Dino e Do Val no Sensacionalista



Reprodução de postagens realizadas entre maio e junho de 2023. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

⁸¹ O ministro Flávio Dino postou um vídeo em que explica a fotografia com o Sonic. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CvC4rq3r_OQ/. Acesso em julho de 2023.

Quanto às fotografias com os personagens, uma delas foi replicada pelo humorístico, com o apoio da seguinte frase *A justiça é sega* (sic). Metaforicamente, a representação da justiça como uma mulher com os olhos vendados aponta para a imparcialidade. Para alguns leitores, a postagem contava apenas com um erro de português, ponto que chegou a ser apresentado nos comentários. No entanto, SEGA diz respeito à empresa japonesa do universo dos games detentora do jogo *Sonic*. Para se aproximar deste efeito de sentido, o leitor precisa saber da aproximação do ministro Flávio Dino com estes personagens da cultura pop, de seu passado como juiz, além de toda a repercussão que este fato alcançou na internet, bem como a postagem realizada por ele em julho, além do nome da fabricante do game (Figura 34)

Figura 34 - Dino e o Sonic



Reprodução de postagem realizada em julho de 2023. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

O *Sensacionalista* tem, entre as suas características discursivas, a relação entre assuntos que aparentemente não tem nenhum tipo de relação. O conhecimento enciclopédico do leitor é constantemente acionado pelo humorístico, ainda que a abordagem pareça distante do contexto político.

5.5. Condições de Produção e Formação Discursiva do *Sensacionalista*

De acordo com a Análise do Discurso não é mais possível atribuir ao sujeito a produção de suas falas. Não deve ser perdida de vista a concepção de que o sujeito se constitui a partir da ideologia, já que por ela ele é atravessado. Dessa forma, é necessário considerar aquilo, que é aparentemente externo ao discurso, resulta em significação. De acordo com Eni Orlandi (2015, p.28-29), as condições de produção compreendem os sujeitos e as situações: “Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.”

Seja em um contexto mais imediato (pandemia de Covid-19) ou em um mais amplo (defesa de Bolsonaro pela tortura), as condições de produção resultam em significação. Outro aspecto que está diretamente relacionado às condições de produção é a memória, indicando aquilo que já foi dito em outro lugar. O *Sensacionalista*, como já apresentado no capítulo anterior, retoma ao leitor fatos relacionados ao personagem. Ao avaliar sobre a pandemia, por exemplo, o humorístico lembrou a proximidade de Bolsonaro com a ditadura. Necessariamente, esses fatos não estão relacionados, o argumento poderia ter sido construído de outra forma, mas essa foi a opção discursiva dos redatores.

É importante ressaltar, portanto, que não é possível indicar que essa determinação histórica limita o discurso, resultando em um aspecto mecânico, restringindo a significação. As condições de produção são um ponto fundamental para que o discurso exista, posto que o ele apenas funciona pela sua relação com a história e com outros discursos. O *Sensacionalista* ressalta em umas sátiras o contexto de produção daquele conteúdo. Por exemplo, termos relacionados à pandemia de Covid-19, como máscara, isolamento, lockdown, grupo de risco, foram ressignificados para a construção do ato humorístico, mas ainda assim apontavam ao leitor o contexto de referência.

Outro ponto importante para entender a produção de sentido do humorístico é o conceito de formação discursiva, posto que “podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo socio-histórico em que as palavras são produzidas.” (ORLANDI, 2015, p. 40). Embora Orlandi pondera que o conceito de formação discursiva seja polêmico, ela ressalta que ele é essencial para a análise do discurso. Nesse sentido, é importante reconhecer que o discurso do *Sensacionalista* faz sentido porque está inscrito na formação discursiva de humorista. Essa posição permite que a página não trabalhe com dados tão determinados, que se valha da linguagem conotativa e que aponte, em um sentido mais direto, qual é o posicionamento do grupo quanto à gestão de Jair

Bolsonaro. Se alguém, por engano, inscrever a página em uma posição discursiva ligada ao jornalista vai perceber que o humorístico não conta com as prerrogativas para tal classificação. Até mesmo o recurso utilizado pelo *Sensacionalista* de retomar aspectos já mencionados, está ligado a esse ponto. Considerando que:

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas de discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. (ORLANDI, 2015, p. 42).

Ainda de acordo com Orlandi (2005), é pela referência à formação discursiva que torna-se possível compreender os diferentes significados das palavras utilizadas. Nesse ponto, cabe ao analista relacionar o discurso, às condições de produção e a formação discursiva, na tentativa de identificar o que foi dito.

6. O DISCURSO DO *SENSACIONALISTA* SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19

[...] e o objetivo do humor é domar as aberrações através do poder do ridículo. Assim, o riso age como corretivo social, restringindo os desvios, temperando a rigidez de caráter e comportamento e produzindo a plasticidade psicológica exigida pelas sociedades modernas. (EAGLETON, 2020, p. 42)

Ao longo dos capítulos anteriores, em vários momentos este texto se aproximou de uma análise discursiva, um recurso necessário para a materialização do argumento que estava sendo construído. Este processo será apresentado nas próximas páginas, considerando possíveis efeitos de sentido produzidos pelo humorístico com o avanço da pandemia no Brasil. A pesquisa não consiste em uma comparação entre o *Sensacionalista* e o jornalismo, mas frequentemente o noticiário será tomado como referência para nortear uma apresentação cronológica dos fatos.

Bakhtin e a teoria do carnaval foram o ponto de partida para a compreensão do funcionamento das paródias noticiosas, o que foi aqui chamado de manchete satírico-ficcional. Na sequência, a partir das categorias de Patrick Charaudeau, o objetivo foi pensar a problemática do humor relacionada à análise do discurso de linhagem francesa. Com base nestes dois arcahouços centrais, a proposta é identificar os eventuais efeitos de sentido decorrentes de 123 postagens realizadas pelo *Sensacionalista* nos dois primeiros anos da pandemia. São 53 postagens, a partir de março de 2020, e 70 de 2021. O recorte é composto por publicações que abordaram a atuação do presidente Jair Bolsonaro na gestão da pandemia de Covid-19, identificando a forma como o político foi representado neste processo. No entanto, no período estudado, o humorístico realizou, ao menos, 409 postagens que partiam da crise provocada pelo coronavírus, mas nem todas mencionaram o então presidente Jair Bolsonaro. A presente escolha não se pautou em critérios matemáticos ou estatísticos, mas selecionou aquelas postagens que fizeram menção direta ao líder da extrema direita. Ainda que as postagens de fevereiro de 2020 não façam referência ao ex-presidente Bolsonaro, elas foram apresentadas por aspectos cronológicos.

Quanto ao conceito de representação social, Rafael Augustus Sêga (2000), explica que este se apresenta como uma forma de interpretar o cotidiano, com a finalidade de conferir sentido a questões do dia a dia. Ao passo que a representação social pode ser observada como “o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas” (SÊGA, 2000, p. 129). Já Denise Jodelet aponta que as representações sociais auxiliam para a compreensão da vida em sociedade, possibilitando a interação entre os sujeitos sociais. Este processo é o

resultado da ação do sujeito na sociedade e da forma como ele interpreta o que está à sua volta.

Neste sentido, a representação social configura “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1993, p. 4-5). Em Moscovici (2011), a representação social é concebida como um elemento de natureza *prescritiva*, com forte imposição sobre os sujeitos sociais. Tal determinação é socialmente percebida, já que todas as interações humanas são caracterizadas pelas representações. Desta forma, a representação de Jair Bolsonaro diz respeito, genericamente, à forma como os redatores e os leitores do *Sensacionalista* interpretam como o enfrentamento à pandemia de Covid-19 se deu no país, considerando que ele era a principal liderança política nacional naquele período. Essa representação é social, ao passo que se aproxima do posicionamento de uma parcela representativa da população, mas, como toda forma de discurso, não é uma concepção unânime e pacífica.

A representação de Jair Bolsonaro deve ser compreendida em um contexto de disputa pela significação. Ainda que a pandemia tenha impactado todo o país, a maneira como os seus efeitos são significados pelos grupos sociais configuram processos distintos. Para além das diversas motivações que podem ser apresentadas por uma parcela representativa da sociedade para criticar a conduta adotada por Bolsonaro no enfrentamento à pandemia, Leonardo Avritzer (2020) menciona como essa divisão pode ser sentida no próprio Palácio do Planalto. A cisão, na análise dele, surge pela oposição representada, inicialmente, por Mandetta ao discurso negacionista.

O bolsonarismo se situa em um campo anticientífico mais acentuado que o trumpismo e outras propostas políticas de extrema direita. Mas logo teve de enfrentar uma aliança entre imprensa, cientistas, governadores e organizações internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS). Ao contrário do que vinha ocorrendo no Brasil desde 2018, essa coalização tornou-se majoritária durante a pandemia. Devido à forma como o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, se articulou com governadores e implantou a estratégia de combate ao vírus preconizada pela OMS, o bolsonarismo apareceu cindido desde o primeiro momento da crise. (AVRITZER, 2020, p. 11).

Avritzer (2020) pondera ainda que a própria composição do Ministério da Saúde, naquele momento, se diferenciava da estrutura das outras pastas. O autor cita que, apesar de uma longa carreira na política, Mandetta, que é médico, representava um perfil técnico para o cargo, assim como os profissionais escolhidos por ele para a composição da equipe, que

também conheciam a estrutura do SUS. Nas palavras do próprio cientista político, esta atitude não era frequente em uma gestão marcada pelo esfacelamento das instituições. “Assim, a crise do coronavírus caiu na mão de um ministro centrista, em um governo que quase não tem [tinha] centristas, e de um ministro de capacidade técnica em um governo no qual continuidades de gestão haviam sido proporcionalmente desfeitas.” (AVRITZER, 2020, p. 19).

Percebe-se que a pandemia impôs a Bolsonaro derrotas não apenas no campo político - como nas discussões ocorridas no Congresso Nacional que determinaram o valor do auxílio emergencial e dos repasses a estados e municípios - mas na relação com os demais entes federativos e com o Judiciário; em sua reputação internacional, já que, à contramão da maioria dos líderes políticos de países democráticos, Bolsonaro não se vacinou e também no campo discursivo. Ainda que a retórica bolsonarista tenha seguido com o uso das redes sociais para a disseminação de conteúdo próprio, com o objetivo de transformar usuários das redes sociais em militantes, em outros espaços, como nos meios de comunicação, nas universidades, nas instituições científicas e nas casas legislativas houve um enfrentamento discursivo a Bolsonaro mais representativo do que em outros momentos da gestão. Talvez, a pandemia tenha sido o momento em que a pauta imposta pelo ex-presidente teve um enfrentamento mais qualificado.

E em virtude de toda a disputa no campo da significação, é preciso reconhecer que, ao passo em que Bolsonaro é definido como *genocida* por muitos, um contingente também numeroso de apoiadores, possivelmente, saudaria o capitão da reserva chamando-o de *mito*. Esses distintos atravessamentos sociais são responsáveis pela produção de efeitos de sentido discrepantes entre si a respeito da atuação do mesmo sujeito social. Maria do Rosário Gregolin (2007), a partir de reflexões de Michel Foucault, ressalta que o discurso deve ser compreendido como uma prática social, determinada historicamente. Neste sentido, é possível intuir que a representação do político, a forma como ele é visto pela população, é determinada pela história. E a pandemia de Covid-19 pode ser considerada como um ponto relevante para a construção da imagem do ex-presidente brasileiro. Vale ressaltar ainda que a análise do discurso não trabalha na instância de determinar uma significação absoluta, mas de indicar, a partir de uma série de pontos, possíveis efeitos de sentido decorrentes das postagens do *Sensacionalista*.

6.1. Fevereiro de 2020: a confirmação do primeiro caso

A pandemia de Covid-19 foi um assunto que ganhou destaque nas postagens do *Sensacionalista*. A primeira manchete satírico-ficcional com a menção ao coronavírus foi realizada em 01 de fevereiro de 2020, *Lentidão nos Correios fará vírus chegar ao Brasil só após fim da epidemia* (Figura 34). Talvez, até mesmo pela data em que a postagem foi publicada, esta, possivelmente, é que provoque menos reflexões no leitor quanto à complexidade da crise sanitária. Possivelmente, o argumento tenha um aspecto menos politizante em detrimento aos demais, considerando que, aqui no Brasil, as implicações da doença ainda eram desconhecidas. Nessa postagem, a pandemia é o ponto de referência, já que o tema estava alcançando destaque por todo o mundo, mas a ironia se projeta contra o sistema nacional de entrega de correspondências.

Três dias depois, em 04 de fevereiro, a página deu destaque a atos intolerantes, inclusive cometidos por políticos brasileiros, quanto à origem da doença, *Coronavírus prova que Brasil é inclusivo: é racista contra negros e também asiáticos*. O uso da ironia nesta resposta se vale de um termo positivo, *inclusivo*, para se referir ao racismo e à xenofobia, alcançando um efeito disfórico. Os atritos entre Bolsonaro e pessoas de seu entorno com a China começaram ainda na campanha eleitoral de 2018. Nos meses subsequentes à confirmação dos primeiros casos de Covid-19, declarações do próprio presidente, de um dos seus filhos, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, e do então ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, resultaram em impasses diplomáticos. Eduardo Bolsonaro chegou a responsabilizar o governo chinês pela pandemia. Já *Brasileiros vindos da China não poderão ler noticiário daqui para não fugirem de volta*, de 05 de fevereiro, faz referência à comitiva enviada a Wuhan (Figura 34). Ao retornarem ao país, os brasileiros permaneceram em um período de quarentena na cidade de Anápolis, em Goiás.

Figura 35 - Primeiras postagens do Sensacionalista relacionadas à Covid-19



Reprodução de postagens realizadas em fevereiro de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Em 28 de fevereiro de 2020, dois dias após a confirmação do primeiro caso da doença no país, o coronavírus voltou a ser tema do *jornal isento de verdade*. Na ocasião, o conteúdo

veiculado pelo humorístico não fez menção ao paciente número um, mas se apresentou como uma análise do cenário político nacional (Figura 34). Ainda que o humorístico tome o jornalismo tradicional como referência, este caso exemplifica a adoção de uma temporalidade própria. Não é comum a opção por um intervalo tão extenso entre a divulgação do fato e a publicação da sátira, considerando, sobretudo, a questão da relevância. Além disso, quando o tema foi abordado, ele partiu das relações do então presidente Jair Bolsonaro com jornalistas e com opositores, a escalada de um clima de tensão e de enfrentamento. Nas quatro postagens realizadas em fevereiro, que não integram o *corpus* desta tese, mas que foram apresentadas para facilitar a contextualização, o discurso emitido pelo humorístico se difere daquele que foi sendo construído ao longo dos meses de crise sanitária.

Alguns especialistas chegaram a avaliar, ainda no início de 2020, que o Brasil, por contar com o SUS e com outras iniciativas, como a Estratégia Saúde da Família, teria mecanismos eficientes para identificar e garantir o isolamento dos casos confirmados de Covid-19, evitando uma disseminação maior do vírus, o que não se efetivou. Ao longo do período analisado nesta pesquisa, foram postadas críticas quanto ao comportamento da população; menções à crise financeira gerada pelas medidas de distanciamento social; análise da conduta de agentes públicos; avanço das pesquisas científicas e desenvolvimento da vacina; negacionismo de Jair Bolsonaro e de seus aliados mais próximos, bem como os desdobramentos da CPI da Covid-19 e, ainda, a realização da Copa América no Brasil, em julho de 2021. A escolha do país como a sede do torneio continental foi alvo de críticas, em virtude da pandemia, já que originalmente, a competição seria realizada na Colômbia e na Argentina. A mudança foi anunciada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) às vésperas da disputa.

6.2. Março de 2020: visita a Trump e o estado de pandemia

O mês de março representou uma reconfiguração global do avanço do coronavírus. No dia 11, o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, informou que, em virtude da rápida disseminação do vírus, o estado de contaminação da Covid-19 havia sido elevado para o de pandemia. A partir da nova classificação, o objetivo era de que os países passassem a tomar medidas mais efetivas para frear o avanço do vírus. Dois dias mais tarde, o cientista anunciou que a Europa havia superado a China nas confirmações de casos positivos, tornando-se o epicentro da doença. Naquele momento, a Itália destacava-se como o país com mais confirmações e mortes pela doença fora da China, o que resultou em um

colapso do sistema de saúde. A Covid-19 foi considerada uma situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 30 de janeiro de 2020. Essa classificação perdurou até 05 de maio de 2023.

Aqui no Brasil, como já mencionado, o primeiro caso de infecção pelo coronavírus foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, uma Quarta-Feira de Cinzas. O paciente era um homem, de 61 anos, residente em São Paulo, e que havia retornado recentemente da Itália. As primeiras confirmações da doença seguiram esta lógica: os casos eram importados. Mas também no dia 13, o Ministério da Saúde confirmou a transmissão comunitária da doença nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, condição epidemiológica na qual não é mais possível identificar a cadeia de contaminação. Apenas uma semana depois, o então ministro Luiz Henrique Mandetta anunciou, em 20 de março, que a transmissão comunitária estava presente em todo o país. Datam destes dias também o início da adoção de medidas mais efetivas de controle à disseminação do vírus, como a suspensão das aulas presenciais, fechamento temporário do comércio e adoção de teletrabalho por alguns segmentos profissionais. O Brasil não chegou a decretar uma política mais efetiva de fechamento como *lockdown*, adotada em outros países. A primeira morte pela doença no Brasil foi registrada em São Paulo, uma mulher de 57 anos.

Também no início de março retornou ao Brasil uma comitiva, liderada pelo então presidente Jair Bolsonaro, que havia viajado aos Estados Unidos para se encontrar com Donald Trump. De acordo com informações divulgadas pela imprensa à época, cerca de 23 membros do grupo contraíram a Covid-19 nessa viagem. Na ocasião, o Palácio do Planalto afirmou que Bolsonaro foi submetido a testes, que tiveram resultados negativos.

Ao longo do mês, o *Sensacionalista* realizou 23 postagens relacionadas à pandemia. Destas 14, por citarem diretamente Jair Bolsonaro compõem o *corpus* da pesquisa.

Figura 36 - Jair Bolsonaro e o início da pandemia



Reprodução de postagens realizadas em março de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

As quatro manchetes satírico-ficcionais dispostas na figura 35 partem de uma representação carnavalizada da política. Considera-se que o humorístico reconhece Jair Bolsonaro enquanto presidente da República, mas sugere um rebaixamento de sua autoridade e de sua capacidade de governar. Tal recurso, fragilizar a credibilidade do alvo, é frequente entre os humoristas, ainda mais no contexto brasileiro no qual há uma sobreposição de escândalos políticos. Vale lembrar, como demonstra Charaudeau (2015), que os humoristas se valem de jogos de palavras para obter o efeito de sentido desejado. Nas duas primeiras postagens, a competência de Bolsonaro para a permanência no cargo é questionada e a sua gestão é avaliada negativamente. Por ser a paródia de uma manchete jornalística, isto é um texto curto, é indispensável a criatividade dos autores para alcançar o efeito de sentido almejado.

Ainda nestes dois exemplos, a crítica só aparece no final da sentença, o que pode representar, para alguns leitores, uma espécie de potencialização do efeito humorístico, decorrente da criação de uma nova chave de leitura. A princípio, *Bolsonaro diz que não vai deixar coronavírus acabar com o país* (11 de março de 2020) indicaria uma postura positiva do político, de enfrentamento à crise sanitária. Mas o complemento *antes dele* se projeta como um argumento irônico. No entanto, a ironia não provoca um efeito de inversão, de valorização de um sentido implícito, mas de fortalecimento ao que foi disposto anteriormente.

Entre os efeitos de sentido possíveis desta manchete satírico-ficcional está a indicação de que o então presidente não teria a pretensão de minimizar os impactos da pandemia. Além disso, o humorístico ainda parece sugerir uma crítica ao plano de governo de Bolsonaro, relacionando-o à palavra destruição. Eni Orlandi (2015) explica que no campo da análise do discurso, o dizer está relacionado ao não-dizer e tal processo deve ser considerado pelo analista. Na sentença acima, a expressão *antes dele* é o gatilho para o efeito transgressivo e também para a crítica à gestão. A avaliação negativa do modo de governar de Bolsonaro configura-se como uma forma de não-dizer, com o seu sentido pressuposto. “O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente).” (ORLANDI, 2015, p. 80). Desta forma, tanto Bolsonaro quanto a pandemia resultariam em prejuízo ao país.

Essa postagem também remete a uma certa incongruidade, condição apontada por muitos, inclusive entre os teóricos do humor, como explicação ao motivo pelo qual rimos. Na visão de Eagleton (2020. p. 70), a teoria da incongruidade apresenta-se, entre as várias existentes, como a mais plausível e tem sido apresentada de distintas formas em pesquisas científicas, sob diferentes nomenclaturas, como a teoria do jogo, da ambivalência ou do conflito. Quando Charaudeau aponta as suas categorias do humor, de certa forma, ele trata da

incongruidade. “Aristóteles falou, na *Retórica*, do humor surgindo da violação das expectativas verbais, ao passo que Cícero observou, em seu tratado sobre a oratória, que o tipo mais comum de piada é aquela na qual uma coisa é esperada e outra é dita.” Seguindo neste aspecto, é no mínimo, contrassensual dizer que o presidente da República age para destruir o país. Ninguém, em momento algum, provavelmente, conseguiria se eleger com a defesa aberta desta pauta. A consideração apresentada pelo humorístico equipara a ação do militar da reserva a de um vírus, que representa um perigo à saúde e ao bem-estar humano. O autor segue: “É através dessa pequena ruptura da lógica que o riso pode surgir.” (EAGLETON, 2020, p. 70).

Na sequência, *Coronavírus faz como governo Bolsonaro e recua de resultado positivo* (13 de março de 2020), provavelmente faz alusão às inúmeras vezes em que o ex-presidente reconsiderou após declarações polêmicas. Entre a mais simbólica, mas que ocorreu após a publicação desta postagem, está a carta de rendição escrita pelo ex-presidente Michel Temer, assinada por Bolsonaro, após as falas inflamadas contra os demais poderes em 07 de setembro de 2021. Como já apresentado neste trabalho, há nesta manchete uma espécie de jogo com o adjetivo positivo, que se aproxima de um uso ambíguo: a positivação para a presença do vírus - o que, na prática, é ruim - e a obtenção de bons resultados. E ao sugerir que a gestão não soma resultados satisfatórios, o humorístico tece uma nova crítica ao Governo Federal. A ironia não se configura, mais uma vez, pela valorização de um não dito: há uma demarcação em criticar a gestão, até porque:

Transgredir uma lei não faz com que a lei desapareça, apenas confirma sua existência. A ironia, de fato, não destrói a doxa: ela se opõe a ela, mas a doxa continua a existir. Parabenizar alguém que acaba de falhar em um empreendimento não destrói a ideia de que isso não é bom. O ato de subversão, por outro lado, questiona o interior da regra ou do julgamento; ele tenta torná-lo ilegítimo para não ter que continuar se referindo a ele. (CHARAUDEAU, 2015).

A postagem *Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja* (13 de março de 2020) parte do repertório coletivo ao retomar a relação entre a ingestão de vitamina C e as doenças virais. A Covid-19, enfermidade causada pelo SARS-COV-2, apresenta sintomas semelhantes a uma gripe, é uma doença que também se instala no trato respiratório, por isso o uso do termo gripezinha, usado em um tom reducionista, que não considera a complexidade resultante do agravamento dos quadros clínicos, bem como suas distintas variantes.

Como apresentado em capítulos anteriores, quando mencionada a questão da ancoragem, nesta postagem, mais do que em outras, o efeito de sentido depende da fotografia. A imagem é a responsável por completar a significação e por materializar a ambiguidade do termo laranja. Bolsonaro está ao lado de Fabrício Queiróz, amigo pessoal do ex-presidente e que é investigado por suspeita de participação em uma esquema de rachadinha no gabinete do filho mais velho do capitão da reserva, Flávio, quando ele era deputado estadual pelo Rio de Janeiro. A citação a Queiróz a partir da movimentação suspeita de recursos, ainda em 2018, logo após o segundo turno das eleições, representou a fragilidade de um dos principais lemas defendidos pelo bolsonarismo na campanha, a honestidade e o enfrentamento à corrupção.

Por mais que as manchetes satírico-ficcionais aqui analisadas tenham como tema a pandemia de Covid-19, na maioria delas das fotografias utilizadas, o ex-presidente não faz uso de máscaras. Acredita-se que este também seja um ponto a ser considerado na produção de sentido, até porque, o ex-presidente sempre criticou a adoção de medidas não-profiláticas de enfrentamento ao coronavírus. Em algumas postagens, como um recurso irônico, o então presidente aparece com a máscara torta ou mal-colocada. Em *Coronavírus era filiado ao PSOL, afirma Bolsonaro* (13 de março de 2020), a imagem é o frame de uma das lives semanais realizadas por Bolsonaro. A presença de Mandetta, o uso de máscaras de contenção e de álcool em gel, são características que não serão encontradas na maior parte das postagens relativas à pandemia. Até porque, máscara e álcool em gel tornaram-se símbolos do enfrentamento à doença. Bolsonaro frequentemente participava de aglomerações, não fazia uso de máscaras e chegou a tirar o item de proteção de uma criança em um evento público. O próprio ex-ministro chegou a descrever qual era a situação em Brasília, em março de 2020:

Havia um descompasso entre o grau de entendimento da equipe do Ministério da Saúde sobre a dramaticidade do momento e o restante do governo. No Palácio do Planalto parecia não existir a consciência de que estávamos sob risco de uma doença infecciosa. Para se ter uma ideia, não havia sequer um frasco de álcool em gel no gabinete do presidente da República. Quando eu ia despachar com Bolsonaro, levava o álcool em gel do Ministério da Saúde. Somente depois de muita insistência colocaram ali um frasquinho, que mal era utilizado. (MANDETTA, 2020, p. 79).

Neste caso, a crítica toma Bolsonaro como alvo, mas não no contexto da Covid e sim de suas manias de perseguição. Compreende-se que a referência a um partido de oposição, seria uma espécie de tentativa do então presidente de trazer para o campo social. Como se a pandemia tivesse o objetivo direto de prejudicá-lo. Entretanto, não é apenas o *Sensacionalista*

que faz referência a essa mania de perseguição do político. Segundo Thaís Oyama (2020, p. 77), “Bolsonaro vivia em estado de alerta, temia ser envenenado, temia sofrer um atentado.”

Ainda em março de 2020, Bolsonaro, na contramão dos governadores, criticava a adoção de medidas não farmacológicas para o enfrentamento à pandemia. Diante dos números da economia que não apresentavam bons resultados, o então presidente passou a atribuir aos governadores a responsabilidade pela crise que estava por vir. Segundo Mandetta, nos bastidores, o então presidente também seguia com este discurso, mas inclinado à disputa eleitoral de dois anos mais tarde:

A avaliação de Bolsonaro – sempre desprezando a gravidade da doença – era que, sem a atividade econômica, ele perderia o controle de qualquer tipo de condução do processo político do país. A crise que viria seria impossível de ser debelada, e ele se fixava na mesma argumentação de sempre: que o país veria o retorno do PT ao poder, que o grupo dele teria que se mudar do Brasil, e assim por diante. Ele antevia quebra-cabeças por causa da fome, invasão a supermercados, e que, para o governo, não sobraria alternativa a não ser a repressão. ‘Eu vou ter que pôr o Exército para cima do povo’, dizia. ‘Povo com fome ninguém segura.’ (MANDETTA, 2020, p. 136).

Logo no início da crise sanitária, Jair Bolsonaro começou uma guerra discursiva contra as entidades científicas. A figura 37 reúne postagens realizadas entre 13 e 19 de março. Enquanto o então ministro da Saúde concedia entrevistas coletivas frequentes, marcadas cada vez mais pela presença de jornalistas de distintos órgãos de imprensa, considerando a dimensão que o tema assumia nos noticiários, o presidente seguia minimizando o momento sanitário. Vale ressaltar que essa era a conduta esperada do titular do Ministério da Saúde em um momento de tamanha incerteza. No entanto, essa postura não foi percebida nas gestões que se seguiram à do médico ortopedista.

Figura 37 - Jair Bolsonaro e o discurso negacionista



Reprodução de postagens realizadas em março de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

A postagem *Exame confirma que coronavírus está infectado com Bolsonaro* (13 de março de 2020) só pode ser entendida em seu sentido conotativo. O humorístico, a partir da figura de linguagem da personificação, atribui características humanas ao vírus. Ao propor *coronavírus está infectado com Bolsonaro* há um rebaixamento da figura do político e uma valorização do agente causador da pandemia, o que resulta em um movimento de escárnio. O então presidente foi desumanizado e reduzido à condição de um agente infeccioso, que, na prática, é definido pela ausência de um metabolismo independente, que exige um modo de vida parasitário. O movimento de queda torna-se ainda mais significativo, já que o sujeito da frase era o presidente da República. Quando Charaudeau (2011) explica que o humor está no aspecto discursivo, ele parte deste ponto de referência. Não é a palavra *infectado* em si que vai assumir um efeito transgressivo, mas a forma como ela foi posta em relação com os termos coronavírus e Bolsonaro. É justamente a inversão desta lógica - o homem infectar o vírus - que permite o riso de zombaria.

Em *Bolsonaro pedirá união: é hora de todos darem as mãos* (16 de março de 2020), o humorístico recorre, novamente, ao subentendido para indicar que o presidente não estava de acordo com a conduta defendida, naquele momento, pelos principais órgãos de saúde, inclusive o próprio Ministério da Saúde do governo dele. Ao referenciar este descompasso, a página, mais uma vez, aponta Bolsonaro como despreparado para o cargo, desinformado ou negacionista. Qualquer uma das possibilidades significativas redundam em uma crítica ao político. Considera-se ainda uma ampliação dos possíveis efeitos discursivos obtidos por essa postagem, com a implicação de uma atitude moderada, de união e consenso, que não é representação mais usual para Jair Messias Bolsonaro, mesmo em um contexto no qual ela pudesse ser aplicada. Não chega, necessariamente, a configurar um paradoxo, mas representa uma antítese frente à conduta do ex-presidente. Mais uma vez, seria possível resultar em uma crítica a incompreensão do militar da reserva quanto à gravidade da pandemia.

A terceira postagem deste bloco de análise, *Bolsonaro testa negativo para presidente* (17 de março de 2020), constrói a ambiguidade fazendo uso do repertório do momento - quase como uma demarcação das condições de produção daquele discurso. Retomando o vocabulário relacionado ao coronavírus, a postagem resulta em uma destituição do presidente. O movimento é de queda, uma relação entre o alto (autoridade) e o baixo (depreciação). Assim como em postagens anteriores, a ironia está presente, mas ela não sugere uma crítica a uma decisão isolada do político, o processo de reprovar a conduta dele se configura como um movimento contínuo e crescente. Se, nesta relação, Bolsonaro é o alvo, a doxa seria o negacionismo, discurso do qual se tornou um dos principais representantes. O Brasil

enfrentava apenas o início da pandemia, mas no humorístico, o então presidente já havia sido alvo de críticas ácidas. A manchete foi postada em 17 de março, dois dias após a participação de Bolsonaro em manifestações públicas de apoio ao seu governo. Recorrendo novamente a Mandetta, este foi o fato que tornou público o racha na administração federal:

Foi a partir daquele domingo, dia 15, que duas mensagens começaram a circular juntas, uma se contrapondo à outra. O Ministério da Saúde indicava um caminho, e o presidente enviava uma mensagem no sentido oposto, a de não respeitar as orientações do próprio ministério. Antes já havia essa resistência, mas não era pública. Para se ter uma ideia do clima de tensão entre Bolsonaro e o meu ministério, o presidente não deixou que publicássemos recomendações sobre sepultamentos no caso de transmissão sustentada do novo coronavírus numa cidade. Segundo ele, o tema era mórbido demais. Insisti que isso iria causar o colapso funerário. Os estados precisavam saber com antecedência o que fazer nesses casos. Expliquei que não poderia mais haver velório, que teriam que ser usados dois sacos pretos para envolver o corpo, e que a recomendação seria conceder apenas duas horas para a família dar adeus com caixão lacrado. Disse a ele que essas diretrizes precisavam ser determinadas com clareza, porque era um momento muito duro para as famílias. Mais tarde, transformei essas diretrizes em uma recomendação, que os estados prontamente adotaram em suas respectivas ordens do sistema funerário. Durante um bom tempo tentei achar explicações para o fato de o presidente da República negar a gravidade da Covid-19. Cogito que tenha sido um fator psicológico. Diante da notícia ruim, que é um tipo de luto, Jair Bolsonaro entrou na fase de negação. (MANDETTA, 2020, p. 94).

Apenas em março de 2020, Bolsonaro já havia classificado que a pandemia de Covid-19 não representava o risco apontado pelos organismos científicos, usando os termos *fantasia* e *gripezinha*. Acredita-se que *Bolsonaro tira e põe uma máscara desde a eleição* (19 de março de 2020) indique a contradição entre o discurso assumido pelo então presidente e o praticado. Não necessariamente no que tange o enfrentamento à pandemia, mas o combate à corrupção pode ser compreendido como um exemplo deste aspecto. Em 2018, Bolsonaro anunciou que acabaria com a política do *toma lá, dá cá*, em sua gestão, mas encerrou o mandato submisso ao orçamento e secreto e às deliberações do presidente da Câmara, o deputado Arthur Lira (PP-AL). Novamente, a ironia parece ter como foco um ponto mais estrutural do que apenas um posicionamento esporádico do então presidente. A máscara, símbolo do enfrentamento ao vírus, foi acionada, em um sentido conotativo, para criticar o comportamento do presidente. O efeito é novamente transgressivo porque se aproxima de uma interpretação próxima a dissimulado, hipócrita.

O ponto alto deste bloco de análise se concentra nas postagens realizadas em 24 de março de 2020. Nesta data, Bolsonaro deu uma das maiores demonstrações públicas de seu negacionismo ao longo de toda a pandemia. Como já apresentado nesta pesquisa, em um

pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão, o então presidente criticou as medidas de isolamento social e voltou a usar a expressão gripezinha. De acordo com uma pesquisa realizada pela Sala de Democracia Digital, da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (Dapp-FGV), o assunto foi o responsável por uma avalanche de interações pela *internet*. Entre 20h30, horário de transmissão do pronunciamento, até às 00h, a fala de Bolsonaro recebeu cerca de 3,5 milhões de interações no *Twitter*. A pesquisa demonstrou que 80% delas contrárias ao posicionamento do então presidente.

Figura 38 - Jair Bolsonaro e a gripezinha



Reprodução de postagens realizadas em março de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Bolsonaro faz 65 anos e entra em grupo de risco de impeachment (24 de março de 2020, FIGURA 38) mais uma vez se aproxima da adoção de um vocabulário que se tornou comum no contexto da pandemia, a divisão das pessoas levando em conta a idade ou a condição de saúde. Essa classificação foi utilizada também para nortear a política de vacinação, imunizando inicialmente aqueles que estavam mais expostos à doença em virtude de sua condição profissional, como os trabalhadores da saúde, e os idosos, mais vulneráveis a possíveis complicações da Covid-19. A postagem faz referência ao pronunciamento do ex-presidente, citando ainda o aniversário de 65 anos dele, comemorado três dias antes. Pela idade, Bolsonaro integrava um dos grupos de risco mais sujeitos a eventuais complicações da

doença. Portanto, a expressão *entra em grupo de risco* tem o sentido de seguir um repertório que o leitor já estava habituado em decorrência da disseminação do coronavírus. Mas a indicação de um possível *impeachment*, dizia respeito ao conteúdo proferido pelo político nos poucos minutos em que se dirigiu à nação. Acredita-se que a alusão a um eventual impedimento, seria ao julgar que Bolsonaro comentou crime de irresponsabilidade ao conclamar a população a retomar as suas atividades em um momento de intensa circulação do vírus e inexistência de vacina.

Histórico de atleta de Bolsonaro inclui salto em distância da realidade (24 de março de 2020) parte de uma expressão usada pelo próprio ex-presidente durante o pronunciamento. A justificativa é que, diante de um preparo físico melhor, por ter praticado esportes ao longo da vida, o capitão da reserva estaria menos sujeito a complicações do vírus. O humorístico usou a expressão do próprio político para subvertê-lo. Dessa forma, aquilo que já existia, e que em análise do discurso pode ser chamado de pré-construído, afetou o que o humorístico propôs, resultando em um discurso transversal. O pré-construído está presente, é identificado pelo leitor, mas tem o seu sentido ressignificado. A complementação da sátira segue com um vocabulário comum ao universo esportivo, entretanto *salto em distância da realidade* resulta na ironia que reforça a compreensão já apresentada anteriormente pelo humorístico de que o então presidente seria despreparado ou, minimamente, desinformado.

Neste bloco de análise, o humorístico se vale, mais uma vez, de um recurso que em Bakhtin pode ser entendido como a inversão da ordem social. Em *Coronavírus chama Bolsonaro de 'presidentinho'* (24 de março de 2020), a partir de uma prosopopeia, o coronavírus é elevado à condição de sujeito frase. Em termos gramaticais, o vírus tornou-se sujeito agente, ou seja, ele pratica a ação. A personificação também foi usada em *Exame confirma que coronavírus está infectado com Bolsonaro*, com características semelhantes. Nas duas situações há um processo de humanização do agente viral. Entretanto, na segunda postagem, há, também, atribuição de racionalidade ao parasita, já que o coronavírus teria sido capaz de emitir um juízo de valor acerca do então presidente. Por decorrência, o humorístico sugere uma condição de superioridade do vírus em relação ao presidente. A expressão *presidentinho* é carregada de escárnio, já que pode assumir um efeito de desdém e incompetência. Assim como em *Histórico de atleta de Bolsonaro inclui salto em distância da realidade*, o jornal isento de verdade faz uso de uma expressão já associada ao político, que é gripezinha (pré-construído), para construir a zombaria, novamente o uso do discurso transversal.

OMS recomenda isolamento de Bolsonaro (24 de março de 2020) é ilustrada por uma montagem, recurso que não é muito usual no *Sensacionalista*. Entretanto, a imagem confirma considerações apontadas até aqui a respeito da representação do político. Bolsonaro é caracterizado com a faixa presidencial, um dos símbolos institucionais oficiais, que representa o poder de seu detentor. A simbologia da faixa é tão significativa que ao término de seu mandato, o ex-presidente se recusou a entregá-la ao seu sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva. A ilustração é responsável por um duplo movimento, ao passo em que reconhece a posição de liderança de Bolsonaro, com a presença da faixa, retira toda a sua autoridade, já que ele está amarrado em uma camisa de força. Eco (1989) e Charaudeau (2015) indicam, em momentos diferentes, que transgredir uma lei não significa que ela não exista, talvez esta imagem sintetize isso. Seguindo nessas considerações, avalia-se que o efeito de sentido de isolamento na sentença acima se aproxime de banimento. A interpretação não se limita à condição de manter uma distância segura do então presidente para evitar uma eventual contaminação, mas sugere a possibilidade do político ser retirado do convívio social, por uma questão de incapacidade.

Na sequência, *Recomendação da OMS é ficar mais escondido que o exame de Bolsonaro* (24 de março de 2020) também estabelece um tom satírico já pela imagem, o que pode ser entendido como inabilidade. A dificuldade do ex-presidente com a máscara tornou-se, inclusive, pauta em alguns jornais⁸². Com base no que foi analisado até aqui, acredita-se que a postagem possa ser interpretada como uma contra-argumentação ao pronunciamento do ex-presidente, no qual ele clamava pela retomada da vida normal. Para além disso, a sátira repercute ainda o resultado de exames realizados por Bolsonaro para o diagnóstico da Covid-19. Ainda que o Palácio do Planalto tenha anunciado que os exames não indicaram a contaminação, os resultados laboratoriais em si não foram apresentados. Ainda que a crítica esteja subentendida, ao criticar a ausência de publicidade da informação, há uma certa desconfiança quanto à sua autenticidade. Até porque, todo este processo foi construído em uma guerra de versões que envolveu Eduardo Bolsonaro e a emissora norte-americana *Fox News*. Segundo a TV estrangeira, antes do resultado do exame ser anunciado oficialmente pelo Palácio do Planalto, o deputado federal teria informado que o então presidente brasileiro estaria infectado. A informação, inclusive, foi replicada por veículos nacionais.

⁸² Em 18 de março de 2020, os erros no uso da máscara por Bolsonaro e seus ministros foi abordado no Jornal Nacional: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/18/em-coletiva-bolsonaro-e-ministros-usam-mascaras-de-forma-errada.ghtml>. Acesso em julho de 2023.

Posteriormente, a *Fox News* indicou que Eduardo Bolsonaro teria mudado a sua versão quanto ao resultado do exame do pai. Quanto a este episódio, Guilherme Amado (2022) sintetizou:

Nas redes sociais, desde o momento em que Bolsonaro publicou no Facebook e no Twitter que não estava com covid, os filhos do presidente passaram a atacar não a Fox News, mas a imprensa brasileira: ‘A IMPRENSA MENTE PARA DESTRUIR O NOVO BRASIL’, escreveu Eduardo com letras maiúsculas no Twitter. (AMADO, 2022, p. 47).

Finalizando as postagens de março de 2020, *Bolsonaro abre lotéricas para brasileiro apostar a própria vida* (27 de março de 2020) faz referência a uma lista publicada pelo presidente, em 25 de março de 2020, na qual ele alterava a lista de serviços públicos e atividades essenciais durante a vigência da pandemia. A modificação seria para incluir as casas lotéricas entre os serviços que poderiam ser mantidos em funcionamento, mesmo diante de outras restrições em virtude da crise sanitária. Neste caso, o humorístico se vale de uma imagem, provavelmente de arquivo, que sugere o grande fluxo de pessoas nestes locais, principalmente no início do mês. Ainda que as casas lotéricas prestem outros serviços, como o pagamento de contas ou recebimento de aposentadorias e benefícios sociais, a realização de apostas ainda está entre suas ações prioritárias. A partir deste ponto que o trocadilho com o verbo apostar é estabelecido. Se o brasileiro *aposta* na loteria para *ganhar* um prêmio, durante a pandemia ao frequentar aglomerações, ele também realizaria uma *aposta*, entretanto, poderia contrair a doença. O jogo semântico apontaria para perder a vida. Ainda no mês de março, após o Governo Federal tentar, a partir de uma medida provisória, concentrar todo o poder para a adoção de medidas restritivas para o enfrentamento à pandemia, Estados e Municípios obtiveram, a partir de uma decisão liminar do ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo Tribunal Federal, autorização para criar regras para o controle da crise sanitária. Em abril, a liminar foi analisada em sessão por videoconferência pela Suprema Corte. O colegiado confirmou a decisão.

6.3. Abril de 2020: a demissão do primeiro ministro

O mês de abril foi marcado pelo enfrentamento entre Jair Bolsonaro e Luiz Henrique Mandetta. Foram realizadas 25 postagens relativas à Covid. Das quais, 12 serão aqui apresentadas.



Reprodução de postagens realizadas em abril de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Os redatores do *Sensacionalista* escolheram um formato para a produção de conteúdo humorístico que exige muita criatividade, mas também objetividade. A sátira precisa funcionar em um texto relativamente curto e direto. Ainda que o argumento possa ter desdobramento, é importante que a manchete seja atrativa - e engraçada! - o suficiente para garantir a leitura. Outro ponto interessante a ser mencionado é que o *jornal isento de verdade*, sempre que possível, constrói jogos linguísticos a partir do assunto que está abordando. Esse recurso já foi utilizado até aqui, ao menos, com as palavras *isolamento*, *máscara* e *apostar*. Em *Bolsonaro diz que há desabastecimento em Ceasas mesmo com um banana cercado de laranjas na presidência* (01 de abril de 2020), a equipe do humorístico se vale de palavras do campo semântico das centrais de abastecimento para descrever a rotina do Palácio do Planalto. Em sentido figurado, banana, metáfora utilizada para representar o então presidente, diz respeito a alguém que é covarde ou sem iniciativa. Já *laranja*, como já mencionado, é usado como referência ao intermediário em esquemas de corrupção ou sonegação de valores. O argumento é transgressivo contra o político em pelo menos dois aspectos: ao apontá-lo como alguém que não tem a prerrogativa para assumir o cargo, já que ele é um *banana*, e que é desonesto, por estar cercado de *laranjas*.

Ainda é relevante mencionar que esta postagem foi realizada em 01 de abril, data que é popularmente conhecida como Dia da Mentira. Na ocasião, em seu discurso crítico às medidas de isolamento, o político postou um vídeo indicando desabastecimento na Central de Abastecimento de Minas Gerais (Ceasa-MG). O presidente ainda indicou "Isso aqui se chama desabastecimento. Fome também mata, desespero e caos matam". (BOLSONARO, 2020) A questão é que a informação é falsa. O vídeo foi gravado em um momento em o local passava por um limpeza, por isso o fluxo menor de pessoas. Posteriormente, Bolsonaro lamentou o ocorrido e postou em suas redes sociais um pedido de desculpas pela proliferação da *fake news*.

Bolsonaro está isolado porque é grupo de risco ao Brasil se aproxima do jogo linguístico presente em *OMS recomenda isolamento de Bolsonaro*. Avalia-se que ao determinar que o presidente representa um perigo para a população a qual ele deveria governar, a sátira torna-se ainda mais clara. Neste caso, a imagem apresenta Bolsonaro com um semblante que pode sugerir, de repente, alguma alteração emocional, mas, neste caso, não é uma montagem. Por ter seguido na contramão dos governadores, o ex-presidente contou com poucos apoiadores em sua política negacionista. Ainda que a ambiguidade em isolamento (medida não profilática de prevenção ao coronavírus x abandono político) possa não ser decifrada em um primeiro momento pelo leitor, a crítica à gestão federal pode ser percebida. Até o momento foi percebido que o uso da ironia no *Sensacionalista* não representa a significação de um não-dito. No humorístico, a ironia funciona como uma espécie de advérbio de intensidade: a valorização de dizer o que está realmente escrito: o presidente está politicamente isolado porque as suas decisões quanto à pandemia foram tomadas em desacordo à recomendação científica, várias delas expedidas pelo seu próprio ministério. Por mais que Bolsonaro siga como um político com amplo apoio de vários segmentos da população, as críticas à sua conduta tornaram-se mais frequentes.

Bolsonaro perde a prova do líder e pode ir para o paredão (06 de abril de 2020) estabelece uma relação entre a política nacional e o *reality show Big Brother Brasil* (BBB), transmitido pela Rede Global no início do ano. Essa é a primeira postagem que faz referência ao desgaste público entre o presidente e o titular do Ministério da Saúde. Diante da recusa de Bolsonaro em reconhecer a gravidade da pandemia, o então ministro afirmou que se aproveitou da adesão da imprensa à pauta. A participação de Mandetta nas coletivas resultou em uma participação maior do político sul-mato-grossense. Além da abordagem cada vez mais clara da divergência entre as partes pelos veículos de imprensa, o então ministro alcançou um protagonismo nacional no início da pandemia, o que, segundo o próprio Mandetta, Bolsonaro “ficaria aborrecido se um ministro ganhasse muita evidência em seu governo.” (MANDETTA, 2020, p. 74).

Uma das formas mais frequentes utilizadas pelo *Sensacionalista* para obter o efeito cômico está em relacionar o universo político com outros campos semânticos, o que, a princípio, não teria uma relação tão evidente assim. Essa estratégia discursiva também foi utilizada pelos redatores em *Bolsonaro diz que há desabastecimento em Ceasas mesmo com um banana cercado de laranjas na presidência* e *Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja*. Considera-se que este recurso pode assumir um efeito interessante e, até mesmo, explicativo do universo político, trazendo assuntos da esfera do

poder nacional para o dia a dia dos leitores. No caso da referência ao BBB, deve ser considerada também a popularidade do formato que, há mais de duas décadas, obtém números interessantes de audiência. O desgaste entre Bolsonaro e Mandetta foi um assunto que ganhou a opinião pública e rendeu críticas ao presidente. Nesta manchete satírico-ficcional, o clima de tensão é sintetizado como *Bolsonaro perde a prova do líder*; já que o processo de demissão do médico ortopedista foi marcado por idas e vindas, com críticas abertas de Bolsonaro e respostas de Mandetta.

Como uma escalada deste clima de animosidade, o então ministro, em 15 de abril, recusou o pedido de demissão do secretário nacional de Vigilância em Saúde, Wanderson de Oliveira. Ele declarou publicamente que a equipe somente deixaria a pasta junta, reforçando que sabia da possibilidade de ser desligado do cargo. Segundo informações divulgadas à época pela própria equipe do Ministério da Saúde, o pedido de demissão do epidemiologista foi motivado, principalmente, pelas discordâncias frente ao posicionamento de Bolsonaro no combate ao coronavírus. Ainda no início de abril, ao ser questionado se pediria demissão do cargo, Mandetta afirmou que um "médico não abandona o paciente". (MANDETTA, 2020). Discursivamente, ao colocar o país na condição de paciente, o então ministro se qualificou como uma voz de oposição a Jair Bolsonaro. Este processo ganhou uma representatividade significativa, posto que o médico passou a ser cogitado como candidato às eleições presidenciais de 2020, o que não se efetivou. Muito provavelmente, todo este processo resultou, inclusive, na popularização da figura de Mandetta.

Voltando a comparação estabelecida com o *reality show*, ao perder a prova do líder, o participante fica com a sua permanência ameaçada no jogo, podendo ser indicado à eliminação, que é decidida no voto popular (paredão). Vencer a prova do líder significa assumir, por uma semana, o protagonismo do jogo, já que o líder tem a prerrogativa de indicar alguém para a eliminação e não pode ser votado. A conduta do ministro foi descrita pelo humorístico como *prova de resistência*. Acredita-se que esta sátira aponta, principalmente, para o enfraquecimento da autoridade de Bolsonaro na condução da pandemia.

A queda simbólica do político continuou a ser abordada pelo humorístico, como em *Faixa presidencial de Bolsonaro é internada em estado grave na UTI* (06 de abril de 2020). Como já mencionado, a faixa diz respeito a um símbolo institucional, é um fator de distinção do presidente. Tanto que ao assumir o cargo e receber a faixa, um retrato oficial do gestor com o item é disposta nos prédios oficiais. Mais uma vez, o humorístico trabalha com a prosopopeia para construir o argumento irônico. Ao indicar que a faixa presidencial está hospitalizada, em quadro crítico, a página contesta a legitimidade do político enquanto gestor.

Infelizmente, pelo agravamento da pandemia, as recorrências a pacientes nas UTIs tornaram-se frequentes. Avalia-se que a sátira não se projeta contra a gravidade da pandemia, mas atinge a conduta de Jair Bolsonaro. Ele segue como o alvo.

Ainda que o *Sensacionalista* não tenha realizado nenhuma postagem no dia 16 de abril relacionada à demissão de Mandetta, considerando que este foi o dia em que o ex-ministro anunciou pelas redes sociais que havia sido desligado do cargo, o tema seguiu no radar do humorístico no início do mês de abril⁸³. *Sem Mandetta, sem mandato* (06 de abril de 2020), disposta na figura 40, diz respeito ao apoio que o então ministro recebeu da opinião pública, das entidades de saúde e de prefeitos e governadores. Como o político não cedeu às pressões do então presidente e seguia as indicações apontadas pelas entidades científicas no enfrentamento à pandemia, a guerra discursiva entre os dois ganhou repercussão em todo país. Por mais que o dizer *sem mandato* cumpra muito mais um efeito de jogo linguístico, a partir de um trocadilho com o sobrenome do sul-mato-grossense, vale ressaltar que neste momento Bolsonaro era alvo de uma série de críticas e de inúmeras representações na Câmara dos Deputados, que poderiam resultar, caso tivessem sido analisadas, em um eventual processo de *impeachment*. Tal compreensão tem o seu sentido reforçado se concebida em complemento à postagem realizada dois dias depois, *Mandetta achata curva de popularidade de Bolsonaro* (08 de abril de 2020). Para indicar como Bolsonaro estava em desvantagem na guerra discursiva travada com o então ministro da saúde, o humorístico se valeu de uma expressão utilizada pelos profissionais da saúde para descrever a disseminação do vírus, que é a curva de contaminação, que diz respeito ao aumento no número de infectados. A partir de gráficos, os especialistas analisavam as confirmações e os óbitos registrados pela doença.

Figura 40 - A guerra discursiva com Mandetta

⁸³ A postagem mais próxima à demissão, seja no aspecto temporal ou discursivo, foi realizada em 15 de abril de 2020, véspera do desligamento. Na postagem, o humorístico estabelece uma relação com a área econômica e o pagamento do auxílio emergencial à população que perdeu renda em virtude da pandemia: *Mandetta baixa o aplicativo da Caixa e já pede seus 600 reais*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_BFT1MJJa9y/. Acesso em agosto de 2023.



Reprodução de postagens realizadas em abril de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Entre os meses de março e abril de 2020, Bolsonaro começou a defender o uso da cloroquina e da hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19. Naquele momento, ainda não havia um consenso científico quanto ao tema. Por ser considerado, à época, um medicamento promissor, estudos científicos com o objetivo de analisar a eficácia foram realizados no Brasil e no exterior. Neste mesmo período, o Ministério da Saúde publicou orientações quanto ao uso da medicação, que estava liberada para o tratamento de pacientes hospitalizados, com casos graves. O documento salientava que os estudos quanto à eficácia ainda não eram conclusivos. No entanto, esta possibilidade fez com que a medicação desaparecesse das farmácias. Nos meses subsequentes, especialistas passaram a desaconselhar a administração de cloroquina contra a Covid-19 devido aos efeitos colaterais. Em março de 2021, a OMS declarou que a medicação era ineficaz no enfrentamento ao coronavírus.

Foto de café da manhã mostra Bolsonaro passando cloroquina no pão francês (09 de abril de 2020) e *Páscoa: Bolsonaro afirma que Jesus ressuscitou por causa da cloroquina* (11 de abril de 2020) fazem referência a essa insistência do político para o uso do medicamento, que fazia parte do chamado tratamento precoce. As duas argumentações, ainda que obedeçam a lógicas de significação distintas, partem do exagero para a construção do efeito cômico. A primeira ironizando o excesso de ingestão da droga pelo então presidente e a segunda se valendo do feriado de Páscoa. A adoção de um discurso religioso, extrapolado para a marca de sua campanha presidencial, *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*, tem sido um ponto fundamental na trajetória política de Bolsonaro. Em um caráter hiperbólico, o *Sensacionalista* sugere que a cloroquina é mais do que eficaz, é miraculosa.

A postagem *BBB: Mandetta ganha a prova de resistência e Bolsonaro perde a liderança* (11 de abril de 2020), apresentada na figura 41, segue tomando como ponto de referência a relação tensa no Palácio do Planalto e apresenta pontos de convergência com *Bolsonaro perde a prova do líder e pode ir para o paredão*, em uma relação intertextual. No *reality show*, algumas disputas pela liderança são marcadas por longos desafios. De acordo

com informações divulgadas pela própria emissora, o recorde de duração de uma prova na competição, que valia um carro e a imunidade na semana, durou 42 horas e 58 minutos, na edição de 2018. Diante da permanência dos participantes, a produção encerrou a disputa, decidindo por um empate.

Figura 41 - O isolamento de Bolsonaro



Reprodução de postagens realizadas em abril de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Uma das características do humor para tornar o seu argumento acessível a um público cada vez maior é a adoção de um repertório social. A escolha do BBB é interessante para sugerir como o desgaste com Mandetta afetou a imagem de Bolsonaro. Ainda que o médico tenha deixado o cargo, o que representa uma espécie de punição/prejuízo, a cobrança sobre o presidente aumentou desde então. Vale lembrar que a saída do primeiro ministro e também a de seu sucessor, Nelson Teich, que permaneceu cerca de trinta dias no cargo, representaram um predomínio do negacionismo de Bolsonaro nas decisões da pasta. A Saúde é um dos principais ministérios do Governo Federal, seja pelo seu grau de importância direto na vida das pessoas ou pelo volume de recursos que tem disponível, o que desperta o interesse de distintos grupos políticos. Avalia-se que o termo *resistência* pode ter sido empregado na sátira, em certa medida, para mensurar os desafios que se apresentaram ao ministro da Saúde em um cenário de crise, mas, sobretudo, para indicar as implicações políticas daquele momento. Além de desautorizar Mandetta no que diz respeito à adoção das medidas não profiláticas de enfrentamento à Covid-19, Bolsonaro seguia recomendando cloroquina e desautorizando publicamente o gestor do SUS. Quanto ao negacionismo do então presidente, Mandetta avaliou:

Quando ele viu a adesão da população às pautas da saúde, criou na cabeça a teoria de que o isolamento social era uma conspiração do Dória, do DEM, do Rodrigo Maia, minha, do Nordeste, pois com a economia fechada e todo mundo em casa, ele não poderia seguir seu plano. Para ele, quem tivesse que morrer já iria morrer

mesmo, não valia a pena parar tudo por causa disso. (MANDETTA, 2020, p. 216-217).

Ao longo das próximas análises, será possível verificar a diferença na representação dos demais ministros da Saúde durante a gestão Bolsonaro. Teich, até mesmo pelo pouco tempo em que permaneceu no Governo Federal, praticamente não foi mencionado pelo humorístico, o que aponta que a relação com o jornalismo é importante, mas não é determinante para o funcionamento do *Sensacionalista*. Talvez, a referência se dê, prioritariamente, na linguagem jornalística, mas não na temporalidade. A postura de enfrentamento atribuída a Mandetta será substituída por uma de submissão, seja com Eduardo Pazuello ou com Marcelo Queiroga. Em linhas gerais, a página classifica que a permanência de Mandetta no cargo, até aquele momento, era uma questão que demandava um enfrentamento grande, por isso o termo *prova de resistência*. Já a perda de credibilidade do presidente para nortear a política de combate à Covid-19, foi apresentada como a perda de liderança. É importante ressaltar que também, muito em virtude dessa postura negacionista, e em desacordo com os protocolos da área da saúde, Estados e Municípios garantiram, no STF, a possibilidade de decidirem como iriam conduzir a crise sanitária.

Remédio de verme que é esperança do Brasil também é conhecido pelo nome 'Impeachment' (16 de abril de 2020) é uma manchete satírico-ficcional carregada de ironia, mas que apresenta uma crítica ainda mais contundente; a partir de Charaudeau é possível apontar para um tom mais ácido, um teor sarcástico, marcado pelo escárnio. Há novamente uma espécie de inversão da ordem social, retirando a humanidade de Bolsonaro. Assim como em postagens anteriores, quando esse recurso foi empregado, a metáfora usada para apresentar o político se valeu de contextos depreciativos, marcados pela desumanização, em uma situação de inferioridade, comparações com vermes ou vírus.

Charaudeau (2015) trata que o humor pode se projetar contra a doxa, brevemente explicada como a sustentação ideológica ou a motivação para que alguém seja alçado como o alvo de uma crítica. Ainda que Bolsonaro já fosse representado com um tom negativo nas postagens do humorístico desde o início da gestão, a contundência dessas sátiras tornou-se ainda mais expressiva a partir de 2020. A crítica parece mais efetiva, melhor demarcada e, em muitos casos, mais direta, menos codificada.

Ao descrever o carnaval, Bakhtin (2010) trata de uma suspensão da hierarquia. Neste pressuposto, considera-se a carnavalização como a transposição destas características para os formatos comunicativos. O sarcasmo presente neste enunciado é construído a partir de um

espelhamento da conduta do ex-presidente na gestão da pandemia, mas estruturado em uma relação simbólica de queda. Como já destacado no início deste texto, a postura de Bolsonaro ao incentivar a adoção de remédios ineficazes no enfrentamento à Covid-19 motivou um aumento na procura por essas medicações, resultando, inclusive, em situações de desabastecimento. Além das fórmulas não surtirem efeito para o tratamento das infecções pelo coronavírus, não devem ser desconsiderados os efeitos colaterais e os eventuais riscos que o uso desnecessário de tais substâncias representam ao organismo.

Entre as drogas frequentemente recomendadas pelo político, estavam hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e corticosteroides sistêmicos. No Brasil, tornou-se comum o uso da expressão tratamento precoce. Vale, mais uma vez, a recorrência a Mandetta com a finalidade de tentar mapear as justificativas para tal comportamento: “Nunca na cabeça dele [Bolsonaro] houve a preocupação de propor a cloroquina como um caminho de saúde. A preocupação dele era sempre ‘vamos dar esse remédio porque com essa caixinha de cloroquina na mão os trabalhadores voltarão à ativa, voltarão a produzir.’” (MANDETTA, 2020, p. 145).

A adoção de um pretenso tratamento precoce foi incentivada pelo ex-presidente em pronunciamentos dentro e fora do Brasil. A indicação, contestada por cientistas e entidades da saúde, como a OMS, era de que o uso dessas fórmulas no início dos sintomas poderia impedir o agravamento da doença. A defesa oscilava entre as possibilidades de ação farmacológica preventiva, para evitar a contaminação, ou precoce, para impedir o agravamento. A contraposição, amparada por pesquisas realizadas por distintos profissionais, indicava que, naquele momento, não havia nenhum composto farmacológico capaz de impedir a contaminação ou o avanço da doença. Em discurso realizado durante a abertura da 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2021, mesmo com a ineficácia dessas medicações já comprovada para o combate à Covid-19, mais uma vez, Bolsonaro defendeu o uso das medicações.

Em um artigo publicado em 2021, na revista científica *The Lancet Regional Health – Americas*, os pesquisadores Leonardo Furlan, da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), e Bruno Caramelli, médico cardiologista, diretor da Unidade de Medicina Interdisciplinar em Cardiologia do Instituto do Coração (Incor) e professor da FMUSP, salientaram que, no Brasil, o uso de medicações ineficazes no enfrentamento à Covid-19 foi incentivado por autoridades públicas e médicos. Os cientistas também apontaram que tal movimento foi associado ao descrédito das medidas não farmacológicas de enfrentamento à pandemia, como

o isolamento social e o uso de máscaras, bem como da vacinação. Segundo os cientistas brasileiros:

o ‘kit covid’ tem sido promovido e prescrito no Brasil com base em evidências anedóticas, experiências e opiniões pessoais, estudos in vitro com dosagens de medicamentos excedendo os limites de segurança em humanos, estudos clínicos de baixa qualidade metodológica, revisões sistemáticas com metanálises sem qualquer credibilidade, ideologia política e a chamada ‘autonomia médica’ (FURLAN; CARMELLI apud FERREIRA, 2021).

Retornando a Bakhtin, o enunciado em questão foi estruturado na subversão hierárquica. Bolsonaro é retirado da condição de presidente da República e descrito como um verme [*Remédio de verme que é esperança do Brasil também é conhecido pelo nome ‘Impeachment’*]. Ainda que o nome do então presidente não esteja objetivamente apresentado, tal inferência é possível a partir da indicação do termo *impeachment*. Desde o início da gestão, várias representações contrárias ao político foram apresentadas à Presidência da Câmara dos Deputados. Durante o período em que Bolsonaro permaneceu no comando do país, as análises das denúncias foram uma prerrogativa de Rodrigo Maia (à época no DEM-RJ) e Arthur Lira (PP-AL). Nenhum dos dois parlamentares deu prosseguimento às representações. Somente até junho de 2021, 124 pedidos de *impeachment* já haviam sido apresentados contra Bolsonaro. Ainda em junho de 2021, uma representação contra o então presidente por suposta prevaricação no episódio envolvendo a suspeita de corrupção no contrato de compra da vacina indiana *Covaxin* foi assinada por 45 signatários.

Se no enfrentamento à pandemia, a ivermectina tinha o seu uso incentivado pelo presidente e pelo seu grupo político, o humorístico defende o afastamento definitivo de Bolsonaro. Com o passar das semanas, a página foi intensificando as críticas ao político, reforçando a defesa de que ele não teria condições de seguir no cargo. Ainda que várias críticas bastante acentuadas contra o ex-presidente já tenham sido analisadas até aqui, esta parece uma das mais expressivas. Outro ponto importante a ser considerado neste contexto, em 16 de abril de 2020, Luiz Henrique Mandetta foi demitido do Ministério da Saúde, mas este assunto não foi abordado pelo humorístico. Como substituto, foi escolhido o oncologista, Nelson Teich.

Como já mencionado, em abril de 2020, o STF referendou uma decisão do ministro Marco Aurélio, reconhecendo que Estados e Municípios, assim como o Governo Federal, tinham autorização para decidir quanto à política de isolamento social. Esse foi o ponto de partida utilizado pelo humorístico para a sátira *STF decide que Bolsonaro não é trabalhador*

essencial (17 de abril de 2020). O próprio ex-presidente em vários momentos, em virtude dos reflexos negativos da pandemia, subvertia a presente decisão jurídica e dizia que foi impedido pela Suprema Corte de agir no contexto da crise sanitária. A afirmação constante de tal ponto pelo político e pelos seus apoiadores, motivou a divulgação de uma nota na qual o STF esclarecia que a decisão apontou que o presidente, governadores e prefeitos tinham responsabilidade concorrente para enfrentar a questão. Na prática, todos poderiam agir, justamente o contrário do afirmado pelo capitão da reserva.

A manchete satírico-ficcional é ilustrada com uma fotografia do ministro Gilmar Mendes, atual decano do STF. A toga utilizada pelo ministro no registro reforça a noção de coletividade da decisão, já que este é o traje vestido pelos onze juízes nas sessões do tribunal. O rosto de Mendes, ministro com longa trajetória no STF, também reforça o conceito de corte, decisão colegiada. Talvez, esta relação pudesse ser dificultada se o retrato escolhido fosse de um ministro com uma menor trajetória na corte. Avalia-se que a piada não seja uma crítica à decisão jurídica, mas a conduta de Bolsonaro. Por exemplo, a palavra *essencial* assume um significado equivalente a fundamental ou o mais importante. Para reforçar esta compreensão, é possível, inclusive, retomar postagens anteriores em que a página aponta a perda da liderança do político. Na prática, a publicação até se aproxima da nota em que o STF respondeu a Bolsonaro: ele não está proibido de decidir, mas tal conduta não representa um monopólio dele. Quanto à escolha de Gilmar Mendes para ilustrar o argumento desfavorável ao ex-presidente, vale ressaltar um trecho do voto do ministro no julgamento que reconheceu a autonomia de Estados e Municípios para o enfrentamento à pandemia: “O presidente da República dispõe de poderes inclusive para exonerar o seu ministro da Saúde, mas não dispõe de poder para uma política de caráter genocida. Isso a Constituição veda de maneira cabal.” (MENDES apud AMADO, 2022, p. 73).

Para fechar as análises referentes a abril, *Bolsonaro diz ter informações de plano de coronavírus contra ele* (17 de abril de 2020) se aproxima, novamente, em uma relação intertextual, de *Coronavírus era filiado ao PSOL, afirma Bolsonaro*. Entre os efeitos de sentido possíveis, retoma-se a mania de perseguição do político, concebendo a pandemia como algo para atingi-lo diretamente. Por mais que a crise sanitária deva ser compreendida como um contexto ímpar na história recente, sendo responsável por determinar que a Ciência encontrasse respostas para um problema enquanto ele, de fato, acontecia, Bolsonaro optou por se prender em suas pré-concepções e seguir com elas. Toda a sua defesa ao uso do tratamento precoce parte de fragmentos descontextualizados da ação de cientistas que buscavam respostas para o combate à pandemia. Mas com o passar do tempo, quando os resultados das

pesquisas foram se tornando públicos, apontando para evidências contrárias às defendidas por ele, o então presidente preferiu ignorar.

O negacionismo bolsonarista é um posicionamento ideológico. Posteriormente, a CPI da Covid-19 demonstrou que essa não foi apenas uma decisão pessoal, mas também se instalou no Ministério da Saúde e determinou a construção do plano nacional de prevenção ao vírus. É neste aspecto que deve ser retomada a análise na qual Eni Orlandi (2015) ressalta que o analista, deve conceber o discurso como uma articulação entre o político e o simbólico), evidenciando que essa construção não é inocente. Mesmo diante de uma expressiva pressão externa, marcada por inúmeras notas de repúdio, Bolsonaro não reconsiderou a sua postura. Nas palavras da própria Orlandi, a significação é um desdobramento ideológico, posto que

[...] a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos mas porque pratica sentidos, intervém no real. Essa é a maneira mais forte de compreender a praxis simbólica. O sentido é a história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. (ORLANDI, 2015, p. 93-94).

6.4. Maio de 2020: a letalidade da Covid-19

Maio foi o mês em que o Ministério da Saúde começou sob o comando de Nelson Teich, pressionado pelo avanço da pandemia, com aumento expressivo na confirmação de casos e no número de mortos. Ainda no dia 15, o oncologista pediu o desligamento do cargo. Durante o pouco tempo em que permaneceu no cargo, Teich não estabeleceu uma postura de proximidade com a imprensa, também não concedeu entrevistas coletivas com a mesma frequência que o seu sucessor. Teich adotou, entretanto, políticas que não agradavam a Bolsonaro: defendeu o isolamento social e não endossou o uso da cloroquina para o enfrentamento à doença.

No dia 19, o país ultrapassou a marca de mil mortes por dia por complicações da doença; a Covid-19 era a principal causa de morte no país naquele momento. Além disso, o Brasil já havia superado o número de casos registrados em países como a Itália, a Espanha e o Reino Unido. Naquela data, o Brasil já havia mais de 250 mil confirmações da doença e quase 17 mil pessoas já haviam morrido em virtude da infecção pelo novo coronavírus. Também em maio teve início a gestão de Eduardo Pazuello no Ministério da Saúde.

Figura 42 - O discurso, a conduta e a interpretação de Bolsonaro



Reprodução de postagens realizadas em maio de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Neste primeiro bloco de análises, disposto na figura 42, é possível pensar em, pelo menos, três temas prioritários: o discurso, a conduta e a interpretação de Jair Bolsonaro. Ainda que estes pontos estejam diretamente relacionados, a divisão aqui estabelecida tem o objetivo de apenas apontar possíveis efeitos de sentido. Com o avanço da pandemia, o agravamento da crise sanitária, que motivou uma crise política, a representação do ex-presidente foi ficando cada vez mais carregada de ironia. Provavelmente, outro gestor também seria criticado por alguma ação neste contexto, mas o ex-presidente cometeu uma quantidade expressiva de equívocos na condução do país naquele momento.

Uso de máscara também é recomendado para o queixo não cair toda vez que Bolsonaro fala (02 de maio de 2020) e *Cientistas defendem lockdown da boca de Bolsonaro* (08 de maio de 2020) assumem características intertextuais e interdiscursivas. As publicações estão diretamente relacionadas e criticam declarações realizadas pelo então presidente. Se a primeira postagem pode ser pensada em um contexto mais amplo, no qual as condições de produção sugerem o momento da pandemia, mas o advérbio *toda* aponta para uma crítica mais duradoura, a segunda, ao nomear a categoria *cientistas* como o sujeito da frase, indica o negacionismo do presidente.

Em outras palavras, avalia-se, até pelo campo semântico utilizado - o verbo defender, postulado como o resultado de uma descoberta, ou *lockdown*, descrevendo um confinamento/isolamento total - a indicação de uma oposição entre o político e os pesquisadores. Ainda que o humor seja marcado por construções verbais mais flexíveis que o jornalismo, por exemplo, o *Sensacionalista* tem como característica aproximar o vocabulário das suas piadas ao contexto que está sendo satirizado. A enunciação assume uma significação próxima de *Cala boca, Bolsonaro!*, mas construída com expressões que foram popularizadas no contexto da pandemia.

Exame de Bolsonaro dá positivo para genocida (08 de maio de 2020) e *Bolsonaro testa negativo para presidente* (13 de maio de 2020) são construídas a partir de elementos satíricos semelhantes, no qual a crítica não se limita a ação de Bolsonaro, mas a tudo o que o sustenta no campo política. A transgressão supera o alvo e atinge a doxa. Além disso, *Bolsonaro testa negativo para presidente* não é propriamente uma avaliação inédita, posto que já havia sido publicada no mês de março. A partir de tudo o que foi publicado entre 17 de março, data em que a crítica foi publicada pela primeira vez, e 13 de maio, data em que ela é

repostada, é possível avaliar esse movimento como uma revalidação do argumento. O humorístico reafirma o seu posicionamento crítico à gestão da pandemia.

Se a presente construção satírica é marcada pelo destronamento do político, esse movimento é ainda mais contundente em *Bolsonaro dá positivo para genocida*. Posto que o adjetivo *negativo* diz respeito à ausência, a manchete satírico-ficcional pode ser concebida com uma crítica de conduta. Ou seja, é ruim que alguém esteja em uma função para a qual não é habilitado, mas, em linhas gerais, isso não resulta em um crime. Sempre existe a possibilidade de mudar de área, procurar outra coisa para fazer. O capitão da reserva foi classificado como um mau presidente. No entanto, o uso do adjetivo *positivo* concebe a presença, a confirmação. É uma acusação a Bolsonaro, a qual vai permanecer com o passar dos anos, apresentando-se como uma questão de caráter. Ao longo da pandemia, conforme o Brasil subia no ranking de óbitos pela doença, o termo *genocida* passou a ser usado em referência a Bolsonaro. O genocídio é considerado um crime contra a humanidade, resulta no extermínio de um povo. Em outubro de 2021, quando o país atingiu a marca de 600 mil óbitos resultantes da pandemia, o jornalista Lucas Sampaio (2020) avaliou, em uma reportagem para o portal G1, que: com a sexta maior população do mundo, “o Brasil é 2º em óbitos causados pelo novo coronavírus, o 3º com mais casos confirmados e o 4º em doses de vacinas aplicadas. Proporcionalmente em relação à população, o país é o 8º em óbitos, o 28º em casos e o 59º em doses administradas.”

Já *Em sessão espírita, morto por COVID confessa que faleceu só para prejudicar Bolsonaro*, o humorístico volta a tocar na mania de perseguição do ex-presidente. A ironia à postura do político é salientada pela referência ao mundo sobrenatural e pela construção de argumentos ilógicos para amenizar a responsabilidade do capitão da reserva.

Seguindo no segundo bloco de análises de maio de 2020 (Figura 43), o humorístico retoma a obsessão do ex-presidente com a cloroquina. Assim como em *Bolsonaro testa negativo para presidente*, em *Embalagem de cloroquina virá com foto de Bolsonaro como alerta* (14 de maio de 2020), o humorístico se valeu de fotografias que também ganharam destaque nos noticiários, referentes à participação do então presidente em atos antidemocráticos em 19 de abril. A imagem, possivelmente, assumia características transgressivas para vários leitores, mas ela não é, originalmente, uma piada. A fotografia documentou uma crise de tosse sofrida por Bolsonaro. A incongruidade pode ser constatada por uma série de fatores: o mundo enfrentava uma pandemia causada por um vírus respiratório. O principal político do país participava de uma manifestação, em um período em que aglomerações estavam proibidas; precisou interromper a sua fala em virtude uma crise de

tosse, mas não usava máscara; apesar de seu histórico de atleta, naquele momento apresentava um desconforto, talvez sintomas gripais. Ao apontar que aquela fotografia de Bolsonaro irá estampar a embalagem de cloroquina, o humorístico possibilita, novamente, distintas interpretações: que a cloroquina não pode ser usada de forma indiscriminada; que aquela medicação provoca riscos à saúde e que o uso daquela fórmula pode transformá-lo (a) em alguém semelhante a Bolsonaro. Essa é a lógica dos alertas estampados nas embalagens de cigarro.

Figura 43 - Família Bolsonaro, cloroquina e Queiróz



Reprodução de postagens realizadas em maio de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

*Bolsonaro interfere no ministério da Saúde: 'Querem f*der minha cloroquina'* (14 de abril de 2020) é um desdobramento da relação da obsessão do presidente com o fármaco. Também pela proximidade das datas de publicação, as postagens estão próximas no *feed* do *Instagram*, o que pode resultar em uma complementação significativa com *Embalagem de cloroquina virá com foto de Bolsonaro como alerta*. Os argumentos do *Sensacionalista* estão referenciados ao jornalismo. Mas existe uma relação de reforço de sentido entre as distintas postagens. Embora ainda falte muito conteúdo para o término desta análise, acredita-se que haja um sentido de complementaridade entre as manchetes satírico-ficcionais. Houve, até agora, uma elevação no tom entre uma postagem e outra. Além disso, é possível avaliar uma relação interdiscursiva com as declarações apresentadas por Mandetta e Teich quando deixaram o Ministério da Saúde.

Vale ainda problematizar um segundo desdobramento para a questão da interferência: a manchete aponta genericamente Bolsonaro, ainda que essa seja uma recorrência usual ao ex-presidente, na fotografia que ilustra a sátira ele está ao lado de seus três filhos políticos. Todos também utilizam o sobrenome Bolsonaro, talvez o ingresso na política, se não foi determinado, foi facilitado por isso. Outro ponto a ser considerado é, de fato, a ingerência dos filhos na administração do pai. Vários fatos podem ser lembrados como sintomáticos desta

relação. Jornalistas, setoristas do Palácio do Planalto, destacaram, em distintas ocasiões, a presença de Carlos nos mais diversos momentos da gestão Bolsonaro. Ainda em 2019, logo no início da gestão, a primeira crise da administração federal, que resultou na demissão do advogado Gustavo Bebbiano, da Secretaria-Geral de Governo, foi atribuída a Carlos Bolsonaro. Dias antes, o vereador fluminense, inclusive, acompanhou o pai e a madrasta no Rolls-Royce durante o desfile na cerimônia de posse. Além disso, de acordo com informações divulgadas pelo *Poder 360*, até fevereiro de 2020, o então presidente havia realizado 26 viagens internacionais. Em 18 delas, contou com a companhia de pelo menos um de seus quatro filhos homens. Documentos obtidos pela CPI da Covid-19 também apontaram que Carlos ou Flávio participaram de pelo menos cinco reuniões no Palácio do Planalto entre março e abril de 2020.

A postagem *Bolsonaro quer Queiroz no ministério da Saúde porque laranja é bom para gripezinha* (15 de maio de 2020) ressalta a proximidade entre a família Bolsonaro e Fabrício Queiróz. Essa condição pode ser percebida pela manchete em si, que se efetua no campo conotativo. Não chegou a ser ventilada, ao menos não publicamente, a possível indicação do policial militar aposentado para o comando do Ministério da Saúde. Como a página é humorística, o objetivo é retomar o trocadilho como o termo laranja, oscilando entre a fruta e o membro de um esquema ilícito de movimentos de recursos, como já realizado anteriormente. Mas é a imagem, que Jair, Eduardo e Queiróz aparecem sem camisa em um momento de lazer que sugere a intimidade entre as partes. A piada é ficcional, mas a fotografia não é.

Até o final de maio de 2020, o humorístico já havia relacionado à representação de Bolsonaro na gestão da pandemia, a imagem de um político negligente. A página abordou vários aspectos dessa conduta, sempre reforçando que ele não estava socialmente preocupado com o avanço da pandemia. Desta vez, o argumento satírico se vale da política de assistência do próprio governo Bolsonaro para criticá-lo: o auxílio emergencial. Em *Bolsonaro recebe auxílio de R\$ 600 porque não trabalha durante a pandemia* (29 de maio de 2020), a crítica ao ex-presidente se apresenta diretamente, sem o uso de termos ambíguos ou hiperbólicos. Dessa forma, mais do que em outros exemplos aqui analisados, o efeito humorístico não é o resultado de incongruidade ou de jogos linguísticos, mas é o resultado de aspectos discursivos. Quem ri, se regozija do fato de a página ter afirmado, objetivamente, que o então presidente da República não trabalha. O efeito cômico é o resultado dessa quebra de autoridade, que resulta em um consolo.

O Brasil chegou ao mês de junho de 2020 próximo à marca de 600 mil casos confirmados de Covid-19. Logo no início do mês, um levantamento divulgado pelo G1, que é o portal de notícias do *Grupo Globo*, indicou que, naquele momento, o país já havia superado a Itália no número de mortos pela síndrome respiratória. Ainda segundo o veículo de imprensa, 72% dos municípios brasileiros já contavam com casos positivos de infecção pelo coronavírus. Os dados ainda apontavam que em 30% das cidades brasileiras, óbitos já haviam sido registrados em decorrência do coronavírus.

O mês ainda foi marcado pela ameaça de Bolsonaro em romper com a OMS, sob a desculpa que a entidade seguia um viés ideológico na condução da pandemia. O posicionamento do ex-presidente se deu na esteira de Donald Trump, que já havia rompido com a entidade da área da saúde. Também em junho, o Brasil recebeu o primeiro lote de vacinas desenvolvido pela Universidade de Oxford contra a Covid-19. Cerca de dois mil brasileiros participaram dos testes. O sexto mês do ano marcou a criação do Consórcio de Veículos de Imprensa para a divulgação dos casos confirmados de coronavírus. A ação se deu após uma política intencional da gestão Bolsonaro em dificultar o acesso a essas informações. Apesar disso, apenas cinco postagens foram publicadas pelo *Sensacionalista*. Essa condição evidencia que há uma relação entre o jornalismo e o humorístico, mas tal mediação não se dá no caráter da informação, mas da opinião, da orientação de uma conduta.

6.5. Junho e julho de 2020: a defesa da cloroquina

A figura 44 reúne as postagens de junho e julho que tratam da ação do ex-presidente durante o ponto alto da pandemia. *Bolsonaro ameaça usar cloroquina contra manifestantes pró-democracia* (de 05 de junho de 2020) retoma as inúmeras manifestações realizadas no país naquele momento. Apesar do contexto de crise sanitária, vários grupos, inclusive, torcidas organizadas, saíram às ruas para demonstrar apoio ou insatisfação quanto ao governo federal. Considera-se, portanto, que a postagem segue na mesma linha discursiva das anteriores que associam o ex-presidente à medicação ineficaz contra a Covid-19. Além disso, o humorístico ressalta a defesa pública já realizada por Bolsonaro de regimes ditatoriais. Ao indicar que o presidente pretendia usar a cloroquina para dispersar protestos, ação que é realizada por forças de segurança com substâncias como o gás lacrimogêneo, a página propõe uma divisão da sociedade: àqueles que apoiam Bolsonaro são contrários à democracia e usam cloroquina, já a parcela que será dispersada pelo uso da medição é contrária a regimes ditatoriais.

Figura 44 - O diagnóstico de Bolsonaro



Reprodução de postagens realizadas em junho e julho de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Apenas no início de julho, o Brasil já havia confirmado 1,5 milhão de casos de Covid-19. Ao longo do mês, o *Sensacionalista* realizou 21 postagens. Destas, cinco foram selecionadas. Vale lembrar que o mês de julho de 2020 começou com o resultado positivo de Jair Bolsonaro para a Covid-19. *Teste de Bolsonaro para covid-19 é a única notícia positiva de seu governo* (06 de julho de 2020) foi publicada quando o ex-presidente informou a apoiadores que apresentava sintomas característicos da infecção pelo coronavírus, mas o resultado positivo foi divulgado pela imprensa apenas no dia seguinte. O *Sensacionalista* fez a publicação na véspera e não retomou o assunto após a confirmação do resultado. As publicações subsequentes relacionadas à pandemia diziam respeito à estrutura do Ministério da Saúde ou ao comportamento da população, mas não faziam uma representação direta do então presidente.

Ao menos dois efeitos de sentido podem decorrer da presente manchete. É possível analisar o enunciado como uma comemoração ao fato de Bolsonaro ter contraído o vírus. Entretanto, o segundo sentido, aquele tido como o mais provável, pela própria linha discursiva praticada pelo humorístico, estabelece um trocadilho com o adjetivo positivo, não no sentido de comemorar a contaminação do político, mas de classificar a gestão do ex-presidente como ruim. Dessa forma, o exame do político apontou um resultado positivo, o que não significa uma classificação como algo bom ou ruim, somente um atestado da presença do vírus. Concomitantemente, a gestão Bolsonaro, para os redatores do *Sensacionalista*, não havia realizado nada de positivo. Novamente, a crítica se projeta no contexto da pandemia, mas avança para a gestão como um todo.

Coronavírus de Bolsonaro não lê grupos de Whatsapp e não sabe que deve ir embora com cloroquina (22 de julho de 2020) alude, possivelmente, ao protagonismo do ex-presidente nos canais digitais de comunicação, referenciando, inclusive, a disseminação de informações falsas por eles. Em *A máquina do ódio*: notas de uma repórter sobre *fake news* e

violência digital, a jornalista Patrícia Campos Mello (2020) descreve o *modus operandi* da propagação de informações falsas pelo grupo ligado ao político, chamado de gabinete do ódio.

Primeiro, o presidente concede uma entrevista a algum veículo de mídia. Influenciadores do mundo bolsonarista, incluindo os filhos do presidente, divulgam trechos da entrevista e convocam a militância a republicá-los. Uma vez que a máquina começa a rodar, contas falsas cuidam de ecoar a mensagem, subir hashtags e propagar campanhas difamatórias. A combinação explosiva dos *bots* e dos *sockpuppets*, *trolls* ou *trollbots* é explosiva: eles ressoam vozes, teorias da conspiração e notícias falsas. (MELLO, 2020, p. 152).

Vale ressaltar que a colaboradora da *Folha de S. Paulo* já foi alvo de campanhas difamatórias nas redes sociais por suas reportagens que abordavam o financiamento de empresas para as campanhas de desinformação na internet nas eleições majoritárias vencidas por Bolsonaro, com o disparo massivo de *fake news*. A jornalista também venceu uma disputa judicial contra o ex-presidente, após o político fazer insinuações sexuais para colocar em xeque o profissionalismo de Patrícia Campos Mello. A condenação foi confirmada no final de junho de 2022 pela 8ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo, que determinou o pagamento de uma indenização de R\$35 mil.

Na postagem é possível, ainda, apontar para o uso da ironia, ressaltando que os conteúdos veiculados em grupos de caráter bolsonarista não correspondem à verdade. Ou seja, o vírus causador da Covid-19, que mais uma vez foi humanizado na publicação, ainda não sabe que deve ter a sua ação minimizada pela cloroquina. Essa é uma compreensão que toma o presidente como alvo, entretanto, ela se projeta contra todos os seus apoiadores. Outro ponto que deve ser considerado é o uso de uma fotografia tirada em meio a uma crise de tosse sofrido por Bolsonaro durante a participação dele em atos antidemocráticos em 19 de abril. A imagem na qual o ex-presidente manifesta um dos sintomas característicos da infecção pelo coronavírus subverte o discurso defendido por ele da pretensa eficácia do tratamento precoce.

A mesma fotografia também foi utilizada em *Mofo desceu do cérebro para o pulmão de Bolsonaro, diz especialista* (31 de julho de 2020). Essa manchete satírico-ficcional simula a referência a um argumento de autoridade, recurso comum no jornalismo, como já mencionado nesta pesquisa. Ainda em julho, o então presidente afirmou durante uma live semanal, que estava com mofo no pulmão e com um quadro infeccioso. Por mais que o político não tenha precisado melhor o quadro clínico, ele dizia respeito a uma manifestação pós-Covid-19. A manchete satírico-ficcional empreende o argumento transgressivo ao sugerir que o diagnóstico seria a progressão de um quadro anterior. O mofo, que é característico de

organismos apodrecidos, seria originário do cérebro de Bolsonaro. Mais uma vez, o discernimento e a inteligência do ex-presidente foram questionados.

Para finalizar a análise do mês de julho, *Economia: Bolsonaro vai anunciar abertura de 100.000 vagas no cemitério* (31 de julho de 2020) parte da dicotomia alimentada pelo ex-presidente durante toda a crise sanitária. Como apontado por Mandetta (2020, p. 217), “Ele procurava uma maneira de não sofrer tanto na economia e ainda transferir o desgaste das mortes e da falta de cuidados com a epidemia para prefeitos e governadores, sempre com o discurso de que havia feito a parte dele⁸⁴”. A transgressão é estabelecida justamente na apresentação dos números da Covid, que, por definição, tende a um resultado contrário à própria defesa de Bolsonaro. Naquele momento, um número maior de brasileiros expostos ao vírus, iria resultar em mais mortes, o que também é prejudicial à economia. Acredita-se que o argumento não se projete contra as vítimas da tragédia, até porque há uma menção direta ao ex-presidente. Entende-se que a necessidade de novas covas estava diretamente ligada a uma estratégia ineficaz de combate à doença. Durante a primeira onda da Covid-19, vítimas da síndrome respiratória foram enterradas em valas coletivas. Em 31 de julho, o Brasil contabilizava 92.568 mortes por Covid-19, destas 32.912 registradas apenas no mês de julho. No que diz respeito aos casos confirmados, o país estava com 2.666.298 positivamente.

6.6. Agosto de 2020: a vacina russa e a cloroquina brasileira

Em agosto de 2020, o presidente russo, Vladimir Putin, anunciou o registro da primeira vacina contra a Covid-19. A informação foi recebida com desconfiança pela comunidade internacional, considerando que a fase 3, que consiste na aplicação da vacina em um número representativo de pessoas, não havia sido registrada. A medicação recebeu o nome de vacina Sputnik 5. Em setembro, o Brasil aderiu ao plano Covax Facility, o acordo global garantia ao país o acesso a nove vacinas que estavam em fase de testes. Em agosto, o humorístico postou seis manchetes satírico-ficcionais relacionadas à pandemia, uma será analisada. Em setembro foram três, das quais duas foram analisadas.

As postagens podem ser analisadas em bloco, considerando que todas apontam para o negacionismo do então presidente. Ainda no início desta análise, a figura 35 conta com uma manchete satírico-ficcional, na qual Bolsonaro está acompanhado por Mandetta. Na ocasião, os dois usavam máscaras e o ex-ministro parecia higienizar as mãos do álcool em gel. Já na figura 45, que também é um frame de uma live realizada por Bolsonaro, na qual o político

⁸⁴ Essa citação de Mandetta foi utilizada apenas para reforçar o argumento, deixando claro que naquele momento, julho de 2020, o médico ortopedista não fazia mais parte do Governo Federal.

está reunido com o ministro da Saúde, o ainda interino, Eduardo Pazuello, mas o cenário é completamente diverso. Em agosto de 2020, o mundo ainda não contava com a distribuição de vacinas para o enfrentamento à pandemia.

Figura 45 – Bolsonaro e o incentivo à cloroquina



Reprodução de postagens realizadas em agosto de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

A diferença entre os recortes da transmissão ao vivo permite interpretar como houve uma mudança na condução da pasta com o passar dos meses. Pazuello, Bolsonaro e a intérprete da Língua Brasileira de Sinais, estão lado a lado, com um distanciamento reduzido e sem máscara. O item de proteção do ministro da Saúde está sobre a mesa. O ex-presidente segura uma caixa de uma medicação, provavelmente cloroquina. Como já mencionado, a escolha de Pazuello no Ministério da Saúde representa uma seleção de critérios que não leva em conta o saber científico. A manchete segue com o ex-presidente como alvo. *Bolsonaro diz que fez o possível e o impossível para ajudar o coronavírus* (07 de agosto de 2020) contesta o discurso oficial de enfrentamento à doença e também a versão do ex-presidente de que ele teria sido impedido de tomar decisões. Ao simular uma afirmação do presidente, sugere uma negligência intencional do Chefe de Estado.

Em outubro de 2020, após ser desautorizado por Bolsonaro em um episódio envolvendo a compra de vacinas, o general da ativa respondeu "é simples assim: um manda e o outro obedece" (PAZUELLO, 2020). Ainda que esta frase não tenha sido dita no contexto representado acima, ela sugere uma conivência às vontades do capitão da reserva, alude à forma como as decisões eram tomadas no Ministério da Saúde.

6.7. Setembro de 2020: a negação das vacinas

Vacina tem reação adversa e Bolsonaro passa a apoiá-la (08 de setembro de 2020) é uma paródia das notícias divulgadas quanto à suspensão temporária dos testes com a vacina desenvolvida em conjunto pela Universidade de Oxford e pela farmacêutica AstraZeneca. A medida foi tomada após um voluntário do Reino Unido apresentar reações adversas à medicação, mas revista após quatro dias. A imagem utilizada nesta manchete satírico-ficcional é uma das poucas em que o ex-presidente está utilizando a máscara de proteção corretamente. Apesar disso, é possível perceber um ar de contentação do político, uma espécie de comemoração. O enunciado é um comentário irônico quanto ao negacionismo de Bolsonaro, indicando que a partir do momento em que foi atestado algum possível problema, a medicação passava a ter o apoio do militar aposentado.

Governo Bolsonaro recomenda substituir arroz por cloroquina (13 de setembro de 2020) estabelece uma relação entre a inflação e a obsessão do político com a medicação ineficaz para o tratamento da Covid-19. No decorrer de 2020, o arroz sofreu uma alta superior a 20%, o que fez com que o pacote de 5kg do grão fosse comercializado por mais de R\$40. A mensagem é irônica e incongruente, assume um caráter hiperbólico e generalizante, condições que podem explicar a reação cômica.

Ao final de outubro, o Brasil se aproximava da marca de 5,5 milhões de casos confirmados de Covid-19. O tema foi abordado em oito postagens do *Sensacionalista*, uma contou com os critérios determinados para a presente análise. No mês seguinte, em novembro, a fase três de testes da vacina *Coronavac* foi suspensa em virtude de evento adverso grave, a morte de um dos voluntários do Brasil. No entanto, foi anunciado posteriormente que a causa do óbito não tinha relação direta com a vacina. Suicídio ou overdose foram apontados como as possíveis razões para a morte, o que fez com que os testes fossem retomados. Também em novembro, em virtude dos bons resultados obtidos com o imunizante Oxford/AstraZeneca, a Fundação Oswaldo Cruz anunciou aumento na produção. Ao longo de 30 dias, nove postagens relacionadas à pandemia foram realizadas pelo humorístico.

6.8. Outubro e novembro de 2020: a negação às vacinas continua

A figura 46 reúne as postagens de outubro e de novembro que cumprem os critérios estabelecidos por esta pesquisa. Por mais que a presente análise tenha sido estruturada em aspectos cronológicos, em alguns momentos, como no bloco disposto abaixo, é possível pensar em uma abordagem temática. As postagens *Bolsonaro cancela compra de vacina*

porque ela apresenta alto risco de funcionar (21 de outubro de 2020), *'Evento adverso grave' com CoronaVac foi a eleição de Bolsonaro em 2018, diz cientista* (10 de novembro de 2020) e *Novas vacinas têm mais de 90% probabilidade de serem atrapalhadas por Bolsonaro* (17 de novembro de 2020) podem ser compreendidas a partir de uma relação intertextual e interdiscursiva entre si e também com *Vacina tem reação adversa e Bolsonaro passa a apoiá-la*, presente no bloco de análise anterior. O plano de fundo para esta significação é o negacionismo do presidente e a demora em viabilizar a aquisição ou o incentivo ao desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19.

Figura 46 - Bolsonaro e o negacionismo da vacina



Reprodução de postagens realizadas em outubro e novembro de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Bolsonaro cancela compra de vacina porque ela apresenta alto risco de funcionar é uma paródia das notícias veiculadas na imprensa após o Governo Federal cancelar protocolo para compra de vacina *Coronavac*. A intenção havia sido formalizada pelo então ministro Eduardo Pazuello e envolvia um volume de 46 milhões de doses. O anúncio chegou a ser realizado pelo general em uma reunião com os governadores. No entanto, por pressões políticas do presidente, o negócio não foi efetivado. Pazuello foi desautorizado publicamente por Bolsonaro já que a *Coronavac* era produzida no Brasil pelo Instituto Butantan, a partir de uma mobilização empreendida pelo então governador de São Paulo, o tucano João Doria. A postagem, a partir de uma construção irônica, retoma o negacionismo de Bolsonaro e indica que o então presidente não estava preocupado com a compra de um imunizante que poderia acabar com a pandemia. Em 22 de outubro, Pazuello reafirmou a submissão ao então presidente, como já indicado nesta análise, mas este ponto não foi abordado no humorístico.

'Evento adverso grave' com CoronaVac foi a eleição de Bolsonaro em 2018, diz cientista parte da suspensão temporária dos testes da medicação chinesa, como já mencionado. Avalia-se que o humorístico, ao estabelecer uma relação com o cenário eleitoral, retira o protagonismo da pandemia neste assunto. A crise sanitária tornou-se um pressuposto para avaliar a condução do país. A citação à vacina teve o objetivo de traçar um paralelo com a eleição de Bolsonaro. Neste sentido, *evento adverso grave* é um eufemismo para algo que se aproxime à noção de *erro*. É possível ainda empreender em um efeito de sentido que classifique os equívocos cometidos na condução da pandemia como uma consequência da situação anterior, que foi possibilitar a eleição do representante do baixo clero da Câmara. *Novas vacinas têm mais de 90% probabilidade de serem atrapalhadas por Bolsonaro* segue na mesma linha argumentativa, problematizando, mais uma vez, que a aquisição de imunizantes contra o coronavírus não era uma preocupação do então presidente.

6.9. Dezembro de 2020: 365 dias de pandemia

Dezembro de 2020 marca um ano do registro dos primeiros casos da doença na China. O Governo Federal anunciou que o plano de vacinação seria dividido em quatro etapas, a partir de janeiro. Ainda no último mês do ano, o país voltava a registrar um aumento nos casos, a partir da circulação de variantes. Ao longo de 31 dias, foram realizadas 23 postagens, seis integram o *corpus* da pesquisa (Figura 47).

Figura 47 - O primeiro ano da pandemia no Brasil



Reprodução de postagens realizadas em dezembro de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Novamente, o humorístico atribui ao ex-presidente a gravidade da crise sanitária. Tanto é que em *"Tudo o que eu falei deu certo", diz Bolsonaro sobre genocídio* (03 de dezembro de 2020), não há o uso do termo pandemia. O número de mortos que, naquele momento, se aproxima dos 180 mil, foi definido como genocídio. O uso deste termo não é gratuito, considerando especificamente tudo o que ele representa, indicando ao leitor uma noção de culpa/responsabilidade/omissão/negligência. Na sequência, *Lula comprou todas as*

vacinas com dinheiro roubado e por isso Bolsonaro não consegue (13 de dezembro de 2020) parte de uma relação que é, ao menos nas piadas do senso comum, é frequentemente acionada quando bolsonaristas são questionados quanto à honestidade do líder de extrema direita. Diante de um contexto desfavorável ao capitão da reserva, a resposta imediata é *mas e o Lula? E o PT?* A presente manchete satírico-ficcional é incongruente e tem Bolsonaro como alvo, não Lula. O petista é citado, justamente, em uma paródia do argumento bolsonarista, não o contrário. Até porque o então ex-presidente havia deixado a prisão há pouco mais de um ano. Ainda assim, em aspectos estritamente políticos, Lula havia deixado a Presidência no início de 2010, quando passou a faixa para a sucessora Dilma Rousseff, que permaneceu no cargo até 2016. A construção argumentativa diz menos quanto à honestidade/desonestidade de Lula e mais a respeito da negligência de Bolsonaro.

Bolsonaro diz que, além de vergonha na cara, também não vai tomar vacina (15 de dezembro de 2020) faz referência a postura pública do ex-presidente em não ser vacinado. Ainda que contradições tenham surgido a este respeito, o político reafirma que não recebeu nenhuma dose de imunizante contra a Covid-19. A postagem é transgressiva ao passo que se projeta contra o caráter do político. A decisão em não receber a medicação torna-se um processo secundário. A crítica principal avalia que Bolsonaro, ao não ter vergonha na cara, não vai assumir uma postura coerente na posição de presidente da República. *Plano de vacinação é tão atrasado que já pode ser chamado de Bolsonaro, diz especialista* (26 de dezembro de 2020) também constrói a crítica à gestão da pandemia, partindo de aspectos pessoais do presidente. Esse argumento se aproxima de críticas apresentadas ao político ao longo de toda a sua trajetória política. De maneira reiterada, o ex-presidente é descrito como um defensor de ideias ultrapassadas. Como já mencionado, Eliane Brum (2019) concebe Bolsonaro como um representante de forças arcaicas. Além disso, a demora em definir uma política de vacinação acirrou a disputa pessoal de Bolsonaro com Doria e pode ser sentida ao longo de 2021.

O argumento satírico *Após vacinas contra o coronavírus, Bolsonaro quer criar a primeira a favor* (04 e 17 de dezembro) pode ser pensado em um relação intertextual e interdiscursiva a *Novas vacinas têm mais de 90% probabilidade de serem atrapalhadas por Bolsonaro*. A postagem que ganhou destaque duas vezes na página em apenas um mês reforça a postura negacionista do então presidente. O humorístico chega a sugerir que o político não está disposto a combater, mas a estimular a disseminação do vírus. Ainda que outros efeitos de sentido possam ser atribuídos, a página se vale do repertório popularizado em virtude da crise sanitária para produzir os argumentos contro o então presidente.

De fevereiro a dezembro, o *Sensacionalista* tomou o avanço da pandemia no Brasil como resultado de uma política negligente capitaneada por Jair Bolsonaro. Se nos meses de março e abril, Mandetta assumiu um papel de enfrentamento ao capitão no Palácio do Planalto, com a chegada de Pazuello, o negacionismo parece não ter enfrentado tantas resistências.

6.10. Janeiro de 2021: o início da vacinação

O Brasil começou 2021 em atraso no combate à pandemia. O Reino Unido aplicou a primeira dose de um imunizante contra o coronavírus em 08 de dezembro. Aqui no Brasil, a enfermeira Mônica Calazans foi a primeira pessoa imunizada em território nacional, em um evento no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (HC-USP), que contou com a presença de João Doria. A vacina foi aplicada na tarde de um domingo, poucas horas após a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovar o uso emergencial da *CoronaVac* e *AstraZeneca*. A figura 48 segue abordando o negacionismo de Jair Bolsonaro. No primeiro mês de 2021, foram 37 postagens relacionadas à pandemia. Destas, 13 fazem parte da análise.

Figura 48 - Bolsonaro e a pandemia no início de 2021



Reprodução de postagens realizadas em janeiro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Assim como em 2020, o humorístico segue, em 2021, com o recurso da personificação para avaliar a postura do presidente. Em *'Não posso fazer nada', diz vacina sobre Bolsonaro* (06 de janeiro de 2021), a página sugere uma entrevista com o imunizante tomando a suposta relação com o então presidente brasileiro como o ponto alto. O tom lembra uma noção de desabafo frente a uma relação conflituosa. O *jornal isento de verdade* prossegue com o argumento de que o político não estava preocupado com a aquisição de vacinas. O plano nacional de imunização enfrentou uma série de problemas. Inicialmente, pela demora na aquisição de imunizantes. Mas na sequência, foi revelada a ausência de um plano logístico

para a aplicação das vacinas, passando até mesmo pela falta de seringas. Esse assunto foi abordado em *'Na volta a gente compra', diz Bolsonaro sobre seringas para vacinação* (06 de janeiro de 2021). A sátira parte de um repertório coletivo, ligado à infância. É comum que *na volta a gente compra* seja a resposta utilizada pelos pais para negar o pedido do filho. O objetivo é um tom mais eufêmico. Não há uma negativa direta, mas também não há a compra. Diante do uso dessa expressão, o humorístico retoma a ideia de que não há um planejamento para a aplicação dos imunizantes. No final de 2020, o humorístico, em várias postagens se valeu de postagens que sugeriram o descaso do Palácio do Planalto frente às vacinas.

Bolsonaro responsabiliza Pazuello por atraso na vacina e dá a ele título de funcionário do mês (09 de janeiro de 2023) apresenta uma crítica ao então ministro da Saúde, mas o alvo prioritário ainda é Bolsonaro. A sátira destaca uma relação de concordância entre as duas partes. Outro fator que pode intensificar essa significação diz respeito à imagem utilizada: um frame de um vídeo divulgado em outubro de 2020, no qual Pazuello proferiu a declaração já citada nesta pesquisa: "é simples assim: um manda e o outro obedece" (PAZUELLO, 2020). Os efeitos de sentido são diversos, mas também sugerem que o ministro da Saúde, advindo do Exército, estava apenas cumprindo ordens. O suposto prêmio recebido pela condução da pasta indica a concordância de Bolsonaro com a conduta. Ainda em janeiro, o humorístico seguiu com a representação do então presidente como um gestor irresponsável. *'Eu só estímulo aglomerações sem máscara e recomendo remédio inútil, quem mata é Deus', diz Bolsonaro* (15 de janeiro de 2021) recorre à incongruência ao simular uma declaração do ex-presidente. O enunciado é transgressivo ao passo que sugere um reconhecimento do político ao ter desrespeitado as medidas para a prevenção da doença. Entretanto, ao passo que o então presidente não reconhece que tais atos foram responsáveis pela contaminação e por um número maior de mortos, atribuindo a responsabilidade a Deus, indica covardia/desonestidade.

Bolsonaro diz que avião chega à Índia ainda hoje porque no mapa da Terra Plana distância é menor (15 de janeiro de 2021; Figura 49) toma como referência o desejo do Governo Federal em enviar uma missão coordenada pelo Ministério da Saúde para garantir a compra de vacinas contra a Covid-19. O objetivo é que o avião deixasse o Brasil em 14 de janeiro, mas a viagem não aconteceu. O Governo Federal pretendia ter doses para dar início à imunização, que começaria nos próximos dias. Acredita-se que a sátira faça referência a ausência de planejamento para o plano de vacinação no Brasil. Por mais que a pandemia tenha representado um momento de exceção, parece que em esfera nacional, ela não foi tomada desta forma por quem tinha a prerrogativa de decidir a política de enfrentamento. Como a

manchete satírico-ficcional foi publicada em 15 de janeiro, os roteiristas já tinham conhecimento dos planos frustrados do Governo Brasileiro. No entanto, acionar a concepção de que a Terra é plana, comum entre muitos bolsonaristas, foi o gatilho para garantir a piada. A crítica se estabelece no plano da pandemia, mas atinge também a falta de conhecimentos enciclopédicos (de alguns) daqueles que apoiam o ex-presidente.

Figura 49 - O humor e a recorrência aos conhecimentos enciclopédicos



Reprodução de postagens realizadas em janeiro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Único tratamento precoce eficaz é remover Bolsonaro dois anos antes do fim do mandato, diz especialista (16 de janeiro de 2021) atinge um som satírico semelhante a *Remédio de verme que é esperança do Brasil também é conhecido pelo nome 'Impeachment'* (16 de abril de 2020, disposta na figura 41). Como em várias postagens analisadas até o momento, o *Sensacionalista* estabelece uma crítica bastante contundente e que não se estabelece em um jogo de linguagem. O humorístico faz referência aos conhecimentos enciclopédicos dos leitores, àqueles que dizem respeito ao conhecimento de mundo, relacionados à pandemia e as medidas necessárias para o enfrentamento à doença. Desse modo, há a defesa de um ponto de vista bastante determinado quanto à gestão Bolsonaro e quais deveriam ser os seus desdobramentos. Há uma inversão significativa da ordem social, reconhecendo o cargo para o qual Jair Bolsonaro foi eleito, mas defendendo que este deveria ser retirado do Palácio do Planalto antes do término da gestão. Avalia-se que o efeito cômico esteja, mais uma vez, ligado aos aspectos discursivos e não linguísticos.

As quatro manchetes satírico-ficcionais dispostas na figura 50 estão diretamente relacionadas ao início da vacinação no Brasil. Não é exagero falar que aqui, a imunização contra a Covid-19 se deu à revelia do presidente e não incentivada por ele. Logo na aplicação das primeiras doses do medicamento, que foi perdendo força com o passar do tempo e com o restabelecimento de uma sensação de normalidade, a adesão à vacina se contrapunha ao negacionismo de Jair Bolsonaro. Ao longo de 2020, a produção de vacinas no Brasil foi marcada por um discurso de intensa politização. Conforme os testes realizados pelo laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituto Butantan indicavam a eficácia da *CoronaVac*, a medicação era chamada de *vacina do Doria*. Após um acordo assinado entre o Governo Federal e o Instituto Butantan para a produção de 100 milhões de doses de vacina contra a Covid-19 em 2021, a medicação passou a ser chamada de *vacina do Brasil*.

Enquanto a vacinação começava a deslanchar em outros países, o Brasil enfrentava o desafio de não ter adquirido os imunizantes e os insumos necessários, apesar de o país ser referência mundial na aplicação de vacinas. Em contrapartida, com a proximidade das eleições de 2022, seria importante aos gestores nacionais garantir, no imaginário nacional, uma posição de protagonismo. Por mais que João Doria tenha tido os seus planos frustrados de concorrer ao Palácio do Planalto no interior do próprio partido, o político tucano pretendia ser lembrado como o *pai da vacina*. Com a aprovação do uso emergencial da CoronaVac e da AstraZeneca em 17 de janeiro, a expectativa era por dar início à vacinação no dia seguinte. Mas para garantir que estaria na fotografia da primeira dose de vacina contra a Covid-19 aplicada no Brasil, e que o evento não contaria com a presença de Bolsonaro, Doria articulou para que a enfermeira Mônica Calazans fosse a primeira vacinada, ainda na tarde daquele domingo.

Bolsonaro está aguardando a enfermeira Mônica virar jacaré para se pronunciar (17 de janeiro de 2021) e *Único efeito adverso da Coronavac é deixar Bolsonaro em silêncio, dizem especialistas* (18 de janeiro de 2021) apontam o silenciamento do então presidente diante do início da política de imunização. A questão do silêncio é uma noção bastante cara para a análise do discurso, tida por Orlandi (2015) como uma das formas do não-dito significar. Tal problematização diz respeito ao silêncio fundador, que é aquele compreendido como necessário para a significação, em contraposição à política do silêncio, com um caráter impositivo. Neste processo de não dizer, também chamado de silenciamento, a autora explica a existência do silêncio constitutivo, no qual “uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não-dizer: se digo ‘sem medo’ não digo ‘com coragem’) e o silêncio local, que é a censura”. (ORLANDI, 2015, p. 81). Nos dois exemplos apresentados acima, o não-dizer do

então presidente não se encaixa nessas opções. O silêncio do político, até onde se sabe, não foi uma imposição, mas uma tentativa de não reconhecer publicamente que ele estava errado ou em uma situação de desvantagem. Decisões semelhantes foram tomadas em outubro de 2022, após não ser reeleito - Bolsonaro se manifestou cerca de 72 horas depois do resultado - ou ainda na derrota de Trump, em novembro de 2020. Bolsonaro reconheceu a vitória de Joe Biden 38 dias depois da confirmação do resultado. No entanto, tal decisão parece não ter surtido efeito e tornou-se um argumento satírico projetado contra ele.

Já a metáfora do jacaré foi uma menção do próprio Bolsonaro ao, de maneira incongruente, avaliar possíveis efeitos colaterais da vacina contra a Covid-19. Ao retomar a incongruência, o humorístico reforça a posição de Bolsonaro como alvo. Avalia-se que a crítica tome, inclusive, o ex-presidente em uma posição de desonestidade ao se contrapor a vacina, proferindo distintas informações falsas. Em *Único efeito adverso da Coronavac é deixar Bolsonaro em silêncio, dizem especialistas*, o humorístico usa a paródia do argumento de autoridade para ironizar o ex-presidente.

Figura 50 - Bolsonaro e a vacinação contra a Covid-19



Reprodução de postagens realizadas em janeiro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Anvisa decide que falas de Bolsonaro não são próprias para o consumo humano (17 de janeiro de 2021) estabelece o efeito cômico a partir da noção de superioridade. Há o rebaixamento da figura do ex-presidente - metaforicamente, ele passa de rei a bobo da Corte. Bolsonaro é desumanizado e seu discurso é desautorizado, posto que aquilo que o político diz não é apropriado para aqueles que são dotados de racionalidade. Já em *Chance de Bolsonaro acertar compra de vacina é mais apertada que calça de Doria* (22 de janeiro de 2021), o ex-governador de São Paulo é citado, mas não em um movimento que desautorize a sua conduta enquanto gestor público. É possível a interpretação na qual a crítica ao tucano seja um recurso para alcançar o riso, é uma exigência para o funcionamento da sátira. Outro personagem poderia ter sido referenciado, entretanto a alusão ao ex-governador paulista é

importante porque o tema era a vacina, condição responsável pelo enfrentamento público entre os dois.

Se o recurso cômico está em mencionar que Doria opta por calças com um corte mais apertado, a transgressão surge na citação a Bolsonaro e na relação estabelecida entre os dois personagens. Foi o ex-presidente quem foi desqualificado e alvo de representação. A sátira seria mantida, talvez em um caráter mais intenso ou mais ameno, se o ex-governador de São Paulo não fosse citado. Porém, a referência a Bolsonaro é estrutural.

A figura 51 segue com postagens que reforçam a representação do ex-presidente como um líder incapaz de exercer a sua função. Não é exagero pontuar que o humorístico assume, em certa medida, um tom iconoclasta quando se trata de Bolsonaro. As postagens relacionadas à pandemia sugerem a percepção de um político com uma série de desvios éticos, assim como muitos de seus sucessores, mas com um tom agravado por seu discurso anticientífico. Eagleton (2020, p. 76) explica que “Grande parte do humor é uma questão de transgressão ou desvio. Conforme as fronteiras entre diferentes fenômenos se desvanecem, somos capazes de relaxar nosso impulso de rigorosa taxonomia e a energia que conservamos é descarregada em riso.”

Figura 51 - Bolsonaro, leite condensado e a pandemia



Reprodução de postagens realizadas em janeiro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

OMS recomenda tratamento precoce no país: remover Bolsonaro (22 de janeiro de 2021) reforça argumentos que já haviam sido publicados ao longo do mês. Com o passar dos meses, a página tem reiterado a percepção de que o ex-presidente representava um risco ao enfrentamento da pandemia. O político, em uma das postagens, chegou a ser rebaixado pelo próprio coronavírus. Por mais que todo esse processo se estabeleça no âmbito conotativo, há uma constante posição de enfrentamento a Bolsonaro; o que aponta para uma demarcação

ideológica bem estabelecida pelo *jornal isento de verdade*. Assim como em *Único tratamento precoce eficaz é remover Bolsonaro dois anos antes do fim do mandato*, diz especialista, o humorístico reforça a defesa pelo afastamento.

Em janeiro, começaram a circular as informações dos gastos de Bolsonaro no cartão corporativo referentes a 2020. Apenas as despesas com a compra de leite condensado somaram R\$15 milhões. As postagens *Bolsonaro diz que leite condensado é para tratamento precoce: 'tem o mesmo efeito da cloroquina'* (26 de janeiro de 2021) e *Doria muda nome da CoronaVac para Moça para ver se Bolsonaro compra* (27 de janeiro de 2021) relacionam a pandemia à predileção do político com o doce. O assunto ganhou repercussão no Brasil e chegou, inclusive, ao jornal diário francês *Le Monde*. Na ocasião, o correspondente da publicação se valeu do seguinte trocadilho para comentar o fato: "Para Jair Bolsonaro, a nota é salgada ... mesmo que os produtos sejam açucarados". (MEYERFELD, 2021). Pouco mais de dois anos mais tarde, Bolsonaro foi presenteado com uma lata personalizada de leite condensado. Ainda que a paródia seguisse a identidade visual da marca, a homenagem não foi bem recebida. A embalagem contava com a seguinte frase: Nosso eterno presidente desde 2019. A Nestlé, proprietária da marca, se manifestou publicamente esclarecendo que não era responsável pela personalização.

Em *Bolsonaro diz que leite condensado é para tratamento precoce: 'tem o mesmo efeito da cloroquina'*, a postagem brinca com o absurdo, em uma tentativa de justificar os expressivos gastos com a compra do produto. O argumento se estabelece na incongruência. Há, inclusive, uma ironia quanto à ineficácia da medicação para o enfrentamento ao vírus: o leite condensado oferece o mesmo efeito que a cloroquina, ou seja, nenhum! Ao fazer essa menção, a página reforça que o efeito é nulo para o combate ao coronavírus, mas que pode resultar em complicações em virtude dos efeitos adversos. Além disso, o consumo demasiado de um produto rico em gordura e açúcar como é o caso do leite condensado, não é benéfico para a saúde. Já *Doria muda nome da CoronaVac para Moça para ver se Bolsonaro compra*, novamente faz uma referência ao ex-governador de São Paulo, embora ele não seja o alvo do argumento. Ao mencionar a marca mais tradicional de leite condensado do Brasil, a página reforça que o político tem uma série de interesses, mas que nenhum deles diz respeito ao enfrentamento da pandemia.

6.11. Fevereiro de 2021: o Capitão Cloroquina

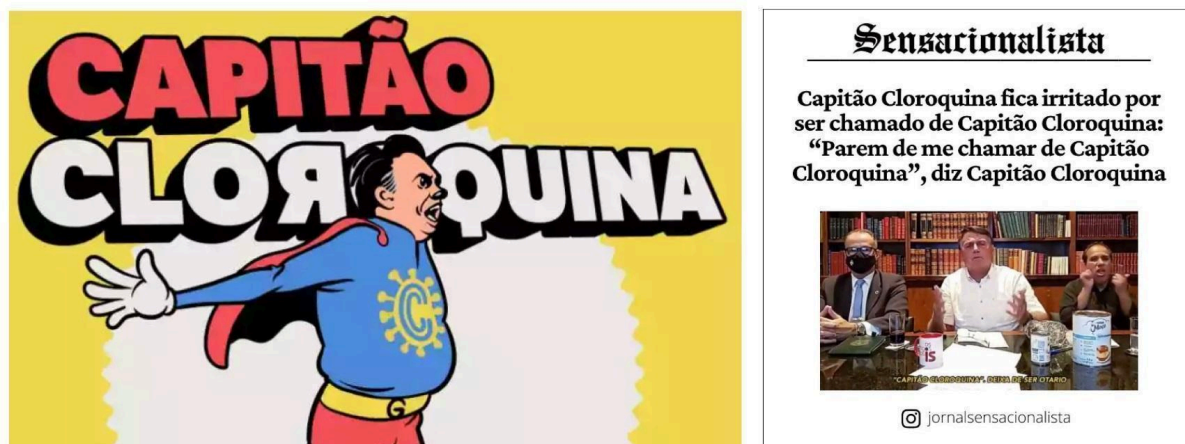
De acordo com um levantamento realizado pelo jornal *O Globo*, entre março de 2020 e maio de 2021, o então presidente Jair Bolsonaro havia defendido o uso da cloroquina em pelo menos 23 vezes pronunciamentos oficiais. Neste contexto, é válido discutir sobre a posição que Bolsonaro ocupava ao emitir tais discursos. Ainda que do ponto de vista discursivo fosse algo bem difícil pensar em uma divisão entre Jair Bolsonaro e o Presidente da República, o fato desta posição ter sido defendida em um evento oficial, deve ser levada em conta. Dessa forma, a posição social e cultural do sujeito no momento em que ele se pronuncia, deve ser considerada. O peso do cargo, da influência de Bolsonaro e da máquina estatal devem ser avaliados como variáveis para ampliar a incidência de tal manifestação. Por exemplo, ao afirmar que a Covid-19 se tratava apenas de uma gripezinha, o político o fez em cadeia nacional de rádio e televisão. O pronunciamento foi transmitido simultaneamente em todas as emissoras abertas, em horário nobre, o que aumenta consideravelmente o número de potenciais receptores.

Em fevereiro de 2021, uma ilustração produzida pelo artista gráfico Cristiano Siqueira ganhou repercussão nas redes sociais (Figura 51). Ele criou o Capitão Cloroquina, personagem que acabou rendendo um apelido para Bolsonaro, que não gostou muito da brincadeira. Em uma transmissão nas redes sociais, realizada em 04 de fevereiro de 2021, o então presidente reclamou do novo apelido, o que acabou se transformando em argumento para o *Sensacionalista*. Bolsonaro (2021) afirmou: “Alguns vão pra zombarção ‘Capitão Cloroquina’, deixa de ser otário!”

A postagem *Capitão Cloroquina fica irritado por ser chamado de Capitão Cloroquina: ‘Parem de me chamar de Capitão Cloroquina’, diz Capitão Cloroquina* (05 de fevereiro de 2021) é inteiramente estruturada na sátira. A publicação lembra, inclusive, as provocações infantis, quando uma criança não gosta do apelido que recebeu. A crítica de Bolsonaro ganhou repercussão também entre a classe política. Alexandre Padilha, que havia sido ministro na gestão de Dilma Rousseff e que voltou à Esplanada dos Ministérios na terceira gestão de Lula, à frente das Relações Institucionais, mencionou que o próprio ex-presidente era o responsável por promover a cloroquina, tendo criado um território favorável à própria ironia proferida contra ele. A decisão do humorístico de repetir uma expressão a qual o presidente já classificou como zombarção e chamou de otário quem a reproduz, soa como provocação. A própria repetição assume esse tom.

Na figura 52, estão dispostas a caricatura de Bolsonaro e a postagem do *Sensacionalista*.

Figura 52 - O Capitão Cloroquina



Reprodução de ilustração de Cristiano Siqueira e de postagens pelo Sensacionalista realizadas em fevereiro de 2021. Fonte: Instagram Cristiano Siqueira / Instagram oficial do Sensacionalista

6.12. Março 2021: a escalada no número de mortes

O mês de março de 2021 foi marcado pela escolha de Marcelo Queiroga para assumir o Ministério da Saúde em substituição a Eduardo Pazuello. O cardiologista, que assumiu em 23 de março, foi o quarto comandante da pasta durante a crise sanitária. Apesar do perfil técnico, sua gestão seguiu o tom de subserviência a Bolsonaro, assim como a de seu antecessor. Aquele mês registrou um aumento expressivo no número de mortes pela pandemia, ainda como reflexo da segunda onda iniciada em novembro. Considerando os números do *Sensacionalista*, foram postadas 32 manchetes satírico-ficcionais relacionadas à pandemia. Destas, 17 compõem o presente quadro de análise.

No dia 09 de março, o Brasil registrou o maior número de mortes diárias por Covid-19 até então, 1.972 mortes. Mas no dia seguinte, o país superou a marca de dois mil óbitos em 24 horas, chegando a 2.349 vidas perdidas em 10 de março. Segundo números da plataforma Sanar, especializada em produção de conteúdo para a área médica, o registro de vítimas fatais foi aumentando com o passar do mês, até chegar no dia 31, quando o país registrou 3.869 mortes, o recorde até então.

A figura 53 é composta pela postagem *Bolsonaro causa irritabilidade, dor de cabeça e diminuição da percepção de felicidade, diz máscara* (01 de março de 2023). O argumento satírico novamente conta com a personificação, ao atribuir capacidades humanas à máscara. Neste caso, o item de proteção, inclusive, é tido como o entrevistado. A manchete teria sido construída a partir de uma declaração importante realizada ao longo da conversa com o

jornalista. E assim como em outras publicações há um rebaixamento de Bolsonaro. Ele é tratado como uma doença, um mal, já que pode causar vários sintomas.

Figura 53 - Bolsonaro e o efeito Lula



Reprodução de postagens realizadas em março de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Acredita-se que a postagem *Governadores querem lockdown completo do Palácio do Planalto* (07 de março de 2021) faça referências a declarações anteriores realizadas por Bolsonaro que, mais uma vez, tiveram uma repercussão ruim entre a população e as autoridades. Ainda que o humorístico não tenha feito postagens diretamente relacionadas a essas declarações, elas são importantes para entender a postura do ex-presidente diante da Covid-19. Em 04 de março, o ex-presidente, em uma conversa com apoiadores em Uberlândia, Minas Gerais, criticou o fato do Governo Federal comprar vacinas contra a Covid-19. Ele disse: “Vai comprar vacina, só se for na casa da sua mãe”. (BOLSONARO apud QUEIROZ, 2021). No mesmo dia, em São Simão (GO), o político criticou a adoção de medidas de proteção ao coronavírus. “Temos que enfrentar os nossos problemas. Chega de frescura e de mimimi. Vão ficar chorando até quando?” (BOLSONARO apud QUEIROZ, 2021).

A proposta de um bloqueio do Palácio do Planalto representa uma sugestão de que o país estaria melhor no enfrentamento à Covid-19 sem a presença de Bolsonaro. Ainda que o objeto de análise desta pesquisa esteja restrito à manchete, no texto, os humoristas estendem a ironia a outros políticos como Eduardo Paes (PSD-RJ) e João Doria. A defesa de um *lockdown* completo sugere a adoção de uma política de bloqueio bem mais efetiva do que a quarentena implementada no país. Além disso, a noção de Palácio do Planalto apresenta ao leitor a defesa de que a crítica passa por Bolsonaro, mas não se restringe a ele.

No dia 08 de março, o ministro Edson Fachin, do STF, entendeu que a 13ª Vara da Justiça Federal de Curitiba não tinha competência para analisar os casos relacionados a Lula no âmbito da Operação Lava Jato. Dessa forma, todas as condenações do petista foram anuladas. Dois dias depois, Lula fez um discurso que ganhou ampla repercussão. Para além

dos aspectos políticos relacionados à sua prisão, o então ex-presidente tratou de pandemia e criticou Bolsonaro. Em resumo, o petista compareceu de máscara ao evento e tirou para discursar. Na ocasião, ele afirmou que retiraria o item de proteção porque antes havia passado por uma consulta médica e estava há mais de dois metros de distância dos demais presentes. Lula ainda prestou solidariedade às famílias das vítimas do coronavírus e defendeu a vacina.

A ação de Lula foi responsável por uma mudança de posicionamento do capitão da reserva. Ainda no dia 10, ele defendeu a vacinação e afirmou que apoiava a ação de Estados e Municípios no enfrentamento à crise sanitária. Mas essa nova postura de Bolsonaro foi confrontada com a memória discursiva, com o interdiscurso. Como a mudança não foi legítima, ela resultou em duas postagens que ironizam o ex-presidente: *Após discurso de Lula, Bolsonaro usa máscara, defende vacina, liga para Biden e abraça uma árvore e Museu do folclore terá Bolsonaro de máscara defendendo a vacina* (10 de março de 2021). Na mesma data, *EDITORIAL: uma escolha muito difícil*, retoma o editorial de *O Estado de S. Paulo*, em 08 de outubro de 2018, em razão do segundo turno entre Haddad e Bolsonaro. Ainda que a imagem utilizada para a sátira, disposta também na imagem 53, não traga os políticos, como ela foi publicada no dia em que Lula discursou, apresenta-se como um dos efeitos possíveis a crítica à eleição de Bolsonaro.

Dando sequência ao mês de março, o humorístico deu destaque à decisão de Bolsonaro de substituir Eduardo Pazuello. De acordo com informações divulgadas à época, a troca estaria ligada a uma tentativa do Governo Federal de mudar o discurso quanto à pandemia, com foco na vacinação. A mudança passava pela escolha de um nome técnico. As informações davam conta que Ludhmilla Hajjar e Marcelo Queiroga estavam entre os profissionais com as maiores chances de serem anunciados pelo então presidente. Três das quatro manchetes satírico-ficcionais que integram a figura 54 tratam desta questão: *Bolsonaro contrata quarto ministro da saúde e já gerou mais empregos que Paulo Guedes* (15 de março de 2021), *Bolsonaro descarta quem já o chamou de 'psicopata' para o min da Saúde e fica sem nenhuma opção* (15 de março de 2021) e *Bolsonaro troca de ministro pela terceira vez na pandemia e pede música*.

Ao citar o ministro da Economia, Paulo Guedes, em uma sátira relacionada à condução do Ministério da Saúde durante a pandemia, o humorístico amplia a crítica a toda gestão Bolsonaro. Ou seja, entre os efeitos de sentido possíveis está aquele que aponta para outros problemas na condução do país. Quando o assunto é relacionado à economia, é necessário considerar o impacto da pandemia, mas, ainda assim, a geração de empregos se apresentou enquanto um ponto frequente para a crítica ao trabalho de Paulo Guedes. A

construção é irônica e assume um traço hiperbólico ao apontar que o desempenho do ministro é inferior à geração de quatro empregos formais. Se a Guedes, a paródia assume um tom de incompetência, para Bolsonaro a conduta pode ser lida como inconsequente, considerando a gravidade do contexto.

Figura 54 - Bolsonaro e as trocas no comando do Ministério da Saúde



Reprodução de postagens realizadas em março de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

A cardiologista Ludhmila Hajjar chegou a se encontrar com o então presidente Bolsonaro. A sua indicação era defendida por nomes do Legislativo e do Judiciário, por se tratar de um perfil técnico. A professora da Universidade de São Paulo chegou a se encontrar com Bolsonaro, apesar de sua postura pública favorável à vacina e ao isolamento social. A candidata informou publicamente que não havia aceitado o cargo porque não houve uma convergência técnica entre as partes. No entanto, os veículos de comunicação divulgaram que o nome dela havia perdido força junto ao então presidente em virtude de um áudio que circulava nas redes sociais, atribuído à especialista, no qual Bolsonaro era chamado de psicopata. Diante desta informação, a base bolsonarista se voltou contra a possibilidade de contratação da cardiologista. O humorístico, considerando apenas a manchete satírico-ficcional, não vincula a declaração à Ludhmila Hajjar. Isso é possível porque a fotografia escolhida apresenta a cardiologista. A sátira do *Sensacionalista* estabelece um tom de concordância com a declaração, indicando que ela se estabelecia como uma espécie de consenso.

Bolsonaro troca de ministro pela terceira vez na pandemia e pede música se vale de expressões que fazem parte do repertório coletivo. A imagem usada na sátira apresenta um grupo de dançarinos ganeses. O frame foi extraído de um vídeo gravado para a emissora britânica BBC, em 2017, mas tornou-se meme no Brasil durante a pandemia. O conteúdo produzido pelo canal público abordava as distintas manifestações em cerimônias fúnebres. Muitos países africanos, diante do falecimento de um ente querido, realizam uma celebração

da vida e não da morte, por isso não há um tom de pesar e sofrimento. Aqui no Brasil, a imagem acabou sendo inserida em vídeos curtos, com uma função satírica, de indicar que a ação apresentada no início da imagem não acabou bem. Neste caso, o meme é somado a uma *regra* informal criada nas transmissões esportivas da Rede *Globo*. O atleta que marcar três gols em uma mesma partida pode pedir uma música no *Fantástico*. Com essa postagem, o humorístico sugeria que não esperava um bom resultado da decisão do presidente.

A última postagem desse bloco, *Bolsonaro passa a ser chamado de presidente em situação de genocídio* (19 de março de 2021), provavelmente faz referência às declarações do ex-presidente Bolsonaro proferidas durante uma live realizada em 18 de março. Na transmissão, o político voltou a defender o tratamento inicial para pacientes com Covid-19, em uma postura bem diferente da assumida na semana anterior, após ser citado por Lula. Ao criticar a conduta defendida pelo ex-ministro Mandetta, cerca de um ano antes, quando o país ainda registrava os primeiros casos da síndrome respiratória, Bolsonaro imitou um paciente com falta de ar. O ato foi duramente criticado, por se tratar da forma como muitos brasileiros acabaram perdendo a vida. Em maio, quando prestou depoimento à CPI da Covid, o ex-ministro foi questionado por ter dado tal recomendação. Na ocasião, ele lembrou a dificuldade para a obtenção de testes para o diagnóstico da Covid naquele momento e informou que aquela orientação tinha o objetivo de evitar a transmissão da doença.

Considerando o caráter intertextual presente no *Sensacionalista*, essa não foi a primeira vez que o humorístico chamou Jair Bolsonaro de genocida. Acredita-se que essa esteja entre as críticas mais duras projetadas contra o político. Avaliando o caso específico da imitação de Bolsonaro, projeta-se a frieza do então presidente em se valer de uma imitação de uma situação tão trágica.

Em 23 de março de 2021, Bolsonaro fez um novo pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV (Figura 55). Na ocasião, apesar dos anúncios realizados pelo próprio Ministério da Saúde, reduzindo a quantidade de vacinas que chegaria ao país, o então presidente anunciou que, até o final daquele ano, o Brasil receberia 500 milhões de doses. O pronunciamento foi realizado exatamente no dia em que o país bateu o recorde no número de mortes pelo coronavírus, com 3.300 mortes em 24 horas.

Em quase três minutos, o político enumerou os esforços para a compra e produção de vacinas. O discurso se distanciava do tom que havia sido mantido pelo político até então. O *Sensacionalista* destacou, de inúmeras maneiras, a contrariedade entre a postura de Bolsonaro e o que ele disse. Ao postar *Fact-checking Sensacionalista - Bolsonaro disse apenas duas palavras verdadeiras no discurso: 'Boa noite'*, a página faz uma paródia dos sites dedicados a

verificar a veracidade dos conteúdos postados na internet. A suposta análise é descrita com ironia, apontando que o político teria mentido na maior parte do tempo. Em *Próximo pronunciamento de Bolsonaro vai terminar com 'É verdade este bilette'*, o humorístico reforça a noção de mentira, se valendo de um meme que ganhou destaque nas redes sociais ao descrever conteúdos falsos, também em um tom de humor. Já *Bolsonaro estava sendo manipulado por ventríloquo em pronunciamento* e *Bolsonaro fez pronunciamento de sunga porque a água bateu na bunda* (23 de março de 2021) indicam que a manifestação do ex-presidente não foi autêntica, mas, possivelmente, determinada por necessidades políticas.

Figura 55 - Bolsonaro e um novo pronunciamento



Reprodução de postagens realizadas em março de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

A postagem *'Quem poderia imaginar que um fã de torturador não iria se importar com o sofrimento humano?'*, diz eleitor de Bolsonaro (Figura 56) está entre aquelas que se aproximam daquela definição de ironia na qual, a intencionalidade está em dizer o contrário daquilo que foi sugerido. Mais uma vez, o humorístico projeta a divulgação de uma entrevista, usando uma declaração logo na manchete, com a demarcação de aspas. Na sequência, o humorístico avalia como o discurso pró-vacina não tem aderência à figura de Bolsonaro.

Figura 56 - Bolsonaro e a mudança de discurso



Reprodução de postagens realizadas em março de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Bolsonaro defende vacina e torce para que cloroquina provoque perda de memória (26 de março de 2021) expõe, de modo irônico, a mudança de discurso do então presidente. De acordo com informações divulgadas pela equipe da *Agência Reuters*, este processo não foi natural, mas articulado pelo ministro Paulo Guedes com o objetivo de melhorar a situação econômica. As informações ainda davam conta que Eduardo Pazuello, que era o titular da Saúde naquele momento, aprovou o novo tom. No entanto, era perceptível que Bolsonaro estava reproduzindo um discurso no qual não acreditava. A queda na popularidade do militar da reserva também era um fator que chamava a atenção, considerando que Lula tinha condições de disputar as eleições do ano seguinte. Porém, a reprodução forçada de um discurso do qual não se acredita, também significa. O interdiscurso seguia significando tudo o que Bolsonaro dizia. Lembrando, mais uma vez, que o discurso é o efeito de sentido entre os locutores, Eni Orlandi (2015, p.19), passando por “processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.”

A decisão de Bolsonaro em (não) se vacinar teve muitos capítulos ao longo da pandemia. A versão oficial, até a defesa dessa tese, é de que ele não foi imunizado. Em *Bolsonaro diz que vai tomar vacina e Cloroquina apaga as fotos com ele no Instagram* (26 de março de 2021), o humorístico se vale da personificação. Nesse caso, a medicação toma a mesma atitude de uma pessoa traída: uma tentativa de esquecer o que foi vivido ao lado do outro. É recorrente no *jornal isento de verdade* usar a personificação como uma técnica para rebaixar o presidente brasileiro. Seria quase uma troca de posições, na qual o político perde o seu protagonismo. Já a postagem *Brasileiro quer que Bolsonaro se vacine porque ter um jacaré na presidência será melhor* (27 de março de 2021) é transgressiva na medida em que aponta que um animal exerceria melhor a função de comandar o país do que a capitão da reserva. A sátira toma Bolsonaro enquanto ponto de chegada e ponto de partida. Ele é o alvo

de uma piada estruturada em uma declaração do próprio Bolsonaro ao criticar a aplicação de vacinas no país.

6.13. Abril de 2021: CPI da Covid-19 e o aumento da pressão política

Discursivamente, a pandemia representou o período em que Bolsonaro mais foi confrontado, seja no ambiente político, no espaço acadêmico ou nos meios de comunicação. O quarto mês de 2021 foi marcado por sucessivos recordes no número de mortos por complicações da infecção pelo novo coronavírus. Apenas no dia 08, foram registradas 4.249 mortes em 24 horas. Considerando a abordagem no *Sensacionalista*, foram 13 postagens. Destas, sete foram analisadas.

Em abril, foi retomada a discussão se o então presidente teria ou não sido imunizado. A partir do final de março, o capitão da reserva passou a adotar um novo comportamento em relação à pandemia, afirmando que a medicação passaria a ser garantida pelo Governo Federal e fazendo uso da máscara. Naquele momento, interlocutores apontavam que o político poderia mudar de opinião e ser imunizado. Até o fim do mandato, o ex-militar seguiu afirmando que não havia sido imunizado. Em maio de 2023, quando o ex-presidente já havia retornado ao Brasil após uma longa viagem aos Estados Unidos, a Polícia Federal divulgou dados de uma investigação que mira a suposta fraude no certificado de vacinação do político. Buscas foram realizadas na casa de Bolsonaro, no âmbito da Operação Venire. A suspeita é de fraude no cartão de vacinação do ex-presidente e de sua filha, Laura, para garantir o ingresso dos dois nos EUA no final de dezembro de 2022. No entanto, o ex-presidente destacou que nunca lhe foi pedido nenhum documento relacionado à vacinação para entrar em território estadunidense. Como, naquele momento, o político era presidente do Brasil, é possível que a presente exigência não se aplicava a sua conduta.

Em *Bolsonaro vai se vacinar e distribuição de fake news deve aumentar após chip 5G* (02 de abril de 2021), o humorístico ironiza a disseminação de informações falsas, processo que teve uma intensa profusão durante a pandemia. O processo de desinformação apontava que ao ser vacinado, um chip seria injetado no corpo do paciente. O humorístico subverte essa teoria de conspiração e indica, como o clímax da argumentação satírica, que o então presidente, ao ter um chip implantado em seu corpo, terá condições de disseminar ainda mais conteúdo falso (Figura 56).

Em *Brasileiros querem que Bolsonaro seja vacinado pela enfermeira falsa de BH* (02 de abril de 2021), o humorístico faz referência a Cláudia Mônica Torres. A mulher, que se

apresentou como uma profissional da área da saúde, aplicou vacinas falsas contra a Covid-19 em empresários. Em 2022, ela e outras pessoas que participavam do esquema foram indiciadas por estelionato e associação criminosa. Ainda no início da campanha de vacinação, quando os imunizantes eram restritos a idosos e profissionais de saúde, Cláudia vendia doses, possivelmente de soro fisiológico, por R\$600. Ao defender que o presidente deveria ser imunizado por uma falsa vacina, o desejo é de que ele não seja imunizado. Também é possível relacionar essa manchete com a defesa da vacina realizada pelo ex-presidente. Como o humorístico projeta como uma vacina falsa, a indicação é que ele seja imunizado com uma medicação também falsa. O mesmo teve o seu desdobramento em *EDITORIAL* - ‘Concordamos com o presidente pela primeira vez. Bolsonaro, por favor, não tome a vacina’, publicada no mesmo dia. Avalia-se que essas manchetes devem ser compreendidas no campo da ironia.

Figura 57 - Bolsonaro e a vacina



Reprodução de postagens realizadas em abril de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

OMS não recomenda vacinar Bolsonaro porque vacina só foi testada em humanos (02 de abril de 2021) sugere um humor transgressivo, direto e escrachado contra o ex-presidente. Nesse caso, o argumento não exige que o leitor quebre a ambiguidade para a compreensão da crítica. Ela pode ser compreendida facilmente. Mais uma vez, a sátira é estruturada no rebaixamento da figura de Jair Bolsonaro. Por se tratar de uma paródia, o humorístico simula um posicionamento oficial da entidade que era responsável por guiar os passos relacionados à pandemia.

Dando sequência ao mês de abril, a figura 58 traz as primeiras postagens do *Sensacionalista* relativas à CPI da Covid, realizada no Senado. O tema seguiu ganhando destaque no humorístico até o mês de outubro. A primeira reunião da CPI foi realizada em 27 de abril. *Se passar pela eliminatória da CPI da Covid, Bolsonaro pode disputar a grande final em Haia* (08 de abril de 2021) pega como ponto de partida para o argumento satírico, a

realização de um torneio, composto por uma série de etapas até chegar a uma eventual final. Nesse caso, acredita-se que o efeito de sentido apenas será alcançado a partir de uma falsa referência com a noção de passar. Avalia-se que o termo não representa a ideia de vitória, mas de investigação. Sugerindo uma interpretação que se aproxime de: a partir da investigação realizada pelo Senado, a conduta de Bolsonaro pode ser considerada irresponsável a tão ponto que deva ser analisada em Haia, um tribunal que julga denúncias relacionadas a crimes contra a humanidade e crimes de guerra. Essa postagem faz sentido na representação de Bolsonaro presente no humorístico, justamente pelo fato de que a conduta do então presidente, por mais de vez, foi considerada como genocídio.

Figura 58 - A CPI da Covid-19



Reprodução de postagens realizadas em abril de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Já na postagem *Em vez de CPI, oposição quer apenas que Kajuru e Bolsonaro sigam tentando organizar jogadas geniais* (12 de abril de 2021) faz referência à gravação de um telefonema entre o ex-presidente e o senador Jorge Kajuru (PSB-GO). O áudio foi divulgado pelo próprio parlamentar. Na conversa, eles abordaram a possibilidade de ampliar o foco das investigações a Estados e Municípios, o que não é juridicamente permitido, por não ser uma prerrogativa dos senadores, além de tensionar, novamente, uma relação conflituosa com o Senado. Para encerrar o mês de abril, a postagem *CPI vai investigar se Bolsonaro fez mesmo o que todos viram que ele fez* (16 de abril de 2021) diz respeito ao mérito do colegiado. A comissão foi criada com o objetivo de identificar possíveis omissões do Governo Federal na condução da pandemia no país. Segundo o próprio relatório final, composto por 1.299 páginas, e entregue seis meses depois pelo senador Renan Calheiros (MDB-AL), foi sugerido o indiciamento do presidente Jair Bolsonaro por nove crimes, incluindo citações por crimes

contra a humanidade. Essa foi mais uma publicação na qual o humorístico considera que o ex-presidente teve uma conduta negligente na pandemia.

6.14. Maio de 2021: Bolsonaro e a erna do Alvorada

A pandemia de Covid-19 volta a ser destaque no *Sensacionalista* em virtude dos trabalhos da CPI realizada no Senado. Ao longo dos 31 dias, foram 52 postagens. A análise abaixo é composta por sete delas. O 1º de maio é marcado por atos públicos em todo o país, considerando a representatividade da data: é o Dia do Trabalhador. Mas em 2021, as mobilizações foram norteadas pela questão da Covid-19; resultado em atos contrários e de apoio ao Governo Federal. Os críticos ao ex-presidente saíram às ruas pedindo a manutenção dos direitos trabalhistas, além da compra de vacinas. Já os apoiadores de Bolsonaro ressignificaram a data, esvaziando toda a luta por melhores condições de trabalho. Com críticas aos ministros do STF, eles pediram o fim das medidas restritivas para o controle dos casos de infecção pelo coronavírus e defenderam a volta do voto impresso.

Entende-se que *'Eu autorizo Bolsonaro a me matar', diz manifestante sem máscara em aglomeração* (01 de maio de 2021), disposta na figura 58, não se projeta contra as mobilizações, mas mira a forma como algumas delas foram realizadas. Assim como o ex-presidente, muitos apoiadores participavam de atos públicos, ao lado de uma multidão, sem máscara. O humorístico transformou a atitude como uma autorização do participante a um eventual adoecimento. No entanto, nessa manchete satírico-ficcional, Bolsonaro, embora citado, não é o alvo da piada. A crítica se projeta contra aqueles que endossam e que dão visibilidade ao político. Ainda assim, vale ressaltar que o capitão da reserva também é criticado. É atribuída a ele a responsabilidade pelas mortes relacionadas à Covid. No caso dos manifestantes sem máscara, presentes em aglomerações, a indicação é que eles estariam facilitando esse processo.

No dia 05 de maio de 2021, o humorístico postou dois argumentos muito semelhantes: *Bolsonaro é contra quebrar patente de vacinas mas se for para rachar ele aceita e Bolsonaro é contra quebra de patente de vacina da Covid porque é claro*. Apesar de vetos, idas e vindas, a lei que determinava a quebra de patentes foi assinada em setembro. Os articuladores políticos de Jair Bolsonaro pretendiam impedir a aprovação na Câmara do projeto de lei que aprovava a quebra de patentes de vacinas contra a Covid-19. A ministra da Secretaria de Governo, Flávia Arruda, temia que, em caso de aprovação do texto, ele seria integralmente vetado pelo então presidente, o que poderia render ainda mais críticas da opinião pública.

Figura 59 - Bolsonaro, aglomerações, vacinas e Centrão



Reprodução de postagens realizadas em maio de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

A sátira *Bolsonaro é contra quebrar patente de vacinas mas se for para rachar ele aceita*, novamente, aborda a pandemia de Covid-19, mas toma outros assuntos como referência. A opção por usar uma fotografia na qual o ex-presidente está ao lado do seu filho mais velho, Flávio, reforça o argumento. O escândalo das rachadinhas envolvendo a família Bolsonaro tornou-se público a partir de suspeitas no gabinete do 01, quando ele era deputado estadual pelo Rio de Janeiro. Se o sentido de quebra de patentes deve ser percebido no campo científico, as rachadinhas representam uma conduta corruptiva, no âmbito da administração pública. Por mais que as duas palavras sejam semelhantes, pertençam ao mesmo campo semântico, na prática, elas assumem significações distintas. Essa condição reforçar que o contexto é um elemento fundamental para a significação. Na sequência, *Bolsonaro é contra quebra de patente de vacina da Covid porque é claro*, se apresenta mais como uma crítica ao político, com um argumento que pode ser compreendido mais facilmente. Já em *Bolsonaro não comprou vacina porque lista de compras só tinha deputados* (10 de maio de 2021), o humorístico traz para o argumento satírico a proximidade do então presidente com o Centrão. Novamente, há uma crítica que ultrapassa os limites do Ministério da Saúde e da gestão da pandemia. Não é exagero dizer que a gestão Bolsonaro foi marcada por várias crises, algumas concomitantes.

Dando sequência às postagens de maio, o humorístico passou a dar mais espaço à CPI da Covid. O assunto alcançou um amplo espaço no cenário nacional, com transmissão ao vivo das sessões em emissoras de TV por assinatura. A figura 60 conta com a postagem *Bolsonaro quis torturar bula da Cloroquina até ela dizer o que ele queria* (11 de maio de 2021), que é um desdobramento do depoimento do diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Antonio Barra Torres, à Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid-19, realizada pelo Senado.

Figura 60 - Bolsonaro e a CPI da Covid-19



Reprodução de postagens realizadas em maio de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Em 11 de maio de 2021, o médico, que é almirante da Marinha, esteve no Congresso Nacional e foi ouvido pelos parlamentares em meio à investigação quanto à ação do Governo Federal na pandemia do novo coronavírus. A imagem utilizada nesta publicação poderia, facilmente, ser encontrada em formatos jornalísticos tradicionais, já que possivelmente é um frame da transmissão audiovisual da fala da testemunha ou uma imagem de divulgação, disponibilizada pela assessoria de imprensa do órgão federal. Entre os questionamentos apresentados pelos senadores, o diretor-presidente da Anvisa respondeu quanto à tentativa de Jair Bolsonaro de alterar a bula da cloroquina para incluir a informação de que o medicamento seria eficaz contra a Covid-19. Este fato já havia sido publicizado pelo ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, em seu livro em que narra os bastidores do enfrentamento à Covid-19, do início da crise sanitária até 16 de abril de 2020, quando foi demitido do cargo, e na própria comissão, em 04 de maio de 2021.

Avalia-se que o contexto geral apresentado seria a tentativa de Bolsonaro em alterar a bula da cloroquina. Este fato, expresso de maneira mais direta, algo semelhante a *Presidente da Anvisa diz que Bolsonaro pretendia alterar bula da cloroquina* configuraria uma ação informativa, mas seria jornalismo e não humor!. O caráter transgressivo se dá quando, ao mencionar este fato, o humorístico relembra ao interlocutor a proximidade do ex-presidente com a Ditadura Civil Militar. O político não é apresentado como um republicano, mas como um torturador. Portanto, ao ligar este fato a aspectos anteriores da conduta de Bolsonaro, o humorístico constrói a sua crítica. Alterar a bula do medicamento indicando a sua eficácia contra a síndrome respiratória representaria uma vitória pessoal ao capitão da reserva, independente da já comprovada ineficácia científica.

CPI vai chamar Ema da Alvorada pra confirmar que Bolsonaro lhe ofereceu cloroquina (13 de maio de 2021), possivelmente foi o argumento mais simples apresentado pelo Sensacionalista. A imagem do ex-presidente mostrando a caixa de cloroquina para a ave por si só já é incongruente. O humorístico se aproveitou deste fato e indicou que a ema estaria entre os depoentes no Senado. Em contrapartida, *Bolsonaro inaugura delivery de vírus por moto no RJ* (23 de maio de 2021) analisa as diversas manifestações das quais o ex-presidente participou. Para além de infrações ao Código Brasileiro de Trânsito, como andar de motocicleta sem o uso de um capacete, os atos transgrediram uma série de normas postas em prática com o objetivo de controlar a circulação do vírus. A partir do termo *delivery*, o humorístico ressalta o serviço de entrega a domicílio, que tornou-se mais popular em virtude das políticas de quarentena. O uso do termo *delivery*, pensado no sentido de distribuição, pode ser interpretado como disseminação do vírus, uma atitude intencional do político.

6.15. Junho de 2021: Meio milhão de vidas perdidas no Brasil

No mês de junho, o Brasil superou a marca de 500 mil mortes por Covid-19. A pandemia foi o tema de 48 postagens realizadas pelo *Sensacionalista* no período. Deste total, onze foram selecionadas para a análise abaixo. Antes mesmo de determinar o uso obrigatório de máscaras no Brasil, o que só aconteceu no mês de julho, o então presidente voltou a defender que os vacinados poderiam deixar de usar o item de proteção. A declaração do político foi o referencial tomado para *Bolsonaro libera do uso de máscaras [para] vacinados, curados e futuros mortos* (10 de junho de 2021). A manchete satírico-ficcional está estruturada na ironia, como pode ser visto na figura 61. Avalia-se que a ironia foi utilizada como uma medida para determinar a gravidade e os riscos que a decisão poderia provocar nos números de mortos e infectados no país. Até mesmo para demarcar como o assunto foi criticado pela opinião pública, o humorístico utilizou a expressão *futuros mortos*.

Figura 61 - Bolsonaro e o uso de máscaras



Reprodução de postagens realizadas em junho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Em *Bolsonaro quer matar as pessoas, afirmam especialistas* (11 de junho de 2021), o humorístico simula o uso de um argumento de autoridade. No jornalismo, essa medida é essencial para garantir a credibilidade do conteúdo que está sendo exposto. No humorístico, o objetivo é simular tal efeito. Com essa demarcação, a página brinca com o leitor ao apontar que a afirmação acima não se trata apenas de uma questão de opinião, mas da demarcação de especialistas. Principalmente no caso de acusações tão graves, esta seria uma garantia aos profissionais de imprensa para evitar futuros transtornos.

As postagens *Bolsonaro deve usar máscara no rosto e não na placa da moto, dizem especialistas* e *Homem em moto causa quase 500 mil mortes* estão diretamente relacionadas. As duas dizem respeito à participação de Bolsonaro em uma motocicleta, no dia 12 de junho de 2021. Nessa manifestação, o então presidente fazia uso de um capacete, item de segurança obrigatório para os motociclistas. Em várias ocasiões, o político guiou sem a proteção. No entanto, em tese, uma outra infração, de natureza gravíssima, foi verificada no veículo que era conduzido pelo político. A placa da motocicleta estava coberta. No entanto, segundo justificativa do Ministério da Infraestrutura, que é o responsável pelo Departamento Nacional de Trânsito, a regra quanto à garantia da visibilidade da placa é uma exigência em vias abertas, posto que é um dos meios rápidos de garantir a identificação do veículo. Como neste caso, a via estava interditada, nenhuma irregularidade teria sido cometida. O fechamento da via também foi a justificativa da Polícia Rodoviária Federal para não multar Jair Bolsonaro. Em *Bolsonaro deve usar máscara no rosto e não na placa da moto*, novamente o humorístico faz uso de um argumento de autoridade. Além disso, o ex-presidente é retratado pela matriz do deboche, como se não soubesse qual é o uso adequado da máscara; ao explicar o uso deste item, a página deixa implícito que o político se valeu da opção errada. A manchete satírico-ficcional *Homem em moto causa quase 500 mil mortes* já foi analisada nesta pesquisa. O sujeito dessa ação é Bolsonaro. No entanto, essa significação só é possível a partir de pressupostos.

Seguindo na análise, o humorístico postou *Bolsonaro liga para Pfizer e música de espera do telefone é Baba Baby* (15 de junho de 2021), como um desdobramento de assuntos que foram abordados na CPI da Covid. Ainda no dia 13 de maio, o presidente regional da *Pfizer* na América Latina, Carlos Murillo, em depoimento aos senadores, afirmou que a farmacêutica teria apresentado as primeiras ofertas de vacina ao Governo Brasileiro ainda entre maio e junho de 2020. Segundo informações repassadas pelo vice-presidente da CPI,

Randolfe Rodrigues, foram 81 e-mails destinados aos dirigentes do Ministério da Saúde. A primeira manchete da figura 62 constrói a sátira após mencionar a música *Baba Baby*, sucesso com a cantora *Kelly Key* nos anos 2000. O *funk*, com uma letra politicamente incorreta, narra a vingança simbólica de uma jovem, que foi desprezada pelo professor devido a diferença de idade.

Figura 62 - Brasil chega a 500 mil mortes por Covid-19



Reprodução de postagens realizadas em junho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Durante o ponto alto da pandemia, eram recorrentes a referência a termos como mutação do vírus e o surgimento de variantes. O humorístico se valeu desta informação, que agora era conhecida por um número maior de pessoas e publicou *Das 19 variantes descobertas, B.O.2.O.17 é a mais letal, afirma infectologista* (16 de junho de 2021). Acredita-se que a letra B seja referência ao sobrenome do ex-presidente; 2.0 esteja relacionada a uma ideia de atualização e 17 diz respeito ao dígito do PSL, partido com o qual Bolsonaro se elegeu em 2018. Novamente, há o uso de um argumento de autoridade, posto que essa frase teria sido dito por um infectologista em uma entrevista. Mais uma vez, há o rebaixamento da figura do ex-presidente, aproximando-o de um vírus.

Com medo das ruas, *Bolsonaro planeja adiar vacinação para novembro de 2022* (19 de junho de 2021) tomando como referência as frequentes pesquisas de opinião que mostravam queda na popularidade de Bolsonaro. A sátira sugere que o político teria a intenção de intensificar a campanha de vacinação somente após as eleições de 2022. Vários efeitos de sentido são decorrentes desta publicação, entre eles o de que Bolsonaro para dificultar que pessoas saíssem às ruas contra a sua gestão, o que poderia dificultar uma reeleição, liberaria a vacinação após o segundo turno. Ou, ainda, que sem vacinação, seria eleito, já que os brasileiros que não apoiavam a sua gestão, por medo da pandemia, ficariam em casa.

No dia 19 de junho de 2021, o Brasil alcançou a marca de 500 mil mortos pela pandemia. A primeira postagem relacionada ao tema no humorístico foi *Com 500 mil mortos, Bolsonaro finalmente pode entrar para o Guinness*. Avalia-se que o efeito de sentido decorrente desse enunciado se aproxime de outros divulgados anteriormente, nos quais o ex-presidente foi chamado de genocida. A referência ao livro dos recordes não assume um efeito positivo, mas o de qualificador da administração. Em outras palavras, é possível inferir que o humorístico tenha classificado Bolsonaro como o pior gestor da pandemia em escala global, por isso ele receberia tal distinção.

Ao menos mais uma postagem, disposta na figura 63, tematiza a marca de meio milhão de mortos: *Fábio Faria critica quem lamentou 500 mil mortos porque sabe que Bolsonaro ainda vai matar muito mais* (19 de junho de 2021).

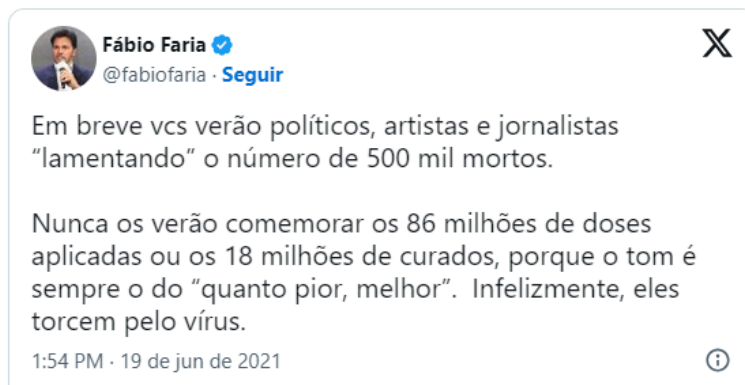
Figura 63 - Bolsonaro e o escândalo Covaxin



Reprodução de postagens realizadas em junho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Ainda que o ex-ministro das Comunicações tenha sido citado como o sujeito desse enunciado, o ex-presidente segue como alvo. O humorístico tomou como referência uma postagem realizada pelo parlamentar licenciado nas redes sociais. A mensagem minimiza a gravidade do indicador, ao mencionar que as pessoas estariam com um olhar pessimista quanto à situação. Ele escreveu, como apresentado na figura 64:

Figura 64 - Tweet do ex-ministro Fábio Faria



Reprodução de mensagem postada em 19 de junho de 2021. Fonte: Twitter Oficial de Fábio Faria

Ao longo de toda a gestão Bolsonaro, tornou-se comum entre os apoiadores do então presidente a afirmação de que muitas pessoas estavam torcendo contra o Governo Federal, por isso as coisas não melhoravam. Com a tentativa de desviar o foco da gravidade de um número tão expressivo de mortos, Fábio Faria se valeu da mesma lógica. Ele abordou a aplicação de vacinas e o número de recuperados, em detrimento ao número de mortos. O argumento, em certo ponto, se aproxima da desonestidade, já que os boletins da Covid-19 frequentemente indicavam os casos confirmados, recuperados e mortos.

Voltando aos desdobramentos da CPI, Bolsonaro levantou o tom e baixou o nível ao informar que não iria responder à carta apresentada pela cúpula do colegiado com a finalidade de pedir esclarecimentos do chefe do Executivo Federal após as declarações do deputado federal Luis Miranda (DEM-DF), em 25 de junho de 2021. O parlamentar integrava a base de apoio do ex-presidente e, ao lado do irmão do Luis Ricardo Miranda, funcionário do Ministério da Saúde, denunciou o escândalo *Covaxin*. Os dois denunciaram possíveis irregularidades no contrato firmado pelo Governo Federal para a aquisição da vacina indiana. O funcionário público afirmou ter sido vítima de uma pressão, classificada como incomum, durante o processo para a compra da medicação indiana. O servidor identificou divergências entre o documento fiscal e o contrato assinado entre o Ministério da Saúde e a Precisa Medicamentos, empresa que fez a intermediação entre o Governo Federal e o laboratório Bharat Biotech.

Segundo a versão apresentada aos senadores, diante dessa suspeita, Luís Ricardo procurou o irmão, que é deputado federal. Os dois teriam relatado o caso a Jair Bolsonaro. O presidente indicou que iria repassar as suspeitas para a Polícia Federal. Luís Miranda afirmou, em depoimento à CPI, que Bolsonaro teria mencionado o nome do deputado federal Ricardo Barros (PP-PR), que era o líder do Governo na Câmara, ao ser informado quanto às

irregularidades. Em sua tradicional *live* semanal, em 08 de julho, o ex-presidente declarou: “Vocês sabem qual a minha resposta, pessoal? Caguei. Caguei para a CPI. Não vou responder nada”. (BOLSONARO, 2021)

A partir de um pedido encaminhado pela Procuradoria-Geral da República (PGR), autorizado pelo STF, a Polícia Federal abriu um inquérito com a finalidade de investigar se Jair Bolsonaro cometeu o crime de prevaricação no caso *Covaxin*. O objetivo da apuração é identificar se o ex-presidente agiu de maneira omissa ao ter sido informado quanto a possíveis irregularidades na compra das vacinas indianas e, ainda, se seria pessoalmente beneficiado por este suposto esquema.⁸⁵ Na avaliação de Bolsonaro, em 12 de julho, a acusação pelo crime de prevaricação se aplicaria a servidores públicos e não a ele, presidente da República. Em entrevista coletiva, ele afirmou que recebeu a denúncia relatada pelo deputado federal Luís Miranda e que informou Pazuello sobre o caso. De acordo com o presidente, nada foi encontrado. A postagem *Luis Miranda quer que Ministério da Saúde recomende uso de colete para quem denuncia família Bolsonaro* diz respeito às pressões sofridas pelo parlamentar após o depoimento. A publicação ainda pode ser compreendida como um indicativo de proximidade do entorno do presidente a milicianos, por exemplo. Vale ressaltar, no entanto, a pressão simbólica que esse fato representou. Luís Miranda não conseguiu se reeleger em 2022 para uma cadeira na Câmara dos Deputados.

Brasileiros querem Bolsonaro na CPI para que ele fique em silêncio por algumas horas (30 de junho de 2021) pode ser compreendida como uma crítica às declarações proferidas pelo ex-presidente. No entanto, entre os efeitos de sentido produzidos está o de que ele tinha responsabilidade quanto à situação em que o país se encontrava. A CPI, assim como as autoridades judiciais, deve ser entendida como um colegiado com poder de investigação. Dessa forma, aqueles que compareceram ao Senado na condição de investigados, tinham o direito de permanecer em silêncio para não produzir provas contra si mesmos. Ao sugerir, portanto, o silêncio de Bolsonaro, essa compreensão pode surgir.

⁸⁵ Diante da publicização do caso pelos irmãos Miranda, o Governo Federal apresentou três versões para o caso. Inicialmente, o ministro Onyx Lorenzoni (Secretaria-Geral) e o ex-secretário-executivo da Saúde, Elcio Franco, indicaram, em uma entrevista coletiva, que o documento apresentado pelos denunciante relativo à compra das vacinas seria fraudado. A indicação foi ainda de que os dados quanto ao preço, à quantidade de doses e ao pagamento adiantado estariam errados, mas que foram corrigidos em uma segunda versão da *invoice*. Posteriormente, o Governo Federal indicou que Bolsonaro teria informado o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello. O caso teria sido apurado internamente e nenhum problema foi encontrado no contrato. Por fim, a terceira versão, apresentada pelo líder do Governo no Senado, Fernando Bezerra (MDB-PE), aos membros da CPI, apontou que Pazuello teria sido informado dos possíveis problemas em 22 de março, mas que foi exonerado no dia seguinte, sem tempo hábil para tomar alguma providência. O general teria relatado a suspeita para o secretário-executivo da pasta, Elcio Franco, que foi desligado do cargo em 26 de março.

6.16. Julho de 2021: Suspeitas de prevaricação

Ao longo de todo o mês, foram realizadas 24 postagens no humorístico relacionadas à pandemia. Apesar do assunto ter obtido um espaço considerável na página, o destaque maior foi quanto à hospitalização de Bolsonaro em virtude de uma obstrução intestinal. No que diz respeito à pandemia, duas postagens integram o *corpus* desta pesquisa. *OMS alerta brasileiros para que deixem de escolher vacina e se preocupem em escolher presidente* (11 de julho de 2021) estabelece uma crítica aos populares *sommeliers* de vacinas. No Brasil, a politização da pandemia chegou ao ponto de que alguns imunizantes tiveram uma aceitação menor entre uma parcela da população. Essa rejeição atingiu principalmente a CoronaVac. Mas ao simular uma declaração da entidade que era responsável por apontar qual era a direção da crise sanitária no mundo, o humorístico se vale de um argumento de autoridade e projeta uma crítica contra Bolsonaro. Entre os efeitos de sentido resultantes dessa manchete satírico-ficcional está o de que as pessoas que em 2021 estavam escolhendo a vacina com a qual seriam imunizados, são as mesmas que votaram em Bolsonaro em 2018. Ou seja: na perspectiva do humorístico, não souberam escolher o candidato. Acredita-se que a preocupação em escolher o presidente, como o apontado na sátira, não aponta simplesmente quanto à necessidade de preferir um bom representante nas eleições, mas traz implícito que algo não estava bem na administração Bolsonaro; que ele não foi uma boa escolha. É possível interpretar algo semelhante a: quem escolhe vacina não sabe escolher presidente, pensando, até mesmo, em uma relação de causalidade entre os dois pontos (Figura 65).

Figura 65 - Os *sommeliers* de vacina e a CPI



Reprodução de postagens realizadas em julho de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Nos meses de junho e julho, com os depoimentos relacionados a partir do caso Covaxin, ganhou destaque nos trabalhos do legislativo a possibilidade de que Jair Bolsonaro tenha cometido o crime de prevaricação. Tal condição diz respeito ao gestor público ter conhecimento de determinada irregularidade, mas não realiza nenhum tipo de denúncia. Essa questão veio à tona com os depoimentos dos irmãos Miranda e, posteriormente, no relato de Luiz Paulo Domingueti. O policial narrou aos membros da CPI, durante sete horas, que agentes do Ministério da Saúde agiram para obter propina com a compra de vacinas para o enfrentamento à pandemia. Com uma abordagem confusa, cheia de idas e vindas, senadores da oposição chegaram a levantar a possibilidade de que Domingueti teria sido plantado na comissão, justamente para confundir os trabalhos. Ele foi convocado a depor como representante da *Davati Medical Supply*, após ter denunciado, em uma entrevista à Folha de S. Paulo, a existência de um esquema de corrupção na compra de 400 mil doses da vacina AstraZeneca.

O ponto alto da polêmica foi quando o depoente divulgou um áudio no qual, supostamente, Luis Miranda tratava do fornecimento de material médico com origem nos Estados Unidos. O então parlamentar afirmou que a gravação era antiga e dizia respeito à compra de vacina. Diante da desconfiança dos senadores, o policial militar justificou que pode ter sido levado a erro ao concluir que a tratativa dizia respeito à compra de vacinas. Avalia-se que a postagem em questão, *Bolsonaro diz que prevaricação não se aplica a ele porque é servidor público assintomático* (13 de julho de 2021) não toma o fato como referência, mas o

destaque que o tema alcançou. A manchete pode ser entendida, ao fazer uso da linguagem satírica, como um eufemismo para justificar que o então presidente não trabalhava.

6.17. Agosto de 2021: O indiciamento de Bolsonaro

Em agosto de 2021, a cúpula da CPI anunciou que iria pedir o indiciamento do então presidente Bolsonaro. Os senadores destacavam o fato do político ter defendido o uso de medicamentos com ineficácia comprovada para o enfrentamento ao coronavírus. O indiciamento seria por charlatanismo e curandeirismo. No relatório final, assinado por Renan Calheiros, foram levantadas suspeitas de que o político teria cometido crimes de responsabilidade, como improbidade administrativa, além de ser acusado de ter atentado contra o exercício dos direitos sociais.

Considerando especificamente a situação de Jair Bolsonaro, o colegiado encaminhou acusações de crimes contra a humanidade ao Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia. Mas o documento ainda listou que o capitão da reserva, durante a gestão da pandemia, teria cometido crimes comuns, como apontou Mariana Schreiber em reportagem assinada ao site da *BBC Brasil*, em outubro de 2021. Ainda que até a entrega dessa pesquisa, Bolsonaro não tenha sofrido nenhuma ação mais direta pela condução da pandemia, entre os crimes comuns, estão:

[...] epidemia com resultado de morte (por suspeita de propagar o vírus); infração de medida sanitária preventiva (por realizar aglomerações e não usar máscara); charlatanismo (devido ao incentivo de uso de medicamentos sem eficácia), incitação ao crime (por incentivar aglomeração e o não uso de máscara); falsificação de documento particular (por ter apresentado uma falsificação como sendo um documento oficial do Tribunal de Contas da União que provaria haver um excesso na contabilização de mortes por covid-19); emprego irregular de verbas públicas (por uso de recursos públicos na compra de medicamentos ineficazes); e prevaricação (por supostamente não ter mandado investigar denúncias de corrupção na compra de vacinas) (SCHREIBER, 2021)

Foram oito menções à pandemia em agosto; suas postagens cumpriram os critérios estabelecidos para a pesquisa, são elas: *CPI vai pedir indiciamento de Bolsonaro por bolsonarismo* (11 de agosto de 2021) e *Bolsonaro não pode ser indiciado por charlatanismo porque fez tudo o que prometeu, diz jurista* (15 de agosto de 2021). As manchetes satírico-ficcionais assumem uma relação de intertextualidade entre si, já que podem resultar em efeitos de sentido semelhantes. Além disso, ao longo dos meses, houve um reforço

discursivo por parte do humorístico nas críticas direcionadas ao então presidente. Desde março de 2020, quando o país contabilizava os primeiros casos da doença no país, a página já criticava a postura de Bolsonaro. Na publicação de 11 de agosto, o humorístico não apresentou os crimes pelos quais o então presidente poderia ser indiciado. Ao definir *charlatanismo e curandeirismo* genericamente por *bolsonarismo*, são possíveis algumas inferências: que posturas, ligadas a crimes ou infrações de normas, são comuns entre os apoiadores do ex-presidente; que Bolsonaro e o seu grupo não respeitam as descobertas científicas e que esse enfrentamento à lei é o que define a base de sustentação do ex-presidente. Há uma aproximação entre a conduta dos apoiadores do político e o cometimento de crimes. A postagem *Bolsonaro não pode ser indiciado por charlatanismo porque fez tudo o que prometeu, diz jurista* assume o mesmo tom. Novamente, não há nenhuma indicação de surpresa com as acusações contra o então Chefe de Estado. A página se vale de um suposto argumento de autoridade, para justificar que essas eventuais ilegalidades fazem parte do modo de fazer política de Jair Bolsonaro.

Ainda na figura 66, na publicação, *Entrevista com a Cloroquina: 'Bolsonaro me abandonou. Parece que não sirvo para nada'*, o humorístico vale mais uma vez da personificação. A manchete pode resultar em efeitos de sentido próximos ao riso, considerando o uso da figura de linguagem. Mas nesse caso, a transgressão se dá justamente no desdobramento da piada, não no título, mas no texto. Ainda que este elemento não faça parte do nosso objeto de estudo, o humorístico destacou que o então presidente teria deixado a cloroquina de lado porque estava preocupado com a defesa do voto impresso. Talvez o ponto mais ácido direcionado ao político seja o trecho a seguir, quando ele é comparado a um asno: “A vida é assim. Uma hora você é toalha felpuda, na outra é pano de chão. Não me arrependo de nada. Eu só não gostei daquele episódio com as Emas. Não imaginava que depois de ser abraçada por um asno eu pudesse ser rejeitada por uma ema. Foi uma humilhação.” (SENSACIONALISTA, 2021).

Figura 66 - O indiciamento de Bolsonaro



Reprodução de postagens realizadas em agosto de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

6.18. Setembro de 2021: Sem vacina, Bolsonaro viaja para compromisso na ONU

No mês de setembro, 21 postagens realizadas pelo humorístico foram relacionadas à pandemia de Covid-19. Os destaques ao longo dos 30 dias foram a viagem de Bolsonaro aos EUA, ainda que não estivesse vacinado, e o depoimento do apoiador do ex-presidente à CPI da Covid-19, o empresário Luciano Hang. Duas postagens foram analisadas. Em 20 de setembro de 2021, o *Sensacionalista* repercutiu a viagem de Jair Bolsonaro e de uma comitiva em virtude da 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). O brasileiro era o único líder do G20 (grupo composto pelas 19 principais economias mundiais e a União Europeia) que declarou que não iria se imunizar contra o coronavírus. A postura de Bolsonaro também ganhou as páginas de jornais internacionais. Desde 1947, os representantes do Brasil são os responsáveis pelo discurso de abertura do encontro. Na ocasião, Bolsonaro se apresentava como o chefe de Estado do segundo país mais atingido pela pandemia, atrás apenas dos EUA. Naquele momento, o Brasil se aproximava das 600 mil mortes pela doença. No discurso de 21 de setembro, ao fazer referência à situação nacional, o ex-presidente, erroneamente, apresentou o avanço da Covid-19 e as medidas de isolamento social como principais justificativas para a crise econômica nacional. É importante salientar que o desempenho da economia já acumulava baixas antes mesmo das primeiras confirmações de casos de Covid-19 por aqui. Mais uma vez, o ex-militar defendeu o uso de medicamentos sem eficácia no combate ao coronavírus⁸⁶.

⁸⁶ No que diz respeito ao chamado tratamento precoce, Bolsonaro afirmou: “Apoiamos a vacinação, contudo o nosso governo tem se posicionado contrário ao passaporte sanitário ou a qualquer obrigação relacionada à vacina. Desde o início da pandemia, apoiamos a autonomia do médico na busca do tratamento precoce, seguindo recomendação do nosso Conselho Federal de Medicina. Eu mesmo fui um desses que fez tratamento inicial. Respeitamos a relação médico-paciente na decisão da medicação a ser utilizada e no seu uso off-label. Não

A cerimônia foi realizada em Nova York, sede da ONU. Além de ter recebido críticas nominais do prefeito da cidade norte-americana, o brasileiro tornou-se destaque no noticiário ao comer pizza em uma calçada. Como não apresentaram o passaporte vacinal, os membros da comitiva brasileira tiveram a sua circulação restrita. Este foi o fato que motivou a manchete fictícia do *Sensacionalista*: *Sem vacina, Bolsonaro terá que dormir em banco de praça em frente à ONU* (20 de setembro de 2021). Diante da negativa em receber o imunizante contra a Covid-19, Bolsonaro e a sua comitiva conseguiram participar da Assembleia da ONU em uma condição de exceção. Não é exagero intuir que a presença deles no país foi autorizada por se tratar de um compromisso oficial. A postagem pode ser lida abaixo, na figura 67.

Ao levantar a possibilidade de que o ex-presidente ficaria desalojado, o humorístico quebra a sua autoridade, já que esta não é a forma como políticos influentes e respeitáveis são tratados em cerimônias oficiais. Há uma inversão de conduta na postagem, Bolsonaro é lançado à indignação. Imaginar um presidente, já que esta era a condição dele quando a postagem foi realizada e, justamente por isso, ela pode ser lida como transgressiva, alguém que está em um posto marcado por uma série de prerrogativas do cargo dormindo na rua caracteriza a recorrência a elementos cômicos. A presença de Bolsonaro em uma cerimônia oficial em Nova York, naquele momento, reforça o protagonismo que o ocupante do Executivo do Brasil exerce. Mas ao sugerir que, pela ausência da vacina, não havia lugar para ele em uma das cidades mais importantes do mundo, o humorístico caracteriza um processo de destronamento. Mesmo presidente naquele momento, entre 2019 e 2022, Bolsonaro não era protagonista. A própria construção da manchete relativiza a relevância do ex-presidente brasileiro no cenário internacional, indicando como se ele tivesse pouco a acrescentar em um debate de tamanha relevância.

Por fim, a manchete relembra o negacionismo de Bolsonaro: ele afirmou ter optado por não se vacinar. Como alguém em uma posição de poder, este discurso reverbera e impacta a tomada de decisão de uma parcela representativa dos brasileiros. Ao explicitar no texto o termo *sem vacina*, o *Sensacionalista* tece uma crítica a Bolsonaro, já que se trata de uma decisão pessoal. A maior parte dos chefes de Estado tornou a própria vacinação um ato público para incentivar a população a seguir o mesmo exemplo. Apenas os brasileiros se vacinaram à revelia de seu ex-presidente. Esta demarcação, mais do que uma crítica política construída pelo *Sensacionalista*, é expressa em um nível pessoal, considerando a atitude

entendemos porque muitos países, juntamente com grande parte da mídia, se colocaram contra o tratamento inicial. A história e a ciência saberão responsabilizar a todos.” (Brasil..., 2022).

individual de Bolsonaro e como ela influenciou as políticas de Governo no combate à pandemia.

\

Figura 67 - Bolsonaro viaja aos EUA



Reprodução de postagens realizadas em setembro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

A postagem *Em mil dias de governo, nem mesmo o teste de Covid de Bolsonaro é positivo* (27 de setembro de 2021) toma a pandemia como ponto de partida para uma crítica que atinge toda a gestão do ex-presidente. Novamente, a relação entre os adjetivos positivo e negativo é usada para a construção argumentativa. Ao usar a conjunção *nem*, o humorístico se vale do resultado do exame do presidente para a detecção do coronavírus como referência para toda a gestão. Mas a crítica começa antes mesmo da citação ao teste. Na prática, tudo foi

considerado negativo, assim como o resultado do exame. É uma relação comparativa, tendo em vista que, em setembro de 2021, o presidente cumpriu quarentena e foi submetido a testes após retornar da viagem a Nova York. Na ocasião, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que integrou a comitiva, contraiu o coronavírus. Avalia-se que a sátira não tem o objetivo de se apresentar enquanto um argumento raso, com a finalidade de comemorar que alguém está doente. Essa não é uma atitude transgressiva e que não desperta o senso crítico dos leitores.

6.19. Outubro de 2021: sem vacina e espalhando fake news

As três postagens selecionadas para esta análise publicadas em outubro entre as nove publicadas são desdobramentos de um mesmo fato: a decisão do então presidente em não se vacinar. A recorrência a este tema ao longo dos meses, mais do que relembrar o leitor quanto aos fatos, já que o *Sensacionalista* é uma paródia do jornalismo, destaca-se também, e principalmente, como uma demarcação crítica do humorístico à conduta do ex-presidente. Ou seja, o objetivo é o de lembrar, frequentemente, que Bolsonaro nega a gravidade da pandemia. Uma reportagem publicada pela *CNN Brasil* destaca que, em 13 de outubro de 2021, o ex-presidente Jair Bolsonaro oficializou a decisão de que não seria imunizado contra a Covid-19. De acordo com o próprio veículo de comunicação, em oito declarações públicas anteriores, Bolsonaro garantiu que seria vacinado.

Nesta mesma data, o *Sensacionalista* publicou: *Coronavírus comemora decisão de Bolsonaro de não se vacinar* (13 de outubro de 2021). A manchete apresenta-se, inicialmente, como uma crítica ao capitão da reserva, considerando a gravidade da pandemia no país e o número expressivo de pessoas que perderam a vida. A forma como a piada é construída, a partir de uma prosopopeia - a atribuição de características humanas ao coronavírus - demarca a presença do elemento cômico e a relativização da figura do político, já que ele estaria mais exposto ao vírus e a eventuais complicações da doença. Aqui, o vírus é o sujeito da frase. É ele quem age! A inversão proposta pelo humorístico humaniza o vírus e fragiliza o ex-presidente e pode ser percebida como um movimento de alternância de poder. Em um contexto de exceção, como uma pandemia, a expectativa é que o processo de tomada de decisão parta dos líderes políticos. Mas a partir desta manchete, pode ser feita a seguinte leitura: Bolsonaro optou por não agir, deixando o vírus no controle (Figura 68).

Figura 68 - Bolsonaro, vacinação e o fim da CPI



Reprodução de postagens realizadas em outubro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Ainda em outubro, no dia 25, o *Sensacionalista* publicou *Estudo britânico diz que não tomar vacina provoca escrotidão*. A manchete fictícia é uma referência à decisão do *Facebook* e do *Instagram* que retiraram do ar uma *live* na qual Bolsonaro indicou a existência de uma relação entre a vacina contra a Covid-19 e a AIDS. O conteúdo não foi removido do *Twitter*, mas indicado como enganoso pelo microblog. Em 21 de outubro, o então presidente divulgou esta *fake news* que sugeria que um relatório oficial do Reino Unido - por isso o gancho usado pelo humorístico - teria indicado que pessoas que completaram o esquema vacinal, estariam desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

A manchete é fictícia porque não existe nenhum estudo inglês que aproxime a falta de vacina a um comportamento digno de reprovação. Por outro lado, é a ligação proposta pelo humorístico entre a ausência de vacina, o termo ‘escrotidão’ e uma fotografia de Bolsonaro que remete ao elemento cômico, à dessacralização e à relativização de discursos do político. A piada não afirma que Bolsonaro é mau caráter e desonesto, mas esta analogia é possível, enquanto sugestão, pelo fato dele não ter tomado vacina e, principalmente, pelo uso de uma fotografia extraída da própria transmissão simultânea. A linguagem empregada é o agente principal para o destronamento do ex-presidente e a contestação de sua autoridade. É importante ressaltar que esta sátira faz referência a dois problemas graves e recentes: a pandemia e a disseminação de notícias falsas.

O mês de outubro ganhou destaque também pelo encerramento da CPI da Covid. De acordo com informações divulgadas pela Agência Senado, o documento, composto por 1.180 páginas, assinado pelo senador Renan Calheiros (MDB-AL), recomendou o indiciamento de 66 pessoas físicas, entre elas o então presidente Jair Bolsonaro, e duas pessoas jurídicas. O indiciamento levou em consideração a conduta desses agentes durante o ponto alto da pandemia, a partir da postura negacionista quanto às vacinas e à disseminação do vírus, além

das suspeitas de corrupção nas tratativas para a compra de imunizantes pelo Ministério da Saúde. O relatório menciona, ainda, que pessoas teriam perdido a vida no Brasil em virtude da adoção de tratamentos sem respaldo científico. A postagem *Relatório final da CPI é entregue em arquivo Word para ser atualizado diariamente com crimes de Bolsonaro* (31 de outubro de 2021) se vale do sarcasmo, mas em uma interpretação mais direta. O humorístico não esconde a crítica. O político não é definido apenas como negligente, mas como criminoso. Essa interpretação tem sua crítica potencializada por indicar um caráter de permanência (o uso do arquivo em um formato passível de inúmeras alterações) e constância (diariamente). Tal de efeito também pode ser influenciado pelo uso de uma fotografia oficial, na qual, em primeiro plano, está uma placa com o número atualizados de óbitos pela Covid-19 no Brasil até aquele momento.

6.20. Novembro de 2021 - Bolsonaro de olho nas eleições

Em novembro de 2021, o *Sensacionalista* abordou a pandemia de Covid-19 em duas postagens. Uma delas integra essa análise. Naquele mês, o Brasil ultrapassou os EUA em porcentagem de vacinação completa contra a Covid-19, com 59,8% da população imunizada. Além disso, no mesmo mês, foi detectada pela OMS mais uma variante do coronavírus. A ômicron foi responsável por um novo aumento nos casos em todo o país, mas também no mundo. A maior preocupação deu-se pelo fato dessa variante ser mais transmissível. De acordo com informações divulgadas pelo *Instituto Butantan*, a variante ômicron possui mais de 30 mutações na proteína Spike, que é responsável por transportar o vírus para o interior do corpo do hospedeiro. Ainda quanto à alta transmissibilidade, vale ressaltar que pouco tempo depois, em janeiro de 2022, a nova variante já era responsável por 97% dos casos confirmados no país. A gravidade só não foi maior porque as vacinas são eficazes contra a ômicron. Até fevereiro de 2022, o que se sabia sobre essa variante:

Segundo dados do Painel Coronavírus, do Ministério da Saúde, entre 26/12/2021 e 1/1/2022 foram registrados 22.283 novos casos de Covid-19 no Brasil e 670 óbitos. Um mês depois, entre 23 e 29/1, já sob o efeito da disseminação da ômicron, foram 1.305.447 novos casos e 3.723 mortes. Ou seja: o número de casos aumentou 58 vezes, enquanto o crescimento na quantidade de mortes foi de cinco vezes. Especialistas são unânimes em atribuir essa diferença à vacinação: 70% da população brasileira já completou o esquema vacinal inicial contra a Covid-19. De acordo com pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), quase todas as mutações encontradas na ômicron, exceto uma, haviam sido identificadas anteriormente em outras cepas, o que explica por que as vacinas têm sido eficazes contra ela. (BUTANTAN, 2022).

Naquele momento, Bolsonaro enfrentava os desdobramentos políticos e econômicos de uma crise que começou na área da saúde. O político, que chegou ao Palácio do Planalto se dizendo contrário à reeleição, começou a imprimir um tom de campanha em seu discurso logo nos primeiros meses. Menos de um ano antes das eleições presidenciais, as pesquisas apontavam frequentes quedas na popularidade do então presidente. Esse foi o argumento usado pelo *Sensacionalista* na postagem *Pesquisa eleitoral mostra que Covid deixou Bolsonaro em estado grave* (14 de novembro de 2021), disposta na figura 68. Novamente, o ponto de partida foi a pandemia do coronavírus, mas com aspectos que atingiam o desejo de continuidade do político. A noção de *gravidade* nesse enunciado não está relacionada à questão da saúde, mas à popularidade de Bolsonaro. Trata das chances que o então presidente teria para ser reeleito e permanecer no cargo. De acordo com a pesquisa Atlas, em novembro de 2021, 29,3% dos brasileiros aprovavam a administração federal, o que na prática representa menos de um terço dos eleitores. Apenas 19% consideravam a gestão de Bolsonaro ótima ou boa.

Figura 69 - Bolsonaro e as eleições de 2022



Reprodução de postagens realizadas em novembro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

6.21. Dezembro de 2021

No último mês em que o conteúdo postado pelo *Sensacionalista* foi analisado na presente pesquisa, foram realizadas oito postagens relacionadas à pandemia. Das quais quatro foram selecionadas para a análise. *Solução para o Brasil é exigir passaporte vacinal para ocupar o Planalto, diz infectologista* (12 de dezembro de 2021) subverte a autoridade de Jair Bolsonaro. Não há uma negação do fato de que, à época, ele era presidente da República, mas a paródia contesta a sua capacidade de permanecer em tal cargo. Ao menos dois efeitos de

sentido decorrem desse processo, como a solução para tirar o político do cargo: a interrupção do mandato ou uma derrota nas urnas. Ao, hipoteticamente, aprovar a exigência de um passaporte para ocupar o Palácio do Planalto, local de trabalho do ex-presidente da República, o humorístico criava um cenário no qual o político não teria condições para seguir no cargo. Foi justamente esta possibilidade que assumiu um efeito transgressivo: a proposta de uma exigência que o militar da reserva não era capaz de cumprir naquele momento.

A narrativa é sarcástica e, por isso, alcança a comicidade: ao mencionar que a exigência do passaporte vacinal foi sugerida por um especialista, o humorístico recorre a um argumento de autoridade, um recurso frequentemente usado no jornalismo. Ou seja, alguém com amplo conhecimento no tema em questão foi consultado. Um efeito de sentido semelhante é resultante em *Maioria quer que seja exigido passaporte vacinal para entrar em 2022* (26 de dezembro de 2022). Essa postagem se projeta contra todos aqueles que não haviam optado pela imunização, incluindo Bolsonaro. A sátira é incongruente porque não existem mecanismos legais que possibilitem essa seleção. A partir dessa possível seleção, Bolsonaro não entraria em 2022, por exemplo. As postagens estão disponíveis abaixo, na figura 70.

Figura 70 - Passaporte vacinal, relação com Queiroga e atrito com a Anvisa



Reprodução de postagens realizadas em dezembro de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Bolsonaro já ensinou Queiroga a repetir o que ele fala e agora vai ensinar a dar o pé (20 de dezembro de 2021) expressa uma crítica contundente ao ex-ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, ao passo que ele é desumanizado. A descrição usada como determinante para a sátira está relacionada ao adestramento de cães, à obediência aos comandos ensinados pelo tutor. Se o cardiologista está na condição de adestrado, o uso do verbo *repetir* estende a crítica a Bolsonaro. O ex-presidente dita as regras porque também age dessa forma.

Ainda que tenha sido anunciado como um quadro técnico, em um momento em que Bolsonaro tentava remediar os efeitos de sua postura declaradamente negacionista, o especialista não representou uma guinada no Ministério da Saúde. No final de setembro, durante viagem oficial a Nova York, o cardiologista foi flagrado fazendo um gesto obsceno. Ele mostrou o dedo médio para manifestantes que protestavam em frente à residência da Missão Brasileira junto à ONU. Além disso, no início de 2022, o ministro do STF, Gilmar Mendes, encaminhou um pedido à Procuradoria-Geral da República para que o então ministro da Saúde fosse investigado por suspeita de prevaricação e infração de medida sanitária preventiva. A denúncia dizia respeito à demora para que a pasta reestabelecesse o acesso ao sistema do Ministério da Saúde. A página enfrentava uma série de instabilidades após ter sido invadida por um hacker no final do ano anterior. A indicação é que a ausência de dados dificultava o efetivo combate à pandemia.

Ainda que em janeiro de 2022, o então ministro ter admitido que não havia evidência quanto à eficácia da cloroquina para o combate à Covid, poucos dias após um secretário da pasta ter divulgado uma nota técnica recomendando o uso do remédio, ele recebeu críticas de especialistas por sua conduta frente ao Ministério da Saúde. Por exemplo, meses antes, em setembro de 2021, a pasta alterou as diretrizes quanto à vacinação de adolescentes entre 12 e 17 anos sem comorbidades contra a Covid-19. O imunizante havia sido recomendado, depois foi desaconselhado. A decisão contrariava as indicações da Anvisa e surpreendeu os secretários municipais e estaduais de Saúde.

Em dezembro de 2021, a Anvisa liberou a vacinação de crianças e adolescentes com o imunizante da Pfizer. A medida abrangia a faixa etária dos 5 aos 11 anos. As crianças foram o último grupo social a ter a vacinação contra a Covid-19 liberada. Assim como se deu desde o início da pandemia, a decisão dos técnicos da agência reguladora motivou um novo episódio de politização. Bolsonaro passou a exigir em falas públicas que os nomes dos técnicos responsáveis pela liberação do imunizante para as crianças fossem divulgados. A atitude, que foi repetida por Queiroga, motivou a indignação de lideranças políticas, como o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que prestou solidariedade aos servidores da agência. Não há dúvidas de que a divulgação dos nomes dos servidores responsáveis pela liberação do imunizante poderia ter graves consequências. Rapidamente, essas informações passariam a ser de conhecimento das milícias digitais ligadas à extrema direita nacional.

O humorístico, dessa forma, subverteu o argumento de Bolsonaro e de Queiroga ao publicar *Técnicos da Anvisa exigem saber o nome de quem está governando o Brasil* (23 de dezembro de 2021). A sátira remete à ausência. Se a pressão contra a Anvisa se projetava

contra aquilo que não era conhecido, em uma pretensa alegação de transparência, na manchete ela se volta contra a incompetência. Tal enunciado é comumente utilizado em um caráter contestatório; em uma tentativa de identificar o responsável pelo erro...

6.22. Afinal, qual o discurso do *Sensacionalista* quanto à pandemia?

A partir da análise de dois anos de publicações do *Sensacionalista* relativa à pandemia de Covid-19, verificou-se que a crise sanitária foi tratada como um momento de exceção, marcado pelo risco da disseminação de um vírus até então desconhecido, agravado pela pressão sobre o sistema de saúde e o negacionismo do Governo Federal. Conforme já disposto ao longo das reflexões, as publicações do humorístico reproduziam as indicações das autoridades sanitárias, com a finalidade de difundir a adoção de protocolos para o controle da doença. Avalia-se que o humorístico tratou a pandemia com seriedade, retratando os riscos daquele momento. Ainda que a ambiguidade seja relevante para a construção discursiva do *Sensacionalista*, não houve a produção de argumentos que pudessem deliberadamente confundir os leitores.

O assunto, pandemia, foi abordado pela página não apenas nas manchetes satírico-ficcionais, mas em vídeos, memes e a partir de outros recursos discursivos. Ainda que o deboche seja uma característica essencial para o funcionamento do *Sensacionalista*, o seu uso em enunciados relativos à pandemia não tomou como alvo eventuais pacientes ou o protocolo para o controle da doença. A sátira foi direcionada às lideranças políticas, como uma crítica à forma como o Ministério da Saúde era conduzido. De maneira recorrente, a página atualizava quanto ao número de mortos e chegou a divulgar ações assistenciais realizadas naquele momento.

O então presidente Jair Bolsonaro se apresentou como o alvo prioritário dos argumentos do *Sensacionalista* durante a crise sanitária. O humorístico atribuiu a Bolsonaro a responsabilidade pelo impacto do coronavírus no Brasil. Mas outras lideranças políticas também foram citadas. Considerando as postagens aqui analisadas, o humorístico adotou uma conduta diferenciada na forma como representou os quatro ministros que comandaram a pasta na gestão do capitão da reserva. Luiz Henrique Mandetta foi apresentado como o adversário de Bolsonaro. O humorístico deu mais destaque ao seu processo de demissão do que, propriamente, ao seu desligamento. Em um cenário marcado por intensa polarização, o discurso da página não foi de ampla adesão a Mandetta, mas de oposição a Bolsonaro. Até

mesmo pela forma como o político se posicionou na pandemia, qualquer conduta que respeitasse os preceitos científicos, estaria em contrariedade a Bolsonaro.

O segundo ministro, Nelson Teich, mal chegou a ser mencionado. O oncologista, um quadro técnico, sem experiência política, permaneceu menos de um mês no cargo. Não é possível afirmar, com precisão, por qual motivo não houve citação ao oncologista. Também não faz sentido pensar nessa condição a partir da lógica do silenciamento, avalia-se a inexistência de motivos para isso. Mas essa condição mostra que a relação referencial com o jornalismo não se dá a partir dos critérios aqui pensados originalmente. Há uma relação de proximidade com o conteúdo presente nos noticiários, mas não há a mesma rigidez em acompanhar os desdobramentos dos fatos como em um trabalho jornalístico.

Quanto a Teich, o ministro tomou posse em 17 de abril e deixou o cargo em 15 de maio. Nesse intervalo, ao menos 22 postagens foram realizadas abordando a pandemia. Houve apenas uma menção a ele, mas de maneira indireta, que se deu no dia em que ele pediu demissão, como pode ser visto na figura 71. O nome do médico não foi citado, mas uma fotografia, na qual ele está ao lado de Bolsonaro, foi utilizada para a construção do argumento. Após divergir do então presidente quanto ao uso da cloroquina no tratamento da Covid-19 e à definição das atividades essenciais durante o período de crise, Teich deixou a administração federal com uma frase de efeito e poucas explicações: "A vida é feita de escolhas. E hoje eu escolhi sair" (TEICH, 2020). Entretanto, o próprio humorístico transformou a ausência em sátira, ao citar o depoimento do ex-ministro na CPI da Covid, em maio de 2021:

Figura 71 - Nelson Teich e a falta de representação



Reprodução de postagens realizadas em maio de 2020 e maio de 2021. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Quanto à ausência de Teich, não faz sentido pensar que a abordagem foi o resultado do pouco tempo em que ele permaneceu frente à pasta, já que *a priori* essa informação era desconhecida. A própria alternância no comando do ministério central para o enfrentamento à Covid-19, tema que foi debatido posteriormente, poderia ter fomentado publicações nesse contexto. Além disso, em 11 de maio, o então ministro foi avisado por jornalistas, em uma coletiva de imprensa na qual atualizava os números da pandemia, que Bolsonaro havia incluído os serviços de salão de beleza, barbearia e academia como atividades essenciais. Ainda que Teich tenha justificado a decisão como uma atribuição do presidente, ele, enquanto titular da Saúde, deveria ter conhecimento da medida, ainda que não concordasse... Certamente, o desconhecimento do especialista poderia ser um gancho interessante para a página. Causa certo estranhamento também a postagem da direita, na qual, apesar da gravidade daquele momento, o então ministro da Saúde participar de um evento público, ao lado do presidente, sem fazer uso de máscara, condição que também poderia ter sido explorada.

Pondera-se, no entanto, que essa falta de representação de Nelson Teich é um indicador que não enfraquece a condição paródica do formato com o jornalismo, entretanto confirma, o que já foi anteriormente apresentado, que a página não tem a responsabilidade de informar. Mais do que isso, o noticiário diário é uma referência ao humorístico, mas não é a única pauta aos conteúdos que serão satirizados. O *Sensacionalista*, até mesmo para viabilizar a produção das manchetes satírico-ficcionais, não assume a mesma frequência de veiculação dos noticiários. Em um contexto em que os fatos se sobrepõem, não mencionar determinado assunto pode comprometer a própria forma como o tema é significado. E alguns assuntos, como a troca ou a demissão de um ministro, em um contexto de crise, são relevantes para o jornalismo, mas também podem ser para o humor, principalmente para um formato como o em questão. Ainda nessa tentativa de entender o eventual impacto dos assuntos que são tomados como referência para as sátiras, vale ressaltar, mais uma vez, que não é a função do *Sensacionalista* informar, já que ele é um formato humorístico, mas o próprio humor, enquanto gênero, possui traços informativos. Além disso, a página exige que o seu leitor esteja informado. Simbolicamente, o *Sensacionalista* estabelece uma relação de confiança com o jornalismo tradicional: é preciso que ele informe para que a sátira faça sentido.

O humorístico não informa, mas pode ser considerado como uma fonte importante para a percepção do contexto político brasileiro. Ainda que um dos redatores do projeto, Marcelo Zorzanelli, tenha destacado que não acredita que as postagens do *Sensacionalista* possam motivar uma mudança de opinião dos leitores, ele pode ser reconhecido como um possível ponto de influência, pode ajudar a formar uma determinada visão política. Pode ser um mediador sociocultural nesse aspecto. Não há como separar a relação entre a página e os acontecimentos do cenário político. Até por isso, ainda que não assuma uma frequência de produção diária, as postagens do *Sensacionalista* devem ser, necessariamente, lidas na lógica da efemeridade.

Pensando nas charges, Rozinaldo Miani (2012, p.39) ponderou a existência de uma dualidade no próprio formato: a charge “geralmente é esquecida quando o acontecimento a que se refere se apaga de nossa memória individual ou social (porém, ela permanece viva enquanto memória histórica).” Conclui-se que essa condição também está presente nas manchetes satírico-ficcionais. O conteúdo do *Sensacionalista* parte de um acontecimento, está relacionado com a História. Ainda que o desfecho tenda à incongruência, via de regra, há um fator de motivação real. Considerando o contexto imediato em que a sátira é publicada, ela atua como um formato comunicativo. Mas com o passar do tempo, com a sucessão de acontecimentos, com o próprio desdobramento dos fatos, é possível que o leitor se esqueça da razão que motivou aquela crítica. A exemplo do que aconteceu no desenvolvimento dessa reflexão, é necessária a pesquisa ou a consulta a outras fontes. Ainda assim, as manchetes satírico-ficcionais devem ser compreendidas como formatos comunicacionais, com características documentais. Eles trazem em si características do momento histórico em que foram produzidos.

Voltando a representação dos ministros, o sucessor de Teich, Eduardo Pazuello, e o cardiologista Marcelo Queiroga foram representados como submissos ao então presidente, uma espécie de operacionalizadores da política negacionista. Os dois ministros foram representados como seguidores dos preceitos anticientíficos de Jair Bolsonaro. Em suma, o humorístico manteve uma mesma linha argumentativa durante a pandemia. Foi percebido, com o passar dos meses, uma espécie de reforço discursivo, a partir de relações intertextuais e interdiscursivas. Alguns argumentos foram retomados ao longo dos meses. Ainda que a presente análise tenha se detido às postagens que citavam diretamente o então presidente Jair Bolsonaro, o humorístico também criticou posturas coletivas, como as tentativas de furar fila logo no início da política de vacinação, o desrespeito às medidas não profiláticas e a recusa a determinados tipos de imunizante. Não é exagero avaliar que o discurso do *Sensacionalista*

quanto à pandemia passa pela análise de que a crise sanitária no Brasil foi marcada por erros de condução, o que gerou desdobramentos bastante expressivos na economia e na política.

6.23. Bolsonaro: de bufão a Capitão Cloroquina

Eliane Brum (2019) destaca que Jair Bolsonaro passou quase três décadas no Congresso Nacional, mas sem obter o respeito ou o reconhecimento dos seus pares. Para dimensionar ao leitor como ela avalia a atuação do parlamentar no Congresso, a jornalista se vale das expressões *baixo clero* e *bufão*, como já mencionado. Ainda que no Brasil a classe política desperte certa desconfiança em uma parcela representativa da população, tais termos significam e não foram escolhidos gratuitamente. Brum (2019, p. 225) descreve Bolsonaro como um sujeito mediano, “um homem que não pertence às elites políticas, econômicas ou intelectuais nem fez nada de excepcional.” Nesse sentido, avalia-se uma proximidade com o discurso presente no humorístico e em outros setores da sociedade. O contexto de divisão política tem reflexos práticos na produção de discursos e na forma como esses dizeres se confrontam socialmente.

Tanto as definições presentes em Brum quanto as sátiras apresentadas no *Sensacionalista* caminham em sentido oposto aos pronomes de tratamento direcionados ao presidente da República, que seguem na ordem da distinção e do reconhecimento. Vale lembrar que, conforme Eni Orlandi (2017, p. 298), “as palavras não significam por si mas pelas formações discursivas (ideologia) em que se inscrevem”. A representação de Bolsonaro no humorístico no contexto de pandemia é influenciada por tudo aquilo que foi dito sobre o político muito antes dele chegar ao Palácio do Planalto. O discurso é uma prática coletiva e não finalizada. Exemplo disso são as investigações envolvendo o ex-presidente e seus aliados. Todo esse processo vai interferir no discurso relacionado a Bolsonaro e a sua gestão, inclusive com a possibilidade de ressignificações. O campo político é o campo também das disputas discursivas.

Apesar da virada de chave, da ascensão do capitão da reserva e de outros políticos ultraconservadores e da crise de representatividade no campo político nacional que resultaram na eleição de Jair Bolsonaro à Presidência, a jornalista manteve a sua avaliação. Um posicionamento semelhante pode ser lido no *Sensacionalista*. Ao passo que Bolsonaro em 2018 não representava, efetivamente, uma renovação no campo político, sua imagem já chegou ao Palácio do Planalto carregada de significação. Para entender o que a metáfora do bufão significa, é importante recorrer a Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002, p. 28), que

afirmam: “O bufão é a inversão do rei, o grotesco é o belo de cabeça para baixo”. Ao ser apresentado como o inverso do rei, a percepção se aproxima do bobo. Se ao rei cabia a máxima autoridade em uma sociedade estamental, ao bobo não cabia autoridade nenhuma. Não parece exagero aproximar essa percepção à leitura de um político sem legitimidade, uma espécie de um falso representante público.

A imagem de Bolsonaro no Parlamento é indissociável ao modo de fazer política do Centrão: bloco que reúne partidos nanicos. Individualmente, as siglas não se impõem no dia a dia da Câmara dos Deputados, mas a ação coletiva representa um número expressivo de parlamentares, o que pode garantir a maioria ao Governo na aprovação de pautas importantes. Fisiologismo é um conceito necessário para entender o Centrão e, por decorrência, Jair Bolsonaro. Por mais que abertamente o *Sensacionalista* não se valha do conceito de bufão para se referir a Bolsonaro, a forma como a representação do então presidente se deu ao longo da pandemia de Covid-19 se aproxima dessa lógica. Não há reconhecimento de autoridade na figura de Jair Bolsonaro, o uso da expressão *presidentinho* embasa essa conclusão. As transgressões à figura do político são as mais diversas. Em um exercício de contextualização, que objetiva garantir o bom funcionamento do argumento satírico, o humorístico se vale, na maioria das vezes, de palavras próximas ao campo semântico do fato de referência. Dessa forma, expressões que tornaram-se conhecidas no contexto da Covid-19 foram usadas para a construção das manchetes satírico-ficcionais.

Ao longo da pandemia, o ex-presidente foi comparado *a um vírus e a uma variante da Covid-19; chamado de presidentinho, de verme e de Capitão Cloroquina; Bolsonaro foi descrito como genocida, como trabalhador não essencial no período da pandemia e como servidor público assintomático; o ex-presidente foi apontado como contrário às vacinas; o humorístico ainda indicou que o político teria faltado com a verdade em pronunciamentos oficiais e também foi responsabilizado por causar 500 mil mortes*. Todas essas referências à figura de Bolsonaro não constituem uma exclusividade do *Sensacionalista*, o que nos remete à intertextualidade e à interdiscursividade. A diferença aqui se dá na forma como tais críticas foram apresentadas, por se tratar de um formato humorístico. Avalia-se que o teor dos argumentos projetados contra o ex-presidente assumem um tom de escárnio, destituindo Bolsonaro de toda a prerrogativa do cargo que ocupava.

Entre fevereiro de 2020 e dezembro de 2021, o humorístico reforçou a noção de que o ex-presidente foi o responsável pelo avanço da pandemia no país. O ponto mais abordado pela página diz respeito ao negacionismo de Bolsonaro, sua fixação pela cloroquina e aversão pela vacina. A relação com o medicamento foi referendada de várias formas: além do incentivo do

uso, o *Sensacionalista* se valeu do tom hiperbólico ao mencionar que a imagem do então presidente passaria a ser reproduzida nas embalagens da medicação e que o político iria sugerir a substituição do arroz pela cloroquina. Tais argumentos são facilmente percebidos a partir da sua caracterização conotativa, mas essa hipérbole só faz sentido porque, de fato, Bolsonaro associou o uso da cloroquina à sua imagem.

6.24. A construção de imagens no discurso

Ainda nesse sentido, por se tratar de uma pesquisa que objetiva identificar, entre outros aspectos, como se deu a representação do então presidente Jair Bolsonaro, é interessante entender como declarações polêmicas proferidas pelo político foram representadas no *Sensacionalista*. Talvez a principal delas, a frase “Não sou coveiro, tá?” (BOLSONARO apud GOMES, 2020), proferida quando o político foi questionado por um jornalista, em 20 de abril de 2020, quanto às mortes registradas pela Covid-19, não ganhou um destaque direto no humorístico⁸⁷. Ou, se o tema foi abordado, ele não está disponível no *feed* do Instagram, que foi tomado como a fonte de coleta das publicações. O assunto foi mencionado em 24 de abril, mas direcionado a comentar o pedido de demissão do então ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, uma espécie de recontextualização argumentativa. A frase foi mencionada como uma declaração do ex-juiz, já que ele deixou o cargo com acusações contra Bolsonaro, alegando tentativa de interferência na Polícia Federal, como apresentado na figura 72, disposta abaixo:

Figura 72 - Recontextualização argumentativa

⁸⁷ Naquele momento o país se aproximava dos 2600 óbitos por complicações da doença.



Reprodução de postagem realizada em 24 de abril de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Ainda no mês de abril, no dia 28, Bolsonaro, mais uma vez ao ser questionado quanto ao número de mortos por complicações do coronavírus zombou, em alusão ao próprio sobrenome, “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (BOLSONARO apud GARCIA; GOMES; VIANA, 2021). Esse assunto foi abordado pelo humorístico, não a partir de manchetes satírico-ficcionais, mas como outros formatos dispostos nas redes sociais. Além das imagens abaixo, reunidas na figura 73, a página ainda postou um vídeo no qual sugere como seria se líderes históricos, como Martin Luther King, tivessem respondido da mesma forma que Bolsonaro⁸⁸.

Figura 73 - “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”



Reprodução de postagens realizadas em abril de 2020. Fonte: Instagram oficial do Sensacionalista

Assim, o discurso do *Sensacionalista* quanto à conduta de Bolsonaro na gestão da pandemia de Covid-19 produz inúmeros efeitos de sentido que o colocam na condição de

⁸⁸ O vídeo está disponível em: https://www.instagram.com/p/B_k8d_vJZHT/. Acesso em agosto de 2023.

responsável pela crise de saúde pública, que se desdobrou em impactos políticos e econômicos. O ex-presidente foi apresentado um líder negacionista, um político incapaz, um gestor incompetente e, até mesmo, desumano, já que, em mais de uma ocasião, foi chamado de genocida.

7. CONCLUSÕES

A partir da presente pesquisa, verificou-se que o *Sensacionalista* produziu conteúdos humorísticos relacionados à pandemia de Covid-19 em conformidade com a periodicidade seguida pelos noticiários. Como o formato se efetiva a partir da paródia noticiosa, aqui chamada de manchetes satírico-ficcionais, essa característica é importante para que o leitor consiga perceber a intertextualidade entre o formato e o jornalismo diário. Além disso, ainda que a sátira possa ser definida pelo uso *não sério* da linguagem, a partir de um predomínio do aspecto conotativo, o humorístico, à sua maneira, estabeleceu uma relação interdiscursiva com a Ciência, por exemplo, no que diz respeito à gravidade do coronavírus. Aqui é importante ressaltar que essa aproximação não se deu na forma, mas na intencionalidade.

Por mais que o humorístico tenha tomado como base os fatos divulgados pelos principais noticiários quanto à Covid-19, vale ressaltar que, alguns pontos marcantes não foram abordados. Ainda que a página já tivesse mencionado a circulação do coronavírus pelo mundo em fevereiro de 2020, as primeiras confirmações no Brasil não foram mencionadas. Avalia-se que talvez haja uma percepção de que o tema possa parecer delicado, por isso a opção em não abordar. No entanto, logo no início daquele mês, talvez a manchete satírico-ficcional que adote, em certa medida, um tom menos cuidadoso com a crise sanitária já havia sido publicada. Em 01 de fevereiro, a página publicou *Lentidão nos Correios fará vírus chegar ao Brasil só após fim da epidemia*. É possível traçar um paralelo entre a compra de produtos da China e a disseminação do vírus, já que os primeiros casos no mundo foram registrados em Wuhan. Ainda que o foco não seja a doença, identifica-se um efeito de sentido que pode se aproximar da compreensão de que os produtos chegariam infectados ao Brasil. Considera-se que para alguns leitores essa mensagem possa se aproximar com as perspectivas que apontam uma responsabilidade do país quanto à doença, em um caráter preconceituoso. No entanto, é importante abrir espaço ao contraditório até porque, três dias depois, em 04 de fevereiro, foi publicado o seguinte argumento: *Coronavírus prova que Brasil é inclusivo: é racista contra negros e também asiáticos*. Justamente, uma crítica à tal conduta.

Outro tema importante e que, acredita-se, poderia ter sido mais bem trabalhado nas postagens do *Sensacionalista* foi a primeira troca no comando do Ministério da Saúde, ainda em abril de 2020. O humorístico deu mais destaque à tensão entre Bolsonaro e Mandetta do que à demissão do ortopedista. Ao longo das postagens realizadas no início de abril, a página utilizou como metáfora o *reality show Big Brother Brasil*, referenciando as próprias etapas do jogo, como a busca pela liderança, as provas de resistência e a eliminação. No entanto,

quando o então ministro foi efetivamente demitido, o assunto não veio à tona como o esperado. Com a saída de Mandetta, a chegada de Nelson Teich não foi referenciada. Ainda que a gestão do então ministro não tenha durado um mês, a menção mais direta ao oncologista foi realizada cerca de um ano depois, durante depoimento prestado por ele na CPI da Covid-19. Desta forma, há uma relação de aproximação com a temporalidade adotada no jornalismo, não de equivalência. Como o humorístico não tem a finalidade de informar, em determinados momentos ele não se obriga a seguir todos os desdobramentos de um fato. Conclui-se que os critérios que determinam a escolha temática do *Sensacionalista* passam pela noticiabilidade, mas não se limitam a ela. Além disso, por ser um formato humorístico, existe a necessidade de adequar o conteúdo à sátira, bem como a necessidade de pensar na página como um formato comercial, que busca cliques e engajamentos, como forma de atrair anunciantes.

Constatou-se que as manchetes satírico-ficcionais são formatos que mesclam realidade, ficção, sátira e opinião. Via de regra, principalmente nas construções que abordam a política, a equipe do *Sensacionalista* parte de informações que são de conhecimento público – o que foi apresentado aqui como elemento referencial. A partir daquilo que os leitores já conhecem, o humorístico, muitas vezes, por meio da incongruência entre o texto e a imagem, constrói a sátira. Enquanto a linguagem pode se aproximar do absurdo, a fotografia é oficial; muitas vezes presente no jornalismo tradicional. Neste sentido, o objetivo para publicações futuras é abordar mais profundamente a relação intertextual estabelecida entre texto e imagem no *Sensacionalista*. Avalia-se, como apresentado no decorrer desta reflexão, que o uso de imagens semelhantes às aquelas que estão nos noticiários, é fundamental para a construção dos argumentos.

Verificou-se que o humorístico é um formato que pode ser classificado como carnavalesco, seguindo a perspectiva de Mikhail Bakhtin. As manchetes satírico-ficcionais do *Sensacionalista* almejam a inversão da ordem social, a partir de um processo de ruptura. A linguagem é irônica, por ora sarcástica, aproximando-se, inclusive, do escárnio. A partir dessas características foi possível concluir de que forma *o jornal isento de verdade* apresentou Jair Bolsonaro ao longo dos dois primeiros anos de pandemia de Covid-19. As definições do então presidente variaram de *presidentinho* a *genocida*. As críticas a Bolsonaro foram construídas e discursivamente reforçadas, de maneira recorrente, pelo humorístico ao longo do período analisado, em um movimento intencional. É possível estabelecer uma espécie de acúmulo discursivo entre os distintos argumentos. Ainda no que diz respeito ao humorístico, também para análises futuras, verifica-se a necessidade de tensionar o papel político

desempenhado pelo *Sensacionalista*, considerando sua trajetória, seja como veículo independente ou como articulista em grandes grupos midiáticos.

O então presidente, a partir das 123 manchete satírico-ficcionais analisadas foi apresentado pelo humorístico como o principal responsável pela gravidade da pandemia no Brasil. Não se trata, neste sentido, de assumir um discurso inconsequente de negar a gravidade da pandemia em escala planetária, mas de mensurar que a conduta pessoal de Bolsonaro determinou a forma como o coronavírus foi combatido no país. Em outras palavras, o negacionismo foi o responsável por agravar o cenário. A decisão de Bolsonaro em negar as evidências científicas e em tratar a Covid-19 como uma *gripezinha* teve impactos na economia e, principalmente, na política. Bolsonaro entrou em guerra discursiva com os poderes Legislativo e Judiciário, bem como com Estados e Municípios. A crise sanitária reverberou em uma crise política e agravou a crise econômica.

A forma como Bolsonaro decidiu enfrentar a Covid-19 também desvelou uma guerra discursiva no Brasil, o que Eliane Brum (2019) chamou de *crise da palavra* e Lago (2022) de *império da opinião*. Ao longo do período analisado, e também para além dele – foi possível perceber que a pandemia se tornou um assunto político. O ex-presidente e seus aliados políticos conseguiram, em vários momentos, tratar a Ciência e a opinião da extrema direita como pontos equivalentes em uma mesma questão. Por mais que pesquisas realizadas no Brasil e em várias outras partes do mundo apontem que a cloroquina não é eficaz para o enfrentamento à Covid-19 e que pode provocar inúmeros e graves efeitos colaterais, este assunto ainda não foi superado. O mesmo paralelo pode ser traçado quando o assunto em questão é a eficácia das vacinas.

Quanto à construção do ato humorístico, a partir dos preceitos de Patrick Charaudeau, conclui-se que Bolsonaro foi tomado como alvo prioritário do *Sensacionalista* no contexto da pandemia. Essa percepção foi reforçada a partir da identificação da estratégia discursiva usada pelo humorístico: em vários argumentos, a página relacionou a pandemia a outros escândalos envolvendo Bolsonaro, como as suspeitas de *rachadinhas* e a sua aproximação e defesa de regimes ditatoriais e da tortura. Essa abordagem conjunta, que é uma postura política do humorístico, pode ser interpretada como um reforço discursivo ao leitor, rerepresentando qual é a imagem que *o jornal isento de verdade* tem do capitão da reserva.

Em linhas gerais, conclui-se que o *Sensacionalista* durante o período da pandemia de Covid-19 produziu um conteúdo humorístico, estruturado no escárnio, e projetado contra a figura de Jair Messias Bolsonaro. Neste processo, a página se aproximava do leitor, em uma tentativa de colocá-lo na figura de cúmplice, ao passo que se afastava do alvo. As críticas não

tiveram, a partir da análise aqui realizada, o objetivo deliberado de ironizar as vítimas ou de minimizar o cenário de crise sanitária. Os argumentos consideraram, em sua maioria como o Governo Federal, liderado por Bolsonaro, agiu para contornar a situação.

O humor produzido pelo *Sensacionalista* se configura como um formato curto. Ainda que haja um predomínio da linguagem conotativa, o escárnio reforça o caráter transgressivo. Assim como as manchetes jornalísticas almejam atrair o receptor para a leitura do texto, as manchetes satírico-ficcionais, que na maioria dos casos não contam com desdobramento, almejam, em poucas palavras alcançar a crítica política e, talvez, o riso.

REFERÊNCIAS

- ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579830259. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109119>.
- ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**: na história do pensamento. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- AMADO, Guilherme. **Sem máscara**: o governo Bolsonaro e a aposta pelo caos. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- AVRITZER, Leonardo. Política e antipolítica nos dois anos de governo Bolsonaro. In: KERCHÉ, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro**: retrocesso democrático e degradação política. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica**: a crise do governo Bolsonaro. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 7.ed. São Paulo/Brasília: Editora da Universidade de Brasília / HUCITEC, 2010.
- BERGER, Peter T. **O riso redentor**: a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.
- BOLSONARO, J. **Pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro sobre crise do coronavírus. Cadeia Nacional de Rádio e Televisão**. 24/03/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em 31/03/2021.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Nota de esclarecimento do Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Marco/nota-de-esclarecimento-do-tribunal-superior-eleitoral>. Acesso em 10 de maio de 2020.
- BRASIL., Presidente. (2019-2022: Jair Messias Bolsonaro). **Discurso de abertura da 76ª Sessão da Assembleia-Geral da ONU**. Nova York, 20 set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qEd8Y0pi5_4. Acesso em junho de 2022.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. **Uma história cultural**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas**: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.
- CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CAPONI, Sandra. **Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal**. Scielo Brasil, Estud. av. 34 (99), May-Aug 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/?lang=pt#>. Acesso em 01 de junho de 2021.

CARMELINO, Ana Cristina (org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Des catégories pour l'humour ?** In: Revue Questions de communication n°10, 2006. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour,93.html>>. Acesso em 12 de jan. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l'humour. Précisions, rectifications, compléments. In: VIVERO GARCIA, María Dolores. **Humour et crises sociales. Regards croisés France-Espagne**, (pp.9-43), L'Harmattan, Paris, 2011. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour,274.html>>. Acesso em 19 de jan. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Le contrat de communication. Une catégorie qui interroge le droit à propos de l'humour. In: Arzoumanov A., Latil A. et Sarfati Lanter J., **Le démon de la catégorie. Retour sur la qualification en droit et en littérature**, Mare & Martin, Presses universitaires de Sceaux, 2017, p. 61-68., 2017. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Le-contrat-de-communication-Une.html>. Acesso em 15 de junho de 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. L'humour au risque de la diffamation. Quand la jurisprudence révèle les composantes de l'humour. In: Farhat M. (dir.), **Humour et identités dans l'espace public**. Nouveaux sentiers, Gafsa, ISEAH, 2015, p. 7-25., 2015. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-humour-au-risque-de-la.html>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise de discurso**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2020. DAHIA, Sandra Leal de Melo. A mediação do riso na expressão e consolidação racismo no Brasil. In: **Sociedade e Estado**. Brasília, vol.23 no.3, Set./Dez. 2008.

DAHIA, Sandra Leal de Melo. Riso: uma solução intermediária para os racistas no Brasil. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, ano 10, n.02, p.373-389, Maio/Ago. 2010.

DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente: nova direita e o bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

EAGLETON, Terry. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ECO, U. **Los marcos de la libertad cómica**. In: ECO, Umberto; IVANOV, V.V; RECTOR, Monica. ¡Carnaval! México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e Dialogismo. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FIGUEIRA, Filipo Pires. **Três faces das desnotícias: paródia, jornalismo e política nas publicações do The Piauí Herald**. Campinas, SP: Unicamp, 2019. Orientador: Sírío Possenti. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2020.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2020.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. São Paulo: Publifolha, 2006.

GERSON, Deborah Cattani. **Afinal, o que é pseudonotícia?** Um estudo sobre o The i-Piauí Herald, o Sensacionalista e o Laranjas News. Porto Alegre, RS: PUC, 2014. Orientador: Beatriz Dornelles. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

GOMES, Pedro Gilberto. **A midiatização em debate**. In: FERREIRA, Jairo (org) [et al]. **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização**. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2020. E-book. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1S9zOMFDji1OwFtdr0-QWVs52_TbAfhCo/view>. Acesso em 31 de mar de 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JOZEF, Bella. O espaço da paródia. **Tempo Brasileiro - Sobre a Paródia**, Rio de Janeiro, vol. 62, p.53-70, julho-setembro, 1980.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LAGO, Miguel. Como explicar a resiliência de Bolsonaro? In: STARLING, Heloisa M. **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MACEDO, José Rivair. **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Editora Unesp, 2000.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

metodológicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOBRE, Marcos. **Limites da democracia**: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2022.

NOBRE, Marcos. **Ponto final**: a guerra de Bolsonaro contra a democracia. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni P. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Educação em direitos humanos**: fundamentos teórico-

OYAMA, Thaís. **Tormenta**: o governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PIVA, Juliana Dal. **O negócio do Jair**: a história proibida do clã Bolsonaro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

POSSENTI, Sírío. **Cinco ensaios sobre o humor e a análise do discurso**. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2018.

POSSENTI, Sírío. **Humor, língua e discurso**. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2014.

POSSENTI, Sírío. **Os humores da língua**: análises lingüísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, Sírío. **Piadas são relevantes em estudos do funcionamento da linguagem**. Ciência Hoje, São Paulo, Vol. 30, n.176, outubro 2001.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

ROCHA, Arthur de Oliveira. **Paródia satírica e crítica midiática nas notícias fictícias do site Sensacionalista**. Natal, RN: UFRN, 2017. Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Furtado Veloso. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SALIBA, E. T. **História Cultural do Humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas**. Revista de História, [S. l.], n. 176, p. 01-39, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.127332. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127332>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da Bellé Épique aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALIBA, Elias Thomé; VIEIRA, Thaís Leão; ALMEIDA, Leandro Antonio de. **Além do riso**: reflexões sobre o humor em toda a parte. São Paulo: LiberArs, 2020.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro. MAUAD, 2022.

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.

TEFFÉ, Chiara Spadaccini de. Humor e liberdade de expressão: vale tudo?. In: **ITS Rio**. Disponível em: <https://feed.itsrio.org/humor-e-liberdade-de-express%C3%A3o-vale-tudo-3f3e2177b0cc>. Acesso em 05 de maio de 2021.

TEFFÉ, Chiara Spadaccini de. Humor e Responsabilidade: quem responde pelos excessos? In: **ITS Rio**. Disponível em: <https://feed.itsrio.org/humor-e-liberdade-de-express%C3%A3o-vale-tudo-3f3e2177b0cc>. Acesso em 05 de maio de 2021.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação** - mass media: contextos e paradigmas. Novas tendências. Efeitos a longo prazo, O newsmaking. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

Fontes noticiosas

"CAGUEI para a CPI", rebate Bolsonaro sobre carta enviada por senadores. **BAND** [uol], 08 de jul de 2021. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/caguei-para-a-cpi-rebate-bolsonaro-sobre-carta-enviada-por-senadores-16358833>. Acesso em 08 de jul de 2021.

"IMBROCHÁVEL, incomível e imorrível", diz Michelle sobre Bolsonaro. **Portal 360** [online], Brasília, 31 de mar de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/imbrochavel-incomivel-e-imorrivel-diz-michelle-sobre-bolsonaro/>. Acesso em 31 de mar de 2022.

9 em cada 10 brasileiros consideram grave a situação da pandemia de Covid-19 no Brasil, revela pesquisa da CNI. **Portal da Indústria** [online], Brasília, 03 de maio de 2021. Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/economia/9-em-cada-10-brasileiros-consideram-grave-a-situacao-da-pandemia-de-covid-19-no-brasil-revela-pesquisa-da-cni/>. Acesso em 03 de maio de 2021.

ALENCAR, Bruna de; VIDIGAL, Lucas. 'Erro', 'infelicidade' e 'lamento': decisão de Queiroga sobre vacinação de adolescentes é criticada. **G1** [online], Brasília, 16 de set de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/vacinas/noticia/2021/09/16/erro-infelicidade-e-lamento-decisao-de-queiroga-sobre-vacinacao-de-adolescentes-e-criticada.ghtml>. Acesso em 16 de set de 2021. .

AMATO, Fábio [et.al]. Dino discute com Moro, Flávio e do Val em audiência: 'Se o senhor é da SWAT, eu sou dos Vingadores'. **G1** [online], Brasília, 09 de maio de 2023. Acesso em 09 de maio de 2023.

AMATO, Fábio. Coronavírus: MP concentra no governo federal poder para restringir circulação de pessoas. **G1** [online], Brasília, 21 de mar de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/21/coronavirus-mp-concentra-no-governo-federal-poder-para-restringir-circulacao-de-pessoas.ghtml>. Acesso em 21 de mar de 2020.

ANDRADE, Fabiano. Teich deixa o Ministério da Saúde antes de completar um mês no cargo e após divergir de Bolsonaro. **G1** [online], Brasília, 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml>. Acesso em 15 de maio de 2020.

BANDEIRA, Karolini. Secretária do Ministério da Saúde afirma que negacionismo e baixa procura podem contribuir para mais desperdício de vacinas. **O Globo** [online], Brasília, 16 de mar de 2023. Disponível em: <https://12ft.io/proxy?q=https%3A%2F%2Foglobo.globo.com%2Fsaude%2Fnoticia%2F2023%2F03%2Fsecretaria-do-ministerio-da-saude-afirma-que-negacionismo-e-baixa-procura-podem-contribuir-para-mais-desperdicio-de-vacinas.ghtml>. Acesso em 16 de mar de 2023.

BARBARISMOS, barbáries e barbaridades. Carta Capital [online], São Paulo, 01 de mar de 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/barbarismos-barbaries-e-barbaridades/>>. Acesso em 10 de jul de 2023.

BOLSONARO diz a apoiador com cabelo 'black power': 'estou vendo uma barata. Hahaha'. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/06/bolsonaro-diz-a-apoiador-com-cabelo-black-power-es-tou-vendo-uma-barata.ghml>. Acesso em 06 de maio de 2021.

BOLSONARO faz piada de conotação sexual e constrange Moro em live. **Poder 360**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-faz-piada-de-conotacao-sexual-e-constrange-moro-e-m-live/>. Acesso em 05 de maio de 2021.

BOLSONARO ganha lata de leite condensado personalizada. **Tupi FM** [online], Rio de Janeiro, 23 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.tupi.fm/brasil/bolsonaro-ganha-lata-de-leite-condensado-personalizada/>>. Acesso em 23 de abril de 2023.

BOLSONARO quebra promessa e diz que não vai tomar vacina. **CNN**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-quebra-promessa-e-diz-que-nao-vai-tomar-vacina/>. Acesso em 15 de junho de 2022.

BOLSONARO teria sido chamado de 'psicopata' por Ludhmilla Hajjar; entenda. **IG** [online], 14 de mar de 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2021-03-14/bolsonaro-teria-sido-chamado-de-psicopata-por-ludhmilla-hajjar-entenda.html>>. Acesso em 14 de mar de 2021.

BRAGA, Maria José. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2019**. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf. Acesso em janeiro de 2020.

BRASIL chega a 500 mil mortos e Fábio Faria pede comemoração dos curados. **Estado de Minas** [online], Belo Horizonte, 19 de jun de 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/19/interna_politica,1278494/brasil-chega-a-500-mil-mortos-e-fabio-faria-pede-comemoracao-dos-curados.shtml>. Acesso em 19 de jun de 2021.

BRASIL é pior país do mundo na gestão da epidemia de Covid-19, aponta estudo australiano. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/28/brasil-e-pior-pais-do-mundo-na-gestao-da-epidemia-d-e-covid-19-aponta-estudo-australiano.ghml>. Acesso em 15 de junho de 2022.

BRUM, Eliane. **Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>. Acesso em 30 de maio de 2021.

COHEN, Sandra. Bolsonaro só perde para Maduro na gestão da pandemia, diz pesquisa. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2021/07/28/bolsonaro-so-perde-para-maduro-na-gestao-da-pandemia-diz-pesquisa.ghml>. Acesso em 10 de junho de 2022.

COM linguagem de 5ª série, Bolsonaro demonstra insegurança com o cargo, diz psicanalista. **Rede Brasil Atual** [online], São Paulo, 10 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/discursos-bolsonaro-demonstra-inseguranca-com-o-cargo-diz-psicanalista/>. Acesso em 10 de maio de 2023.

CORACCINI, Raphael. OMS: Hidroxicloroquina não funciona contra Covid-19 e pode causar efeito adverso. **CNN Brasil** [online], 02 de mar de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-cloroquina-nao-funciona-contr-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos/>>. Acesso em 02 de mar de 2021.

COSTA, Sylvio. Bolsonaro é apontado como o pior gestor da pandemia no mundo. Saiba por quê. **Congresso em Foco** [UOL]. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/bolsonaro-e-apontado-como-o-pior-gestor-da-pandemia-no-mundo-saiba-por-que/>. Acesso em 20 de junho de 2022.

COVID: cidades em que Bolsonaro venceu em 2018 tiveram maior taxa de mortalidade, revela estudo. **O Globo** [online], São Paulo, 16 de mar de 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/medicina/covid-cidades-em-que-bolsonaro-venceu-em-2018-tiveram-maior-taxa-de-mortalidade-revela-estudo-25434661>>. Acesso em 16 de mar de 2022.

CPI da Pandemia: principais pontos do relatório. **Agência Senado** [online], Brasília, 20 de out de 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/cpi-da-pandemia-principais-pontos-do-relatorio>>. Acesso em 20 de out de 2021.

CRISTOVÃO, Assunção. Paródia em Jornalismo: o caso do site Sensacionalista. In: **Jangada**, n. 16, p. 94-106, jun/dez, 2020.

DANTAS, Dimitrius. Após Ministério da Saúde defender cloroquina, Queiroga reforça que remédio não tem comprovação científica. **O Globo** [online], Brasília, 25 de jan de 2022. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/saude/apos-ministerio-da-saude-defender-cloroquina-queiroga-reforca-que-remedio-nao-tem-comprovacao-cientifica-1-25366485>>. Acesso em 25 de jan de 2022.

DE OLIVEIRA, Tânia Maria Saraiva. Com Bolsonaro, Brasil tem um governo em quarentena. **Brasil de Fato** [online], Brasília, 19 de mar de 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/03/19/com-bolsonaro-brasil-tem-um-governo-em-quarentena>>. Acesso em 19 de mar de 2020.

DIAS, Luiz Carlos. Momento Histórico: Tem início a vacinação contra a Covid-19 pelo mundo. **Jornal da Unicamp** [online], Campinas, 09 de dez de 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/momento-historico-tem-inicio-vacinacao-contr-a-covid-19-pelo-mundo#:~:text=A%20R%C3%BAssia%2C%20primeiro%20pa%C3%ADs%20a,pelo%20Centro%20de%20Pesquisas%20Gamaleya>>. Acesso em 09 de dez de 2020.

EM pronunciamento, Bolsonaro defende uso da cloroquina para tratamento do coronavírus. **Jornal Nacional** [online], Rio de Janeiro, 08 de abril de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/08/em-pronunciamento-bolsonaro-defende-uso-da-cloroquina-para-tratamento-do-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 08 de abril de 2020.

EPICENTRO de novo coronavírus migra para Europa, afirma OMS. **Agência Brasil** [online], Brasília, 13 de mar de 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/epicentro-de-novo-coronavirus-migra-para-europa-afirma-oms>>. Acesso em 13 de mar de 2020.

ESCÂNDALO do leite condensado no governo Bolsonaro chega às páginas do Le Monde. **UOL** [online], 30 de jan de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/01/30/escandalo-do-leite-condensado-no-governo-bolsonaro-chega-as-paginas-do-le-monde.htm>> Acesso em: 30 de jan de 2021.

ESTUDO aponta erros graves do governo brasileiro no combate à pandemia de Covid-19. **G1**.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/15/estudo-aponta-erros-graves-do-governo-brasileiro-no-combate-a-pandemia-de-covid-19.ghtml>. Acesso em 30 de maio de 2021.

FALHAS na resposta à covid-19 levam Brasil a catástrofe humanitária. Médicos Sem Fronteiras.

MSF. Disponível em:

<https://www.msf.org.br/noticias/falhas-na-resposta-covid-19-levam-brasil-catastrofe-humanitaria>. Acesso em 10 de julho de 2021.

FERNANDES, Samuel; MARTINS, Cristiano. Só 13% dos adultos tomaram reforço para Covid com vacina bivalente no país. **Folha de S. Paulo** [online], São Paulo, 18 de jun de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/06/so-13-dos-adultos-tomaram-reforco-para-covid-com-vacina-bivalente.shtml>>. Acesso em 18 de junho de 2023.

FLOR, Ana. Pronunciamento de Bolsonaro é repudiado nas redes sociais, aponta levantamento da FGV. **G1** [online], Brasília, 25 de mar de 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/blog/ana-flor/post/2020/03/25/pronunciamento-de-bolsonaro-e-repudiado-nas-redes-sociais-aponta-levantamento-da-fgv.ghtml>>. Acesso em 25 de mar de 2020.

FREITAS, Carolina; PERON, Isadora. Fox News sustenta que Eduardo Bolsonaro mudou versão sobre teste de coronavírus do pai. **Valor** [online], Brasília, 13 de mar de 2020. Disponível em:

<https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/03/13/fox-news-sustenta-que-eduardo-bolsonaro-mudou-verso-sobre-teste-de-coronavrus-do-pai.ghtml>. Acesso em 13 de mar de 2020.

GABRIEL, Ruan de Sousa. Yascha Mounk: “Bolsonaro cria desilusão com as instituições para fortalecer seu poder”. **Época**. Disponível em:

<https://epoca.globo.com/yascha-mounk-bolsonaro-cria-desilusao-com-as-instituicoes-para-fortalecer-su-poder-23646296>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. **G1**

[online], Brasília, 28 de abril de 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 28 de abril de 2020.

GARCIA, Sergio. Com humor que não toma partido, Sensacionalista vira fenômeno nas redes sociais.

Revista Época [online], Rio de Janeiro, 15 de abr de 2016. Disponível em:

<<https://epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2016/04/com-humor-que-nao-toma-partido-sensacionalista-vira-fenomeno-nas-redes-sociais.html>>. Acesso em 12 abr de 2023.

GOMES, Pedro Henrique. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. **G1** [online], Brasília, 20 de abril de 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 20 de abril de 2020.

GUERRA, Rayanderson. Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases. **O Globo** [online], 20 de mai de 2021. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>>. Acesso em 20 de mai de 2021.

IDOETA, Paulo Adamo. A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid. **BBC News Brasil** [online], São Paulo, 21 de mai de 2021. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>>. Acesso em 21 de mai de 2021.

IORY, Nicolas; TABAL, Flávio. Ipec: sob Lula, confiança dos brasileiros no presidente da República sobe ao maior nível desde 2012. **O Globo** [online], Rio de Janeiro, 18 de jul de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2023/07/ipecc-sob-lula-confianca-dos-brasileiros-no-presidente-da-republica-sobe-ao-maior-nivel-desde-2012.ghtml>. Acesso em 18 de jul de 2023.

IORY, Nicolas; TABAL, Flávio. Pesquisa Ipec: confiança em partidos políticos e no Congresso atinge maior patamar desde 2009. **O Globo** [online], Rio de Janeiro, 18 de jul de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2023/07/pesquisa-ipecc-confianca-em-partidos-politicos-e-no-congresso-atinge-maior-patamar-desde-2009.ghtml>. Acesso em 18 de jul de 2023.

JUNQUEIRA, Diego; CARDOSO, Joyce. Covid: Bolsonaro violou norma da Anvisa por 18 vezes ao defender cloroquina. **UOL** [online], 04 de ago de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/reporter-brasil/2021/08/04/bolsonaro-violou-norma-da-anvisa-ao-defender-cloroquina-para-covid.htm>. Acesso em 04 de ago de 2021.

LEVY, Bel. Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020. **Portal FioCruz**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>. Acesso de 15 de junho de 2022.

LINHA do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar** [online], Salvador, 19 de mar de 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 16 de abril de 2022.

LOPES, Raquel. Bolsonaro fez um post por semana em defesa do 'tratamento precoce' desde o início da pandemia. **Folha de S. Paulo** [online], Brasília, 23 de mai de 2021. Disponível em: <https://12ft.io/proxy?q=https%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Fpoder%2F2021%2F05%2Fbolssonaro-fez-um-post-por-semana-em-defesa-do-tratamento-precoce-desde-o-inicio-da-pandemia.shtml>. Acesso em 23 de mai de 2021.

MARINI, Luisa. Em 27 anos de Câmara, Bolsonaro prioriza militares e ignora saúde e educação. **Congresso em Foco** [UOL]. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/na-camara-bolsonaro-prioriza-militares-e-ignora-saude-e-educacao/>. Acesso em 01 de maio de 2021.

MARINS, Carolina. Bolsonaro e Alexandre Garcia usam estudo antigo para defender cloroquina. **UOL** [online], São Paulo, 22 de jan de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/01/15/bolsonaro-estudo-revista-cloroquina-agosto.htm>. Acesso em 22 de jan de 2021.

MARQUES, João Vitor. Mandetta recusa pedido de demissão de secretário: 'Estamos juntos e vamos sair juntos'. **Jornal Estado de Minas** [online], Belo Horizonte, 15 de abril de 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/15/interna_politica,1138917/mandetta-recusa-demissao-de-secretario-vamos-sair-juntos.shtml. Acesso em 15 de abril de 2020.

MATOSO, Filipe; GARCIA, Gustavo; LIS, Laís. 'Médico não abandona o paciente', diz Mandetta ao ser questionado se deixará o cargo. **G1** [online], Brasília, 03 de abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/03/medico-nao-abandona-o-paciente-diz-mandetta-ao-ser-questionado-se-deixara-o-cargo.ghtml>. Acesso em 03 de abril de 2020.

MENDONÇA, Ana. 'Capitão Cloroquina': ilustração de Bolsonaro viraliza nas redes. **Estado de Minas Gerais** [online], Belo Horizonte, 05 de fev de 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/02/05/interna_politica,1235446/capitao-cloroquina-ilustracao-de-bolsonaro-viraliza-nas-redes.shtml. Acesso em 05 de fev de 2021.

MILITÃO, Eduardo. Moto usada por Bolsonaro tem placa coberta; governo diz que ação foi legal. **UOL** [online], Brasília, 12 de jun de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/12/motociata-placa-coberta-jair-bolsonaro-sao-paulo-infracao-codigo-transito.htm>>. Acesso em 12 de jun de 2021.

MORENO, Jorge Bastos. Em vídeo de palestra, Bolsonaro diz que ter filha foi 'fraquejada'. **O Globo**. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/em-video-de-palestra-bolsonaro-diz-que-ter-filha-foi-fraquejada.html>. Acesso em 10 de maio de 2021.

NÃO vacinados representam 75% das mortes por covid-19, diz estudo brasileiro. **Instituto Butantan**. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/nao-vacinados-representam-75-das-mortes-por-covid-19-diz-estudo-brasileiro>. Acesso em 10 de junho de 2022.

NO dia do recorde de mais de 3 mil mortes por Covid, Bolsonaro vai à TV para prometer vacinas. **G1** [online], Brasília, 23 de mar de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/23/pronunciamento-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em 23 de mar de 2021.

OLIVEIRA, Joana. Aprovação ao Governo Bolsonaro cai para 19%, nível mais baixo desde que chegou ao Planalto. **El País**, São Paulo, 29 de nov de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-29/aprovacao-a-bolsonaro-cai-para-29-nivel-mais-baixo-desde-o-inicio-do-governo.html>. Acesso em 29 de nov de 2021.

OLIVEIRA, Joana. Os crimes de Bolsonaro durante a pandemia, segundo juristas que pressionam Augusto Aras. **El País** [online], São Paulo, 18 de jan de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-19/os-crimes-de-bolsonaro-durante-a-pandemia-segundo-um-grupo-de-juristas-que-pressionam-o-pgr.html>>. Acesso em 18 de jan de 2021.

OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. **OPAS** [online], 05 de mai de 2023. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>>. Acesso em 05 de mai de 2023.

ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNA-SUS** [online], 11 de mar de 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em 11 de mar de 2020.

PADILHA, Alexandre. **Bolsonaro reclama quando o chamamos de capitão cloroquina, mas foi ele quem implantou a mentira no Brasil e indicou remédios sem comprovação científica para a população**. Brasília, 05 de fev de 2021. Twitter: @padilhando. Disponível em: <https://twitter.com/padilhando/status/1357670811281346560>. Acesso em 12 de ago de 2022.

POR 5 votos a 2, TSE torna Bolsonaro inelegível por oito anos. **Agência Brasil** [online], Brasília, 30 de jun de 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-06/por-5-votos-2-tse-torna-bolsonaro-inelegivel-por-oito-anos>>. Acesso em 30 de jun de 2023.

PRIMEIRA morte por Covid-19 no país ocorreu em 12 de março em SP, diz ministério. **CNN Brasil** [online], São Paulo, 27 de jun de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio/>. Acesso em 27 de jun de 2020.

QUEIROZ, Vitória. 2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. **Poder 360** [online], Brasília, 26 de fev de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>. Acesso em 26 de fev de 2022.

RANDOLFE diz que Pfizer enviou 81 e-mails ao governo desde março de 2020. **UOL** [online], São Paulo, 10 de jun de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/06/10/randolfe-diz-que-pfizer-enviou-81-e-mails-ao-governo-desde-marco-de-2020.htm>. Acesso em 10 de jun de 2021.

RAVENA, Rosa. Pesquisa estima pelo menos 18% de subnotificação de mortes por covid-19 no país. **UFMG** [online], Belo Horizonte, 12 de mai de 2022. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/pesquisa-estima-pelo-menos-18-de-subnotificacao-de-mortes-por-covid-19-no-pais>. Acesso em: 12 de mai de 2023.

RODRIGUES, Léo. Indiciada em BH mulher que se dizia enfermeira e aplicou vacina falsa. **Agência Brasil** [online], Belo Horizonte, 15 de fev de 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2022-02/indiciada-em-bh-mulher-que-se-dizia-enfermeira-e-aplicou-vacina-falsa>. Acesso em 15 de fev de 2022.

SALLES, Stéfano. Ômicron representa 97% dos casos de Covid no Brasil, apontam redes de pesquisa. **CNN** [online], Rio de Janeiro, 20 de jan de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/omicron-representa-97-dos-casos-de-covid-no-brasil-apontam-redes-de-pesquisa/>. Acesso em 10 de mar de 2023.

SCHIAVON, Fabiana. Pandemia fez casos graves de câncer de mama subirem 26% no Brasil. **Veja** [online], São Paulo, 12 de abr de 2023. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/pandemia-fez-casos-graves-de-cancer-de-mama-subirem-26-no-brasil>. Acesso em 12 de abr de 2023.

SCREIBER, Mariana. CPI da Covid aprova relatório que pede indiciamento de Bolsonaro e outros 79; o que acontece agora. **BBC News Brasil** [online], Brasília, 26 de out de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59057279>. Acesso em 26 de out de 2021.

SEIS fatos sobre a ômicron, a variante mais transmissível da Covid-19. **Portal do Butantan** [online], São Paulo, 07 de fev de 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/seis-fatos-sobre-a-omicron-a-variante-mais-transmissivel-da-covid-19#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Painel%20Coronav%C3%ADrus,novos%20casos%20e%203.723%20mortes>. Acesso em 12 de fev de 2023.

SEIS fatos sobre a ômicron, a variante mais transmissível da Covid-19. **Portal do Butantan** [online], São Paulo, 07 de fev de 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/seis-fatos-sobre-a-omicron-a-variante-mais-transmissivel-da-covid-19#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Painel%20Coronav%C3%ADrus,novos%20casos%20e%203.723%20mortes>. Acesso em 07 de fev de 2022.

SENN, Ricardo. Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. **BBC News Brasil em Londres** [online], Londres, 07 de set de 2022. Acesso em 07 de set de 2022.

SOARES, Gabriella. Bolsonaro levou filhos em 18 das 26 viagens internacionais. **Portal 360** [online], Brasília, 19 de fev de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-levou-filhos-em-18-das-26-viagens-internacionais/>. Acesso em 19 de fev de 2022.

SOBE para 23 o total de pessoas que estiveram com Bolsonaro nos EUA e têm coronavírus. **G1** [online], Brasília, 23 de mar de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/23/sobe-para-23-o-total-de-pessoas-que-estiveram-com-bolsonaro-nos-eua-e-tem-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 15 de mai de 2021.

SOMENTE 1 em cada 4 deputados tem atuação boa ou ótima, diz pesquisa. **Correio Braziliense**, Brasília, 01 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/08/5025970-somente-1-em-cada-4-deputados-te-m-atuacao-boa-ou-otima-diz-pesquisa.html>>. Acesso em 12 de ago. de 2022.

TRUFFI, Renan; RIBEIRO, Marcelo; LIMA, Vandson. Documentos da CPI comprovam que filhos de Bolsonaro participaram de reuniões no Planalto. **Valor** [online], São Paulo, 27 de mai de 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/05/27/documentos-da-cpi-comprovam-que-filhos-de-bolsonaro-participaram-de-reunioes-no-planalto.ghtml>. Acesso em 27 de mai de 2021.

TSE publica decisão que tornou Bolsonaro inelegível por oito anos. **Agência Brasil** [online], Brasília, 01 de ago de 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-08/tse-publica-decisao-que-tornou-bolsonaro-in-elegivel-por-oito-anos>>. Acesso em 01 de ago de 2023.

VALENTE, Jonas. Coronavírus: Brasil tem primeiros casos de transmissão comunitária. **Agência Brasil** [online], Brasília, 13 de mar de 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/ao-vivo-coronavirus-brasil-98-casos-transmis-sao-comunitaria>>. Acesso em 13 de mar de 2020.

VALENTE, Jonas. Sistema de saúde pode entrar em colapso em abril, diz ministro. **Agência Brasil** [online], Brasília, 20 de mar de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/sistema-de-saude-pode-entrar-em-colapso-em-abril-diz-ministro-da-saude>. Acesso em 20 de mar de 2020.

VEJA a biografia de Jair Bolsonaro, presidente eleito do Brasil. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-a-biografia-de-jair-bolsonaro-presidente-eleito-do-brasil.shtml>. Acesso em janeiro de 2020.

VENDA de remédios sem eficácia comprovada contra a Covid dispara. **CFF**. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6197&titulo=Venda%2Bde%2Brem%C3%A9dios%2Bsem%2Befic%C3%A1cia%2Bco>. Acesso em 30 de maio de 2022.

VETTORAZZO, Lucas. A votação de Luis Miranda, algoz de Bolsonaro na CPI. **Veja** [online], Brasília, 03 de out de 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/radar/a-votacao-de-luiz-miranda-algoz-de-bolsonaro-na-cpi>>. Acesso em 03 de out de 2022.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. STF contesta Bolsonaro e diz em nota que nunca proibiu governo federal de atuar contra pandemia. **G1** [online], Brasília, 18 de jan de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/18/decisoes-do-stf-nao-proibem-atuacao-do-governo-federal-para-combater-a-pandemia-diz-tribunal.ghtml>>. Acesso em 18 de jan de 2021.

VIVAS, Fernanda; OLIVEIRA, Mariana. Estados e municípios podem criar regras de quarentena e isolamento, decide Marco Aurélio. **G1** [online], Brasília, 24 de mar de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/24/marco-aurelio-decide-que-estados-e-municipios-tam-bem-podem-criar-regras-sobre-quarentena-e-isolamento.ghtml>>. Acesso em 24 de mar de 2020.

Fontes humorísticas

SENSACIONALISTA. **"Na volta a gente compra", diz Bolsonaro sobre seringas para vacinação.** Rio de Janeiro, 06 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJtL9zfpWDQ/>. Acesso em 06 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **"Não posso fazer nada", diz vacina sobre Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 06 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJtyDHmJI4/>. Acesso em 06 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **"Quem poderia imaginar que um fã de torturador não iria se importar com o sofrimento humano?", diz eleitor de Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 24 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMzR_chJA5r/. Acesso em 24 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **"Tudo o que eu falei deu certo", diz Bolsonaro sobre genocídio.** Rio de Janeiro, 03 de dez de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIV13OxpeSK/>. Acesso em 03 de dez de 2020.

SENSACIONALISTA. **Anvisa decide que falas de Bolsonaro não são próprias para o consumo humano.** Rio de Janeiro, 17 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CKJ_tcvpOqn/. Acesso em 17 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Após discurso de Lula, Bolsonaro usa máscara, defende vacina, liga para Biden e abraça uma árvore.** Rio de Janeiro, 10 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMQJ4wgpeAU/>. Acesso em 10 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Após vacinas contra o coronavírus, Bolsonaro quer criar a primeira a favor.** Rio de Janeiro, 17 de dez de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CI5n0BKJct2/>. Acesso em 17 de dez de 2020.

SENSACIONALISTA. **BBB: Mandetta ganha a prova de resistência e Bolsonaro perde a liderança.** Rio de Janeiro, 11 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-00-JkJbPY/>. Acesso em 11 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro abre lotéricas para brasileiro apostar a própria vida.** Rio de Janeiro, 27 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-PvJbWpLIH/>. Acesso em 27 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro ameaça usar cloroquina contra manifestantes pró-democracia.** Rio de Janeiro, 05 de jun de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBDafVSJVw3/>. Acesso em 05 de jun de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro cancela compra de vacina porque ela apresenta alto risco de funcionar.** Rio de Janeiro, 21 de out de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGnruj9pT4a/>. Acesso em 21 de out de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro causa irritabilidade, dor de cabeça e diminuição da percepção de felicidade, diz máscara.** Rio de Janeiro, 01 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CL4_Bq1pGb0/. Acesso em 01 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro causa irritabilidade, dor de cabeça e diminuição da percepção de felicidade, diz máscara.** Rio de Janeiro, 01 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CL4_Bq1pGb0/. Acesso em 01 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro contrata quarto ministro da saúde e já gerou mais empregos que Paulo Guedes.** Rio de Janeiro, 15 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMdU0XFJ2H7/>. Acesso em 15 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro defende vacina e torce para que cloroquina provoque perda de memória.** Rio de Janeiro, 24 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMzRIvopn0e/>. Acesso em 24 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro descarta quem já o chamou de 'psicopata' para o min da Saúde e fica sem nenhuma opção.** Rio de Janeiro, 15 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMcYAEXlwwF/>. Acesso em 15 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro deve usar máscara no rosto e não na placa da moto, dizem especialistas.** Rio de Janeiro, 12 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COB6FoOpNqq/>. Acesso em 12 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que avião chega à Índia ainda hoje porque no mapa da Terra Plana distância é menor.** Rio de Janeiro, 15 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKEUDs7pF5t/>. Acesso em 15 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que fez o possível e o impossível para ajudar o coronavírus.** Rio de Janeiro, 07 de ago de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDlqUalJHNM/>. Acesso em 07 de ago de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que há desabastecimento em Ceasas mesmo com um banana cercado de laranjas na presidência.** Rio de Janeiro, 01 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-caVo8p8sa/>. Acesso em 01 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que leite condensado é para tratamento precoce: "tem o mesmo efeito da cloroquina".** Rio de Janeiro, 26 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKhculLIpe7/>. Acesso em 26 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que não vai deixar coronavírus acabar com o país antes dele.** Rio de Janeiro, 11 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9mI-97pyv/>. Acesso em 11 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que prevaricação não se aplica a ele porque é servidor público assintomático.** Rio de Janeiro, 13 de jul de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRRdn5HLQWv/>. Acesso em 13 de jul de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que vai tomar vacina e Cloroquina apaga as fotos com ele no Instagram.** Rio de Janeiro, 26 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM4d96XpAkJ/>. Acesso em 26 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que, além de vergonha na cara, também não vai tomar vacina.** Rio de Janeiro, 15 de dez de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIIjsmjpuB5/>. Acesso em 15 de dez de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz ter informações de plano de coronavírus contra ele.** Rio de Janeiro, 17 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_Fbs7EpXxy/. Acesso em 17 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro é contra quebra de patente de vacina da Covid porque é claro que ele seria.** Rio de Janeiro, 05 de mai de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COgiszDJzYd/>. Acesso em 05 de mai de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro é contra quebrar patente de vacinas mas se for para rachar ele aceita.** Rio de Janeiro, 05 de mai de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COgiuRWJ4_7/. Acesso em 05 de mai de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro está isolado porque é grupo de risco ao Brasil.** Rio de Janeiro, 03 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-h-74cpQQd/>. Acesso em 03 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro estava sendo manipulado por ventríloquo em pronunciamento.** Rio de Janeiro, 23 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMYLnLepxZ0/>. Acesso em 23 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro faz 65 anos e entra em grupo de risco de impeachment.** Rio de Janeiro, 24 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B-I_faepMZB/. Acesso em 24 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro fez pronunciamento de sunga porque a água bateu na bunda.** Rio de Janeiro, 23 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMYLnLepxZ0/>. Acesso em 23 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro inaugura delivery de vírus por moto no RJ.** Rio de Janeiro, 23 de mai de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CPN6TAhpB_5/. Acesso em 23 de mai de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro interfere no ministério da Saúde: 'Querem f*der minha cloroquina'.** Rio de Janeiro, 15 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAN3GAtpgfK/>. Acesso em 15 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro já ensinou Queiroga a repetir o que ele fala e agora vai ensinar a dar o pé.** Rio de Janeiro, 20 de dez de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CXt8Dh_JiVb/. Acesso em 20 de dez de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro libera do uso de máscaras vacinados, curados e futuros mortos.** Rio de Janeiro, 10 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CP9QFwep0oB/>. Acesso em 10 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro liga para Pfizer e música de espera do telefone é Baba Baby.** Rio de Janeiro, 15 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQJdtXyJ8t3/>. Acesso em 15 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro não comprou vacina porque lista de compras só tinha deputados.** Rio de Janeiro, 10 de mai de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COsUEp2J5Fy/>. Acesso em 10 de mai de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro não pode ser indiciado por charlatanismo porque fez tudo o que prometeu, diz jurista.** Rio de Janeiro, 15 de ago de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSmLtdxrTSt/>. Acesso em 15 de ago de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro negocia importação da nova cepa do coronavírus.** Rio de Janeiro, 29 de dez de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJZCCELJMVh/>. Acesso em 29 de dez de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro passa a ser chamado de presidente em situação de genocídio.** Rio de Janeiro, 19 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMmMtgipfay/>. Acesso em 19 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro pedirá união: é hora de todos darem as mãos.** Rio de Janeiro, 16 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9zzGGfp-1G/>. Acesso em 16 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro perde a prova do líder e pode ir para o paredão.** Rio de Janeiro, 06 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-qXggUJpVR/>. Acesso em 06 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro quer matar as pessoas, afirmam especialistas.** Rio de Janeiro, 11 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CP-qAcrpZXZ/>. Acesso em 11 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro quer Queiroz no ministério da Saúde porque laranja é bom para gripezinha.** Rio de Janeiro, 15 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAN0NffpENu/>. Acesso em 15 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro quis torturar bula da Cloroquina até ela dizer o que ele queria.** Rio de Janeiro, 11 de mai de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COvwtgOpsJO/>. Acesso em 11 de mai de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro recebe auxílio de R\$ 600 porque não trabalha durante a pandemia.** Rio de Janeiro, 29 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAxeJXsp8dQ/>. Acesso em 29 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro responsabiliza Pazuello por atraso na vacina e dá a ele título de funcionário do mês.** Rio de Janeiro, 09 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJ1gD8FpJM6/>. Acesso em 09 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro testa negativo para presidente.** Rio de Janeiro, 17 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9257cIJ3vW/>. Acesso em 17 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro testa negativo para presidente.** Rio de Janeiro, 13 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAI5EPIpmY-/>. Acesso em 13 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro tira e põe uma máscara desde a eleição.** Rio de Janeiro, 19 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B97flqyJUTw/>. Acesso em 19 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro troca de ministro pela terceira vez na pandemia e pede música.** Rio de Janeiro, 15 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMcWHzuFK_J/. Acesso em 15 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Bolsonaro vai se vacinar e distribuição de fake news deve aumentar após chip 5G.** Rio de Janeiro, 02 de abr de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNLtCAiJEZ9/>. Acesso em 02 de abr de 2021.

SENSACIONALISTA. **Brasileiro quer que Bolsonaro se vacine porque ter um jacaré na presidência será melhor.** Rio de Janeiro, 27 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM7dMYgpWEQ/>. Acesso em 27 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Brasileiros querem Bolsonaro na CPI para que ele fique em silêncio por algumas horas.** Rio de Janeiro, 30 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQwOkiure9g/>. Acesso em 30 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Brasileiros querem que Bolsonaro seja vacinado pela enfermeira falsa de BH.** Rio de Janeiro, 02 de abr de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNLouj8JaGE/>. Acesso em 02 de abr de 2021.

SENSACIONALISTA. **Capitão Cloroquina fica irritado por ser chamado de Capitão Cloroquina: "Parem de me chamar de Capitão Cloroquina", diz Capitão Cloroquina.** Rio de Janeiro, 05 de fev de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK6wq0qJ2zU/>. Acesso em 05 de fev de 2021.

SENSACIONALISTA. **Chance de Bolsonaro acertar compra de vacina é mais apertada que calça de Doria.** Rio de Janeiro, 22 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKW9ux8pVy7/>. Acesso em 22 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Cientistas defendem lockdown da boca de Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 08 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_7cjgRpZ6s/. Acesso em 08 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Com 500 mil mortos, Bolsonaro finalmente pode entrar para o Guinness.** Rio de Janeiro, 19 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQUMMA7Jzo9/>. Acesso em 19 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Com medo das ruas, Bolsonaro planeja adiar vacinação para novembro de 2022.** Rio de Janeiro, 19 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQUj8D8JE9O/>. Acesso em 19 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Coronavírus chama Bolsonaro de 'presidentinho'.** Rio de Janeiro, 24 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B-IxQgwJm_d/. Acesso em 24 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Coronavírus comemora decisão de Bolsonaro de não se vacinar.** Rio de Janeiro, 13 de out de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CUVCK_CrDzJ/. Acesso em 13 de out de 2021.

SENSACIONALISTA. **Coronavírus de Bolsonaro não lê grupos de Whatsapp e não sabe que deve ir embora com cloroquina.** Rio de Janeiro, 22 de jul de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CC8lZ3tJRC6/>. Acesso em 22 de jul de 2020.

SENSACIONALISTA. **Coronavírus era filiado ao PSOL, afirma Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 13 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9rXAeGJbfF/>. Acesso em 13 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Coronavírus faz como governo Bolsonaro e recua de resultado positivo.** Rio de Janeiro, Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9rmO0lJQzv/>. Acesso em 13 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **CPI vai chamar Ema da Alvorada pra confirmar que Bolsonaro lhe ofereceu cloroquina.** Rio de Janeiro, 13 de mai de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CO0HBw9p_nh/. Acesso em 13 de mai de 2021.

SENSACIONALISTA. **CPI vai investigar se Bolsonaro fez mesmo o que todos viram que ele fez.** Rio de Janeiro, 16 de abr de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNvpzyFJKi_/. Acesso em 16 de abr de 2021.

SENSACIONALISTA. **CPI vai pedir indiciamento de Bolsonaro por bolsonarismo.** Rio de Janeiro, 11 de ago de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSc4IIbrUqg/>. Acesso em 11 de ago de 2021.

SENSACIONALISTA. **Das 19 variantes descobertas, B.0.2.0.17 é a mais letal, afirma infectologista.** Rio de Janeiro, 16 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COMbwiwpv8-/>. Acesso em 16 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Doria muda nome da CoronaVac para Moça para ver se Bolsonaro compra.** Rio de Janeiro, 27 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKj9G-PJb2y/>. Acesso em 27 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Economia: Bolsonaro vai anunciar abertura de 100.000 vagas no cemitério.** Rio de Janeiro, 31 de jul de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDTk-zDJ7h-/>. Acesso em 31 de jul de 2020.

SENSACIONALISTA. **EDITORIAL - "Concordamos com o presidente pela primeira vez. Bolsonaro, por favor, não tome a vacina."** Rio de Janeiro, 02 de abr de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNKfM7FJG3n/>. Acesso em 02 de abr de 2021.

SENSACIONALISTA. **EDITORIAL: uma escolha muito difícil.** Rio de Janeiro, 10 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMPpRwSJP24/>. Acesso em 10 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Em mil dias de governo, nem mesmo o teste de Covid de Bolsonaro é positivo.** Rio de Janeiro, 27 de set de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CUVck_CrDzJ/. Acesso em 27 de set de 2021.

SENSACIONALISTA. **Em mil dias de governo, nem mesmo o teste de Covid de Bolsonaro é positivo.** Rio de Janeiro, 27 de set de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CUVck_CrDzJ/. Acesso em 27 de set de 2021.

SENSACIONALISTA. **Em sessão espírita, morto por COVID confessa que faleceu só para prejudicar Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 08 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_7-okcpLxK/. Acesso em 08 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Em vez de CPI, oposição quer apenas que Kajuru e Bolsonaro sigam tentando organizar jogadas geniais.** Rio de Janeiro, 12 de abr de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNlarZfJnFj/>. Acesso em 12 de abr de 2021.

SENSACIONALISTA. **Embalagem de cloroquina virá com foto de Bolsonaro como alerta.** Rio de Janeiro, 14 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CALq6fYJx6r/>. Acesso em 14 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Entrevista com a Cloroquina: 'Bolsonaro me abandonou. Parece que não sirvo para nada'.** Rio de Janeiro, 15 de ago de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSmLrKarHfz/>. Acesso em 15 de ago de 2021.

SENSACIONALISTA. **Estudo britânico diz que não tomar vacina provoca escrotidão.** Rio de Janeiro, 25 de out de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVc3N5SLAwM/>. Acesso em 25 de out de 2021.

SENSACIONALISTA. **'Eu autorizo Bolsonaro a me matar', diz manifestante sem máscara em aglomeração.** Rio de Janeiro, 01 de mai de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COWAOf-JHSI/>. Acesso em 01 de mai de 2021.

SENSACIONALISTA. **'Eu só estímulo aglomerações sem máscara e recomendo remédio inútil, quem mata é Deus', diz Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 15 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKEY4RkJOE7/>. Acesso em 15 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **'Evento adverso grave' com CoronaVac foi a eleição de Bolsonaro em 2018, diz cientista.** Rio de Janeiro, 10 de nov de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHaTU1iJp5Z/>. Acesso em 10 de nov de 2020.

SENSACIONALISTA. **Exame confirma que coronavírus está infectado com Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 13 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9rSHmIpmUQ/>. Acesso em 13 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Exame de Bolsonaro dá positivo para genocida.** Rio de Janeiro, 08 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_8jTzcpheT/. Acesso em 08 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Fábio Faria critica quem lamentou 500 mil mortos porque sabe que Bolsonaro ainda vai matar muito mais.** Rio de Janeiro, 19 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQUgdiwJr3b/>. Acesso em 19 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Fact-checking Sensacionalista - Bolsonaro disse apenas duas palavras verdadeiras no discurso: 'Boa noite'.** Rio de Janeiro, 23 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMYlQe4pc0T/>. Acesso em 23 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Faixa presidencial de Bolsonaro é internada em estado grave na UTI.** Rio de Janeiro, 06 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-qVswppTt0/>. Acesso em 06 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Foto de café da manhã mostra Bolsonaro passando cloroquina no pão francês.** Rio de Janeiro, 09 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-wuXIDJhlq/>. Acesso em 09 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Governadores querem lockdown completo do Palácio do Planalto.** Rio de Janeiro, 07 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMlpaVpkH3/>. Acesso em 07 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Governo Bolsonaro recomenda substituir arroz por cloroquina.** Rio de Janeiro, 13 de set de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFFCWHBJqUT/>. Acesso em 13 de set de 2020.

SENSACIONALISTA. **Histórico de atleta de Bolsonaro inclui salto em distância da realidade.** Rio de Janeiro, 24 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-I1YJ5pKHh/>. Acesso em 24 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Homem em moto causa quase 500 mil mortes.** Rio de Janeiro, 12 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQB0GrDJLIg/>. Acesso em 12 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Luis Miranda quer que Ministério da Saúde recomende uso de colete para quem denuncia família Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 25 de jun de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COjlimkrT1B/>. Acesso em 25 de jun de 2021.

SENSACIONALISTA. **Lula comprou todas as vacinas com dinheiro roubado e por isso Bolsonaro não consegue.** Rio de Janeiro, 13 de dez de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CivPPxJp13n/>. Acesso em 13 de dez de 2020.

SENSACIONALISTA. **Maioria quer que seja exigido passaporte vacinal para entrar em 2022.** Rio de Janeiro, 26 de dez de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CX800moLYFQ/>. Acesso em 26 de dez de 2021.

SENSACIONALISTA. **Mandetta achata curva de popularidade de Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 08 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-ufVOVJoSx/>. Acesso em 08 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja.** Rio de Janeiro, 13 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B9rmN5_pFwE/. Acesso em 13 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Mofo desceu do cérebro para o pulmão de Bolsonaro, diz especialista.** Rio de Janeiro, 31 de jul de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDTxXTdJEXh/>. Acesso em 31 de jul de 2020.

SENSACIONALISTA. **Museu do folclore terá Bolsonaro de máscara defendendo a vacina.** Rio de Janeiro, 10 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMP-WF3JAns/>. Acesso em 10 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Novas vacinas têm mais de 90% probabilidade de serem atrapalhadas por Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 17 de nov de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHtJrVPF3Dz/>. Acesso em 17 de nov de 2020.

SENSACIONALISTA. **OMS alerta brasileiros para que deixem de escolher vacina e se preocupem em escolher presidente.** Rio de Janeiro, 11 de jul de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRMnss2rE9I/>. Acesso em 11 de jul de 2021.

SENSACIONALISTA. **OMS não recomenda vacinar Bolsonaro porque vacina só foi testada em humanos.** Rio de Janeiro, 02 de abr de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNKh9sXpejz/>. Acesso em 02 de abr de 2021.

SENSACIONALISTA. **OMS recomenda isolamento de Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 24 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-lvrVRJjeY/>. Acesso em 24 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **OMS recomenda tratamento precoce no país: remover Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 22 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKW9r43JQrJ/>. Acesso em 22 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Páscoa: Bolsonaro afirma que Jesus ressuscitou por causa da cloroquina.** Rio de Janeiro, 11 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-01GH7JIUY/>. Acesso em 11 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Pesquisa eleitoral mostra que Covid deixou Bolsonaro em estado grave.** Rio de Janeiro, 14 de nov de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWRJiA1pL4U/>. Acesso em 14 de nov de 2021.

SENSACIONALISTA. **Plano de vacinação é tão atrasado que já pode ser chamado de Bolsonaro, diz especialista.** Rio de Janeiro, 26 de dez de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJO0pTeJZ41/>. Acesso em 26 de dez de 2020.

SENSACIONALISTA. **Próximo pronunciamento de Bolsonaro vai terminar com 'É verdade este bilete'.** Rio de Janeiro, 23 de mar de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMYLozhJ06k/>. Acesso em 23 de mar de 2021.

SENSACIONALISTA. **Recomendação da OMS é ficar mais escondido que o exame de Bolsonaro.** Rio de Janeiro, 24 de mar de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-IjAnmJKpq/>. Acesso em 24 de mar de 2020.

SENSACIONALISTA. **Remédio de verme que é esperança do Brasil também é conhecido pelo nome 'Impeachment'.** Rio de Janeiro, 16 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_CsU6HJwVG/. Acesso em 16 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Se passar pela eliminatória da CPI da Covid, Bolsonaro pode disputar a grande final em Haia.** Rio de Janeiro, 08 de abr de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNbLmSXp78Q/>. Acesso em 08 de abr de 2021.

SENSACIONALISTA. **Sem Mandetta, sem mandato.** Rio de Janeiro, 06 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-qYPfRJRrs/>. Acesso em 06 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Sem vacina, Bolsonaro terá que dormir em banco de praça em frente à ONU.** Rio de Janeiro, 20 de set de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSmLtdxrTSt/>. Acesso em 20 de set de 2021.

SENSACIONALISTA. **Solução para o Brasil é exigir passaporte vacinal para ocupar o Planalto, diz infectologista.** Rio de Janeiro, 12 de dez de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CXYo-3er0b_/. Acesso em 12 de dez de 2021.

SENSACIONALISTA. **STF decide que Bolsonaro não é trabalhador essencial.** Rio de Janeiro, 17 de abr de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_GNQ2qp7T9/. Acesso em 17 de abr de 2020.

SENSACIONALISTA. **Técnicos da Anvisa exigem saber o nome de quem está governando o Brasil.** Rio de Janeiro, 23 de dez de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CX1PzHXLAWQ/>. Acesso em 23 de dez de 2021.

SENSACIONALISTA. **Teste de Bolsonaro para covid-19 é a única notícia positiva de seu governo.** Rio de Janeiro, 06 de jul de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCUiJP7pHFs/>. Acesso em 06 de jul de 2020.

SENSACIONALISTA. **Único efeito adverso da Coronavac é deixar Bolsonaro em silêncio, dizem especialistas.** Rio de Janeiro, 18 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKLxerHJexi/>. Acesso em 18 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Único tratamento precoce eficaz é remover Bolsonaro dois anos antes do fim do mandato, diz especialista.** Rio de Janeiro, 16 de jan de 2021. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CKHMn-0p_cZ/. Acesso em 16 de jan de 2021.

SENSACIONALISTA. **Uso de máscara também é recomendado para o queixo não cair toda vez que Bolsonaro fala.** Rio de Janeiro, 02 de mai de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_s2qryp8kK/. Acesso em 02 de mai de 2020.

SENSACIONALISTA. **Vacina tem reação adversa e Bolsonaro passa a apoiá-la.** Rio de Janeiro, 08 de set de 2020. Instagram: @jornalsensacionalista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CE5SCQbJdTT/>. Acesso em 08 de set de 2020.

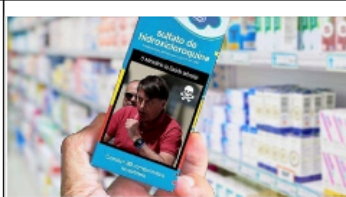
APÊNDICE A – SELEÇÃO DE POSTAGENS *SENSACIONALISTA* 2020-2021

Março/2020		
 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro diz que não vai deixar coronavírus acabar com o país antes dele	 SENSACIONALISTA.COM.BR Coronavírus faz com governo Bolsonaro e recua de resultado positivo	 SENSACIONALISTA.COM.BR Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja
 SENSACIONALISTA.COM.BR Coronavírus era filiado ao PSOL, afirma Bolsonaro O primeiro resultado do exame do coronavírus deu positivo...	URGENTE  SENSACIONALISTA.COM.BR Exame confirma que coronavírus está infectado com Bolsonaro	 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro pedirá união: "é hora de todos darem as mãos"
 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro testa negativo para presidente O presidente Jair Bolsonaro disse agora há pouco no Twitter...	 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro tira e põe uma máscara desde a eleição, diz infectologista	BOLSONARO FAZ 65 ANOS E ENTRA EM GRUPO DE RISCO DE IMPEACHMENT 
HISTÓRICO DE ATLETA DE BOLSONARO INCLUI SALTO EM DISTÂNCIA DA REALIDADE 	 SENSACIONALISTA.COM.BR OMS recomenda isolamento de Bolsonaro Logo depois do pronunciamento do presidente J...	 SENSACIONALISTA.COM.BR Coronavírus chama Bolsonaro de 'presidentinho' Em um pronunciamento alucinante em cadeia de televisão n...
 SENSACIONALISTA.COM.BR Recomendação da OMS é ficar mais escondido que o exame de coronavírus do Bolsonaro	 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro abre lotéricas para brasileiro apostar a própria vida	

Abril/2020

Bolsonaro diz que há desabastecimento em Ceasas mesmo com um banana cercado de laranjas na presidência  Bolsonaro diz que há desabastecimento em Ceasas mesmo com um banana cercado de... SENSACIONALISTA.COM.BR	Sensacionalista veja  VEJA ABRIL.COM.BR Bolsonaro está isolado porque é grupo de risco ao Brasil Sensacionalista	 Bolsonaro perde a prova do líder e pode ir para o paredão O ministro Luiz Henrique Mandetta foi o vencedor da prova de resistência e Bolsonaro não é mais o líder. Rodrigo M...
faixa presidencial de Bolsonaro é internada em estado grave na uti 	BOLSONARO PODE FICAR SEM MANDETTA E SEM MANDATO 	 SENSACIONALISTA.COM.BR Mandetta achata curva de popularidade de Bolsonaro O ministro Luiz Henrique Mandetta conseguiu o que nem a pr...
 SENSACIONALISTA.COM.BR Foto de café da manhã mostra Bolsonaro passando cloroquina no pão francês	Páscoa: Bolsonaro afirma que Jesus ressuscitou por causa da cloroquina O presidente afirma que o macacão também poderá ter entrada o 7 e 1 dia Alô Brasil The Brazilian Official - 10 de março de 2020, 15:00 - Publicado por: 19 de 03 de 2020 	BBB: Mandetta ganha a prova de resistência e Bolsonaro perde a liderança O presidente será o ministro da saúde. TV Povo - 10 de março de 2020, 15:00 - Publicado por: 19 de 03 de 2020 
 SENSACIONALISTA.COM.BR Remédio de verme que é esperança do Brasil também é conhecido pelo nome 'Impeachment'	Sensacionalista veja  VEJA ABRIL.COM.BR STF decide que Bolsonaro não é trabalhador essencial Sensacionalista	 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro diz ter informações de plano de coronavírus contra ele

Maio/2020

 SENSACIONALISTA.COM.BR Uso de máscara também é recomendado para o queixo não cair toda vez que Bolsonaro fala	 SENSACIONALISTA.COM.BR Exame de Bolsonaro dá positivo para genocida O Brasil registrou oficialmente 751 mortes de Covid-19 nos úl...	 SENSACIONALISTA.COM.BR Em sessão espírita, morto por COVID confessa que faleceu só para prejudicar Bolsonaro
 VEJA.ABRIL.COM.BR Clientistas defendem lockdown da boca de Bolsonaro Sensacionalista	 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro testa negativo para presidente Os exames de Jair Bolsonaro finalmente saíram: e ele não teve ...	 SENSACIONALISTA.COM.BR Embalagem de cloroquina virá com foto de Bolsonaro como alerta
 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro interfere no ministério da Saúde: 'Querem f*der a minha cloroquina'	 SENSACIONALISTA.COM.BR Bolsonaro quer Queiroz no ministério da Saúde porque laranja é bom para gripezinha	 VEJA.ABRIL.COM.BR Bolsonaro recebe auxílio de R\$ 600 porque não trabalha durante pandemia Sensacionalista

Junho/2020



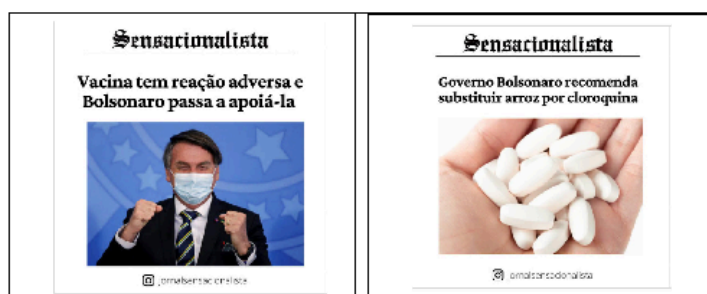
Julho/2020



Agosto/2020



Setembro/2020



Outubro/2020



Novembro/2020



Dezembro/2020

Sensacionalista "Tudo o que eu falei deu certo", diz Bolsonaro sobre genocídio  @omaisensacionalista	Sensacionalista Lula comprou todas as vacinas com dinheiro roubado e por isso Bolsonaro não consegue  @omaisensacionalista	Sensacionalista Bolsonaro diz que, além de vergonha na cara, também não vai tomar vacina  @omaisensacionalista
Sensacionalista Após vacinas contra o coronavírus, Bolsonaro quer criar a primeira a favor  @omaisensacionalista	 Após vacinas contra o coronavírus, Bolsonaro quer criar a primeira a favor @omaisensacionalista	Sensacionalista Plano de vacinação é tão atrasado que já pode ser chamado de Bolsonaro, diz especialista  @jornalsensacionalista
Sensacionalista Bolsonaro negocia importação da nova cepa do coronavírus  @jornalsensacionalista		

Março/2021

Sensacionalista Bolsonaro defende vacina e torce para que cloroquina provoque perda de memória   jairbolsenaralista	Sensacionalista Bolsonaro diz que vai tomar vacina e Cloroquina apaga fotos com ele do Instagram   jairbolsenaralista	Sensacionalista Brasileiro quer que Bolsonaro se vacine porque ter um jacaré na presidência será melhor   jairbolsenaralista
---	---	--

Abril/2021

Sensacionalista Bolsonaro vai se vacinar e distribuição de fake news deve aumentar após chip 5G  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Brasileiros querem que Bolsonaro seja vacinado pela enfermeira falsa de BH  @jornalsensacionalista	Sensacionalista OMS não recomenda vacinar Bolsonaro porque vacina só foi testada em humanos  @jornalsensacionalista
Sensacionalista EDITORIAL “Concordamos com o presidente pela primeira vez. Bolsonaro, por favor, não tome a vacina.”  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Se passar pela eliminatória da CPI da Covid, Bolsonaro pode disputar a grande final em Haia  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Em vez de CPI, oposição quer apenas que Kajuru e Bolsonaro sigam tentando organizar jogadas geniais  @jornalsensacionalista
Sensacionalista CPI vai investigar se Bolsonaro fez mesmo o que todos viram que ele fez  @jornalsensacionalista		

Maio/2021

Sensacionalista 'Eu autorizo Bolsonaro a me matar', diz manifestante sem máscara em aglomeração  jornalistasensacionalista	Sensacionalista Bolsonaro é contra quebrar patente de vacinas mas se for para rachar ele aceita  jornalistasensacionalista	Sensacionalista Bolsonaro é contra quebra de patente de vacina da Covid porque é claro que ele seria  jornalistasensacionalista
Sensacionalista Bolsonaro não comprou vacina porque lista de compras só tinha deputados  jornalistasensacionalista	Sensacionalista Bolsonaro quis torturar bula da Cloroquina até ela dizer o que ele queria  jornalistasensacionalista	Sensacionalista CPI vai chamar Ema da Alvorada para confirmar que Bolsonaro lhe ofereceu cloroquina  jornalistasensacionalista
Sensacionalista Bolsonaro inaugura delivery de vírus por moto no RJ  jornalistasensacionalista		

Junho/2021

Sensacionalista Bolsonaro libera do uso de máscaras vacinados, curados e futuros mortos  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Bolsonaro quer matar as pessoas, afirmam especialistas  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Bolsonaro deve usar máscara no rosto e não na placa da moto, dizem infectologistas  @jornalsensacionalista
Sensacionalista Homem em moto causa quase 500 mil mortes  @jornalsensacionalista	Bolsonaro liga para Pfizer e música de espera do telefone é Baba Baby P. U. Sensacionalista - 15/06/2021 - 02:28 	Sensacionalista Das 19 variantes descobertas, a B.O.2.0.17 é a mais letal, afirma infectologista  @jornalsensacionalista
Sensacionalista Com 500 mil mortos, Bolsonaro finalmente pode entrar para o Guinness  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Com medo das ruas, Bolsonaro planeja adiar vacinação para novembro de 22  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Fabio Faria critica quem lamentou 500 mil mortos porque sabe que Bolsonaro ainda vai matar muito mais  @jornalsensacionalista
Sensacionalista Luís Miranda quer que Ministério da Saúde recomende uso de colete para quem denuncia família Bolsonaro  @jornalsensacionalista	Sensacionalista Brasileiros querem Bolsonaro na CPI para que ele fique em silêncio por algumas horas  @jornalsensacionalista	

Julho/2021



Agosto/2021



Setembro/2021



Outubro/2021



Novembro/2021

Sensacionalista

Pesquisa eleitoral mostra
que Covid deixou Bolsonaro
em estado grave



@onabensacionalista

Dezembro/2021

Sensacionalista

Solução para o Brasil é exigir
passaporte vacinal
para ocupar o Planalto,
diz infectologista



@onabensacionalista

Sensacionalista

Bolsonaro já ensinou Queiroga
a repetir o que ele fala e agora
vai ensinar a dar o pé



@junabensacionalista

Sensacionalista

Técnicos da Anvisa exigem
saber o nome de quem está
governando o Brasil



@jornabensacionalista

Sensacionalista

Maioria quer que seja exigido
passaporte vacinal para
entrar em 2022



@onabensacionalista

APÊNDICE B – SELEÇÃO MENSAL DE POSTAGENS *SENSACIONALISTA* 2020-2021

Postagens Sensacionalista no Instagram

Recorte temático: Bolsonaro / Governo Federal + Covid-19

Total de postagens selecionadas - 123

- 2020: 53 publicações
- 2021: 70 publicações

Categorias gerais para a divisão do corpus

- Representação Jair Bolsonaro na gestão da pandemia

2020

Fevereiro (1 postagens)

Março (14 postagens)

1. 11/03/2020 - Bolsonaro diz que não vai deixar coronavírus acabar com o país antes dele - <https://www.instagram.com/p/B9ml-97pyy/>
2. 13/03/2020 - Coronavírus faz com o governo Bolsonaro e recua de resultado positivo - <https://www.instagram.com/p/B9rmO0lJQzv/>
3. 13/03/2020 - Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja - https://www.instagram.com/p/B9rmN5_pFwE/
4. 13/03/2020 - Coronavírus era filiado ao PSOL, afirma Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/B9rxXAgGJbfF/>
5. 13/03/2020 - Exame confirma que coronavírus está infectado com Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/B9rSHmIpmUQ/>
6. 16/03/2020 - Bolsonaro pedirá união: é hora de todos darem as mãos - <https://www.instagram.com/p/B9zzGGfp-1G/>
7. 17/03/2020 - Bolsonaro testa negativo para presidente - <https://www.instagram.com/p/B9257clJ3vW/>
8. 19/03/2020 - Bolsonaro tira e põe uma máscara desde a eleição - <https://www.instagram.com/p/B97flqyJUTw/>
9. 24/03/2020 - Bolsonaro faz 65 anos e entra em grupo de risco de impeachment - https://www.instagram.com/p/B-l_faepMZB/
10. 24/03/2020 - Histórico de atleta de Bolsonaro inclui salto em distância da realidade - <https://www.instagram.com/p/B-1YJ5pKHh/>
11. 24/03/2020 - OMS recomenda isolamento de Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/B-lYrVJRJeY/>
12. 24/03/2020 - Coronavírus chama Bolsonaro de 'presidentinho' - https://www.instagram.com/p/B-lxOgwJm_d/

13. 24/03/2020 - Recomendação da OMS é ficar mais escondido que o exame de Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/B-ljAnmJKpq/>
14. 27/03/2020 - Bolsonaro abre lotéricas para brasileiro apostar a própria vida - <https://www.instagram.com/p/B-PvJbWpLIH/>

Abril (12 postagens)

1. 01/04/2020 - Bolsonaro diz que há desabastecimento em Ceasas mesmo com um banana cercado de laranjas na presidência - <https://www.instagram.com/p/B-caVo8p8sa/>
2. 03/04/2020 - Bolsonaro está isolado porque é grupo de risco ao Brasil - <https://www.instagram.com/p/B-h-74cpQd/>
3. 06/04/2020 - Bolsonaro perde a prova do líder e pode ir para o paredão - <https://www.instagram.com/p/B-qXggUJpVR/>
4. 06/04/2020 - Faixa presidencial de Bolsonaro é internada em estado grave na UTI - <https://www.instagram.com/p/B-qVswppTt0/>
5. 06/04/2020 - Sem Mandetta, sem mandato - <https://www.instagram.com/p/B-qYPfRJRrs/>
6. 08/04/2020 - Mandetta achata curva de popularidade de Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/B-ufVOVJoSx/>
7. 09/04/2020 - Foto de café da manhã mostra Bolsonaro passando cloroquina no pão francês - <https://www.instagram.com/p/B-wuXlDJhlq/>
8. 11/04/2020 - Páscoa: Bolsonaro afirma que Jesus ressuscitou por causa da cloroquina - <https://www.instagram.com/p/B-01GH7JIUY/>
9. 11/04/2020 - BBB: Mandetta ganha a prova de resistência e Bolsonaro perde a liderança - <https://www.instagram.com/p/B-00-JkJbPY/>
10. 16/04/2020 - Remédio de verme que é esperança do Brasil também é conhecido pelo nome 'Impeachment' - https://www.instagram.com/p/B_CsU6HJwVG/
11. 17/04/2020 - STF decide que Bolsonaro não é trabalhador essencial - https://www.instagram.com/p/B_GNO2qp7T9/
12. 17/04/2020 - Bolsonaro diz ter informações de plano de coronavírus contra ele - https://www.instagram.com/p/B_Fbs7EpXxy/

Maior (10 postagens)

1. 02/05/2020 - Uso de máscara também é recomendado para o queixo não cair toda vez que Bolsonaro fala - https://www.instagram.com/p/B_s2qryp8kK/
2. 08/05/2020 - Exame de Bolsonaro dá positivo para genocida - https://www.instagram.com/p/B_8jTzcpheT/
3. 08/05/2020 - Em sessão espírita, morto por COVID confessa que faleceu só para prejudicar Bolsonaro - https://www.instagram.com/p/B_7-okcplxK/
4. 08/05/2020 - Cientistas defendem lockdown da boca de Bolsonaro - https://www.instagram.com/p/B_7cjgRpZ6s/

5. 13/05/2020 - Bolsonaro testa negativo para presidente - <https://www.instagram.com/p/CAI5EPlpmY-/>
6. 14/05/2020 - Embalagem de cloroquina virá com foto de Bolsonaro como alerta - <https://www.instagram.com/p/CALq6fYJx6r/>
7. 15/05/2020 - Bolsonaro interfere no ministério da Saúde: 'Querem f*der minha cloroquina' - <https://www.instagram.com/p/CAN3GATpgfK/>
8. 15/05/2020 - Bolsonaro quer Queiroz no ministério da Saúde porque laranja é bom para gripezinha - <https://www.instagram.com/p/CAN0NfFpENu/>
9. 29/05/2020 - Bolsonaro recebe auxílio de R\$ 600 porque não trabalha durante a pandemia - <https://www.instagram.com/p/CAxeJXsp8dQ/>

Junho (1 postagem)

1. 05/06/2020 - Bolsonaro ameaça usar cloroquina contra manifestantes pró-democracia - <https://www.instagram.com/p/CBDafVSJvW3/>

Julho (4 postagens)

1. 06/07/2020 - Teste de Bolsonaro para covid-19 é a única notícia positiva de seu governo - <https://www.instagram.com/p/CCUIJP7pHFs/>
2. 22/07/2020 - Coronavírus de Bolsonaro não lê grupos de Whatsapp e não sabe que deve ir embora com cloroquina - <https://www.instagram.com/p/CC8IZ3tJRC6/>
3. 31/07/2020 - Mofo desceu do cérebro para o pulmão de Bolsonaro, diz especialista - <https://www.instagram.com/p/CDTxXTdJEXh/>
4. 31/07/2020 - Economia: Bolsonaro vai anunciar abertura de 100.000 vagas no cemitério - <https://www.instagram.com/p/CDTk-zDJ7h-/>

Agosto (1 postagem)

1. 07/08/2020 - Bolsonaro diz que fez o possível e o impossível para ajudar o coronavírus - <https://www.instagram.com/p/CDlqUaJHNM/>

Setembro (2 postagens)

1. 08/09/2020 - Vacina tem reação adversa e Bolsonaro passa a apoiá-la - <https://www.instagram.com/p/CE5SCQbJdTT/>
2. 13/09/2020 - Governo Bolsonaro recomenda substituir arroz por cloroquina - <https://www.instagram.com/p/CFFCWHBjQUT/>

Após a tentativa frustrada do presidente Jair Bolsonaro de diminuir o preço do arroz pedindo patriotismo aos donos de supermercado, o governo federal tenta agora uma cartada que pode resolver dois problemas de uma vez. O governo recomendou que o

cidadão substitua o arroz por cloroquina. “Temos estoques intermináveis de cloroquina, se não tem arroz que comam cloroquina”, declarou uma fonte ligada ao Planalto.

Questionado sobre a eficácia da cloroquina como fonte de carboidrato, o governo respondeu: “não tem comprovação que funciona como substituto do arroz, mas também não tem comprovação que não funciona”. #sensacionalista #jornalsensacionalista

Outubro (1 postagem)

1. 21/10/2020 - Bolsonaro cancela compra de vacina porque ela apresenta alto risco de funcionar - <https://www.instagram.com/p/CGnrui9pT4a/>

Novembro (2 postagens)

1. 10/11/2020 - 'Evento adverso grave' com CoronaVac foi a eleição de Bolsonaro em 2018, diz cientista - <https://www.instagram.com/p/CHaTU1iIp5Z/>
2. 17/11/2020 - Novas vacinas têm mais de 90% probabilidade de serem atrapalhadas por Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/CHtJrvPF3Dz/>

Dezembro (6 postagens)

1. 03/12/2020 - "Tudo o que eu falei deu certo", diz Bolsonaro sobre genocídio - <https://www.instagram.com/p/CIV13OxpeSK/>
2. 13/12/2020 - Lula comprou todas as vacinas com dinheiro roubado e por isso Bolsonaro não consegue - <https://www.instagram.com/p/CivPPxJp13n/>
3. 15/12/2020 - Bolsonaro diz que, além de vergonha na cara, também não vai tomar vacina - <https://www.instagram.com/p/Ci1smjpuB5/>
4. 17/12/2020 - Após vacinas contra o coronavírus, Bolsonaro quer criar a primeira a favor - <https://www.instagram.com/p/Ci5n0BKJct2/> [Conteúdo também foi postado em 04/12, mas com outra imagem - <https://www.instagram.com/p/CiY9tsIpASm/>]
5. 26/12/2020 - Plano de vacinação é tão atrasado que já pode ser chamado de Bolsonaro, diz especialista - <https://www.instagram.com/p/CJQ0pTeJZ41/>
6. 29/12/2020 - Bolsonaro negocia importação da nova cepa do coronavírus - <https://www.instagram.com/p/CJZCCeLJMvh/>

2021

Janeiro (13 postagens)

1. 06/01/2021 - "Não posso fazer nada", diz vacina sobre Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/CJtyDHmJl4/>
2. 06/01/2021 - "Na volta a gente compra", diz Bolsonaro sobre seringas para vacinação - <https://www.instagram.com/p/CJtL9zfpWDQ/>
3. 09/01/2021 - Bolsonaro responsabiliza Pazuello por atraso na vacina e dá a ele título de funcionário do mês - <https://www.instagram.com/p/CJ1gD8FpJM6/>
4. 15/01/2021 - 'Eu só estimo aglomerações sem máscara e recomendo remédio inútil, quem mata é Deus', diz Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/CKEY4RkJOE7/>
5. 15/01/2021 - Bolsonaro diz que avião chega à Índia ainda hoje porque no mapa da Terra Plana distância é menor - <https://www.instagram.com/p/CKEUDs7pF5t/>
6. 16/01/2021 - Único tratamento precoce eficaz é remover Bolsonaro dois anos antes do fim do mandato, diz especialista - https://www.instagram.com/p/CKHmN-0p_cZ/
7. 17/01/2021 - Bolsonaro está aguardando a enfermeira Mônica virar jacaré para se pronunciar - https://www.instagram.com/p/CKKCVVzp_86/
8. 17/01/2021 - Anvisa decide que falas de Bolsonaro não são próprias para o consumo humano - https://www.instagram.com/p/CKJ_tcvpOqn/
9. 18/01/2021 - Único efeito adverso da Coronavac é deixar Bolsonaro em silêncio, dizem especialistas - <https://www.instagram.com/p/CKLxerHJexi/>
10. 22/01/2021 - Chance de Bolsonaro acertar compra de vacina é mais apertada que calça de Doria - <https://www.instagram.com/p/CKW9ux8pVy7/>
11. 22/01/2021 - OMS recomenda tratamento precoce no país: remover Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/CKW9r43JQrJ/>
12. 26/01/2021 - Bolsonaro diz que leite condensado é para tratamento precoce: "tem o mesmo efeito da cloroquina" - <https://www.instagram.com/p/CKhculUPe7/>
13. 27/01/2021 - Doria muda nome da CoronaVac para Moça para ver se Bolsonaro compra - <https://www.instagram.com/p/CKj9G-PJb2y/>

Fevereiro (1 postagem)

1. 05/02/2021 - Capitão Cloroquina fica irritado por ser chamado de Capitão Cloroquina: "Parem de me chamar de Capitão Cloroquina", diz Capitão Cloroquina - <https://www.instagram.com/p/CK6wq0qJ2zU/>

Março (17 postagens)

1. 01/03/2021 - Bolsonaro causa irritabilidade, dor de cabeça e diminuição da percepção de felicidade, diz máscara - https://www.instagram.com/p/CL4_Bq1pGb0/
2. 07/03/2021 - Governadores querem lockdown completo do Palácio do Planalto - <https://www.instagram.com/p/CMLipaVpkH3/>
3. 10/03/2021 - Após discurso de Lula, Bolsonaro usa máscara, defende vacina, liga para Biden e abraça uma árvore - <https://www.instagram.com/p/CMQJ4wgpeAU/>

4. 10/03/2021 - Museu do folclore terá Bolsonaro de máscara defendendo a vacina - <https://www.instagram.com/p/CMP-WF3JAns/>
5. 10/03/2021 - EDITORIAL: uma escolha muito difícil - <https://www.instagram.com/p/CMPPRwSJP24/>
6. 15/03/2021 - Bolsonaro contrata quarto ministro da saúde e já gerou mais empregos que Paulo Guedes - <https://www.instagram.com/p/CMdU0XFJ2H7/>
7. 15/03/2021 - Bolsonaro descarta quem já o chamou de 'psicopata' para o min da Saúde e fica sem nenhuma opção - <https://www.instagram.com/p/CMcYAeXlwwF/>
8. 15/03/2021 - Bolsonaro troca de ministro pela terceira vez na pandemia e pede música - https://www.instagram.com/p/CMcWHzuFK_J/
9. 19/03/2021 - Bolsonaro passa a ser chamado de presidente em situação de genocídio - <https://www.instagram.com/p/CMmMtgiPfay/>
10. 23/03/2021 - Fact-checking Sensacionalista - Bolsonaro disse apenas duas palavras verdadeiras no discurso: 'Boa noite' - <https://www.instagram.com/p/CMYLqE4pc0T/>
11. 23/03/2021 - Próximo pronunciamento de Bolsonaro vai terminar com 'É verdade este bilete' - <https://www.instagram.com/p/CMYLohzJ06k/>
12. 23/03/2021 - Bolsonaro estava sendo manipulado por ventríloquo em pronunciamento - <https://www.instagram.com/p/CMYLnLepxZ0/>
13. 23/03/2021 - Bolsonaro fez pronunciamento de sunga porque a água bateu na bunda - <https://www.instagram.com/p/CMYLldrJrly/>
14. 24/03/2021 - "Quem poderia imaginar que um fã de torturador não iria se importar com o sofrimento humano?", diz eleitor de Bolsonaro. - https://www.instagram.com/p/CMzR_chJA5r/
15. 24/03/2021 - Bolsonaro defende vacina e torce para que cloroquina provoque perda de memória - <https://www.instagram.com/p/CMzRlvopn0e/>
16. 26/03/2021 - Bolsonaro diz que vai tomar vacina e Cloroquina apaga as fotos com ele no Instagram - <https://www.instagram.com/p/CM4d96XpAkj/>
17. 27/03/2021 - Brasileiro quer que Bolsonaro se vacine porque ter um jacaré na presidência será melhor - <https://www.instagram.com/p/CM7dMYgpWEQ/>

Abril (7 postagens)

1. 02/04/2021 - Bolsonaro vai se vacinar e distribuição de fake news deve aumentar após chip 5G - <https://www.instagram.com/p/CNLTCAIJEZ9/>
2. 02/04/2021 - Brasileiros querem que Bolsonaro seja vacinado pela enfermeira falsa de BH - <https://www.instagram.com/p/CNLouj8JaGE/>
3. 02/04/2021 - OMS não recomenda vacinar Bolsonaro porque vacina só foi testada em humanos - <https://www.instagram.com/p/CNKH9sXpejz/>
4. 02/04/2021 - EDITORIAL - "Concordamos com o presidente pela primeira vez. Bolsonaro, por favor, não tome a vacina." - <https://www.instagram.com/p/CNKfM7FJG3n/>
5. 08/04/2021 - Se passar pela eliminatória da CPI da Covid, Bolsonaro pode disputar a grande final em Haia - <https://www.instagram.com/p/CNbLmSXp78Q/>
6. 12/04/2021 - Em vez de CPI, oposição quer apenas que Kajuru e Bolsonaro sigam tentando organizar jogadas geniais - <https://www.instagram.com/p/CNlarZfJnFi/>

7. 16/04/2021 - CPI vai investigar se Bolsonaro fez mesmo o que todos viram que ele fez - <https://www.instagram.com/p/CNvpzyFJKI/>

Maior (7 postagens)

1. 01/05/2021 - 'Eu autorizo Bolsonaro a me matar', diz manifestante sem máscara em aglomeração - <https://www.instagram.com/p/COWAOf-JHSt/>
2. 05/05/2021 - Bolsonaro é contra quebrar patente de vacinas mas se for para rachar ele aceita - https://www.instagram.com/p/COgiuRWJ4_7/
3. 05/05/2021 - Bolsonaro é contra quebra de patente de vacina da Covid porque é claro que ele seria - <https://www.instagram.com/p/COgiszDJzYd/>
4. 10/05/2021 - Bolsonaro não comprou vacina porque lista de compras só tinha deputados - <https://www.instagram.com/p/COsUEp2J5Fy/>
5. 11/05/2021 - Bolsonaro quis torturar bula da Cloroquina até ela dizer o que ele queria - <https://www.instagram.com/p/COvwtgOpsJQ/>
6. 13/05/2021 - CPI vai chamar Ema da Alvorada pra confirmar que Bolsonaro lhe ofereceu cloroquina - https://www.instagram.com/p/CO0HBw9p_nh/
7. 23/05/2021 - Bolsonaro inaugura delivery de vírus por moto no RJ - https://www.instagram.com/p/CPN6TAhpB_5/

Junho (11 postagens)

1. 10/06/2021 - Bolsonaro libera do uso de máscaras vacinados, curados e futuros mortos - <https://www.instagram.com/p/CP9QFwep0oB/>
2. 11/06/2021 - Bolsonaro quer matar as pessoas, afirmam especialistas - <https://www.instagram.com/p/CP-qAcrcpZxQ/>
3. 12/06/2021 - Bolsonaro deve usar máscara no rosto e não na placa da moto, dizem especialistas - <https://www.instagram.com/p/CQB6FoOpNqg/>
4. 12/06/2021 - Homem em moto causa quase 500 mil mortes - <https://www.instagram.com/p/CQB0GrDJLlg/>
5. 15/06/2021 - Bolsonaro liga para Pfizer e música de espera do telefone é Baba Baby - <https://www.instagram.com/p/CQJDTxyJ8t3/>
6. 16/06/2021 - Das 19 variantes descobertas, B.0.2.0.17 é a mais letal, afirma infectologista - <https://www.instagram.com/p/CQMbwIwvpv8-/>
7. 19/06/2021 - Com medo das ruas, Bolsonaro planeja adiar vacinação para novembro de 2022 - <https://www.instagram.com/p/CQUj8D8JE9O/>
8. 19/06/2021 - Com 500 mil mortos, Bolsonaro finalmente pode entrar para o Guinness - <https://www.instagram.com/p/CQUmma7Jzo9/>
9. 19/06/2021 - Fábio Faria critica quem lamentou 500 mil mortos porque sabe que Bolsonaro ainda vai matar muito mais - <https://www.instagram.com/p/CQUgdiwJr3b/>
10. 25/06/2021 - Luis Miranda quer que Ministério da Saúde recomende uso de colete para quem denuncia família Bolsonaro - <https://www.instagram.com/p/CQJlimkrT1B/>
11. 30/06/2021 - Brasileiros querem Bolsonaro na CPI para que ele fique em silêncio por algumas horas - <https://www.instagram.com/p/CQwOkiure9g/>

Julho (2 postagens)

1. 11/07/2021 - OMS alerta brasileiros para que deixem de escolher vacina e se preocupem em escolher presidente - <https://www.instagram.com/p/CRMnss2rE9I/>
2. 13/07/2021 - Bolsonaro diz que prevaricação não se aplica a ele porque é servidor público assintomático - <https://www.instagram.com/p/CRRdn5HLQWv/>

Agosto (3 postagens)

1. 11/08/2021 - CPI vai pedir indiciamento de Bolsonaro por bolsonarismo - <https://www.instagram.com/p/CSc4IibrUqg/>
2. 15/08/2021 - Entrevista com a Cloroquina: 'Bolsonaro me abandonou. Parece que não sirvo para nada' - <https://www.instagram.com/p/CSmLrKarHfz/>
3. 15/08/2021 - **Bolsonaro não pode ser indiciado por charlatanismo porque fez tudo o que prometeu, diz jurista** - <https://www.instagram.com/p/CSmLtdxrTSt/>

Setembro (2 postagens)

1. 20/09/2021 - Sem vacina, Bolsonaro terá que dormir em banco de praça em frente à ONU - <https://www.instagram.com/p/CUC4loorfSC/>
2. 27/09/2021 - Em mil dias de governo, nem mesmo o teste de Covid de Bolsonaro é positivo - https://www.instagram.com/p/CUVCk_CrDzI/

Outubro (2 postagens)

1. 13/10/2021 - Coronavírus comemora decisão de Bolsonaro de não se vacinar - <https://www.instagram.com/p/CU-bQ0jrcMY/>
2. 25/10/2021 - Estudo britânico diz que não tomar vacina provoca escrotidão - <https://www.instagram.com/p/CVc3N5SLAwM/>

CPI https://www.instagram.com/p/CVs_etwJ7IO/

Novembro (1 postagem)

1. 14/11/2021 - Pesquisa eleitoral mostra que Covid deixou Bolsonaro em estado grave - <https://www.instagram.com/p/CWRJiA1pL4U/>

Dezembro (4 postagens)

1. 12/12/2021 - Solução para o Brasil é exigir passaporte vacinal para ocupar o Planalto, diz infectologista - <https://www.instagram.com/p/CXYo-3er0b/>
2. 20/12/2021 - Bolsonaro já ensinou Queiroga a repetir o que ele fala e agora vai ensinar a dar o pé - https://www.instagram.com/p/Cxt8Dh_JiVb/
3. 23/12/2021 - Técnicos da Anvisa exigem saber o nome de quem está governando o Brasil - <https://www.instagram.com/p/Cx1PzHXLAwQ/>
4. 26/12/2021 - Maioria quer que seja exigido passaporte vacinal para entrar em 2022 - <https://www.instagram.com/p/CX800moLYFQ/>